

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

**Curso de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e
Matemática**



Universidade Federal do ABC

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aline Leme da Silva

A CONTRIBUIÇÃO DE ACHILLE BASSI PARA A MATEMÁTICA NO BRASIL

Santo André

2015

**Curso de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e
Matemática**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Aline Leme da Silva

A CONTRIBUIÇÃO DE ACHILLE BASSI PARA A MATEMÁTICA NO BRASIL

Trabalho apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Mestre em Ensino,
História e Filosofia das Ciências e Matemática,
sob orientação da Professora Doutora Marcia
Helena Alvim.

Santo André

2015



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
Fundação Universidade Federal do ABC
Programa de Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das
Ciências e Matemática
Avenida dos Estados, 5001 – Bairro Santa Terezinha – Santo André – SP
CEP 09210-580 · Fone: (11) 4996-0017
posensino@ufabc.edu.br

FOLHA DE ASSINATURAS

Assinaturas dos membros da Banca Examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Aline Leme da Silva, realizada em 29 de junho de 2015:

Prof.(a) Dr.(a) **Marcia Helena Alvim** (UFABC) – Presidente

Prof.(a) Dr.(a) **Maria Gabriela Silva Martins da Cunha Marinho** (UFABC) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **Sergio Roberto Nobre** (UNESP) – Membro Titular

Prof.(a) Dr.(a) **Francisco José Brabo Bezerra** (UFABC) – Membro Suplente

Prof.(a) Dr.(a) **Rogério Monteiro de Siqueira** (USP) – Membro Suplente

Este exemplar foi revisado e alterado em relação à versão original, de acordo com as observações levantadas pela banca no dia da defesa, sob responsabilidade única do autor e com a anuência de seu orientador.

Santo André, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do autor: _____

Assinatura do orientador: _____

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais e meu esposo pelos conselhos, apoio e fé inesgotáveis.

Ao Professor Dr. Plinio Zornoff Táboas (*in memoriam*), primeiro orientador deste trabalho, pela amizade, carinho, paciência, incentivo, conselhos e, principalmente, pela lição de vida que me ofereceu.

À Professora Dr^a. Marcia Helena Alvim, minha orientadora, pela dedicação, receptividade e acolhimento com que me recebeu.

Aos filhos de Achille Bassi, Ada e Adalberto, pela entrevista e disponibilização de documentos e registros familiares.

Ao professor Luiz A. C. Ladeira e Gláucia Maria Saia Cristianini, professor e bibliotecária do ICMC (USP), pela disponibilidade em ajudar.

Aos professores membros da banca, Prof. Dr. Sérgio Roberto Nobre, Prof. Dra. Maria Gabriela da Silva Martins da Cunha Marinho, Prof. Dr^a. Virginia Cardia Cardoso, pela disponibilização de tempo e pelas sugestões propostas.

Às colegas Elaine Santos e Ana Jimena, pelos cafés, almoços, discussões e troca de experiências que me fizeram crescer.

À CAPES pela concessão de bolsa de estudos.

RESUMO

Especificamente na área da Matemática, os trabalhos que tratam da trajetória dos matemáticos e de suas contribuições para o desenvolvimento desta disciplina no Brasil ainda são poucos. Na pesquisa aqui apresentada, o objetivo principal foi o de analisar o contexto de desenvolvimento e institucionalização do Departamento de Matemática e posterior Instituto de Ciências Matemática da USP de São Carlos através da atuação de um matemático. Seu nome é Achille Bassi, nascido na Itália em 1907 e convidado pelo governo brasileiro para atuar como professor na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), integrante da Universidade do Brasil (UB) em 1939. Após aceitar o convite, o personagem se transferiu para o Rio de Janeiro e, ao longo dos anos, atuou em algumas instituições de ensino tais como: na já mencionada FNFi, Universidade de Minas Gerais, Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto e, por fim, Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), integrante da Universidade de São Paulo (USP), onde implantou uma biblioteca que na atualidade recebe o seu nome, hoje uma das mais significativas do Brasil na área da Matemática. Ao longo de sua trajetória acadêmica, o matemático ora estudado assumiu quatro papéis sociais: o de professor, pesquisador, divulgador científico e gestor/empreendedor acadêmico, em especial na EESC, onde assumiu o papel de empreendedor por vinte anos, entre os anos de 1953 e 1973. Ao reconstruir a história desse personagem, foram necessárias a seleção, descrição e análise de sua trajetória individual, como forma de compreensão do passado. Para isso, foi realizada uma pesquisa qualitativa documental com a utilização principalmente de fontes primárias, como livros e artigos escritos pelo próprio Bassi e documentos oficiais da USP. Como referencial teórico nos valem da perspectiva da história cultural das ciências em que o objetivo é o de se estudar a ciência como uma forma também de cultura. Desta forma, assumimos Achille Bassi como um incentivador do desenvolvimento da Matemática no Brasil, a partir de sua contribuição como gestor da Matemática, em especial, na EESC. E, a partir do trabalho apresentado, buscamos contribuir com a escrita da História da Matemática brasileira através da varredura de instituições e personagens que tornaram-se elementos contribuintes ao desenvolvimento e consolidação dessa área como disciplina e também como área de pesquisa.

Palavras-chave: Achille Bassi; Escola de Engenharia de São Carlos; História da Matemática no Brasil.

ABSTRACT

Specifically in mathematics, the works which deal with the trajectory of mathematicians and their contributions to the development of this school subject in Brazil are still few. The research presented here had as the main objective to analyze the context of the development and the institutionalization of the Mathematics Department and later, the USP Institute of Mathematical Sciences in San Carlos through the performance of a mathematician. His name is Achille Bassi, born in Italy in 1907 and invited by the Brazilian government to work as a teacher at the National School of Philosophy (FNFi), and as a member of the University of Brazil (UB) in 1939. After accepting the invitation, the character moved to Rio de Janeiro and, over the years, served in some educational institutions such as the aforementioned FNFi, University of Minas Gerais, the National School of Mines and Metallurgy of Ouro Preto, and finally, School of Engineering of São Carlos (EESC), a member of the University of São Paulo (USP), where he implemented a library that currently has his name, and it is considered one of the most significant of Brazil in mathematics nowadays. Throughout his academic career, the mathematician now studied took four social roles: teacher, researcher, science writer and manager / academic entrepreneur, especially in the EESC, where he took the entrepreneurial role for twenty years, between the years 1953 and 1973. By reconstructing the history of this character, it was necessary the selection, description and analysis of his individual trajectory as a way of understanding the past. For this, a documentary qualitative research was carried out using mostly primary sources like books and articles written by Bassi himself and USP official documents, as well. As a theoretical framework we followed the perspective of cultural history of science in which the goal is to study science as a form of culture also. We therefore consider Achille Bassi as a supporter of the development of mathematics in Brazil, from his contribution as a manager of mathematics, in particular the EESC. And from this work here presented, we intend to contribute to the writing of the History of Brazilian Mathematics by scanning institutions and characters which became elements that have contributed to the development and consolidation of this area as a school subject and as a research area.

Keywords: Achille Bassi; School of Engineering of São Carlos; History of Mathematics in Brazil.

SUMÁRIO

TRAJETÓRIA.....	8
INTRODUÇÃO.....	15
História da Ciência e da Matemática: reflexões historiográficas	15
Objetivos da pesquisa	23
Metodologia.....	27
Conceitos utilizados na pesquisa.....	31
Referencial teórico: a História Cultural.....	36
CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA DE ACHILLE BASSI E CONTEXTO EDUCACIONAL SUPERIOR BRASILEIRO.....	41
1.1. Quanto à formação acadêmica e os primeiros anos no Brasil (Rio de Janeiro e Minas Gerais).....	41
1.2. Período de atuação em São Carlos.....	55
1.3 Criação de uma Biblioteca.....	75
CAPÍTULO 2 – OS QUATRO PAPÉIS SOCIAIS DE ACHILLE BASSI	83
2.1. Achille Bassi como professor.....	83
2.2. Achille Bassi como pesquisador e divulgador científico	102
2.3. Achille Bassi como gestor/empreendedor acadêmico da Matemática no interior de São Paulo.....	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	142
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXO 1: Imagens relacionadas à Achille Bassi:	166
.....	166
ANEXO 2: Textualização da entrevista com Ada Stella Bassi Damião	170

TRAJETÓRIA

Comecei o curso de Licenciatura em Matemática na Unesp no *campus* de Presidente Prudente no ano de 2004, mas, após dois anos de graduação, com o intuito de retornar à minha cidade natal – Santo André – fiz a seleção de transferência externa para estudar na USP, *campus* da capital. A partir da aprovação na prova de transferência, iniciei na mencionada Universidade no ano de 2006 e o curso foi concluído no primeiro semestre de 2009.

No ano seguinte, ao prestar o concurso para provimento do cargo de Professor de Educação Básica II do Governo do Estado de São Paulo, iniciei minha carreira/atuação como professora em uma escola da região do ABC paulista. Entretanto, pouco tempo após o início de minhas atividades como docente, ao lecionar para turmas de 8º ano do Ensino Fundamental, comecei a me incomodar com o fato de alguns temas não fazerem sentido para os estudantes.

Desta forma, refleti sobre a possibilidade de realizar algum curso que me ajudasse a alcançar o objetivo de motivar os estudantes e contextualizar melhor os conteúdos praticados em sala de aula.

Foi então que entrei em contato com o Prof. Dr. Plínio Zornoff Táboas, docente do curso de Mestrado em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática na Universidade Federal do ABC, também em Santo André. O Professor Plínio me atendeu prontamente e marcou uma reunião para que pudessemos conversar sobre meus objetivos de pesquisa.

Nesta reunião o Prof. Plínio me contou sobre a linha de pesquisa na qual atuava, no caso, História da Matemática no Brasil e me apresentou dois livros para que eu pudesse ler e escolher/delinear melhor o tema a ser trabalhado no mestrado. Os livros foram: *História da Matemática em Atividades Didáticas* (MIGUEL *et al*, 2009) e *Uma história concisa da Matemática no Brasil* de Ubiratan D'Ambrosio (2008).

O primeiro livro citado,

(...) tem a finalidade de contribuir no trabalho de sala de aula do professor de Matemática do nível fundamental e médio. Os três capítulos (...) reunidos têm como eixo comum o ensino da

Matemática por meio de atividades nas quais a História da Matemática exerce um papel central. (...) Ele poderá servir, também, como um apoio importante para que o professor desenvolva outras experiências docentes tomando a História da Matemática como uma grande aliada na reinvenção de uma didática centrada na experiência investigatória em que o aluno é condutor do seu próprio processo de produção de conhecimento (FARIA; MENDES, 2009).

Já no segundo livro, o autor procurou

(...) descrever a inter-relação de eventos e indivíduos, de fatores políticos, econômicos e ideológicos, que acompanham fatos e personagens da História da Matemática no Brasil (...) ao contexto em que essa história se desenvolveu. O livro vai além de um elenco de nomes e fatos, resultados e datas.

O objetivo deste livro é dar uma visão panorâmica e crítica da receptividade de um pensamento concebido e produzido na Europa, trazido pelo conquistador e pelo colonizador. Esse pensamento era estranho ao ambiente das novas terras. Mas não se trata apenas de examinar a receptividade do pensamento europeu nas novas terras, mas também de reconhecer a influência que as novas terras tiveram na evolução do pensamento europeu (D'AMBROSIO, 2008, p. 7).

Embora o conteúdo do primeiro dos livros citados esteja mais de acordo com a preocupação inicial e com a ideia de se fazer um mestrado relacionado com a História da Matemática, me senti atraída pela linha de pesquisa de História da Matemática no Brasil apresentada no segundo texto.

Entre algumas das sugestões do autor, a que me chamou a atenção foi a atuação de Achille Bassi no cenário brasileiro e que, também, não havia sido estudada de maneira sistemática. Segundo D'Ambrosio (2008, p. 79), “um estudo da atuação matemática de Achille Bassi, particularmente no Brasil, merece ser feito”.

Após a leitura dos livros e de uma conversa com o Prof. Plínio que também se interessou pelo tema por mim escolhido, pois coincidentemente seu pai – Celso Zoega Táboas – havia sido aluno de Achille Bassi na Escola de Engenharia de São Carlos, iniciamos outras leituras para a consolidação do tema.

Entretanto, mesmo com a leitura de textos escritos pelo matemático e

disponíveis em bibliotecas de institutos da USP e também de outras fontes secundárias como *A Matemática no Brasil: História de seu desenvolvimento* de Clóvis Pereira da Silva (2003), *A Revolução de 1930* de Boris Fausto (1997) e de artigos como *Formação de Professores e Pesquisadores de Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia* de Circe Mary Silva da Silva (2002), o projeto ainda não estava delimitado. Então, começamos a vasculhar todas as obras publicadas de Achille Bassi, encontrando alguns livros escritos por ele e até mesmo uma tese de doutorado que orientou. A tese tinha como autor Gilberto Francisco Loibel, matemático conhecido por desenvolver trabalhos em Topologia.

Ainda assim, foi realizada uma viagem à São Carlos, cidade em que Bassi trabalhou por 20 anos, como professor, chefe do Departamento e Diretor do Instituto de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos pertencente à Universidade de São Paulo. Após entrar em contato com a Bibliotecária do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação da USP (ICMC – USP) em 2011, Sr.^a Gláucia Maria Saia Cristianini, fui até a cidade, onde tive acesso a vários documentos da época em que o matemático trabalhou naquela instituição. Sendo estes: cartas, memorandos, rascunhos, memorial, discurso funeral, textos científicos, entre outros. Alguns desses documentos estavam em posse da bibliotecária e já deveriam ter sido descartados, porém, a mesma resolveu guardá-los e gentilmente os cedeu para a pesquisa. A Sr.^a Gláucia também conseguiu o acesso a alguns documentos que estavam arquivados em outro departamento, dentre eles, o Processo de contagem de tempo de serviço do professor Bassi, no qual se encontram documentos comprobatórios de sua trajetória acadêmica no Brasil e na Itália. Todos os documentos que estavam em posse da bibliotecária foram fotografados e encontram-se arquivados em mídias digitais. Já os documentos anexados ao Processo do Professor Bassi, alguns deles foram xerocados e cedidos para a pesquisa.

Ainda em São Carlos, tive a oportunidade de conhecer pessoalmente o professor Luiz Augusto da Costa Ladeira, o qual já tinha contatado via correio eletrônico e que me forneceu algumas fotografias do professor Bassi, além do livro *Elementos de Geometria Projetiva* (BASSI, 1967c), usado tanto pelo autor quanto por outros professores para lecionarem no curso de Engenharia Civil. Por fim, também tomei conhecimento de algumas entrevistas feitas em

Comemoração aos 30 anos do ICMC, em que os professores se recordavam da importância da atuação política de Achille Bassi na criação dos referidos Departamento e posterior Instituto de Matemática. Todas essas entrevistas foram também cedidas pelo Professor Ladeira.

Nesse mesmo dia fui levada pelo professor Ladeira à casa do professor Loibel, que foi assistente de Bassi e seu orientado na tese de doutoramento concluída em 1959. O professor Loibel me contou alguns detalhes sobre hábitos e costumes de Achille Bassi, além de comentários a respeito das viagens que o mesmo fazia para chegar até a USP de São Carlos, já que residia no Rio Janeiro. Segundo o professor Loibel, essas viagens diminuam sua disposição e, conseqüentemente, se tornaram um obstáculo à orientação. Loibel se dispôs a conceder-nos uma entrevista e, gentilmente, me forneceu seus contatos para um encontro posterior. Entretanto, em novembro de 2013, recebemos a notícia de seu falecimento.

A partir de buscas realizadas na internet surgiu um novo colaborador, o Sr. Adalberto Bono Maurizio Sacchi Bassi, filho de Achille Bassi e professor Doutor em Química da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). O professor Adalberto me recebeu na UNICAMP, discorreu sobre a trajetória de seu pai e disponibilizou para fotografias o livro *Problemas Educacionais Brasileiros* (BASSI, 1963), que até então estávamos com dificuldade de encontrar em bibliotecas. Ainda nessa conversa, o professor Adalberto me sugeriu que entrasse em contato com sua irmã, Ada Stella Bassi Damião, pois acreditava que a mesma possuía uma maior quantidade de material pertencente ao seu pai para nos disponibilizar.

Entrei em contato com Sr.^a Ada, residente em Brasília – DF, por correio eletrônico. A mesma se dispôs a colaborar com a pesquisa, inclusive com a disponibilização de artigos publicados (a maioria em italiano) pelo seu pai e também em fornecer-nos uma entrevista.

Nesse período de levantamento de fontes para a pesquisa, antes da entrada oficial no mestrado, recebi a notícia de que o Professor Plínio estava adoentado. Ele conversou comigo e me animou a continuar a elaboração do projeto. Desta forma, no final de 2012 me inscrevi para a seleção do mestrado e com minha aprovação, iniciei o curso em 2013.

Com todos os documentos levantados/pesquisados desde o ano de

2011 em mãos, iniciei a seleção e organização das fontes que seriam utilizadas de acordo com o objetivo principal da pesquisa que foi delineado ao longo do processo. Esse objetivo foi o de analisar a contribuição de Achille Bassi para a Matemática no Brasil.

Foi realizada, então, uma varredura nos documentos e separamos os que seriam utilizados nesta pesquisa e os que poderiam ser aproveitados em um trabalho posterior. Após a seleção de tais documentos, organizamos as fontes cronologicamente para nos dar ideia do percurso realizado pelo personagem estudado. Neste momento foram verificadas lacunas temporais e falta de alguns dados importantes para a compreensão das fontes e para que conseguíssemos atingir os objetivos propostos.

Desta forma, passamos por mais um período de levantamento de fontes, tanto primárias como secundárias. Entre várias idas e vindas até bibliotecas da USP no *campus* da capital, além dos livros escritos pelo matemático disponíveis para consultas, também tivemos acesso aos *Anuários da Escola de Engenharia de São Carlos* utilizados para o desenvolvimento da pesquisa e também ao livro *Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948 – 1971* publicado no ano 2000. Por fim, após uma segunda viagem até São Carlos, conseguimos a dissertação de mestrado intitulada *A Escola de Engenharia de São Carlos e a criação de um Curso de Matemática* concluída em 2001.

Essa varredura das fontes iniciais e um segundo levantamento de fontes gerou o texto apresentado na qualificação e que sofreu alterações, em especial, relacionadas a metodologia de trabalho e em relação a contextualização. Pois, a princípio, a metodologia escolhida tinha sido a história oral, mas, devido a grande quantidade de documentos oficiais conseguidos, a mesma foi alterada.

Com o passar do tempo, ao longo do curso de mestrado, o Prof. Plínio continuava adoentado, mas, ainda assim, se dedicava muito ao trabalho de orientação da dissertação ora apresentada. Tanto que, mesmo afastado do seu trabalho na Universidade, continuava o trabalho de orientação em reuniões no seu apartamento. Este foi, portanto, um momento em que me aproximei do professor como pessoa e de sua esposa, Dona Marisa.

Com o texto pronto para a qualificação, uma semana antes da mesma

ocorrer, recebi a notícia que o Professor Plínio não poderia estar presente devido a uma cirurgia na qual seria submetido. Ele próprio me animou a continuar em frente via correio eletrônico:

Querida Aline, bom dia!

Lamento profundamente a situação em que meu estado de saúde nos colocou. Ainda assim, tenho também profunda convicção no seu trabalho e uma confiança inabalável em você e na sua força. E é por essa confiança que me resigno e aceito a situação da próxima sexta-feira, dia da sua qualificação. Tenho um carinho enorme pelo trabalho desenvolvido e o considero como o mais significativo que desenvolvi em parceria com alun@ até hoje (não são muitos, é claro, mas este é sem dúvida o mais importante). Você tem correspondido a todas as expectativas e me orgulho, sem querer ser pretensioso, de tê-la como minha aluna e orientada! Insisto que é por você e para que as coisas continuem dentro da programação e de um objetivo maior e mais nobre, incluindo aí o encaminhamento para um doutoramento, que me esforço em aceitar as coisas como se colocam.

Quanto à minha saúde, não tenho controle e poder sobre os fatos que se apresentam... Neste momento, devo confessar, estou muito entristecido e buscando encontrar forças para superar mais essa adversidade. Espero que minha vontade de viver não atrapalhe e constitua obstáculos às vidas das pessoas, especialmente daquelas que gosto tanto, como você.

Voltei a Leme ontem à noite e aguardo o chamado do Hospital para minha internação, que deverá ocorrer na segunda-feira; serei preparado, então, para nova cirurgia na quinta-feira. E enquanto espero, estou impossibilitado, por determinação médica, de fazer qualquer mínima atividade, o que poderia me levar a um estado crítico de obstrução e consequente internação emergencial. A recomendação é que eu fique em descanso absoluto para manutenção dos meus sinais nos estágios em que estão. Não tenho do que me desculpar, embora possa me lamentar...

Gostaria, enfim, de voltar a você! Tenho plena convicção no que estamos fazendo e sei que você terá sucesso! Continue determinada e entenda que esse é apenas um pequeno obstáculo que servirá que temperar nossas vidas. Gostaria de ter notícias em tempo real do que acontecerá na sua qualificação, ok? Estarei em casa ao lado do telefone. Não deixe de falar comigo antes e depois do evento! (TÁBOAS, 2014).

Após esse e-mail e a qualificação não vi mais o professor Plínio pessoalmente. Ele partiu em agosto de 2014, mas deixou em minhas mãos a missão de concluir a dissertação que tanto nos animava. Para isso, pude contar com a Professora Dr^a. Marcia Helena Alvim que, além de sua primeira

contribuição na banca de qualificação, também aceitou, a meu pedido, continuar o trabalho de orientação deste trabalho. Foram muito ricas suas contribuições, em especial, relacionadas a contextualização do período trabalhado nesta pesquisa e a indicação de textos/trabalhos relacionados a História da Ciência.

Desta forma, foram se consolidando as ideias e passos a serem seguidos para o desenvolvimento desta dissertação e de sua metodologia.

INTRODUÇÃO

História da Ciência e da Matemática: reflexões historiográficas

Segundo Antonio A. P. Videira, “uma das áreas que mais cresceram na segunda metade do século XX foi a história da ciência” (VIDEIRA, 2004, p. 279), e, portanto, o “crescimento quantitativo e visibilidade fácil são, pois, algumas das marcas da história da ciência nesse início de século” (VIDEIRA, 2004, p. 279). Entretanto, no Brasil, os trabalhos que tratam sobre História da Ciência e, em especial, sobre as contribuições de personagens da História da Matemática brasileira ainda são poucos. A partir do final da década de 1990 temas relacionados a História da Matemática começaram a ter um destaque maior nacionalmente, principalmente “em seus aspectos relacionados à Educação Matemática” (BARONI et al, 2011, p. 154). Esse movimento em torno da História da Matemática se intensificou a partir do III Seminário Nacional de História da Matemática ocorrido em 1999 na cidade de Vitória (Espírito Santo), onde criou-se a Sociedade Brasileira de História da Matemática (MIGUEL; MIORIM, 2004, p. 10).

Na atualidade, dentre os grupos de pesquisa que trabalham com temas relacionados a História da Matemática podemos citar¹: GHEMAT (Grupo de Pesquisa de História da Educação Matemática no Brasil) ligado a UNIFESP, o GHOEM (Grupo de História Oral e Educação Matemática) que “é um grupo multiinstitucional, agregando pesquisadores da UNESP e da FUNDEC (São Paulo), UFMS (Mato Grosso do Sul), IFMA (Maranhão), UFPB (Paraíba), UFMG e UFU (Minas Gerais), UFRN (Rio Grande do Norte), FURB (Santa Catarina), UFPR e UEM (Paraná) dentre outras universidades e instituições” (SBHMAT, 2014), o GPHM (Grupo de Pesquisa em História da Matemática e/ou suas Relações com a Educação Matemática) ligado a UNESP de Rio Claro e, por fim, o GEHEM (Grupo de Estudos e Pesquisa em História e Ensino de Matemática) ligado a Universidade Federal do Pará.

Em relação aos trabalhos sobre a história de personagens e instituições de ensino e suas contribuições à Matemática brasileira que já foram

¹ Todos esses dados foram obtidos no site da Sociedade Brasileira de História da Matemática.

desenvolvidos, citamos: *Luigi Fantappiè: influência na matemática brasileira. Um estudo de história como contribuição para a educação matemática*, tese de doutorado de Plínio Zornoff Táboas (TÁBOAS, 2005), *Carlos Benjamin de Lyra e a Topologia Algébrica no Brasil*, tese de doutorado de Thiago Tagliatela Lima Cobra (COBRA, 2014), *Willie Alfredo Maurer: vida, obras e contribuições para o ensino da Matemática no Brasil*, tese de Glen César Lemos (LEMOS, 2013), *Theodoro Augusto Ramos: um estudo comentado de sua tese de doutoramento*, tese de doutorado de Sabrina Helena Bonfim (BONFIM, 2013), *As contribuições de Chaim Samuel Höning para o desenvolvimento da matemática brasileira*, tese de doutorado de Mariana Feiteiro Cavalari (CAVALARI, 2012), *Mario Tourasse Teixeira: o homem, o educador, o matemático*, tese de Romélia Mara Alves Souto (SOUTO, 2006), *Euclides Roxo e a constituição da Educação Matemática no Brasil*, tese de Bruno Alves Dassie (DASSIE, 2008), entre outras.

Desta forma, a pesquisa ora apresentada para a obtenção do título de Mestre em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática se enquadra na linha de pesquisa de História das Ciências/Matemática, mas por que estudar este tema?

Helge Kragh, Professor de História da Ciência e Tecnologia no Departamento de Estudos de Ciências da Universidade de Aarhus (Dinamarca), em seu livro *Introdução à Historiografia da Ciência* (2001) dedicou um capítulo intitulado “Objectivos e Justificação” a uma discussão dos pontos de vista sobre as finalidades da História da Ciência. O autor apresentou seis tópicos a esse respeito, os quais apresentaremos aqui resumidamente. A partir dos seis tópicos mencionados por Kragh, faremos uma breve discussão apresentando outros autores que contribuíram com a História da Ciência, como: Michael R. Mathews, Antônio Augusto dos Passos Videira, entre outros.

O primeiro argumento utilizado pelo autor favorável a História da Ciência é a possibilidade da mesma influenciar beneficentemente a Ciência atual. Segundo esse ponto de vista “sugere-se que o cientista pode lucrar com o uso directo da história da sua ciência e que, ao estudar as obras de cientistas anteriores, pode receber inspiração para encontrar uma solução que procura ou mesmo descobrir que essa mesma solução já foi descoberta por um seu predecessor” (KRAGH, 2001, p. 37). Neste mesmo tópico foi apresentada a versão de que a história da ciência deveria ser utilizada para avaliar de forma

crítica tanto os conceitos como métodos para serem utilizados na ciência da atualidade (KRAGH, 2001, p. 37 – 38).

Já o segundo ponto de vista apresentado tratou das questões ligadas à seguinte citação “graças à história da ciência, damos maior valor à nossa ciência actual, de tal maneira que aumenta o seu prestígio como valor social” (KRAGH, 2001, p. 39). A ideia de que a “história da ciência serve de argumento para mais ciência” (KRAGH, 2001, p. 39) também foi defendida e trabalhada por James Conant, principalmente no período pós Segunda Guerra Mundial. Esse argumento relaciona ciência e tecnologia e, desta forma, “a tecnologia baseada na ciência é um bem social” (KRAGH, 2001, p. 40). Segundo Helge Kragh, a relação entre ciência e tecnologia, de forma que a primeira sempre resulta na outra, é um argumento fraco devido a sua comprovação empírica, já que existem exemplos da própria história que contestam esse raciocínio (KRAGH, 2001, p. 40).

Sobre a relação entre ciência e tecnologia citada acima e a institucionalização da história da ciência nos Estados Unidos, Antônio Augusto dos Passos Videira, professor adjunto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e professor colaborador no Programa de Pós-Graduação em Epistemologia e História das Ciências e das Técnicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no Programa de Ensino e História da Matemática afirmou²:

Uma pessoa que não pode ser deixado de lado, quando é mencionado o processo de institucionalização da história da ciência nos Estados Unidos visando à superação deste fosso, é o do químico norte-americano James Conant, que, nos anos 1950, pôs em prática um programa de história da ciência para revigorar e renovar o ensino de ciências. Um fruto desse programa foi Thomas Kuhn, como ele mesmo afirma no prefácio à sua famosa obra *A Estrutura das Revoluções Científicas* (VIDEIRA, 2003, p. 8).

² O texto de autoria de Antônio Augusto dos Passos Videira trata-se de notas de aula de um curso oferecido em Salvador no ano de 2003, o texto intitula-se *HISTORIOGRAFIA, HISTÓRIA SOCIAL DA CIÊNCIA E HISTÓRIA MATERIAL DA FÍSICA*. Com o objetivo de utilizar esse texto como bibliografia referenciamos-lo como (VIDEIRA, 2003).

No texto *Transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e disciplinaridade na história da ciência* Videira também dedicou um item ao “químico e administrador científico” James Conant classificando-o como peça fundamental para o crescimento da história da ciência nos Estados Unidos (VIDEIRA, 2004, p. 283).

Nesta mesma linha de raciocínio de Conant, na América Latina entre os anos de 1930 e 1950 também surgiram “expectativas para um desenvolvimento acelerado da ciência, como parte dos projetos econômicos desenvolvimentistas” (SALDAÑA, 2000, p. 15), o que de certa forma reflete o argumento de que a história da ciência serve de apoio para se investir em ciência como meio de garantir o bem estar da sociedade, ou ainda, de que a “tecnologia baseada na ciência é um bem social” (KRAGH, 2000, p. 40). É clara a necessidade de se estudar a relação entre ciência, tecnologia e sociedade, entretanto, como já mencionado, a relação de causalidade entre elas é falha.

O terceiro item do livro de Kragh tratou do argumento segundo o qual a “história da ciência tem uma importante função como base para outros estudos metacientíficos, tais como filosofia e sociologia da ciência” (KRAGH, 2001, p. 40). A História da Ciência pode contribuir com a filosofia primeiramente como inspiração para novas doutrinas filosóficas a partir da análise de como agiram os cientistas do passado. Por outro lado, “as doutrinas filosóficas podem ser verificadas pela comparação com dados da história da ciência” (KRAGH, 2001, p. 40). Há também os estudiosos que defendem a característica interdisciplinar da História da Ciência e, segundo Kragh, “um objetivo como este irá ter consequências para o programa da história da ciência, que será desviado dos seus interesses arqueológicos ou acadêmicos para uma orientação mais pragmática e ativista” (KRAGH, 2001, p. 41).

No quarto tópico foi apresentada a visão defendida por Pierre Duhem, físico e historiador da ciência francês, de que a ciência tem importante papel didático “na demonstração da verdadeira natureza do conhecimento científico” (KRAGH, 2001, p. 41). Neste item são trabalhados, resumidamente, alguns argumentos a favor e contra o ensino de ciências historicamente orientado. Entre os argumentos apresentados a favor da inclusão da história da ciência no ensino são citados dois: apresentar a ciência de forma “mais suave” e diminuir a concepção dogmática da ciência (KRAGH, 2001, p. 41 – 42).

A esse respeito, Videira no texto de 2004 já citado acima, tratou do livro de James Conant “Como compreender a ciência” lançado em 1964. Nesse texto Conant defendeu “a necessidade de se reorganizar o ensino de ciências a partir do uso intensivo da história da ciência” (VIDEIRA, 2004, p. 283). Ainda segundo Videira, para James Conant,

(...) essa clarificação contribuiria para que a compreensão dos conteúdos científicos fosse facilitada e que pessoas externas ao mundo da ciência entendessem o seu verdadeiro valor. Ou seja, à história da ciência caberia a responsabilidade de tornar menos estranha e distante a ciência para o público leigo (VIDEIRA, 2007, p. 119).

Com relação a utilização da História das Ciências no Ensino, Paulo Cesar Coelho Abrantes tentou responder a seguinte questão: “Passemos agora ao ensino de ciências: que papel pode a História da Ciência eventualmente desempenhar?” (ABRANTES, 2002, p. 24). Para esse autor, antes de responder a essa pergunta devemos identificar qual o nível de ensino que está em voga e, desta forma, os objetivos do ensino de ciências devem ser pensados a partir dessa diferenciação entre 1º, 2º e 3º graus³. Além disso, Abrantes também defendeu a distinção da “importância que a História da Ciência pode ter, de um lado, (diretamente) para a formação dos estudantes e, de outro lado, para a formação dos professores de ciências” (ABRANTES, 2002, p. 24). Após essas diferenciações, Abrantes afirmou que a utilização do “método histórico” no processo de ensino/aprendizagem não lhe parece “frutífero” em relação as ciências naturais, mas citou que há os que defendam a revitalização de algumas “ideias, problemas, métodos, conceitos, etc” (ABRANTES, 2002, p. 24) no Ensino Superior.

Para Paulo Abrantes,

(...) a principal função da História da Ciência no ensino de ciências nos diversos níveis seja a de desenvolver um senso crítico com respeito às imagens de ciência que prevalecem em dado momento histórico e que são veiculadas pela imprensa, pelos professores e pelos manuais utilizados no ensino, frequentemente de modo subreptício. A História da Ciência, frequentemente uma de cunho mais externalista pode, também, contribuir para uma compreensão de como se dá a inserção da

³ Na atualidade podemos diferenciar entre Ensino Fundamental, Médio e Superior.

atividade científica na sociedade e as relações do conhecimento científico com diversos setores da cultura (ABRANTES, 2002, p. 24).

No artigo *História das Ciências e Educação Científica em uma perspectiva discursiva: contribuições para a formação cidadã e reflexiva*, os autores também argumentam a favor da inclusão da História da Ciência em todos os níveis de ensino, entretanto, apresentando o ponto de vista defendido por pesquisadores na área de educação em ciências, esta deve “incorporar abordagens culturais ao ensino de ciências, devidamente mediadas pelo professor” (ALVIM; ZANOTELLO, 2014, p. 350).

Embora haja “dificuldades relatadas na literatura quanto à efetiva realização de uma abordagem cultural e histórica para o ensino de ciências por parte dos professores” (ALVIM; ZANOTELLO, 2014, p. 351), é de fundamental importância para o ensino de ciências:

[...] considerarmos que o trabalho dos cientistas não ocorre à margem da sociedade em que vivem, sendo influenciado pelas variadas conjunturas de seu desenvolvimento histórico. Isto torna fundamental a questão de como trabalhar os aspectos culturais e históricos da produção do conhecimento científico no ensino escolarizado das ciências (ALVIM; ZANOTELLO, 2014, p. 350).

Michael R. Mathews, do Departamento de Educação da Universidade de Auckland (Nova Zelândia), em seu artigo *História, Filosofia e Ensino de Ciências: a tendência atual de reaproximação* de 1995 também tratou das relações entre História e Filosofia com o Ensino de Ciências. Segundo o autor,

A história, a filosofia e a sociologia da ciência não têm todas as respostas para essa crise [do ensino contemporâneo de ciências], porém possuem algumas delas: podem humanizar as ciências e aproximá-las dos interesses pessoais, éticos, culturais e políticos da comunidade; podem tornar as aulas de ciências mais desafiadoras e reflexivas, permitindo, deste modo, o desenvolvimento do pensamento crítico; podem contribuir para um entendimento mais integral de matéria científica, isto é, podem contribuir para a superação do “mar de falta de significação” que se diz ter inundado as salas de aula de ciências, onde fórmulas e equações são recitadas sem que muitos cheguem a saber o que significam; podem melhorar a formação do professor auxiliando o desenvolvimento de uma epistemologia da ciência mais rica e mais autêntica, ou seja, de

uma maior compreensão da estrutura das ciências bem como do espaço que ocupam no sistema intelectual das coisas (MATHEWS, 1995, p. 165).

Mathews também tratou de alguns documentos oficiais que exigiram novos currículos para o ensino de ciências em países como Grã-Bretanha, Estados Unidos, Dinamarca e Canadá como uma tendência para o futuro, relembrou os principais argumentos favoráveis a inclusão da história da ciência no ensino⁴, relacionou a história da ciência e a psicologia da aprendizagem, a relação entre filosofia da ciência e o ensino de ciências, a formação do professor de ciências que deve abranger a HFS (História, filosofia e sociologia) e, por fim, tratou de alguns temas atuais que, segundo ele, deveriam ser uma preocupação para professores de ciências: “feminismo, construtivismo, ética, metafísica, idealização e racionalidade” (MATHEWS, 1995, p. 191).

No quinto item apresentado por Helge Kragh são discutidas as questões referentes a relação entre história da ciência e as “ciências humanísticas”, lembrando o nome de Sarton, cujo objetivo era o de “lembrar os especialistas em ciência as suas ligações e raízes compartilhadas com as ciências humanísticas, e aos especialistas nas humanidades que a ciência e as humanidades são meramente as duas faces do mesmo esforço humano” (KRAGH, 2001, p. 42). Também foi tratado rapidamente do hiato existente entre ciências e humanismo.

Já no sexto tópico, foram apresentadas algumas discussões no sentido de que a “história da ciência não tem qualquer outra finalidade particular que não seja a de revelar o passado” (KRAGH, 2001, p. 43). Segundo o autor, esse ponto de vista é bem aceito entre os historiadores, mas não entre os cientistas. São também citados alguns estudiosos que defendem a “pureza” da história da ciência, sem influência externa.

⁴ “(1) motiva e atrai os alunos; (2) humaniza a matéria; (3) promove uma compreensão melhor dos conceitos científicos por traçar seu desenvolvimento e aperfeiçoamento; (4) há um valor intrínseco em se compreender certos episódios fundamentais na história da ciência –a Revolução Científica, o darwinismo, etc.; (5) demonstra que a ciência é mutável e instável e que, por isso, o pensamento científico atual está sujeito a transformações que (6) se opõem a ideologia cientificista; e, finalmente, (7) a história permite uma compreensão mais profícua do método científico e apresenta os padrões de mudança na metodologia vigentes” (MATHEWS, 1995, p. 172 – 173).

Por fim, o autor faz uma reflexão sobre a ciência moderna e enfatiza que “grande parte dos objetivos acima referidos serão aceitáveis para, pelo menos, uma parte dos profissionais em exercício. Porém, devido à proliferação de subdisciplinas e perspectivas, não se pode considerar que qualquer desses objetivos englobe a disciplina no seu todo” (KRAGH, 2001, p. 44).

Diferentemente de Kragh, Videira (2004) apresenta os propósitos e finalidades da História da Ciência através do tempo em três tópicos distintos: “disciplina com total autonomia” posição defendida por Rashed e Forman; “legitimação de concepções de ciência (quase sempre produzidas por cientistas ou filósofos)”, ponto de vista de Comte e Kuhn; por fim, a história da ciência tem por finalidade “servir como elemento de união entre a ciência e a sociedade” posição esta defendida por James Conant (VIDEIRA, 2004, p. 290).

Após a descrição dos argumentos a favor e contrários ao estudo da História da Ciência, concordamos com Videira quando afirma que a compreensão do desenvolvimento da História da Ciência nos leva a compreender o desenvolvimento da própria sociedade na qual estamos inseridos:

Penso que a história da ciência contém, na sua agenda temática, assuntos da mais alta relevância. Como a ciência ocupa, em praticamente todas as sociedades humanas de nosso tempo, um lugar central, conhecer o seu desenvolvimento significa conhecer as trajetórias dessas mesmas sociedades, ao menos no que diz respeito aos últimos duzentos ou trezentos anos. Ou seja, compreender a ciência, suas práticas, sua história e até mesmo as razões e os motivos que configuraram as suas imagens filosóficas corresponde a conhecer a sociedade e o mundo em que vivemos (VIDEIRA, 2004, p. 292).

Nesse mesmo sentido colocado por Videira, não podemos deixar de citar o argumento do educador Paulo Freire em seu livro *Extensão e Comunicação* de 1975:

Por outro lado, o homem, que não pode ser compreendido fora das relações com o mundo, de vez que é um “ser-em-situação”, e também um ser do trabalho e da transformação do mundo. O homem é um ser da “práxis”, da ação e da reflexão.

Nestas relações com o mundo, através de sua ação sobre ele, o homem se encontra marcado pelos resultados de sua própria ação.

Atuando, transforma, transformando, cria uma realidade que, por sua vez, “envolvendo-o”, condiciona sua forma de atuar.

Não há, por isto mesmo, possibilidade de dicotomizar o homem do mundo, pois não existe um sem o outro (FREIRE, 1975, p. 28).

Desta forma, aprender História da Ciência e estudá-la é aprender a história da própria humanidade, pois, segundo o próprio Freire, todos os homens são seres históricos. Estudar o viés histórico do conhecimento científico é estudar a própria história do homem⁵.

Este estudo irá, portanto, seguir a perspectiva de “valorização da dimensão cultural dos estudos históricos sobre a ciência, ou seja, suas práticas, representações, significados, instituições, contradições e contextos próprios” (ALVIM; ZANOTELLO, 2014, p. 353), pois não entendemos a ciência de forma universal e permanente, mas sim como “uma realidade mutável e diversa, tanto quanto são as culturas diversas e mutáveis” (ALVIM; ZANOTELLO, 2014, p. 353).

Objetivos da pesquisa

A partir dos passos descritos acima, esta pesquisa pretende realizar um estudo investigativo sobre a história da consolidação de um espaço para desenvolvimento de ensino e pesquisa em Matemática no interior de São Paulo, que fora empreendido por Achille Bassi. Para isso, esse estudo pretende analisar a figura de Bassi segundo alguns de seus papéis sociais, tais como professor, pesquisador, divulgador científico e gestor acadêmico.

Desta forma, o objetivo principal do trabalho é analisar o contexto de desenvolvimento e institucionalização do Departamento de Matemática e posterior Instituto de Matemática da USP de São Carlos através da atuação de Achille Bassi.

É claro que, reconhecemos a complexidade desta institucionalização que, de fato, se difere das ocorridas em instituições localizadas na mesma ou

⁵ Essa discussão foi feita no Curso de Extensão *Textos históricos da ciência para ensinar conceitos científicos: construindo subsídios para a inclusão da história da ciência no ensino*, ocorrido entre maio e agosto de 2014 na UFABC ministrado pelo Professor Dr. Breno Arsioli Moura.

em outras regiões do país. A própria institucionalização da USP de São Carlos ocorreu de forma distinta da USP da capital, sendo estas unidades da mesma Universidade.

Desta forma, este trabalho se dedica principalmente a Matemática e sua institucionalização no interior paulista, entre os anos de 1953 e 1973. Esta delimitação do tempo e do espaço ocorreu devido ao reconhecimento da complexidade da institucionalização da ciência no Brasil, e a grande quantidade de agentes, conhecimentos e instituições envolvidas.

Como objetivos secundários estipulamos: analisar o percurso da Matemática em São Paulo, relacionar o desenvolvimento da Matemática e seu contexto sócio-político-cultural, proporcionar uma reflexão sobre a Matemática em São Paulo e a influência de estudos internacionais.

Por meio do trabalho ora apresentado, buscamos contribuir para a escrita da História da Matemática brasileira, além de uma reflexão sobre o desenvolvimento da matemática no contexto do interior paulista entre as décadas de 1950 e 1970. Entretanto, de forma a apresentar e contextualizar o personagem, traçamos os caminhos que o levaram até São Carlos desde sua chegada ao Brasil no ano de 1939.

A importância das pesquisas que tratam de matemáticos específicos foi ressaltada por Ubiratan D'Ambrosio no Prefácio do livro de Clóvis Pereira da Silva intitulado *A Matemática no Brasil: História do seu desenvolvimento*:

Identificamos nessa periferia [no caso, o Brasil] nomes que não tiveram e não terão importância na história da ciência como um todo. A importância de identificar e analisar essas tentativas e esses nomes está no entender a evolução do pensamento brasileiro, das nossas ideias e nossas instituições.

A busca, identificação e análise dessas primeiras incursões na ciência moderna, necessariamente recorrendo a fontes primárias de difícil localização, acesso e manipulação, e, muitas vezes, necessitando novas tecnologias fundamentais em bases historiográficas próprias ao nosso país, é um trabalho árduo. Isso é, muitas vezes, evitado pelos historiadores de ciência brasileiros, que preferem se dedicar ao aprofundamento de estudos sobre vida e obra de personalidades centrais na produção científica internacional (D'AMBROSIO, 2003, p. vii).

Por acreditar que aquele que pratica ciência é influenciado pelo meio de onde veio e no qual vive, pois “é alguém que adquiriu uma cultura, que foi

formado, modelado por um certo meio, que foi fabricado no contato com um grupo e com ele partilhou as atividades” (PESTRE, 1996, p. 16), também serão analisados aspectos da vida pessoal do personagem estudado, além de “colocar em evidência as condições culturais, políticas e sociais” da época em que o mesmo viveu, papel este intrínseco ao historiador (PESTRE, 1996, p. 8).

Nesse sentido, apresentamos algumas das perguntas norteadoras dessa pesquisa:

- 1) Quem foi o personagem? Qual sua trajetória?
- 2) Qual o contexto da Matemática Brasileira no período compreendido entre as décadas de 1930 e 1970?
- 3) Como se constituiu o desenvolvimento/ambiente da Matemática no interior paulista, em especial na Escola de Engenharia de São Carlos (integrante da Universidade de São Paulo)?
- 4) Quais as contribuições de Achille Bassi para o desenvolvimento da pesquisa/comunidade Matemática brasileira? Ou, qual a contribuição de Achille Bassi na circulação do conhecimento matemático entre as décadas de 1930/70 no Brasil?

Ao tentar responder a primeira questão norteadora desta pesquisa não conseguimos nos separar de uma biografia do personagem ora estudado. Nas palavras de Videira, a biografia científica tem diferentes objetivos dentre os quais analisar a “atuação como administrador científico, professor e formador de outros cientistas” (VIDEIRA, 2003, p. 24) que vai de encontro com o objetivo principal deste trabalho. Ainda nas palavras de Augusto Videira, ao escrever uma biografia,

(...) é pressuposto que o cientista em questão destacou-se entre os seus pares. Destacar-se significa, em qualquer uma das opções apresentadas anteriormente, obter um resultado publicamente reconhecido como notável. Em outras palavras, um(a) cientista tornar-se-ia merecedor(a) de receber uma biografia caso as comunidades, na(s) qual(is) estivesse inserido(a) enquanto atuou, assim o considerasse. Apesar de reconhecer que a descrição acima é esquemática, considero-a válida no que diz respeito ao ponto de que, até muito recentemente, os cientistas biografados o eram devido a decisões e critérios estabelecidos pelos próprios cientistas. (VIDEIRA, 2003, p. 24 - 25).

Ao trabalharmos com uma biografia, podemos ter a falsa impressão que a mesma privilegia o individual, contrariando assim uma história cultural ou social da ciência, entretanto, a “biografia contribui para fortalecer a ciência enquanto processo coletivo” (VIDEIRA, 2003, p. 25).

Além das justificativas expostas acima, pode-se dizer que o gênero biográfico ainda é valorizado entre os matemáticos, pois a *Mathematical Reviews*⁶ apresenta como primeiro nível de seus temas “History and Biography”.

Por fim, gostaríamos de comentar o destaque dado por Videira ao historiador da ciência e físico americano Peter Galison que contribuiu para uma “revalorização do gênero biográfico”, já que ao se produzir uma biografia são percebidas “relações entre elementos pertencentes a esferas distintas” (VIDEIRA, 2003, p. 36).

Segundo Videira, para o historiador da ciência Peter Galison:

(...) é possível superar dicotomias, por exemplo, entre história «interna» e história «externa», quando se compreende o modo, segundo o qual biografias individuais, necessárias para que possamos perceber os valores presentes nas pesquisas conduzidas por esses indivíduos, se relacionam, formando um todo coerente, com eventos situados para além das fronteiras, que circunscrevem os locais onde os indivíduos atuam. (VIDEIRA, 2003, p. 39).

Para a realização da pesquisa utilizamos como referencial teórico a perspectiva da História Cultural da Ciência, pois assim como Juan Pimentel entendemos que “Toda historia, por definición, es historia cultural, en la medida en que toda expresión o manifestación de la actividad humana es culturalmente significativa o está instalada en una trama que puede ser leída en términos culturales” (PIMENTEL, 2010, p. 418). Essa perspectiva também é citada por José Ferreirós, “Entretanto, si adoptamos la noción de cultura que manejan los especialistas en ciencias sociales, es un truismo que la ciencia es y sólo puede ser una forma más de cultura” (FERREIRÓS, 2010, p. 425).

⁶ Periódico e banco de dados online publicado pela *American Mathematical Society*.

Metodologia

A pesquisa ora desenvolvida tem um enfoque qualitativo de estudo por apresentar como característica inerente desse tipo de pesquisa a coleta de dados no ambiente natural, sendo o pesquisador o elemento principal para tal feito. Além desta, outra característica da pesquisa qualitativa verificada neste estudo é o seu caráter descritivo e, por fim, tem a preocupação de interpretar tanto os significados como as representações que os indivíduos ou grupos dão às experiências vividas ou presenciadas, além de dar maior ênfase ao processo em vez dos resultados. Desta forma, interpretamos a pesquisa qualitativa da seguinte maneira:

A metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano. Fornece análise mais detalhada sobre as investigações, hábitos, atitudes, tendências de comportamento etc (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 269).

Na tentativa de ampliar e aprofundar o conhecimento e equilibrar possibilidades diversas, este trabalho conta principalmente com a pesquisa e análise de fontes primárias, tais como os livros escritos por Achille Bassi e usados como materiais didáticos nas disciplinas que lecionava, além de seus artigos científicos. Também serão feitas análises de documentos da USP, como o Processo de contagem de tempo de serviço do Professor Bassi, e de memoriais, relatórios, cartas, memorandos, pedidos de afastamentos, enfim, documentos importantes na compreensão da trajetória acadêmica desse professor. Nessas cartas/memorandos o professor Bassi não somente expunha suas opiniões a respeito dos assuntos que estavam sendo tratados, como muitas vezes tecia sugestões e críticas sobre determinados temas ligados à educação e à carreira do magistério.

Através do prontuário do Professor, teremos informações sobre as disciplinas que ministrou e também sobre a documentação de sua participação em colóquios, conferências, trabalhos de investigação, cursos e viagens científicas, nos quais eram expostos seus trabalhos de pesquisa.

Por fim, como forma de complementar as fontes selecionadas nos apropriamos de entrevistas realizadas em comemoração aos “30 anos do ICMC

(Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação)” da USP campus de São Carlos. Quanto às fontes secundárias utilizadas nesta pesquisa, as de maior importância são os Anuários da Escola Engenharia de São Carlos (EESC), com o primeiro deles publicado no ano de 1954.

Desta forma, caracterizamos este trabalho como uma pesquisa documental, na qual foram seguidos os passos descritos por Sá-Silva *et al* (2009, p. 4) em seu artigo *Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas*:

Quando um pesquisador utiliza documentos objetivando extrair dele informações, ele o faz investigando, examinando, usando técnicas apropriadas para seu manuseio e análise; segue etapas e procedimentos; organiza informações a serem categorizadas e posteriormente analisadas; por fim, elabora sínteses, ou seja, na realidade, as ações dos investigadores – cujos objetos são documentos – estão impregnadas de aspectos metodológicos, técnicos e analíticos.

Portanto, a pesquisa documental caracteriza-se como um “procedimento que se utiliza de métodos e técnicas para apreensão, compreensão e análise de documentos dos mais variados tipos” (SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 5).

Frisamos a diferença entre pesquisa bibliográfica e documental devido ao tipo de fonte/documento por nós utilizado. No caso da pesquisa bibliográfica tais documentos “já são reconhecidamente do domínio científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 69 *apud* SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 6), como por exemplo, artigos científicos, livros publicados, enciclopédias, entre outros. Já a pesquisa documental trabalha com fontes “que não receberam nenhum tratamento científico, como relatórios, reportagens de jornais, revistas, cartas, filmes, gravações, fotografias, entre outras matérias de divulgação” (OLIVEIRA, 2007, p. 69 *apud* SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 6), ou seja, a maior parte dos documentos utilizados são fontes primárias de pesquisa e, portanto, não passaram por nenhuma interpretação anterior.

Arlinda Schmidt Godoy, Professora do Departamento de Educação da Unesp de Rio Claro na época da publicação de seu artigo *Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais* (GODOY, 1995), citando o livro do sociólogo Kenneth D. Bailey apontou para as vantagens e desvantagens de se trabalhar com essa metodologia de pesquisa. Entre as vantagens foram citadas: a possibilidade de

estudar pessoas que por motivos de falecimento ou distanciamento não podem ser acessadas, além disso, os documentos de cunho primário mantêm as mesmas informações por longo período de tempo e, por fim, quando se pretende estudar períodos extensos objetivando identificar tendências, a pesquisa documental é considerada apropriada (GODOY, 1995, p. 22).

Em contrapartida, entre as dificuldades de se trabalhar com esta metodologia de pesquisa foram destacadas: a produção dos documentos utilizados para a pesquisa normalmente não objetiva uma “investigação social” e desta forma, possibilita várias formas de interpretação. Outra desvantagem desse tipo de pesquisa é o fato de que os documentos utilizados foram produzidos por pessoas que possuíam a prática da escrita e, portanto, os indivíduos que não possuem essa técnica não “terão a oportunidade de registrar suas experiências e vivências dessa forma” (GODOY, 1995, p. 22). Arlinda Godoy também destacou que os documentos privilegiam falas e não comportamentos “não-verbais” importantes para a compreensão do período em questão, além disso, não “constituem amostras representativas do fenômeno em estudo” (GODOY, 1995, p. 22). Por fim, foram apresentadas dificuldades em relação à falta de padronização das fontes, a “complexidade da codificação das informações nele contidas”, entre outros (GODOY, 1995, p. 22).

Ao analisar esses documentos, faz-se necessária a contextualização dos mesmos na busca de uma compreensão de como foram redigidos, com quais intenções, para qual público. Esse passo é fundamental para o ofício do historiador, que não deve esquecer também do cuidado em “entender o texto no contexto de sua época” (BACELLAR, 2008, p. 63). Ainda sobre a contextualização de documentos, Bloch (2001) afirmou que:

Em suma, nunca se explica plenamente um fenômeno histórico fora do estudo de seu momento. Isso é verdade para todas as etapas da evolução. Tanto daquela em que vivemos como das outras. O provérbio árabe disse antes de nós: “Os homens se parecem mais com sua época do que com seus pais”. Por não ter meditado essa sabedoria oriental, o estudo do passado às vezes caiu em descrédito (BLOCH, 2001, p. 60).

Em relação ao contexto, Silva-Sá *et al* também corroborou:

É primordial em todas as etapas de uma análise documental que se avalie o contexto histórico no qual foi produzido o documento, o universo sócio-político do autor e daqueles a quem foi destinado, seja qual tenha sido a época em que o texto foi escrito. Indispensável quando se trata de um passado distante, esse exercício o é de igual modo, quando a análise se refere a um passado recente. No último caso, no entanto, cabe admitir que a falta de distância tenha algumas implicações na tarefa do pesquisador, mas vale como desafio. O pesquisador não pode prescindir de conhecer satisfatoriamente a conjuntura socioeconômico-cultural e política que propiciou a produção de um determinado documento. Tal conhecimento possibilita apreender os esquemas conceituais dos autores, seus argumentos, refutações, reações e, ainda, identificar as pessoas, grupos sociais, locais, fatos aos quais se faz alusão, etc. Pela análise do contexto, o pesquisador se coloca em excelentes condições até para compreender as particularidades da forma de organização, e, sobretudo, para evitar interpretar o conteúdo do documento em função de valores modernos. Tal etapa é tão mais importante, que não se poderia prescindir dela, durante a análise que se seguirá (SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 8 – 9).

No mesmo artigo citado acima, também foi esclarecido que ao se interpretar um documento ou texto é necessário ter “uma boa identidade da pessoa que se expressa, de seus interesses e dos motivos que a levaram a escrever” (SÁ-SILVA *et al*, 2009, p. 9), o que em nossa opinião justifica a inclusão de uma biografia do personagem estudado neste trabalho.

Essa reconstrução do personagem e sua contribuição à Matemática no Brasil deve ser encarada como o ponto de vista do autor, que não deve emitir julgamentos ou juízos de valor, pois segundo Bloch (2001), “de modo que em muitos casos o demônio das origens foi talvez apenas uma avatar desse outro satânico inimigo da verdadeira história: a mania do julgamento” (BLOCH, 2001, p. 58).

Tanto em história como em algumas outras disciplinas não existe ponto de vista correto, mas sim, uma interpretação provisória. Portanto, a história aqui contada é uma interpretação de tantas outras possíveis, carregada da subjetividade dos autores, expressa desde a escolha do tema, das fontes que foram utilizadas e das indagações que foram feitas à essas fontes. Também não pretendemos comunicar “a verdadeira” história de Achille Bassi, mas sim, conjecturamos teses e hipóteses, o que é inerente à História.

Para que o recorte do trabalho seja mais delimitado, focaremos em um período específico da vida de Achille Bassi, mais precisamente o período em que esteve em São Carlos (1953-1973). Este período foi escolhido por ser o mais produtivo da trajetória do personagem escolhido, a partir do contexto no qual estava inserido. Entretanto, será feita uma apresentação de seu percurso nos anos anteriores à sua chegada na Escola de Engenharia de São Carlos (1953) para que se compreendam os caminhos e as escolhas feitas pelo mesmo.

Conceitos utilizados na pesquisa

Esta pesquisa está ancorada no conceito de documento histórico elaborado por Marc Bloch (2001) em seu livro *Apologia da História ou o ofício de historiador*. Segundo Bloch, documentos são vestígios:

Como primeira característica, o conhecimento de todos os fatos humanos no passado, da maior parte deles no presente, deve ser, (...), um conhecimento através de vestígios. Quer se trate das ossadas emparedadas nas muralhas da Síria, de uma palavra cuja forma ou emprego revele um costume, de um relato escrito pela testemunha de uma cena antiga [ou recente], o que entendemos efetivamente por documentos senão um “vestígio”, quer dizer, a marca, perceptível aos sentidos, deixada por um fenômeno em si mesmo impossível de captar? (BLOCH, 2001, p. 73).

Ao interpretar a frase de Bloch de que documentos são vestígios, a antropóloga brasileira Lilia Moritz Schwarcz na “Apresentação à edição brasileira” do mesmo livro afirmou que para o autor “mesmo o mais claro e complacente dos documentos não fala senão quando se sabe interrogá-lo. É a pergunta que fazemos que condiciona a análise e, no limite, eleva ou diminui a importância de um texto retirado de um momento afastado” (SCHWARCZ, 2001, p. 7-8).

Como o homem é um ser em constante transformação, as perguntas feitas aos documentos ou objetos também se modificam no decorrer do tempo e, por esse motivo, nossas impressões e interpretações em relação a um fato do passado não são rígidas, se transformam, de forma que o passado é sempre

algo em aberto, “a história está sempre a ser reescrita. Tal fato deve-se em parte à descoberta de novas fontes, que obrigam a que seja feita essa nova escrita. O mais importante é que a interpretação do passado constitui, em certa medida, uma função do presente” (KRAGH, 2001, p. 51).

Segundo Marc Bloch, “o passado é, por definição, um dado que nada mais modificará. Mas o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e aperfeiçoa” (BLOCH, 2001, p. 75).

Ainda citando Bloch, história é a “Ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2001, p. 55), mas para estudar a atuação dos homens que se inscrevem no tempo, vimos que é essencial o uso de fontes históricas. Por sua vez, Febvre definiu história a partir de problemas, quando afirmou que “Sem problema não há história”. Uma reflexão de José D’Assunção Barros sincroniza essas duas posições ao dizer que “se o “Problema” construído pelo historiador sinaliza para algumas possibilidades de “Fontes”, determinadas fontes também recolocam novos problemas para os historiadores” (BARROS, 2013, p. 84). Ou ainda,

Dito de outra forma, pode-se dizer que, na operação historiográfica, o sujeito que produz o conhecimento e os meios de que ele se utiliza interagem um sobre o outro, de modo que, no fim das contas, se o historiador sempre escreve seu texto de um lugar no mundo social e no tempo, ao mesmo tempo ele mesmo pode se transformar a partir da sua própria experiência com as fontes (BARROS, 2013, p. 85).

Assim, concluímos que História é a intersecção dos homens com suas fontes geradoras de problemas, ou vice-versa. Pois, como historiadores, podemos encontrar fontes que não esperávamos e as mesmas gerarem questionamentos inesperados, ou ainda, podemos procurar fontes de acordo com a problemática que levantamos. Todo esse processo nos reveste de novas formas de ver e de pensar, transformando-nos continuamente.

Além do conceito de fonte/documento, esse trabalho também está pautado em outros conceitos. Essa explicitação dos conceitos utilizados faz-se necessária, pois “também pode ser útil distinguir a teoria de modelos e conceitos. Relativamente poucos historiadores utilizam teoria no sentido estrito do termo,

mas um número bem maior emprega modelos, enquanto os conceitos são praticamente indispensáveis” (BURKE, 2012, p. 15).

Outro conceito que trabalharemos nessa pesquisa é o de ciências. Segundo Maria Amélia M. Dantes e Amélia Império Hamburger no texto *A Ciência, os Intercâmbios e a História da Ciência: Reflexões sobre a Atividade Científica no Brasil* de 1996, sob o ponto de vista histórico, o conceito de ciências deve ser modificado quando tratarmos “do processo de implantação das atividades científicas modernas em países que tiveram desenvolvimentos vinculados mas, ao mesmo tempo, distintos dos países da Europa” (DANTES; HAMBURGER, 1996, p. 16). Dessa forma, concordamos com as autoras no sentido de que:

Consideramos que as possibilidades de análise historiográfica se ampliam se conceituarmos a ciência como uma prática de produção de conhecimentos e aplicação de resultados que se estabelece, através de indivíduos que a realizam, como síntese de suas tradições formadoras, com características locais, em determinados meios sociais (DANTES; HAMBURGER, 1996, p. 16).

Sendo assim, em países como o Brasil que tiveram seu desenvolvimento vinculado na relação entre europeus, indígenas sul-americanos e africanos, o conhecimento científico deve ser “pensado também como uma das manifestações do conjunto que constitui a história própria desses países, no processo de construção de suas identidades culturais” (DANTES; HAMBURGER, 1996, p. 16).

Portanto, tomaremos o conceito de ciência exposto acima por Dantes e Hamburger, de forma ampla, “enquanto processo intelectual, cultural e social” e não como uma lista de resultados e leis da natureza organizados na forma de um método aplicável (PETITJEAN, 1996, p. 27). Esta mesma visão também é defendida por Dominique Pestre ao definir ciência como “uma atividade coletiva, uma atividade organizada em locais e através de instituições” (PESTRE, 1996, p. 38).

Segundo Patrick Petitjean, “Até a última década, a história das ciências em outros países permaneceu quase invisível, até que os historiadores latino-americanos, indianos, chineses ou japoneses a fizessem sair da sombra” (PETITJEAN, 1996, p. 27), pois era nítida a “hegemonia total, dos estudos relativos à Europa e aos

Estados Unidos em história das ciências, seja na história conceitual seja na história social” (PETITJEAN, 1996, p. 27).

Entretanto, mesmo evidenciando o que chamamos de atividade científica local não rompemos de vez com a visão eurocentrista, já que, concordamos com Moema de Rezende Vergara quando tratou do tema “mundialização da ciência” em seu texto *Ciência e modernidade no Brasil: a constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX*. Segundo essa autora:

Um segundo ponto que marca este campo de estudos seria o esforço analítico voltado à verificação das trajetórias do que Sílvia Figueirôa chamou de “mundialização da ciência”. Este contexto é importante para se entender a difusão científica como prática social em países periféricos como o Brasil. Isto é, não como uma via de mão única, mas como algo dinâmico no qual os setores locais tiveram um papel determinante nas escolhas dos modelos adotados. Neste processo pôde ser constatada uma relativa atualização de nossos intelectuais, que acompanhavam atentamente o que acontecia em outros países. Sílvia Figueirôa afirmou que a recepção dos modelos europeus foi um processo ativo que, “à semelhança da aclimação das plantas exóticas, também adaptou e, em alguns casos, tingiu-os com as cores locais”. Cabe lembrar que o início do processo de profissionalização da atividade científica brasileira se deu no âmbito desta “mundialização” e que várias foram as formas de integração dos cientistas nacionais com os centros de produção de saber europeus, como por exemplo por meio dos periódicos científicos internacionais. Além disso, as instituições nacionais editavam revistas que eram lidas fora do Brasil, veiculando suas pesquisas, como por exemplo a revista *Arquivos do Museu Nacional*, que entrou em circulação em 1876. Outra possibilidade de integração era a participação dos cientistas brasileiros em congressos internacionais a partir do século XIX. Para Hugo Suppo, a vida científica nacional foi diretamente afetada pela participação em congressos, pois criou um novo lugar de representação, contribuindo para a modernização e a profissionalização dos cientistas brasileiros ou estrangeiros vinculados à instituições científicas do país (VERGARA, 2004, p. 28).

Ao estabelecer uma continuidade com a reflexão historiográfica anterior, acrescentando a contribuição da história institucional da ciência, estamos ampliando as possibilidades de compreensão sobre a formação da cultura científica no Brasil, sem necessariamente levar em conta o que falta ao país para atingir um determinado grau de desenvolvimento, mas inserindo as experiências ocorridas no passado, a herança ibérica e a adaptação local ao processo de mundialização da ciência para o entendimento da sociedade brasileira.

Assim, a história da ciência teria um papel estratégico para se compreender os processos de modernização da sociedade brasileira. Ao historiador da ciência caberia então explorar as

relações estabelecidas entre ciência e cultura, revendo a imagem do país como um lugar fadado à imitação e aonde o fluxo de idéias possuiria mão única, para ver o Brasil como um lugar de produção de conhecimento e reflexão (VERGARA, 2004, p. 30).

Seguindo esta mesma linha de raciocínio, Ubiratan D'Ambrosio fez uma proposta historiográfica, a Metáfora da Bacia. Para D'Ambrosio (2009, p. 16):

Devemos reconhecer que aos países periféricos é reservada uma situação de serem não mais que afluentes do curso principal do atual do desenvolvimento científico e tecnológico. Nisso consiste a Metáfora da Bacia, que considera o conhecimento dos países centrais como a massa de água de uma grande caudal e a contribuição dos países periféricos como as águas dos afluentes. As águas da grande caudal não penetram afluente acima. O conhecimento chega ao destino, nas margens dos afluentes, após grandes transformações e é, em geral, deficiente. Enquanto o conhecimento produzido pelas nações centrais segue seu curso, como a grande caudal, a contribuição dos afluentes é, como um todo, trivial e marginal. Mas mesmo assim, as águas dos afluentes incorporam-se e dão vida à grande caudal. (Para detalhes, ver D'Ambrosio, 2000)

Desta forma, concluindo com as próprias palavras de Silvia F. de M. Figueirôa, estudar o plano de reflexão, ou seja, estudar a “transmissão” da ciência europeia nos países latinos “tem interesse para a compreensão do papel que desempenhou a ciência, em nossas sociedades, e das dificuldades estruturais que teve que enfrentar para instaurar-se e consolidar-se como ciência nacional” (FIGUEIRÔA, 2000, p. 14). Através da história da ciência pode-se

[...] mostrar como foram constituídos a cultura científica, as comunidades, o *ethos* científico particular, as escolas de pensamento, os mecanismos sociais de avaliação do trabalho científico, as instituições, as políticas de fomento, os estabelecimentos de ensino; e, igualmente, os efeitos “perversos”, e outros aspectos sociais de grande importância, posto que, além de nos permitir entender como foi o desenvolvimento científico latino-americano, lançam luz sobre as opções do presente. (FIGUEIRÔA, 2000, p. 14).

A partir do trecho citado acima, este trabalho pretende contribuir com a constituição de uma das instituições científicas brasileiras, especificamente na área de matemática, através da figura do personagem

Achille Bassi. Este, por ser italiano e atuar no Brasil ainda mantendo contato com outros pesquisadores estrangeiros, contribuiu de certa forma com o intercâmbio de ideias, que “é um dos aspectos mais significativos do desenvolvimento das ciências. Examinando-se a história das ciências e da tecnologia, os contatos entre pesquisadores constituem uma dimensão extraordinariamente relevante de suas atividades” (GUNTAU; FIGUEIRÔA, 2000, p. 7).

Referencial teórico: a História Cultural

Grande foi a contribuição dos *Annales* para a expansão da história que nos tempos contemporâneos está alicerçada em dois movimentos: o reconhecimento de uma complexidade interna e a relação com as outras disciplinas (BARROS, 2013, p. 9). José D’Assunção Barros explica que a complexidade interna da história se deu através da multiplicação de seus espaços internos entre História Econômica, Política, Cultural, entre outras; além das conexões entre elas (BARROS, 2013, p. 17). Essa multiplicação de conhecimento histórico deve-se a três fatores enumerados e explicados por Barros, o primeiro deles é a hiperespecialização, também a multiplicação de paradigmas e, por fim, a interdisciplinaridade (BARROS, 2013, p. 18-26).

Em seu texto, Barros define o que são dimensões, abordagens e domínios temáticos da história, que são os critérios geradores de modalidades historiográficas. No caso do trabalho aqui apresentado, a dimensão em que se enquadra é o da História Cultural, já que, dimensões são as modalidades “mais abrangentes da vida humana – aspectos irreduzíveis da vida social” (BARROS, 2013, p. 31). Com relação à abordagem, “modo como o historiador trabalha, o tipo de fontes que ele constitui, a maneira como ele observa a realidade” (BARROS, 2013, p. 31) que estão relacionadas com as decisões metodológicas do historiador, nesta pesquisa utilizamos a análise documental (textos didáticos, prontuários, publicação em Diários Oficiais, revistas temáticas, cartas, etc.). Essas duas abordagens devem dar subsídios para refletirmos sobre a história da Ciência/Matemática no Brasil, que é a nossa temática ou domínio escolhido. É claro que, essas modalidades podem apresentar conexões e que, portanto, não há uma divisão rígida entre as opções, pois com a multiplicação das

modalidades historiográficas, também multiplicaram-se as metodologias, os métodos, as fontes históricas, ...E, “o bom historiador deve estar aberto a novas ideias, vindas de onde vierem, e ser capaz de adaptá-las a nossos próprios propósitos e de encontrar maneiras de testar sua validade” (BURKE, 2012, p. 279). Com relação a interconexão entre os campos da História, Barros explicou que:

Em um estudo como este, a História Política, a História Cultural, a História da Música, e talvez a História Oral, se optarmos por esta abordagem, associam-se para que se produza certo ambiente historiográfico sob o qual tal pesquisa possa florescer. Ou, melhor dizendo, ao ser constituído este objeto, produz-se essa interconexão específica de campos históricos, ou qualquer outra que seja possível pensar com maior precisão para o estudo em questão (BARROS, 2013, p. 34).

Peter Burke, em seu livro *Varietades de História Cultural* fez uma coletânea de ensaios com o intuito, segundo ele, de exemplificar e discutir os tipos de história cultural que surgiram desde a chamada forma “clássica”. Burke ressaltou que essa forma clássica da história cultural não foi substituída por outro modelo novo, embora tenham surgido novas visões através da antropologia social e cultural (BURKE, 2000, p. 9).

Logo nas primeiras linhas, Burke deixou claro que não existe consenso sobre a definição de história cultural ou sobre cultura, mas apresentou ideias a partir do diálogo entre fontes, historiadores recentes e teóricos culturais modernos (BURKE, 2000, p. 10-11). Assim, tratou das origens e variedades da história cultural dividida em disciplinas como história da língua e da literatura, de artistas, artes e música, da doutrina, dos sonhos, etc.

Burke defendeu a ideia de que uma história cultural tradicional não deve servir de modelo para a história cultural de hoje, pois “não consegue lidar de maneira satisfatória com algumas dificuldades” (BURKE, 2000, p. 235). Dentre as dificuldades ou críticas em relação à abordagem clássica da História Cultural, o autor enumerou cinco delas:

- 1) Paira no ar, no sentido de ignorar a sociedade (ou pelo menos dar pouca ênfase a ela) – a infra-estrutura econômica, a estrutura política e social e assim por diante. (...)
- 2) Uma segunda crítica importante à história cultural é sua dependência do postulado de unidade ou consenso cultural. (...)

- 3) Uma ideia essencial na história cultural clássica, extraída da igreja, é a de “tradição”, sendo a ideia básica de transmitir objetos, práticas e valores de geração para geração. (...)
- 4) Uma quarta crítica a história cultural clássica é que a ideia de cultura implícita, nessa abordagem, é estreita demais. (...)
- 5) Também se pode criticar a tradição clássica da história cultural com base em que ela não é mais apropriada ou adequada para nossa época. (...) (BURKE, 2000, p. 235 - 240).

Segundo o autor, a história cultural se tornou ainda mais importante nessa era em que a história se fragmentou, se especializou e se relativizou. E, uma nova abordagem de história cultural surgiu na última geração, a chamada “Nova História Cultural”, que pode ser considerada também como uma variedade de história “antropológica” devido a aprendizagem dos historiadores com os antropólogos (BURKE, 2000, p. 242 - 243).

A “Nova História Cultural” é “produto de nossa época, neste caso uma época de choques culturais, multiculturalismo e assim por diante” (BURKE, 2000, p 243 – 244). As diferenças básicas entre a “Nova História Cultural” e os modelos anteriores, foram resumidos por Peter Burke (2000, p. 245 - 248) em quatro itens:

- A. Em primeiro lugar, abandonou-se o tradicional contraste entre sociedades com cultura e sem cultura. (...)
- B. Em segundo lugar, tem-se redefinido cultura, no sentido malinowskiano, como se abrangesse “artefatos herdados, bens, processos técnicos, ideias, hábitos e valores”, ou geertziano, como “as dimensões simbólicas da ação social”. (...)
- C. Em terceiro lugar, à ideia de “tradição”, essencial à antiga história cultural, juntou-se um grupo de opções. (...)
- D. A quarta e última questão é o inverso das suposições sobre a relação entre cultura e sociedade implícita na crítica marxista da história cultural clássica. (...)

Desta forma, como uma vertente da História Cultural, neste trabalho assumimos a perspectiva da História Cultural das Ciências. Este mesmo tema é trabalhado pelo autor Juan Pimentel em seu artigo *¿Qué es la historia cultural de la ciencia?*, onde afirmou que os aspectos mais característicos da História Cultural das Ciências são o material e o simbólico (PIMENTEL, 2010, p. 423), pois:

La ciencia nos parece hoy una actividad por una parte más tangible, más física, más cercana a un bien de consumo o un producto que circula en el espacio y con el que se comercia; y

por otra, se nos antoja como una práctica profundamente significativa de la conducta humana, una actividad donde se plasman y hacen visibles las estrechas relaciones entre orden natural y orden social (PIMENTEL, 2010, p. 423).

Segundo esse autor, o objetivo não é o de se estudar a ciência na cultura, mas sim, a ciência como uma forma também de cultura. Ainda segundo esse historiador, essa diferenciação reflete na definição de ciência e na tarefa do historiador. Desta forma, a ciência passa a ser “una realidad diversa e mutable”, o que difere da “antigua concepción universalista y permanente del conocimiento” (PIMENTEL, 2010, p. 423). Em relação ao segundo item, sobre a tarefa do historiador, Pimentel esclareceu:

Respecto al trabajo de los historiadores culturales de la ciencia, viene definido por su visión integradora del campo de visión y actuación de un historiador. Un historiador cultural de la ciencia, por ejemplo, no se contenta con saber cuándo fue traducido el tratado de *Óptica* de Newton o cuando llegó a tal biblioteca o a cual ciudad. Tampoco induce de sendos hechos la arribada del newtonismo. Um historiador cultural de la ciencia se pregunta cómo, cuándo, de qué forma y con qué resultados se replicaron sus experimentos; se interroga sobre el significado cultural del newtonismo; rastrea si al ser trasladado fuera de Inglaterra mantuvo las implicaciones antitrinitarias y latitudinarias que había tenido en el contexto de los debates religiosos y políticos en la Inglaterra de la Restauración o si por el contrario adoptó otras nuevas; permanece atento a las manifestaciones artísticas o poéticas que originó; se pregunta si su adopción llevó aparejada la de otras formas de newtonismo filosófico o social (Locke, el lenguaje de la economía política, etc.). Su batería de preguntas es amplia (PIMENTEL, 2010, p. 423).

Por fim, segundo Pimentel, o historiador cultural da ciência também amplia suas possibilidades de fontes, sendo estas agora: “documentos, materiales, imágenes, espacios urbanos, etc” (PIMENTEL, 2010, p. 423).

Desta forma, assim como Juan Pimentel, entendemos e definimos a História Cultural da Ciência como:

(...) es una práctica sofisticada que ha logrado remodelar la imagen que teníamos de la actividad científica y que se ha convertido en una referencia imprescindible dentro de la historia cultural, como lo muestra la atención que le prestan algunos historiadores destacados que no procedían de la historia de la ciencia y que han acabado por incorporar sus tópicos y

preocupaciones en su agenda y en sus investigaciones (Darnton, Chartier, el propio Burke) (PIMENTEL, 2010, p. 423).

Portanto, com a utilização de nossas fontes documentais na busca de responder as questões norteadoras da pesquisa e alcançarmos os objetivos propostos, propomos fomentar uma História Cultural da Ciência, ao procurar “realizar uma análise contextualizadora da prática científica e do impacto social da ciência e da tecnologia” (ALVIM; ZANOTELLO, 2014, p. 351). Ou seja, iremos contextualizar o período no qual o personagem estudado estava inserido de forma a analisar qual o impacto de sua presença e permanência no Brasil para o desenvolvimento da Matemática, em especial, no interior paulista.

CAPÍTULO 1 - BIOGRAFIA DE ACHILLE BASSI E CONTEXTO EDUCACIONAL SUPERIOR BRASILEIRO

Neste capítulo traçaremos uma biografia do personagem estudado através de uma contextualização do período no qual estava inserido. Para isso, foram utilizados os documentos cedidos pela bibliotecária da Biblioteca Achille Bassi localizada na USP de São Carlos, legislação, livros escritos pelo próprio matemático, teses, Anuários da Escola de Engenharia de São Carlos, além de outras fontes secundárias.

A escolha dessas fontes foi necessária para caracterizar o momento histórico brasileiro atrelado à escolha e contratação de professores estrangeiros para lecionarem nas Universidades criadas na década de 1930. Alguns desses docentes contratados retornaram a seus países de origem com o passar dos anos, mas alguns permaneceram, como foi o caso de Achille Bassi e, por esse motivo, contribuíram com a circulação do conhecimento matemático e a institucionalização da Matemática no país.

Esse intercâmbio de conhecimento internacional tem despertado uma crescente atração dentro da história, criando, desta forma, “um campo de especial interesse e atualidade na elaboração histórico-científica que transcorre em nossos dias” (GUNTAU; FIGUEIRÔA, 2000, p. 7). Em especial, neste trabalho, o itinerário estudado foi o eixo Rio de Janeiro – Minas Gerais – São Paulo, locais onde o matemático estudado atuou, com um maior destaque para a expansão da Universidade pública no interior paulista.

1.1. Quanto à formação acadêmica e os primeiros anos no Brasil (Rio de Janeiro e Minas Gerais)

Achille Bassi, filho de Alfredo Bassi e Stella Sacchi Bassi, nasceu no dia 09.08.1907 em Mondovi, na Itália. Mondovi é um município italiano, localizado na região de Piemonte (norte da Itália), província de Cuneo.

Bassi cursou o ginásio e Liceu clássico, correspondentes ao ensino secundário, na cidade de Parma. Após o término do ensino secundário⁷,

⁷ Na atualidade, Ensino Médio.

começou a cursar o ensino superior na Universidade de Bologna, onde frequentou os dois primeiros anos (BASSI, 1961b, p. 4). Por motivos pessoais, não citados no *Memorial referente à formação intelectual, à vida e à atividade profissional ou científica do candidato, Prof. Achille Bassi*, o mesmo teve que se transferir para a Escola Normal Superior de Pisa como aluno interno. Ao final do curso superior, foi também ganhador do prêmio “Eugenio Bertini”, por ter apresentado para a conclusão do curso a melhor dissertação de Matemática do ano (BASSI, 1961b, p. 4). Abaixo encontra-se o certificado do prêmio recebido pelo matemático:



Figuras 01 e 02 – Certificado do Prêmio “Eugenio Bertini” concedido à Achille Bassi pela Universidade de Pisa

Fonte: Ada Stella Bassi Damião

Após a conclusão do curso em 1929, Achille Bassi recebeu uma bolsa e permaneceu em Pisa por mais um ano realizando cursos de extensão. No ano

seguinte começou sua carreira como docente ao ser nomeado assistente do Professor Francesco Severi (1879-1961), importante matemático italiano que contribuiu com as áreas de geometria algébrica e a teoria de funções de várias variáveis complexas. Nessa época, Severi atuava como professor da Universidade de Roma e Bassi foi seu assistente na disciplina de Análise Infinitesimal (BASSI, 1961b, p. 4).

Porém, em 1933 o matemático foi aprovado em concurso para o cargo de assistente na Universidade de Turim e passou a ser assistente das disciplinas concernentes à cadeira de Geometria Projetiva e Descritiva (BASSI, 1961b, p. 4).

Em 1935 o personagem estudado recebeu o título de livre-docente em Introdução à Geometria Superior, pois dedicou-se aos estudos em Topologia desde sua formação, na época, uma nova área dentro da Geometria. No documento intitulado *Justificativas referentes á contagem de tempo de serviço em Universidades Estrangeiras* escrito pelo matemático e dirigido ao Conselho Universitário, datado de novembro de 1967, foi esclarecida a conquista da sua livre-docência:

Minha atuação nas referidas Universidades pode ser documentada na maneira mais rápida e expressiva observando que conquistei a livre docência (com parecer elogioso da Comissão Examinadora) depois de somente 6 anos de formatura, prezo êste, na Itália, curto para tal progresso na cadeira. Verificou-se isso, apesar de me ter dedicado, na investigação científica, único na Itália, a um ramo totalmente nôvo, o da Topologia Algébrica que, como previa, tornou-se depois um dos assuntos mais importantes da matemática contemporânea (BASSI, 1967d, p. 2).

Este documento se referia a solicitação da contagem de tempo de serviço do personagem para sua aposentadoria na USP de São Carlos. Sabe-se que Bassi já estava passando por problemas de saúde naquele momento e os processos para essa contagem são demorados, tanto que, o mesmo faleceu no ano de 1973 sem conseguir se aposentar.

Durante os anos de 1936 e 1937, Bassi permaneceu na Universidade de Princeton, em Nova Jérsei, na categoria de professor visitante. A possibilidade de estudar em Princeton foi conquistada por meio de concurso, no qual lhe concedeu uma bolsa de estudos. Essa bolsa americana concedida tinha

prazo determinado, mas o mesmo conquistou outros recursos financeiros concedidos pelo Ministério da Educação Nacional da Itália e pela Universidade de Turim, proporcionando-lhe um maior período de permanência em Princeton. Além destes já mencionados, também recebeu uma doação do Instituto de Estudos Avançados da Universidade de Princeton que também o nomeou membro do referido Instituto (BASSI, 1961b, p. 5).

A escolha de Bassi pelo Instituto de Estudos Avançados de Princeton não foi esclarecida nos documentos consultados, entretanto, sabe-se que essa instituição foi a primeira entre todos os Institutos Avançados criados e que a visão de seu fundador, Abraham Flexner (1866 – 1959) era a de fundar uma “sociedade livre, de estudiosos e estudantes dedicados à formação superior dos homens e ao avanço do conhecimento” (GODDARD, 2011, p. 10). Desta forma, este instituto foi criado com o objetivo de privilegiar a pesquisa, em detrimento ao ensino, reunindo estudiosos que pudessem pesquisar livremente nos níveis mais altos, pois segundo o seu criador “os avanços nos conhecimentos de maior valor prático não provêm de pesquisas norteadas por objetivos, mas sim daquelas motivadas por curiosidade intelectual” (GODDARD, 2011, p. 10). Após a fundação do Instituto foi contratado Albert Einstein (1879 – 1955) (GODDARD, 2001, p. 11), com quem Achille Bassi manteve contato enquanto permaneceu na Nova Jersey. Outro matemático contemporâneo aos citados acima foi Kurt Gödel (1906 – 1978), austríaco e naturalizado americano, que trabalhou no referido Instituto na década de 1940, o que nos remete a uma constatação da preferência desses matemáticos e físicos por essa instituição de livre pesquisa, já que não havia outras instituições com características similares naquela época. Chegamos a essa conclusão, pois “vários estudiosos e cientistas estrangeiros, que haviam sido membros do Instituto de Princeton, criaram Institutos em seus países de origem” (GODDARD, 2001, p. 13).

O fato de Bassi ter podido estudar neste Instituto de Estudos Avançados caracteriza uma formação e atuação que privilegiou o contato com diferentes abordagens. Esta circulação tanto de Bassi como de outros matemáticos em espaços de formação internacionais, foi uma situação que acarretou na circulação de ideias e novas perspectivas/discussões da matemática neste período.

Ao retornar à Itália no ano de 1938, o matemático foi nomeado professor interino na Universidade de Bologna assumindo primeiramente a cadeira de Geometria Descritiva e Complementos de Projetiva e, no ano seguinte, a cadeira de Geometria Superior⁸ (BASSI, 1961b, p. 5).

No final da década de 1930, em 1939, o personagem recebeu o convite para reger a cadeira de Geometria Superior na Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi), integrante da Universidade do Brasil (UB). Essa Universidade, criada em 1937 e antiga Universidade do Rio de Janeiro (URJ), abrangeu inicialmente 15 faculdades ou escolas chamadas de “nacionais”, além de 16 institutos e o Museu Nacional. O objetivo dessa criação era a padronização do ensino superior brasileiro e, desta forma, controlar a qualidade desse ensino (CPDOC, [s.d]). Além disso,

Apesar de enfatizar o aspecto democratizante do ensino universitário, o ministro [Capanema](#) criou uma universidade claramente destinada às elites. Nessa perspectiva se incluía o projeto grandioso de construção da Cidade Universitária, que pretendia ser o núcleo da cultura brasileira. As obras, no entanto, não chegaram a ser iniciadas na gestão de [Capanema](#) (CPDOC, [s.d.]).

Essa posição de Gustavo Capanema, o então ministro da Educação e Saúde, também foi apresentada no livro *Tempos de Capanema*, onde os autores ao citar uma entrevista concedida pelo próprio ministro, concluíram que “para ele, era mais importante o preparo das elites do que a alfabetização intensiva das massas” (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 221). No referido livro também foram mencionados os objetivos da criação da instituição:

[...] a nova Universidade do Brasil teria como um de seus principais objetivos implantar em todo o país um padrão nacional e único de ensino superior, ao qual a própria USP se deveria amoldar. Ela teria ainda um outro objetivo

⁸ Em 1939 Bassi proferiu várias conferências em Universidades alemãs, tais como: Universidade de Hamburgo, de Giessen, de Tübingen, de Göttingen e de Heidelberg. Além de também ser nomeado membro colaborador do periódico *Zentralblatt für Mathematik und ihre Grenzgebiete*, fundado em 1931 (BASSI, 1961b, p. 6). Após alguns anos de serviços ininterruptos, o periódico mudou de nome e, hoje recebe o nome de *Zentralblatt MATH*, conhecido como um dos maiores serviços de classificação e arquivamento nas áreas de matemática pura e aplicada. Ainda nesse mesmo ano, se tornou pai de sua primeira filha, Ada Stella Simonetta Sacchi Bassi, nascida no dia 7 de fevereiro, fruto de seu casamento com sua prima Elena Simonetta Bassi. A mãe de Achille Bassi, Stella Sacchi tinha mais 13 irmãos, dentre eles Ada, mãe de Elena que se tornou sua esposa. A filha de Bassi, posteriormente, alterou seu nome para Ada Stella Bassi Damiano e foi uma das colaboradoras desse projeto (DAMIÃO, 2014).

mais geral, que era estabelecer um sistema estrito de controle de qualidade no ensino superior, tal como fora exercido antes pelo Colégio Pedro II no nível secundário, mas que se tornava cada vez mais difícil de manter pela própria expansão da educação média no país (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 223).

Como uma das unidades da Universidade do Brasil, ainda no mesmo ano da criação da instituição, foi fundada a Faculdade Nacional de Filosofia, na qual Achille Bassi começou a lecionar após aceitar o convite para docência e se transferir para o Rio de Janeiro com toda a sua família.

Mesmo com a chegada de professores estrangeiros para atuar na nova instituição, ao se realizar uma análise sobre o projeto da Universidade do Brasil ou ainda da “Universidade Padrão”, tão criticada pela imprensa da época, é notório o fracasso da mesma. Primeiramente porque o objetivo da construção de um *campus* universitário não foi alcançado de forma satisfatória, além disso, a FNFi que “deveria ser criada nos moldes de sua antecessora paulista, mas sob tutela federal e estrito controle doutrinário da Igreja Católica” (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 230) não “conseguiu se equiparar ao nível de qualidade de sua congênere e antecessora paulista, criada em 1934” (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 242) e também não conseguiu dar o cunho católico almejado, tanto que a igreja tratou de criar sua própria Universidade, no caso, a PUC do Rio de Janeiro em 1941.

Se por um lado a criação da UB e posterior FNFi não atingiram as metas propostas, por outro, contribuíram com a vinda de professores estrangeiros para atuarem no Brasil e, desta forma, com a circulação/divulgação do conhecimento. Isso ocorreu pois assim como na formação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (FFCL) da Universidade de São Paulo (USP), também alguns profissionais que atuaram na FNFi foram buscados na Europa, porém, não foi nomeado um representante específico que fosse pessoalmente recrutar os profissionais. Através das embaixadas é que foram realizados e celebrados contratos com 15 docentes estrangeiros.

Clóvis Pereira da Silva (2003, p. 137) chamou atenção para este fato:

Com a criação, em 1939, pelo presidente Getúlio Vargas, da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFi), foram contratados no mesmo ano por autorização do próprio presidente, quinze professores estrangeiros para a instituição.

Chamamos a atenção do leitor para o fato de a direção da FNFi ter promovido os contratos via governo federal, procedimento bem diferente do adotado pelo governo paulista para contratar professores estrangeiros para a FFCL da USP. No caso da USP, o professor Theodoro Ramos foi comissionado pelo governo paulista para ir à Europa contratar docentes para a FFCL.

Essa diferença em relação a contratação de docentes entre as duas Faculdades de Filosofia, a de São Paulo e do Rio de Janeiro, também contribuiu, de certa forma, para a consolidação da FFCL da USP, contrariamente ao que ocorreu com a FNFi da UB, pois:

A criação da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP obedeceu a procedimentos muito mais acadêmicos, que, por isto, deram melhor resultado. A escolha dos professores estrangeiros das áreas mais técnicas foi feita a partir do trabalho pessoal de um matemático de grande competência, Teodoro Ramos; os de ciências sociais, recrutados predominantemente na França, eram familiares à intelectualidade paulista, de orientação francesa conhecida. No Rio de Janeiro, enquanto isso, o processo de indicações nas áreas sociais e humanas era submetido a um crivo ideológico estrito, e os canais oficiais eram utilizados para a seleção de professores (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 242 - 243).

Os autores ainda complementaram o trecho acima ressaltando que enquanto em São Paulo foi-se pensado como os cursos deveriam se constituir, no Rio de Janeiro a preocupação maior era com o *campus* da nova Universidade, ou seja, em São Paulo a constituição da FFCL foi pensada a partir da integração e dos recursos da própria comunidade científica local (estado de São Paulo) e no Rio foi implantada de forma hierarquizada (de cima para baixo) (SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 243). Sendo assim, o “insucesso” da FNFi pode ser resumido no trecho abaixo:

A forma como foi organizada a Faculdade Nacional de Filosofia, com seu formalismo, a ausência de uma liderança intelectual, a dependência de procedimentos burocráticos em todas as etapas, teve o seu preço. A despeito de alguns nomes reputados, ela teria muitas dificuldades para se tornar um centro significativo de pesquisa científica, e menos ainda um centro de pensamento conservador no campo das humanidades e das ciências sociais, papel para o qual tinha sido concebida (SCHWARTZMAN, 2001, c. 5, p. 21).

Os trechos citados acima refletem a visão de um autor, no caso do sociólogo Simon Schwartzman, que embora tenha contribuído com o desenvolvimento da análise histórico-social da ciência no Brasil, há também outros autores brasileiros que estudam/estudaram este tema e que também tem contribuições relevantes.

Ainda sobre a contratação dos professores estrangeiros, o próprio Achille Bassi ressaltou em seu Memorial que sua contratação para lecionar no Brasil ocorreu através do Ministro de Estado (BASSI, 1961b, p. 7). Essa informação corrobora com as afirmações de Fávero *et al* (1991, p. 63), onde afirmou-se que as contratações de professores estrangeiros para atuar na FNFi foram realizadas pessoalmente pelo Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, se não pessoalmente, por intermédio dele. Circe Mary Silva da Silva (2002, p. 107), também faz essa constatação ao dizer que “a chegada dos matemáticos italianos no Rio de Janeiro concretizou-se pelos canais oficiais, mais precisamente pelos contatos da embaixada brasileira diretamente com a embaixada italiana”. Segundo Schwartzman *et al* (2000, p. 231):

Em junho de 1939 o embaixador italiano no Brasil, Ugo Sola, confirma por carta haver o governo brasileiro pedido ao governo italiano a designação de professores de língua e literatura italiana, análise matemática, mecânica racional, física teórica, físico-química, química, geometria superior e física experimental.

Ao desembarcar no Rio de Janeiro, Achille Bassi, recém-chegado da Itália, ficou responsável pela cadeira de Geometria Superior e, no ano de 1941 pelas cadeiras de Geometria Superior e Complementos de Geometria⁹ (FÁVERO *et al*, 1991, p. 66). Entretanto, a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, em 1942, lutando a favor dos países aliados, contra a Itália, prejudicou os professores italianos que aqui residiam, pois, todos os contratos dos mesmos com a FNFi foram rescindidos. Segundo Circe Mary Silva da Silva (2002, p. 117), a partir do dia 15 de junho de 1942 nenhum nome de professor italiano constava

⁹ No Diário Oficial do dia 10 de junho de 1940 encontra-se o contrato de trabalho de Bassi como professor regente da cadeira de Geometria Superior com a FNFi. Segundo as cláusulas do contrato, o mesmo valeria por um ano, podendo ser prorrogado até 31 de dezembro de 1943 e seu salário corresponderia a quatro contos de réis, correspondentes a 12 horas de aulas semanais. Já no Diário Oficial de 24 de fevereiro de 1941, consta a prorrogação do contrato de Bassi e mais 17 professores e assistentes da FNFi até 31 de dezembro do mesmo ano.

mais nas Atas da Congregação da Faculdade Nacional de Filosofia do Rio de Janeiro.

Com o advento da Segunda Guerra Mundial e a participação do Brasil na mesma, muitos docentes contratados para atuarem nas Universidades brasileiras (USP e UB) retornaram a seus países de origem. Foi o caso, por exemplo, de Luigi Fantappiè, matemático italiano que chegou em solo brasileiro no ano de 1934 para assumir a Cátedra de Geometria Superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP (TÁBOAS, 2005, p. 44; SILVA, 2003, p. 133). Outro matemático italiano que lecionava na Universidade de São Paulo e retornou ao seu país devido a causas bélicas foi Giacomo Albanese, porém, o mesmo regressou ao Brasil no ano de 1946 devido a um convite da Escola Politécnica (SILVA, 2003, p. 133). Já na FNFi do Rio de Janeiro, podemos citar o nome de Gabrielle Mammana que retornou à Itália no ano de 1943 indicando para substituí-lo, seu assistente, José Abdelhay (1917 – 1996) (SILVA, 2003, p. 137).

Enquanto os profissionais estrangeiros não retornavam a seus países, verifica-se que no dia 25 de abril de 1942 foi publicado no Diário Oficial a conversão do julgamento em diligência sobre a prorrogação dos contratos dos professores estrangeiros que aqui atuavam¹⁰. A justificativa para a conversão em diligência foi o fato da renovação desses contratos datar de 31 de dezembro de 1941 enquanto que, o rompimento das relações diplomáticas do Brasil com a Itália ocorreu em 28 de janeiro de 1942. Após alguns meses, no dia 9 de junho de 1942 foi então publicado a decisão final do ministro Bernardino de Souza sobre a recusa de registro de alguns professores¹¹, com os seguintes dizeres:

O Sr. Ministro Bernardino de Souza votou pela recusa de registro dos mencionados contratos, por entender que não é possível contratar-se com pessoas pertencentes ao país com o qual o Brasil rompeu relações diplomáticas e ainda em face do decreto-lei n. 4.166, de 11 de março último (BRASIL, 1942b, p. 9376)

¹⁰ Os nomes eram: Achille Bassi, Benedetto Zunini, Gabrielle Mammana, Luigi Sobrero, Giulio Dolci, José Hornung, Thusnelda Arens, Herta Meyer e Hans Erhard Lange.

¹¹ Os nomes: Dalberto Faggiani, Luigi Boglioto, Camillo Porlezza, Karl Arens, Achille Bassi, Benedetto Zunini, Gabrielle Mammana, Giulio Dolci e José Hornung.

O decreto-lei ao qual o diário oficial faz referência trata das indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil que foi promulgada após o ataque do navio brasileiro Taubaté no mar Mediterrâneo em 22 de março de 1941 por forças aéreas alemãs. De acordo com o referido decreto-lei:

CONSIDERANDO que as informações que possui o Governo denotam que a responsabilidade dos atentados deve ser atribuída às forças armadas alemãs, mas que, por outro lado, a aliança, para fins de guerra, existente entre a Alemanha, o Japão e a Itália, torna estas potências necessariamente solidárias na agressão;(...)

DECRETA:

Art. 1º Os bens e direitos dos súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas, respondem pelo prejuízo que, para, os bens e direitos do Estado Brasileiro, e para a vida, os bens e os direitos das pessoas físicas ou jurídicas brasileiras, domiciliadas ou residentes no Brasil, resultaram, ou resultarem, de atos de agressão praticados pela Alemanha, pelo Japão ou pela Itália.

Art. 2º Será transferida para o Banco do Brasil, ou, onde este não tiver agência, para as repartições encarregadas da arrecadação de impostos devidos à União, uma parte de todos os depósitos bancários, ou obrigações de natureza patrimonial superiores a dois contos de réis, de que sejam titulares súditos alemães, japoneses e italianos, pessoas físicas ou jurídicas (BRASIL, 1942a).

Durante esse período, Bassi enviou algumas cartas ao ministro Capanema, relatando a situação em que se encontrava, destacando a evolução do curso que ministrava de Geometria Superior na FNFi e, ainda, lembrando as promessas do governo brasileiro em mantê-lo no cargo¹². Entretanto, a sua situação somente foi regularizada em fevereiro de 1943, quando foi readmitido em seu cargo (SILVA, 2002, p. 117). Tanto que, em 1945 o nome de Achille Bassi aparece novamente como responsável pela cadeira de Geometria Superior na Faculdade Nacional de Filosofia (FÁVERO *et al*, 1991, p. 67).

Ainda no ano de 1943, o matemático foi convidado a lecionar um curso de Topologia na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de

¹² Esse foi um período difícil na vida de Achille Bassi, pois acabou passando por dificuldades financeiras, lecionando algumas aulas particulares para que pudesse sustentar sua família (DAMIÃO, 2014).

São Paulo (BASSI, 1961b, p. 7 – 8). Além deste, consta no Anuário da Escola de Engenharia de São Carlos que Bassi ministrou várias conferências sobre Topologia Combinatória na USP durante o ano de 1942 (ANUÁRIO, 1959, p. 58). Segundo Silva (2002, p. 117), o personagem também lecionou a disciplina de Geometria Superior na FFCL da USP após a saída de Giacomo Albanese desta instituição de ensino.

Diante do exposto acima, segundo Clóvis P. da Silva (2003, p. 133), foi a partir da década de 1930 que se verificou indícios de uma formação da comunidade matemática brasileira. Essa comunidade científica pode ser inferida por nós através de suas atuações, entre elas a fundação de sociedades de Matemática, as publicações em torno da organização de revistas ou periódicos, etc. Segundo esse autor:

Antes dessa data havia entre alguns matemáticos brasileiros [...] a preocupação também de fazer pesquisa matemática e publicar seu resultado. Porém, a partir da segunda metade da década de 1930, já observamos outros sinais por parte dos membros da comunidade matemática brasileira, como, por exemplo, a preocupação em fazer pesquisa científica continuada. Com efeito, após um breve tempo, percebe-se a incorporação, por parte da comunidade matemática brasileira, do verdadeiro espírito da pesquisa científica, qual seja, a preocupação em considerar também, em suas pesquisas, a importância, para a comunidade matemática internacional, dos resultados obtidos em seus trabalhos.

Após essa fase, notamos um outro importante sinal: a preocupação de alguns mestres em formar discípulos em suas áreas de pesquisas. Um outro sinal que percebemos: o desejo, por parte dos membros da comunidade matemática brasileira, de se congregarem em associações de âmbito local ou nacional, bem como de criar revistas periódicas especializadas em Matemática, que seriam os espaços para publicar os resultados de suas pesquisas (SILVA, 2003, p. 133).

Apesar do abalo nas relações internacionais por conta da Guerra, as missões estrangeiras de professores nas universidades brasileiras começavam a traduzir seus esforços em realizações acadêmicas que alteraram de forma significativa a Educação Superior no país. Pois, nesse sentido de organizar uma comunidade matemática de forma a divulgar os trabalhos de pesquisa que estavam sendo desenvolvidos, caracterizando assim uma circulação do conhecimento matemático, no ano de 1945 foi criada a Sociedade de Matemática

de São Paulo (a primeira do gênero no Brasil), que ajudou a divulgar a pesquisa matemática em todo o território nacional. Essa Sociedade que foi criada também com a participação de professores estrangeiros fundou no ano seguinte o *Boletim de Matemática de São Paulo*, onde “iniciou-se a publicação regular de uma revista especializada em Matemática, que teve duração longa” (TRIVIZOLI, 2008, p. 43) Segundo Lucieli M. Trivizoli:

A partir da criação dessa Sociedade, é possível perceber os sinais da organização de uma comunidade matemática brasileira preocupada com a melhoria da qualidade da produção matemática no país, com o objetivo de publicar e divulgar os resultados obtidos nas pesquisas brasileiras (TRIVIZOLI, 2008, resumo).

Nesse período também foi organizada uma revista de divulgação científica matemática para o Ensino Superior no Rio de Janeiro. Antonio Aniceto Monteiro, matemático português, “junt[amente] com um grupo de matemáticos liderados por Lélío Gama e Leopoldo Nachbin, funda, em 1945, a *Summa Brasiliensis Mathematicae*, a primeira revista de Matemática Superior, no Rio de Janeiro, com projeção internacional” (SILVA, 2011, p. 8).

Contribuindo com a circulação do conhecimento matemático, ao longo do ano de 1945¹³ Achille Bassi proferiu algumas conferências, entre elas uma aula inaugural dos cursos da Universidade de Minas Gerais, atual Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Tal palestra gerou a publicação na Revista Brasileira de Estatística, ano VIII, nº 32 de 1948 o texto intitulado *A Matemática Moderna e a necessidade de sua difusão*, onde emitiu a ideia de que “as teorias nas quais melhor se exprimiam os caracteres da Matemática atual eram três: a álgebra moderna, a topologia e a lógica matemática” (BASSI, 1961a, p. I). E, em 1949, também pronunciou algumas conferências em São Luis do Maranhão sobre a Matemática Moderna (BASSI, 1961b, p. 9).

Desta forma, diante das características do período apresentadas acima, da criação de sociedades científicas de Matemática, de revistas periódicas com o intuito de publicar as pesquisas matemáticas que estavam em desenvolvimento e também da criação e posterior expansão da Universidade de

¹³ Neste mesmo ano nasceu o segundo filho de Achille Bassi: Adalberto Bono Maurizio Sacchi Bassi.

São Paulo, a década de 1940 pode ser considerada a “precursora de período de efervescência para a consolidação da pesquisa matemática em nosso país” (SILVA, 2007, p. 578). Além disso, em 1942 começaram a ser defendidos os primeiros doutoramentos em Matemática na FFCL, que sistematizou e formalizou o desenvolvimento dessas pesquisas matemáticas (SILVA, 2007, p. 586).

Todavia, devido aos problemas enfrentados por Bassi no Rio de Janeiro, tais como a não nomeação de assistente e a falta de uma Biblioteca orientada à investigação, o mesmo aceitou um contrato com a Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais¹⁴ no ano de 1947 com o objetivo de “fundar uma escola matemática”, o que segundo ele próprio não tinha conseguido realizar no Rio de Janeiro (BASSI, 1961b, p. 7 – 8). O convite para atuar na referida instituição partiu principalmente do professor Christóvam Colombo dos Santos (1890-1981)¹⁵ que teve participação importante no cenário matemático brasileiro. Nesta ocasião, pediu para que cláusulas fossem inseridas no contrato com o objetivo de garantir a nomeação de assistentes e, principalmente, garantir o recebimento de verba para a Biblioteca. Mas, logo houve uma mudança na administração da Universidade e as cláusulas do contrato não foram cumpridas. (BASSI, 1961b, p. 8). Bassi permaneceu na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais de 2 de fevereiro de 1948 a 6 de março de 1953 (PROC. 6366-53, fl. 36). Nessa mesma Universidade, ministrou um curso de Introdução à Matemática Moderna na Escola de Engenharia no ano de 1950¹⁶ (ANUÁRIO, 1959, p. 58).

¹⁴ Entretanto, a família de Bassi permaneceu em Niterói – RJ e então foram concedidas a ele algumas facilidades quanto aos horários para que o mesmo pudesse se deslocar do Rio de Janeiro à Minas Gerais semanalmente (BASSI, 1961b, p. 8).

¹⁵ O Professor Dr. Christóvam Colombo dos Santos foi engenheiro e catedrático da Escola de Engenharia de Ouro Preto e também em Belo Horizonte. Entre seus livros publicados com conteúdos relacionados à Matemática e à Física encontramos: *Bases Culturais da Matemática de 1972* e *Teoria da Relatividade Especial de Einstein de 1973*.

¹⁶ Em Minas Gerais, o nome de Bassi aparece como comissão julgadora de concurso para provimento de cadeiras na Escola de Minas e Metalurgia em alguns diários oficiais, primeiramente para a cadeira de Cálculo Infinitesimal publicado em 18 de novembro de 1948, depois para a cadeira de Geometria Analítica publicado em 4 de junho e em 6 de setembro de 1949. Ainda em 1949, Bassi tornou-se pai pela terceira vez. Seu filho caçula recebeu o nome de Alberto Ippolito Achille Sacchi Bassi.

Devido aos problemas enfrentados pelo matemático também em Minas Gerais, o mesmo assinou, em agosto de 1950, um contrato com a Universidade do Brasil para trabalhar na Escola Nacional de Minas e Metalurgia válido por um ano. Segundo o termo de contrato, Bassi assumiu a função de Professor Regente da VI Cadeira de Mecânica Racional da referida Escola¹⁷.

Por meio das publicações nos Diários Oficiais da época¹⁸, vemos que a partir da década de 1950 Bassi passou a lecionar tanto em Minas Gerais como também continuou seu trabalho na FNFi no Rio de Janeiro, o que acarretou, segundo ele próprio, em “grandes sacrifícios pessoais”¹⁹ (BASSI, 1961b, p. 8). Segundo Nelo Alan que foi aluno de Bassi na década de 50 na FNFi, em entrevista, referindo-se a Achille Bassi: “ele dava aula também em Niterói na Fluminense e em Belo Horizonte, vivia voando de um lugar para outro” (ALAN *apud* SILVA, 2002, p. 113).

É importante ressaltar que no início da década de 1950 o matemático também fez uma viagem à Itália e por se julgar “de escassa utilidade, para o desenvolvimento dos estudos matemáticos do Brasil” devido aos problemas burocráticos que estava enfrentando nas instituições brasileiras, prestou um concurso aberto na Itália para o provimento de três cadeiras universitárias (BASSI, 1961b, p. 9). Este fato nos mostra que em algum momento o personagem estudado pensava em retornar ao seu país de origem por estar descontente com o contexto educacional e político brasileiro adotado nas instituições onde atuou.

Até aqui abordamos o contexto da formação acadêmica de Bassi e seus primeiros anos no Brasil atuando em instituições do Rio de Janeiro e Minas Gerais. Nos próximos subitens trataremos da atuação do matemático já na USP

¹⁷ Com dezoito horas de trabalho semanais e salário de oito mil e quatrocentos cruzeiros. A cláusula terceira dizia: “O Contratado obriga-se a residir em Ouro Preto ou lugar próximo do mesmo, do qual possa alcançar a Escola Nacional de Minas e Metalurgia, à hora necessária”, entretanto, segundo Ada Bassi Damiano, seu pai nunca chegou a residir em Ouro Preto, continuou morando em Niterói, o que o obrigava a continuar fazendo longas viagens semanais enquanto perdurou seu contrato até dezembro de 1952 (TERMO DE CONTRATO, 1950).

¹⁸ No diário de 5 de janeiro de 1952 foi publicado a aprovação da admissão de Achille Bassi como contratado extranumerário para a FNFi, nessa contratação Bassi assumiu a função de professor de Topologia da Cadeira de Matemática e Análise Superior.

¹⁹ Pois sua esposa era cardíaca e isso o impediu de levá-la para morar no planalto.

de São Carlos e, ainda nesta instituição, de sua contribuição em relação a organização e manutenção de uma biblioteca que hoje recebe o seu nome.

1.2. Período de atuação em São Carlos

No início da década de 1950, em novembro de 1952, Achille Bassi recebeu o convite para organizar e chefiar o Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos. Esse convite partiu do então diretor da Escola, o Professor Theodoreto de Arruda Souto (1910 - ?) (BASSI, 1961b, p. 9), que lhe foi apresentado pelo Professor Professor José Octavio Monteiro de Camargo (?- 1963), engenheiro mecânico-eletricista, professor da Escola Politécnica da USP e amigo pessoal de Theodoreto.

A Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), integrante da USP, foi criada em por meio da Lei Estadual nº 161 de 24 de setembro de 1948 que dispunha sobre a criação de instituições de ensino superior no interior do Estado de São Paulo. Foi, então, implementada pela Lei nº 1968 de 16 de dezembro de 1952 que definiu sua estrutura tanto administrativa quanto didática. Sua aula inaugural foi proferida pelo governador do Estado de São Paulo, o engenheiro Lucas Nogueira Garcez (1913 – 1982) no dia 18 de abril de 1953 e o início das aulas ocorreu no dia 22 do mesmo mês.

A presença e pronunciamento do governador do Estado no dia da inauguração da EESC nos indica um apoio governamental na criação dessa instituição de ensino que será tratado nos próximos parágrafos. Nogueira Garcez, engenheiro que havia cursado seu ensino secundário em São Carlos, falou neste dia sobre *A influência da Engenharia Sanitária no Progresso Nacional* (ANUÁRIO, 1954, p. 99).

No livro *Universidade de São Paulo - Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948-1971* os autores Paolo Nosella e Ester Buffa trataram da história dos primeiros tempos da EESC-USP e, segundo esses pesquisadores:

Com efeito, a criação da EESC/USP não é um fato isolado. A grande expansão do ensino superior paulista aconteceu nos vinte anos situados entre 1950 e 1970 (Pastore, 1972, p. 11, 12). [...] Tal fato se deve ao incremento do processo de

industrialização/urbanização das cidades do interior paulista. Como se sabe, esse processo demanda uma escolarização mais prolongada de maior parte da população. Empregos nos setores burocráticos-administrativos, no setor da saúde, de transporte, bancário, comercial, escolar e industrial pressionam a expansão do ensino superior. Inicialmente, surgem em várias cidades faculdades particulares. Nesse momento, o governo estadual se dá conta de que não pode eximir-se de seu papel na criação e expansão da rede de ensino superior interiorana. A intenção do governador Adhemar de Barros de criar uma universidade no interior se inscreve nesse contexto (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 28).

Esse contexto explorado acima resume o momento econômico do interior paulista, mas também não podemos deixar de citar que a conjuntura da criação da Escola de Engenharia ocorreu após a Segunda Guerra Mundial, que intensificou o interesse por pesquisas tecnológicas, em especial no Brasil. Tanto que,

Com efeito, sabe-se que nos anos do pós-guerra, [...], o governo e a sociedade em geral sensibilizaram-se pela Tecnologia, até mesmo porque a guerra fora marcadamente tecnológica. Na década de 50, criou-se ainda o Conselho Nacional de Pesquisa, agência fundamental para o desenvolvimento tecnológico (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 30).

O trecho acima sobre a criação do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq), corrobora com a perspectiva de Dantes e Hamburger (1996, p. 22) de que “a inserção da atividade científica no planejamento governamental concretizou-se, com a criação do Conselho Nacional de Pesquisas, órgão responsável pelo financiamento de projetos, a nova forma de organização do trabalho científico, em nível internacional”. Além do CNPq, cuja missão ainda hoje é “promover e fomentar o desenvolvimento científico e tecnológico do país e contribuir na formulação das políticas nacionais de ciência e tecnologia” (CNPq, [s.d]), ainda em 1951, foi criada também a Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, atual Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), cujo objetivo era o de “assegurar a existência de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficientes para atender às necessidades dos empreendimentos públicos e privados que visam o desenvolvimento do país (CAPES, [s.d]). Esses dois órgãos/agências de fomento foram de extrema importância para o

desenvolvimento da Ciência brasileira, e financiaram projetos tanto na FFCL/USP como na EESC/USP e, posteriormente, em Institutos que foram sendo criados, promovendo a expansão, consolidação e divulgação de pesquisas relacionadas às diversas áreas do conhecimento.

Desta forma,

Não foi difícil perceber a relação entre as preocupações desenvolvimentistas do Brasil no pós-guerra e o plano pedagógico da Escola, sobretudo no que diz respeito às pesquisas tecnológicas. Mais evidente, ainda, foi a relação entre a preocupação do Estado em desenvolver o interior e a própria criação da Escola de Engenharia de São Carlos (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 20).

Nesse sentido de fundar órgãos que contribuíssem com o desenvolvimento da ciência no país, não podemos deixar de citar a criação do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) que ocorreu em 1952. Este Instituto, situado no Rio de Janeiro, foi a primeira unidade de pesquisa criada pelo CNPq e, a princípio, dedicou-se a formar pesquisadores e professores de Matemática sem ter um curso de Pós-Graduação formalizado.

Assim, como já citado acima, a criação de todos esses órgãos caracterizou o momento cultural do Brasil no pós-guerra, em que foi dada uma ênfase maior à pesquisa, em especial, tecnológica e, por esse motivo, houve um investimento financeiro maior em órgãos que tivessem este fim. Essa valorização do tecnológico e da industrialização não era uma característica apenas dos governos estaduais, ou especificamente do governo paulista, mas seguiam um padrão nacional, pois segundo Caputo e Melo (2009, p. 514) o Brasil, “País de industrialização retardatária, a partir dos anos de 1930 e, sobretudo, depois da Segunda Guerra Mundial, teve um fabuloso crescimento econômico, consolidando seu setor industrial como o eixo dinâmico da economia”.

Desta forma, a criação da EESC em 1948 seguiu também esta mesma recomendação. O próprio Achille Bassi, em seu Memorial, relatou que a visão do Diretor da EESC, o Professor Theodoro de Arruda Souto, era “decididamente orientada para a investigação” (BASSI, 1961b, p. 9). Buffa e Nosella (2000, p. 38) também mencionam essa característica da Escola de Engenharia e do diretor da mesma, relatando que:

Naturalmente, a determinação do diretor de priorizar a pesquisa científica e técnica não se aplica apenas pelo fato de situar-se a Escola numa tranqüila cidade do interior. As razões mais importantes foram a vinculação da EESC à Universidade de São Paulo e o clima cultural do pós-guerra, que privilegiava a pesquisa tecnológica.

No Anuário da EESC do ano de 1953 também foram citados os princípios gerais norteadores dessa Escola: “seleção rigorosa do Corpo Docente, nível científico elevado, critério moderno na confecção dos currícula, desenvolvimento da pesquisa científica e técnica, por vários meios, instituição da carreira do professor” (ANUÁRIO, 1954, p. 43). E, como o empenho em pesquisas que servissem a industrialização e a valorização tecnológica era uma política deste período, a contratação dos especialistas também seguiu essa recomendação:

O Diretor da EESC/USP acatou as orientações da USP que recomendavam uma rigorosa seleção de docentes, com nível científico elevado e atualizado, uma grande preocupação com a pesquisa e com a carreira docente e uma assistência à indústria local. Desse modo, a Escola não seria apenas um veículo de divulgação da ciência, mas uma instituição destinada à criar conhecimentos e produzir trabalhos para beneficiar a coletividade (MENINO, 2001, p. 75)

Achille Bassi aceitou o convite do Diretor da Theodoreto e, portanto, tornou-se o primeiro Professor do Departamento de Matemática da EESC contratado em 25 de fevereiro de 1953²⁰ para reger a cátedra nº 12 de Geometria por três anos (ANUÁRIO, 1954, p. 63). Essa cadeira de nº 12 era reunida, ou seja, compreendia mais de uma disciplina que, neste caso, eram: “Geometria Analítica e Elementos de Geometria Projetiva” e “Geometria Descritiva, com Desenho” (ANUÁRIO, 1954, p. 29).

²⁰ No mesmo ano do início das atividades da Escola da Engenharia, foi publicado o resumo do termo de contrato entre Bassi e a FNFi da Universidade do Brasil em 7 de janeiro de 1953 para a mesma função que exercia anteriormente (professor de Topologia), com salário de seis mil e oitenta cruzeiros e com duração de um ano a partir da assinatura do contrato que ocorreu em 23 de dezembro do ano anterior. Posteriormente, em 4 de maio de 1954 foi aprovada a renovação de contrato de Bassi por um ano como Professor Regente da Disciplina de Análise Topológica com o mesmo salário (BRASIL, 1953, 1954b), levando-o a percorrer o trajeto Niterói – São Carlos semanalmente.

Assim que assumiu o cargo em São Carlos, começando suas atividades no prédio provisório da Casa d'Itália²¹, Bassi foi notificado de que vencera o concurso que prestara na Itália e, por intermédio dessa aprovação, poderia assumir uma cadeira na Universidade de Palermo e outra na Universidade de Pisa, esta última onde tinha concluído seus estudos universitários. Entretanto, o matemático recusou a oferta das cadeiras mencionadas por não querer:

[...] sair do Brasil justamente no momento em que se coroavam [seus] esforços de 15 anos de vida brasileira, endereçados a fundar aqui uma escola científica e, portanto, renunci[ou] à posição de catedrático efetivo, na Itália, numa Universidade de primeira ordem, fato êste sem precedentes na história cultural das duas nações e muito comentado aqui e lá (BASSI, 1961b, p. 10).

O documento citado acima trata-se do *MEMORIAL* de Achille Bassi. Este documento foi produzido como requisito exigido pelo edital do concurso de cátedra que o mesmo prestou para sua efetivação como docente da Escola de Engenharia. Sendo assim, o candidato teceu comentários de forma elogiosa a si mesmo, já que seu objetivo maior era a aprovação no concurso.

Além do documento citado acima, em discurso proferido no dia 20 de setembro de 1953, na ocasião da visita do Cônsul italiano Luigi Martelli e do Adido Cultural Edoardo Bizzari à EESC, Bassi justificou sua recusa de cargo na Itália e escolha de permanência no Brasil. Os motivos provavelmente foram dois, primeiramente, o investimento dado à iniciante Biblioteca de São Carlos com a assinatura de muitas revistas e aquisição de coleções e, em segundo lugar, a orientação dada à carreira do professor universitário que exigiam certo grau de conhecimento científico. O professor Bassi conclui dizendo que:

Foi assim que eu, já professor em Bolonha, e com possibilidade de voltar à Itália como catedrático, fui conquistado

²¹ Embora as atividades da EESC tenham começado no prédio Casa D'Itália cedido pela comunidade Dante Alighieri, por meio da Lei Municipal nº 1521 de 1952, a Municipalidade de São Carlos doou o terreno para a construção definitiva da Escola com aproximadamente cem mil metros quadrados de área. E, nos dois anos seguintes, 1953 e 1954, através de mais duas leis municipais (nº 1777 e nº 1946, respectivamente) foram doadas novas áreas para a construção da Escola, áreas essas, vizinhas do primeiro terreno cedido, em um total de mais 56500 metros quadrados (ANUÁRIO, 1957, p. 5 – 7).

pelo Brasil. O responsável, quase diria, o culpado de tudo isso foi o Doutor Souto, que conseguiu atrair-me com tão belas perspectivas, para cuja realização acho que vale a pena trabalhar (BASSI, 1953 *apud* ANUÁRIO, 1954, p. 125).

Ao refletirmos sobre a visita desses diplomatas à EESC e, em consequência, sobre o discurso de Bassi exaltando as qualidades da nova Escola, levantamos algumas hipóteses. Em primeiro lugar, o matemático era italiano, além de chefe do Departamento de Matemática e, provavelmente por este motivo foi escolhido para proferir o discurso. Além disso, no ano seguinte ao da visita do cônsul e adido cultural italiano, foram contratados mais dois matemáticos vindos da Itália para lecionarem na Escola de Engenharia. Estes foram convidados pelo próprio Bassi. Por fim, as atividades da Escola de Engenharia estavam sendo realizadas no prédio cedido pela sociedade Dante Alighieri, sociedade italiana fundada em 1889 e, desta forma, o empréstimo do prédio deveria ser justificado pela qualidade da instituição.

Ao decidir ficar no Brasil, o personagem iniciou seus trabalhos na EESC com empenho e dedicação, objetivando transformar aquela pequena Escola em uma Universidade “grande”. O próprio Bassi divulgou essa ideia no discurso mencionado acima:

A Escola de Engenharia que VV. Excias. estão visitando é, portanto, uma Escola situada numa cidade relativamente pequena. Mas, para fazer compreender os fins aos quais se destina a Escola, tenho desde já a salientar um ponto básico, sem o qual a fundação da mesma tornar-se-ia pouco compreensível. Este ponto básico é o seguinte: *Universidade em cidade pequena não quer dizer Universidade pequena* (BASSI, 1953 *apud* ANUÁRIO, 1954, p. 118).

A última frase do discurso acima reflete o clima nacional desenvolvimentista brasileiro da época, conforme já mencionamos anteriormente. Mas, além disso, havia em São Carlos “um certo espírito pioneiro do interior paulista, que pretendia firmar uma tradição, como dissera o diretor [Theodoreto A. Souto] em algumas ocasiões” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 44). E, além disso, “a EESC tinha por retaguarda [...] a USP, a mais importante universidade do país, que, pela primeira vez, tentava a experiência de um campus distante da sede com seu nome” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 44).

Ainda no mesmo discurso, Bassi destacou que os problemas que a EESC enfrentava eram três: dificuldades para conseguir aparelhamento bibliográfico indispensável, pois eram escassos e caros, também em obter mestres para trabalhar na Escola e, por fim, dificuldade em encontrar pessoas que quisessem se dedicar à ciência (ANUÁRIO, 1954, p. 125 -126).

Quanto à contratação de docentes, no ano de 1954²², um ano após a criação da EESC, Bassi tratou de contratar professores de acordo com suas exigências. Trouxe, da Itália, os professores Ubaldo Richard da Universidade de Turim e Jorés Cecconi da Universidade de Pisa para as cadeiras de Mecânica Geral e de Cálculo. (ANUÁRIO, 1957, p. 24-27; ANUÁRIO, 1959, p. 110 – 112).

Segundo Buffa e Nosella (2000, p. 40):

[...] nessa época do pós-guerra, a Europa, com enormes dificuldades, reconstruía tanto seu patrimônio quanto suas finanças, tragicamente abalados. Assim, o êxodo de grandes intelectuais e até mesmo a vinda de obras de arte tornavam-se necessários à Europa e interessantes ao Brasil, que oferecia salários atrativos [...]

Sobre a vinda de Matemáticos para o Brasil no período do pós-guerra de forma a exemplificar o trecho acima, podemos destacar “o grupo de matemáticos, na sua maioria franceses, de pseudônimo Nicolas Bourbaki” para a Universidade de São Paulo por períodos entre os anos de 1945 e 1966 (PIRES, 2006, p. 1). Esse grupo, um dos mais reconhecidos entre os matemáticos, tinha como principal objetivo “reconstruir o todo da Matemática – clássica e moderna – numa ampla base geral de forma a encerrá-lo como um estudo unificado (PIRES, 2006, p. 1). A importância desse grupo está relacionada à sua ligação com o Movimento da Matemática Moderna.

Ainda refletindo sobre a citação acima, se por um lado, os salários eram atraentes para os docentes segundo a autora, por outro, sabemos que a permanência dos mesmos era dificultada com a exigência de renovação de títulos, o que talvez tenha propiciado o retorno da maioria deles para seus países de origem. Além disso, em algumas cartas do matemático encontramos

²² Após assumir a chefia do Departamento de Matemática em São Carlos, no dia 12 de novembro de 1954, Bassi ainda participou da comissão julgadora para provimento do cargo de Professor Catedrático para a Cadeira de Mecânica Racional da Escola Nacional de Minas e Metalurgia (BRASIL, 1954a).

comparações de salários de docentes italianos com o dos brasileiros, o que descarta a afirmação de salários atrativos para docentes. Obviamente, a questão de salário não pode ser generalizada, mas como estamos tratando da EESC, Escola integrante da USP, acreditamos que os salários de seus docentes fossem o parâmetro da época, como ainda o é.

Além da preocupação em contratar novos docentes, Achille Bassi também passou a preocupar-se com sua efetivação como professor da Escola de Engenharia, para isso, foi informado que deveria renovar tanto seu curso secundário como também superior, ou seja, teria que passar por uma série de exames escritos e orais que tratavam de estudos literários e matemáticos. Tal tarefa ocupou bastante tempo de Bassi, tanto que avisou seus assistentes que não poderia orientá-los por determinado tempo ao qual dedicar-se-ia aos estudos. Essa necessidade de renovação de seus cursos o deixou descontente:

Acabei fazendo todos estes estudos: os literários, bem interessantes (que fiz com boa vontade e muito bom êxito, recebendo, às vezes, elogios especiais da Comissão Examinadora) embora, na minha opinião, desnecessários e até importunos para pessoas, como eu, que tinham tarefas por demais prementes e diferentes e também os exames na própria matemática (exigência esta absolutamente sem cabimento, a meu ver) (BASSI, 1961b, p. 10).

Bassi terminou a tarefa de revalidação de seus diplomas apenas em 1957²³, quando então retomou suas atividades acadêmicas junto à Escola de Engenharia de São Carlos. A partir de 1958²⁴ organizou um curso de doutoramento na referida Escola e orientou seu assistente Gilberto Francisco Loibel em sua tese de doutorado.

²³ Durante esse período em que Bassi se preparava para os exames de revalidação dos diplomas, mais uma vez, foi publicado em Diário Oficial, especificamente do dia 6 de dezembro de 1956, o seu resumo do termo de contrato firmado com a Universidade do Brasil. A função exercida seria a de Professor Regente com salário de seis mil e oitenta cruzeiros, com validade durante o referido ano (BRASIL, 1956). Já no ano seguinte, 1957, o contrato assinado entre Bassi e a Universidade do Brasil teve uma mudança de função e salário. O resumo do contrato publicado no dia 15 de junho de 1957 traz como função “Encarregado de curso” e um salário duplicado no valor de catorze mil e quinhentos cruzeiros (BRASIL, 1957).

²⁴ Também em 1958 Bassi teve seu contrato com a UB renovado para exercer o mesmo cargo de Encarregado de Curso, com o mesmo salário. A renovação de contrato de Bassi com a Universidade do Brasil foi publicado no Diário Oficial do dia 29 de dezembro de 1958 (BRASIL, 1958).

Loibel, que se formou em Matemática pela FFCL/USP em 1955, foi contratado como instrutor da Cadeira de Geometria da EESC no ano de 1956 (ANUÁRIO, 1957, p. 53-54) e seu nome também aparece como instrutor da Cadeira de Cálculo no ano seguinte (ANUÁRIO, 1958, p. 45).

Segundo o prontuário do Professor Achille Bassi, o mesmo conseguiu afastamento de 1 a 20 de julho de 1957 para participar do 1º Colóquio Brasileiro de Matemática e, no texto *Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática: identificação de um Registro*, Angélica Raiz Calábria publicou a lista de conferencistas do Congresso, onde se encontra o nome de Bassi como responsável por proferir a palestra intitulada *Decomposição de Variedades* (CALÁBRIA, 2010, p. 158). O destaque dado aqui ao I Colóquio deve-se ao fato de nunca antes ter ocorrido no Brasil a organização de um evento com o intuito de congregarem os vários matemáticos do país em um mesmo local para que pudessem expor suas pesquisas e realizar contato com os demais profissionais da área. A partir desta e de outras ações como criação do Conselho Nacional de Pesquisas e do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, podemos verificar o caminho percorrido na institucionalização da pesquisa Matemática no Brasil, pois seguiu as “quatro componentes fundamentais para que ocorra a institucionalização, a saber: ensino, pesquisa, divulgação e aplicação do conhecimento” (GOLDFARB; FERRAZ, 2002 *apud* BELTRAN *et al*, 2014, p. 13).

Sobre os colóquios de matemática, Cavalari destacou:

Os colóquios foram os primeiros eventos científicos, em território nacional, que congregaram especificamente matemáticos. Em suas primeiras edições foram realizados cursos e conferências de diferentes níveis. Alguns textos que norteavam os cursos e conferências desses Colóquios, posteriormente, foram publicados e utilizados como livros didáticos. Tais publicações contribuíram para o início de uma literatura matemática brasileira (CAVALARI, 2012, p. 7).

Embora já lecionasse na Cadeira de Geometria da EESC, o personagem resolveu prestar o concurso para assumi-la de forma definitiva. Após o adiamento do concurso, o mesmo ocorreu no dia 1 de agosto de 1961 para provimento efetivo do cargo de Professor Catedrático da Cadeira Reunida

nº12 (Geometria) que era compreendida pelas disciplinas “Geometria Analítica e Projetiva” e “Complementos de Geometria e Geometria Descritiva”²⁵.

Para provimento da Cadeira, Bassi apresentou a tese *A dualidade nas álgebras de Boole topológicas e suas consequências*, onde apresenta considerações de álgebra, topologia e lógica. Segundo o matemático, a origem desse tema ocorreu em 1947, quando lecionou o curso de extensão em Topologia na FNFi no Rio de Janeiro. Durante o referido curso, observou que “na teoria da dualidade nos espaços topológicos não havia, no [seu] parecer, uma sistematização satisfatória e, tecendo considerações sobre êste assunto, introdu[ziu], desde aquela época, o conceito de semidualidade, que cham[ou] então de “dualidade condicionada”” (BASSI, 1961a, p. I). E, após a candidatura para a efetivação de seu cargo na EESC, achou oportuno trabalhar com o mesmo tema.

O matemático foi aprovado no referido concurso²⁶ e a tabela abaixo mostra as notas atribuídas ao candidato pelos titulares da banca:

Comissão Julgadora	Julgamento Títulos	Prova Didática	Defesa Tese	Médias
Benedito Castrucci	10	8,5	9,5	9,33
Cândido Lima da Silva Dias	9,0	8,0	8,0	8,33
Christovam Colombo dos Santos	10	8,0	10	9,33
Edison Farah	10	8,5	9,0	9,16
Othon Nogueira	10	8,0	9,5	9,16

²⁵ O concurso teve um único candidato, o Professor Achille Bassi e a banca, a princípio, foi constituída pelos seguintes professores: Benedito Castrucci da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (FFCL/USP); Cândido Lima da Silva Dias da mesma instituição; Christovam Colombo dos Santos da Escola de Engenharia da Universidade de Minas Gerais; Edison Farah também da FFCL/USP e Kuo-Tsai Chen do Instituto Tecnológico da Aeronáutica. Os suplentes nomeados foram os Doutores: Othon Nogueira da Escola Nacional de Engenharia da UB e Paschoal Villaboim Filho da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Rio de Janeiro (BRASIL, 1961a, 1961b).

²⁶ Três meses após Bassi assumir em caráter definitivo a cadeira de Geometria da EESC, teve de se afastar devido a um tratamento de saúde, ficando por mais de um ano afastado de suas atividades acadêmicas e retornando apenas no início de 1963. (BASSI, 1964c, p. 1). No mesmo ano de seu retorno, no mês de outubro, mais uma vez teve que se afastar até janeiro do próximo ano a fim de se submeter a três intervenções cirúrgicas (BASSI, 1964c, p. 1).

Tabela 1 – Notas atribuídas a Achille Bassi na defesa de Tese para provimento efetivo da Cadeira de nº 12 (Geometria) da EESC

Sobre a tese apresentada por Bassi no concurso para provimento vitalício da Cátedra de Geometria, o Professor Morency Arouca (1930 – 1989) afirmou que: “Sua tese de Cátedra representa uma mudança na orientação dos seus estudos de investigação, que até então foram dedicados à Topologia Algébrica” (AROUCA, 1973, p. 4).

Assim como Bassi mudou sua linha de pesquisa, pois o conhecimento não é uniforme, mas construído com alterações e inserções, também a Matemática, fruto de uma produção humana, não está pronta e acabada. Essa ideia foi defendida publicamente pelo próprio personagem estudado, em uma aula inaugural da Universidade de Minas Gerais, ao afirmar que a Matemática era vítima de um preconceito, pois acreditavam alguns que a mesma já estava “acabada de construir ou quase construída; que, em última análise, já ultrapassou sua fase criadora mais importante e agora está destinada a um desenvolvimento vagaroso. Não haveria, pois, necessidade de insistir muito sobre pesquisas a serem feitas nela” (BASSI, 1948, p. 845). Mesmo defendendo este ponto de vista, a visão de A. Bassi sobre a Matemática seguia a hoje chamada perspectiva da historiografia tradicional, já que em alguns momentos citou o “progresso da Matemática”, os “gênios matemáticos” e que o “continente asiático despertou de um sono milenário” (BASSI, 1948, p. 846), o que era comum na sua época e até mesmo nos dias atuais. Tanto que Tomas Kuhn, em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas* publicado em 1962 ainda refletia características de uma historiografia tradicional, pois “propôs a quebra da ideia de progresso contínuo para explicar o desenvolvimento da ciência, ainda assim, permanece a ideia de que a ciência evolui” (BELTRAN *et al*, 2014, p. 42), embora também não possamos negar sua importância por valorizar a História da Ciência como uma forma para refletir sobre a própria ciência.

Durante o ano de 1963²⁷, foi concedido a Achille Bassi uma licença de 1 ano a partir de 10 de julho, prorrogada por mais 5 meses, a fim de que

²⁷ No ano anterior, 1962, quando Loibel retornou dos Estados Unidos, onde realizou um curso de pós-doutorado na Universidade da Califórnia e recebeu o convite para reger a Cadeira de Cálculo, teve início um programa mais intenso de pós-graduação na EESC. “De certo modo, naquele período o Prof. Loibel era a pós-graduação, pois o Prof. Bassi não o auxiliou nessa

ficasse à disposição do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), com o objetivo de desenvolver pesquisas de sua especialidade junto ao IMPA (Instituto de Matemática Pura e Aplicada) (PRONTUÁRIO). Após ter completado um ano de pesquisa, o matemático escreveu o texto intitulado *EXPOSIÇÃO DAS PESQUISAS REALIZADAS PELO PROF. ACHILLE BASSI durante afastamento concedido nos termos do artigo 2º, da Lei nº 6.826/92*, em que relatou seu trabalho de investigação durante o tempo em que esteve afastado: a Teoria dos Polinômios Topológicos. Segundo o personagem, os polinômios topológicos são uma generalização dos polinômios clássicos de Boole. Nesse texto, também relatou que em junho de 1964, com o auxílio dessa nova teoria, conseguiu demonstrar um teorema sobre Operadores Topológicos no qual consegue determinar todos os operadores topológicos capazes de introduzir em uma Álgebra de Boole geral uma Topologia. Esse problema tinha sido proposto 25 anos antes e até então não tinha sido resolvido (BASSI, 1964b, p. 2). Ao fazer o pedido de prorrogação por 5 meses de sua permanência no IMPA, Bassi justificou esse pedido por tencionar:

- 1) Estabelecer contato científico com o Prof. Otto Endler da Universidade de Roma. [...]
- 2) Redigir, em forma definitiva, a nova teoria dos Polinômios Topológicos [...]
- 3) Reestruturar os assuntos estudados num trabalho anterior sobre as dualidades em sistemas topológicos (BASSI, 1964a, p. 1 – 2).

O Professor Arouca, em seu discurso de 1973, confirmou o desenvolvimento da pesquisa realizada por Bassi no IMPA dizendo: “Em 1964, durante um estágio no Instituto de Matemática Pura e Aplicada do Conselho Nacional de Pesquisas, realizou a primeira elaboração da Teoria dos Polinômios Topológicos” (AROUCA, 1973, p. 5). Mas, antes disso, o personagem aqui estudado já havia desenvolvido a Teoria da Dualidade Geral, apresentada em sua tese de cátedra de 1961. Entretanto, não foram encontradas até o momento ressonâncias das mesmas em outros trabalhos de matemática do período²⁸.

tarifa, inclusive abriu não de novas orientações. Parte de seus auxiliares foram trabalhar com Loibel e outros procuraram o Prof. Nelson Onuchic, em Rio Claro” (MENINO, 2001, p. 104 - 105).

²⁸ Este é um tema a ser explorado em uma pesquisa posterior.

A respeito de ambas o matemático esclareceu:

Eu mesmo, depois de ter revalidado meus títulos de estudo, construí na Matemática duas teorias novas: a da Dualidade Geral e a dos Polinômios Topológicos, já expostos por mim, a convite, em Simpósio Internacional. Recentemente recebi um honroso convite, feito pessoalmente pelo presidente do último Congresso Internacional dos Matemáticos, para dê-lo participar (BASSI, 1967d, p. 4).

O Congresso citado no trecho acima refere-se a uma viagem científica realizada pelo matemático em 1965 à Itália e aos Estados Unidos, com o objetivo de proferir uma conferência no Instituto de Alta Matemática em Roma e também estabelecer contatos com cientistas norte-americanos. Após retornar dessa viagem, relatou sua experiência em cartas enviadas ao Professor Theodore de Arruda Souto (BASSI, 1965a), o então Diretor da EESC, ao Professor Luiz Antonio da Gama e Silva, Reitor da USP (BASSI, 1966o) e à D. Suzana Gonçalves, Executiva da CAPES (BASSI, 1966p).

Já em 1971, Achille Bassi também enviou uma carta ao Prof. Dr. Morency Arouca, solicitando um novo afastamento do magistério da EESC para dedicar-se aos trabalhos de investigação científica junto ao IMPA pelo prazo de um ano. Nessa carta, justificou a importância do estudo dos polinômios topológicos, ressaltando que tratou desse tema na viagem que fez à Itália no ano de 1965 e que recebeu convites para fazer outras conferências sobre esse tema, inclusive em um Congresso Internacional que ocorreu em Moscou em 1966, no qual não pode participar. O matemático também afirmou não ver outra solução de forma a “recuperar, ao menos em parte, o tempo que t[em] de subtrair ao trabalho científico, se não dedicar-[s]e (...), por algum tempo exclusivamente a ele” (BASSI, 1971c, p. 2) e este estudo deveria ocorrer no IMPA por não haver em São Carlos especialistas em Álgebra Moderna. Ao justificar sua solicitação, ressaltou que:

Devo salientar o interesse que este estágio tem também para os futuros trabalhos científicos do Departamento. As teorias novas são as mais aptas a atrair e treinar os jovens para a investigação, e não tenho dúvidas que o novo campo de estudos poderá rapidamente tornar-se objeto de numerosos trabalhos científicos, se eu tiver a calma e a concentração necessárias

para redigir as Memórias básicas sobre tais assuntos (BASSI, 1971c, p. 2).

Ainda na década de 1960, Bassi começou a se dedicar aos estudos de História da Ciência. Passou, então, a estudar a vida e a obra de Galileu Galilei. A esse respeito, o Professor Arouca ressaltou:

A partir de 1965, vinha se dedicando a estudos da História da Ciência, sobre o momento da formação, na Idade Moderna, de espírito científico, estudos que centralizou na figura de Galileu Galilei, máximo criador da mentalidade do cientista, já tendo publicado estudo sobre este assunto (AROUCA, 1973, p. 5).

Foi notório o crescimento da História da Ciência após a Segunda Guerra Mundial. Este fato pôde ser observado a partir do grande aumento de publicações, congressos e sociedades relativas a essa área (VIDEIRA, 2007, p. 112), exemplo disso foi a mudança de orientação de estudos de Bassi. Essa História da Ciência praticada entre os anos de 1950 e 2000, caracterizada por Videira (2007, p. 131) como sua primeira fase historiográfica, foi marcada por uma visão positivista e presentista, em que a “ciência é apresentada como um corpo de conhecimento, teologicamente estruturado, experimental”. Ainda segundo esse autor, a “influência do positivismo foi tão forte, que, durante boa parte desse século, ele constituiu a primeira força de influência sobre a história da ciência” (VIDEIRA, 2007, p. 132). Essa visão positivista,

[...] defendia a idéia de progresso linear, cumulativo e direcionado para um determinado ponto de fuga; a saber: a verdade. A ciência conheceria antecipadamente o seu ponto de chegada. O progresso, no domínio da ciência, seria principalmente teórico, de natureza cognitiva e dependente da genialidade de grandes homens, considerados gênios da ciência (VIDEIRA, 2007, p. 132).

Ainda sobre essa perspectiva da historiografia tradicional, segundo Beltran *et al* (2014, p. 20), “o passado é visto com os olhos de hoje. Admite-se que a ciência teria se desenvolvido progressiva e linearmente. Nesta perspectiva, a História da Ciência representaria o progresso do espírito humano e da sociedade”. Desta forma, as características dessa perspectiva seriam:

- Narra uma história da ciência linear e progressista

- Tem como modelo as ciências físicas (mecânicas) e matemáticas
- Seleciona no passado apenas o que parece ter permanecido
- Dá ênfase em erros e acertos
- Busca os “precursores” e os “pais” da ciência moderna
- Parte da distinção entre “ciência” e “pseudociência” (BELTRAN *et al*, 2014, p. 34)

O personagem aqui estudado era claramente adepto dessa posição, por defender a Europa como o coração do planeta no que se referia as descobertas matemáticas (BASSI, 1948, p. 848), caracterizando assim, uma visão eurocêntrica do conhecimento. Além disso, defendia o progresso da Matemática e tratava alguns matemáticos como grandes gênios ou vultos. E, embora em determinado momento afirmou que a ciência é “filha do ambiente social” (BASSI, 1948, p. 849), nos remetendo a uma perspectiva externalista de escrever a História da Ciência, em que se “analisa a ciência como uma atividade humana que, para ser compreendida, precisa ser estudada no contexto social, político e econômico da época (BELTRAN *et al*, 2014, p. 37), em nenhum de seus textos sobre Galileu utilizou dessa perspectiva.

A visão sobre Ciência do matemático era a seguinte:

É oportuno que os estadistas, as instituições, os homens de recursos financeiros sejam advertidos de que sem ciência pura não se faz ciência aplicada, e que sem ciência aplicada, em estilo suficientemente grande, jamais qualquer país pode dar passos seguros no campo de sua economia. De que a Matemática é uma Deusa generosa, que sempre desenvolveu a cada país, multiplicados por mil, os presentes dele recebidos. De que a ciência é a mais prodigiosa criadora de riquezas que jamais o homem teve ao seu serviço. De que os países que mais cuidaram da ciência se tornaram ricos e os outros ficaram mais pobres. De que um país pobre tem que cuidar da ciência porque está necessitado disso, e se é rico, porque o pode fazer (BASSI, 1948, p. 855 – 856).

No trecho acima, essa exaltação por parte de Bassi das ciências puras, reflete o espírito da época do pós-guerra, pois

[...] Para esses dois últimos países [Brasil e Argentina], [...], a questão que se colocava dizia respeito à “súbita” conscientização que setores das suas intelectualidade e elite político-acadêmica passaram a mostrar para com o fato de que a ciência transformara-se no principal fator de desenvolvimento

econômico. Sem ciência, não haveria chance para país algum chegar a ser considerado desenvolvido. Até aquela data, a ciência era personagem relativamente desconhecida e esquecida para a grande maioria da população mundial, que se encontrava nos países que não integravam o círculo pequeno das nações mais poderosas (VIDEIRA, 2004, p. 281 – 282).

Em cartas enviadas em dezembro de 1965 e janeiro de 1966, relatando sua viagem científica à Itália e aos Estados Unidos, Bassi também defendeu a importância da História da Ciência:

Mas, além de muito de novo que está sendo cultivado, vejo com prazer cultivado e reconhecido de maneira oficial e que serve de indispensável ligação entre o velho e o novo. Isto é, a História da Ciência, para a qual foram criadas cátedras novas em várias Universidades. Vejo isto com muito prazer, porque é meu convencimento ser a História das Ciências não mera erudição, mas arma indispensável para avaliar de maneira – mais profunda, afora das tendências de modas passageiras, também o valor dos problemas da ciência de hoje (BASSI, 1966p, p. 2).

O matemático continuou se dedicando aos estudos sobre Galileu Galilei por vários anos. Primeiramente, em 26 de outubro de 1966, em carta enviada à Livraria Beltrami de Florença (Itália), encomendou o livro “Galilei - Discorsi e dimostrazioni matematiche attorno a due nuove scienze”, de Borighieri (BASSI, 1966l, p. 1). Mais tarde, em carta enviada ao Professor Francisco Magalhães Gomes de Belo Horizonte datada de 22 de agosto de 1967, afirmou que: “A figura de Galileu parece-me tão fascinante que provavelmente irei fazer um estudo mais amplo sobre ele” (BASSI, 1967a). E realmente o fez, pois, segundo a carta datada de 27 de fevereiro de 1970 e endereçada à Senhora Hiroko Uchida, então bibliotecária–chefe do Instituto Astronômico e Geofísico da USP, não apenas justificou o atraso na devolução do livro “Discorsi e dimostrazioni matematiche intorno à due nuove scienze” de autoria de Galileu, como também fez agradecimentos ao Prof. Abraão de Moraes e à Biblioteca por permitir que tivesse acesso por um período maior de tempo aos livros de Galileu.

Devido à sua formação intelectual, o personagem era favorável ao estudo de disciplinas humanistas, tanto que dedicou estudos à História da Matemática sobre a vida e obra de Galileu, conforme já mencionado. A esse

respeito, também lutou pela implantação da disciplina de História das Ideias Filosóficas e Científicas no curso de Engenharia da EESC, chegando a entrar em contato com o Professor Miguel Reale (1910 - 2006) da Faculdade de Direito da USP a fim colher informações sobre a viabilidade da inclusão dessa disciplina nos programas da Escola.

Acreditamos que a ideia da inclusão da disciplina citada acima ainda reflete a valorização da História da Ciência por cientistas após a Segunda Guerra Mundial, quando “a ciência ganhou definitivamente a atenção de pessoas e sociedades humanas, que, até então, não se preocupavam muito com a sua existência” (VIDEIRA, 2004, p. 280) e, como forma de aproximar a ciência da sociedade, alguns historiadores da ciência utilizaram dos recursos da História da Ciência para esclarecer o que a Ciência era e qual foi o seu desenvolvimento, o que culminou também em publicações desse tipo em revistas reconhecidas internacionalmente (VIDEIRA, 2004, p. 281).

Miguel Reale, filósofo, jurista, educador e poeta, a quem Bassi se dirigiu, foi favorável às ideias apresentadas e ainda acrescentou que a disciplina deveria ter caráter obrigatório e não optativo. Então, em carta enviada ao Diretor Theodoreto de Arruda Souto e os demais colegas da Congregação da Escola, datada do dia 23 de novembro de 1967, Bassi argumentou da seguinte forma:

O desejo de ter na Escola cursos humanistas provém, provavelmente, da constatação das graves deficiências que nestes assuntos os nossos estudantes têm geralmente, as quais, por opinião muito difundida e com a qual concordo, provém de terem eles frequentemente recebido um ensino secundário deficiente.

Tenho entretanto minha opinião formada de que o ensino secundário deveria ter como fim principal preparar, cultural e moralmente, o cidadão, isto é, formar elementos humanos não desorientados na sociedade em que vivem, mas possuidores de um espírito crítico próprio em relação a fatos dos quais serão, neste mundo, inevitavelmente as testemunhas.

O ensino superior deveria ter, ao invés, a finalidade principal de preparar também o profissional, o artista, o técnico e o pesquisador, elementos dos quais o País também muito precisa (BASSI, 1967b, p. 1 – 2).

Ainda, para justificar suas ideias, o matemático comparou a educação brasileira, carregada de deficiências culturais, com a de outros países como a Suíça e os Estados Unidos, nações que também introduziram disciplinas

humanistas nas Escolas de Engenharia e, segundo o autor, essas atitudes foram tomadas por essas nações por também terem sido formados por população heterogênea, assim como o Brasil (BASSI, 1967b, p. 2 – 3).

O personagem não só defendeu a inclusão da disciplina em sua carta, como também ressaltou que havia uma “contradição entre o atual vestibular e a introdução do curso humanista na Escola” (BASSI, 1967b, p. 3), mas deixou claro que respeitaria a decisão da Congregação e defenderia a posição tomada no Conselho Universitário, mostrando assim uma posição ética em relação aos demais membros que o elegeram como representante no Conselho.

Embora a Escola de Engenharia funcionasse desde 1953, foi apenas em 1969, através da Portaria GR-987 de 4 de dezembro que foi criado um curso específico de Matemática, já que grande parte do corpo docente da Escola era composta por matemáticos, mas que lecionavam e formavam engenheiros. O curso de Bacharelado em Matemática foi então criado em 1969 e teve autorização de funcionamento em 15 de setembro de 1971 por meio do Decreto Federal nº 69.207, no qual autorizou o funcionamento dos Cursos de Engenharia Eletrotécnica, Engenharia de Produção e de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo (EESC, [s.d.]a).

Além do clima de incentivo científico e tecnológico do pós-guerra, entre as razões que levaram a criação de um curso de Matemática no interior paulista, devemos citar a criação do próprio *campus* da USP de São Carlos. Não podemos esquecer que, como já mencionado, as atividades da Escola de Engenharia tiveram início na Casa D'Itália, enquanto não se tinha o próprio *campus* universitário, desta forma, o pedido de criação de cursos novos para o início do ano de 1969 visava “garantir a criação do referido *Campus*” (MENINO, 2001, p. 109). A própria Ata da Congregação da EESC cita essa razão:

Na oportunidade, é ressaltada que os representantes da Escola deveriam lutar com todas as armas que lhes são dadas, junto ao Egrégio Conselho Universitário, no sentido de obter a criação de, pelo menos os cinco primeiros cursos, o que viria garantir a criação do *Campus* de São Carlos (Ata da Congregação da EESC/USP do dia 22.11.68, Livro I, p. 130, 131v. *apud* MENINO, 2001, p. 110).

Uma característica da Escola sempre foi sua integração com a comunidade de São Carlos, que também teve papel significativo na criação da EESC. Essa integração “acompanhou por muitos anos o crescimento da Escola e, talvez, ainda hoje a caracterize, distinguindo-a de outras instituições similares” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 35). Desta forma, com o objetivo de conquistar o *Campus* da USP de São Carlos seguiu esta mesma linha, buscando “junto a população, apoio à causa, conscientizando-a da importância do fato” (MENINO, 2001, p. 110).

Na data de 14 de fevereiro de 1970, Bassi enviou o ofício DM-11/70 ao Prof. Dr. Rubens Lima Pereira, então Diretor da EESC, informando que no dia anterior o Conselho do Departamento tinha sido eleito e que o mesmo procedeu à eleição para o Chefe e Suplente do Departamento de Matemática. Os eleitos foram Achille Bassi como chefe e Loibel como suplente (BASSI, 1970b). A importância desse ofício está no fato de Bassi não ter sido imposto como chefe do Departamento de Matemática, mas ter sido eleito pelos membros do Conselho, o que demonstra que o seu trabalho como gestor agradava aos demais²⁹.

Ainda citando seu trabalho como gestor, na década de 1970, Bassi também teve participação crucial na criação do Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos (ICMSC) por ser membro do Conselho Universitário. Esse Instituto foi criado no dia 28 de dezembro de 1971, juntamente com o Instituto de Química e Física (IQFSC) pelo Decreto Estadual nº 52850 (EESC, 2014b).

Sem descurar de suas atividades científicas, na qualidade de representante da Egrégia Congregação da Escola de Engenharia de São Carlos, desenvolveu brilhante atividade no Conselho Universitário na época da Reforma, tendo, entre outras realizações, contribuído decisivamente para a criação de mais duas Unidades da USP em São Carlos: o Instituto de Ciências Matemáticas e o de Física e Química (AROUCA, 1973, p. 5 - 6).

²⁹ Já no ano seguinte, em 1971, com a demissão do Professor Loibel, o Conselho se reuniu para eleição do novo suplente. E, de acordo com o ofício enviado por Bassi DM-41/71 ao Professor Morency Arouca, que assumiu a direção da Escola de Engenharia no ano de 1970, o professor eleito pelo prazo de um ano foi Mário Saab, que passou a ser suplente de Achille Bassi (BASSI, 1971a).

O Boletim da Biblioteca do ICMC também publicou um texto em que foi confirmada a participação de Achille Bassi na criação do Instituto:

Representante da Congregação da Escola de Engenharia de São Carlos, da Universidade de São Paulo, no Conselho Universitário, onde contribuiu decisivamente para a criação do Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos, da Universidade de São Paulo (ICMC, 1971).

Achille Bassi assumiu, então, o cargo de primeiro diretor *pro-tempore* do referido Instituto por meio do ato do Reitor de 02.02.1971, publicado no Diário Oficial do dia 04 de fevereiro de 1971 e retificado no dia seguinte.

O próprio matemático afirmou que sua dedicação à criação do Instituto de Matemática o afastou das atividades científicas por ocupar boa parte do seu tempo: “Com efeito, sucedeu ao período de absorvente trabalho da Reforma Universitária, trabalho que, tendo-me dedicado a ele com grande afincio, me afastou um pouco das atividades científicas” (BASSI, 1972b, p. 1).

Ao retornar do afastamento concedido para realizar pesquisas no IMPA, em março de 1972, reassumiu suas funções na posição de Diretor do Instituto criado no ano anterior e enviou uma carta ao Professor Antônio Guimarães Ferri, onde relatou sobre os estudos aos quais se dedicou no Instituto de Matemática Pura e Aplicada:

Estava eu empenhado, desde algum tempo, em construir uma Teoria completamente nova (sobre as “Algebras de Boole com Operador de Fecho”), acerca da qual já tinha obtido resultados interessantes, mas de caráter isolado.

Neste ano de afastamento consegui, para minha grande satisfação, compor estes resultados numa Teoria coerente, que estou agora expondo no Curso de Pós-Graduação, iniciado no segundo semestre deste ano (BASSI, 1972b, p. 1).

Já no ano seguinte, no dia 5 de janeiro de 1973, foi nomeado pelo Reitor Prof. Dr. Miguel Reale como Diretor do Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos, agora não mais como diretor *pro-tempore*, mas sim, como diretor efetivo do novo Instituto (PROC. 6366-53).

Após a nomeação de Bassi como Diretor do Instituto de Ciências Matemáticas, o mesmo permaneceu à frente do referido Instituto por mais onze meses de trabalho, completando assim mais de 20 anos de dedicação à USP de São Carlos, interrompidos pelo seu falecimento no dia 29 de novembro de 1973.

1.3 Criação de uma Biblioteca

Desde que Achille Bassi chegou ao Brasil em 1939, uma de suas principais preocupações foi a criação de uma Biblioteca orientada à investigação Matemática. Ao verificar a ausência de uma biblioteca desse porte no Rio de Janeiro, o personagem fez um projeto para a criação da mesma, no qual expôs a necessidade e importância desta para o desenvolvimento da pesquisa Matemática no Brasil (BASSI, 1961b, p. 7).

Esse projeto para a criação de uma Biblioteca empreendido por Bassi recebeu ajuda do Professor Joaquim da Costa Ribeiro (1906 – 1960), que o “defendeu calorosamente” na Congregação da FNFi e que resultou na sua aprovação. Entretanto, o mesmo foi barrado em análises administrativas posteriores e fracassou (BASSI, 1961b, p. 7).

O Professor Costa Ribeiro, mencionado acima, era Engenheiro Civil e Engenheiro Mecânico-Eletricista pela Escola Nacional de Engenharia da UB. Próximo a década de 1940, passou a estudar temas relacionados à Física e ficou conhecido pelo “efeito termodielético” publicado em 1944 pelos Anais da Academia Brasileira de Ciências. A partir de 1946, Ribeiro tornou-se professor de Física Geral e Experimental na FNFi. O projeto de Achille Bassi, para poder ter recebido apoio do professor Costa Ribeiro, foi escrito entre 1946 e 1947, já que, embora o matemático tenha continuado a lecionar esporadicamente na FNFi, em 1947 transferiu-se para a Universidade de Minas Gerais (UMG).

Antes de assinar o contrato com a Faculdade de Filosofia da UMG, Achille Bassi solicitou que algumas cláusulas fossem acrescentadas referentes à nomeação de assistentes e à disponibilização de verba para a criação de uma Biblioteca. Entretanto, com uma mudança de direção administrativa, as cláusulas do contrato não foram respeitadas e o personagem passou a reivindicar o cumprimento das mesmas junto à Reitoria da Universidade. A Reitoria

respondeu ao professor em relação ao seu pedido de implantação de uma biblioteca que “à Universidade de Minas Gerais não interessa[va]m estudos abstratos” (BASSI, 1961b, p. 8 - 9).

Verificamos através dos relatos acima que Bassi desde que chegou ao Brasil tinha como meta a criação de uma Biblioteca orientada à investigação Matemática, sendo a primeira tentativa de implementação da mesma na FNFi e, em um segundo momento, na UMG. Todavia, ambas tentativas foram fracassadas.

Desta forma, ao aceitar um cargo na EESC como chefe do Departamento de Matemática e catedrático de Geometria em 1953, as principais preocupações do personagem eram: contratar professores para lecionarem no Departamento que fossem cientistas, além de manter o objetivo de formar uma Biblioteca.

Bassi conquistou essas duas metas na Escola de Engenharia de São Carlos. Mas, antes mesmo de assumir burocraticamente seu cargo, já estava empenhado em organizar a Biblioteca, tanto que, existem livros tombados e com data de aquisição anterior a 1953 (LOIBEL, 2000), livros raros, coleções antigas, quando a EESC ainda não tinha começado suas atividades com os discentes.

Acreditamos que o fato da EESC gozar de autonomia administrativa, financeira e didática foi crucial para a instalação da Biblioteca, mas não apenas isso, os princípios gerais que nortearam a organização da Escola também contribuíram decisivamente para este fim, pois eram orientados ao desenvolvimento da pesquisa científica.

Essa ênfase dada à pesquisa também era assumida pelo Professor Theodoreto Henrique Ignacio de Arruda Souto, diretor da Escola de Engenharia de dezembro de 1952 a novembro de 1967. Encontramos na Tese de Cátedra de Achille Bassi um agradecimento especial ao Professor Souto:

Ao acabar este trabalho, desejo endereçar meus pensamentos ao Professor Doutor Theodoreto de Arruda Souto, Digníssimo Diretor desta Escola, que não limitou esforços para que o Departamento de Matemática tivesse, desde os primeiros anos de funcionamento da Escola, uma biblioteca condigna, que permitisse um sério trabalho de investigação, e que, sempre, em qualquer circunstância, estimulou na Escola o espírito de pesquisa, ao qual este trabalho também deve a sua existência (BASSI, 1961a, p. VI).

Entretanto, mais importante ainda para a consolidação de uma Biblioteca em São Carlos, foi a vontade e o empenho de Achille Bassi resumido pelo Professor Gilberto F. Loibel da seguinte forma:

O fundador do Departamento foi o Prof. Achille Bassi, que já estava no Brasil, mas é italiano, estudou na Itália e formou-se na Itália, e foi incumbido pelo então diretor a organizar o Departamento de Matemática. Ele colocou algumas condições como sendo importantes para a formação desse Departamento e uma delas foi a possibilidade de adquirir livros e revistas em quantidade suficiente e qualidade adequada para que se formasse um centro de pesquisas matemáticas nesse Departamento (LOIBEL, 2000).

Nessa mesma linha de pensamento de Bassi, no sentido de investir cada vez mais em material para a biblioteca, a missão da mesma seria “o suporte de suas atividades [universitárias] sejam elas de ensino, pesquisa ou extensão. Dessa forma, deve-se priorizar recursos informacionais, infra-estrutura e serviços adequados para a atividade definidas por cada Instituição” (OLIVEIRA, 2002, p. 207 *apud* MACHADO, 2009, p. 22). Embora o trecho citado seja de 2002, acreditamos que esta também fosse a visão do matemático e que além disso, defendia e praticava a importação de livros europeus, caracterizando assim uma circulação do conhecimento no período. Esta visão de importação de material europeu também reflete uma interação mundial, uma tentativa de inserção dos estudantes brasileiros no campo da pesquisa matemática da época.

Ainda sobre a implementação de uma biblioteca orientada à investigação em São Carlos, no texto que trata das *Realizações do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos desde sua fundação até 31/12/1966* afirmou-se que “na época, havia no Brasil uma só biblioteca matemática com estas características, situada na cidade de São Paulo”. Entretanto, em apenas três anos conseguiu-se montar “uma biblioteca boa, também em sentido internacional, que permitisse um sério trabalho de investigação científica”, graças aos esforços tanto de Bassi como também do governo estadual, cujo governador era o Prof. Lucas Nogueira Garcez (PROC. 6366-53, fl. 66).

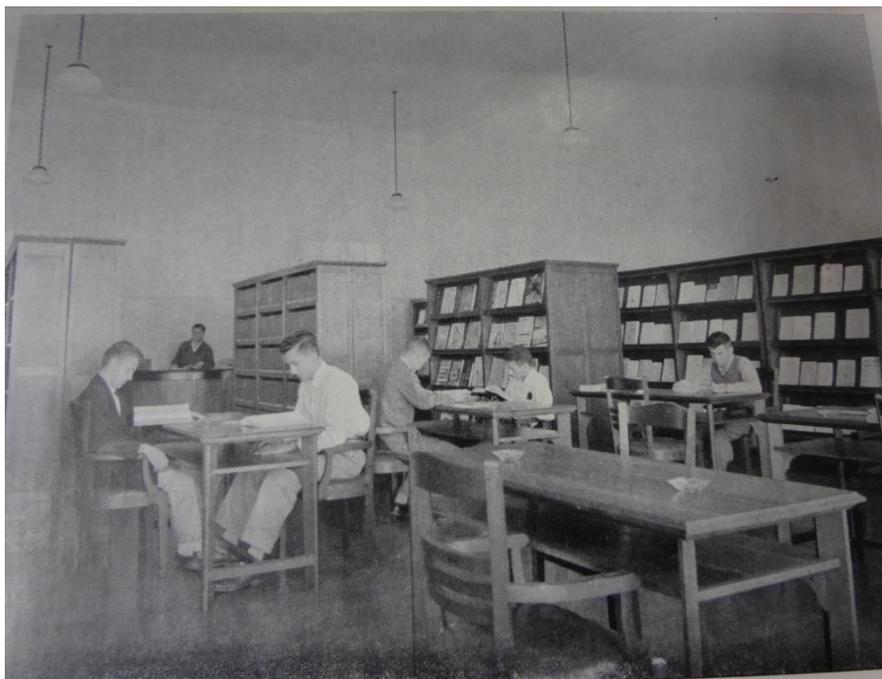


Figura 03 – Vista parcial da Biblioteca da EESC.
Fonte: Anuário da Escola de Engenharia de São Carlos de 1953.

Para a aquisição das obras, o matemático se aproveitou do momento que a Europa passava após a Segunda Guerra Mundial, no qual muitas famílias tiveram que se desfazer de livros e coleções inteiras, além de Bibliotecas que também tiveram que extinguir seus acervos:

Na época do pós-guerra, quando a Europa vivia enormes dificuldades, para reconstruir seu patrimônio e suas finanças tragicamente abaladas, o êxodo de grandes intelectuais e até mesmo a venda de obras de arte eram fatos necessários e interessantes para o Brasil, que oferecia aos cientistas salários atrativos e comprava obras (BUFFA; NOSELLA, 1998, p. 16 *apud* MENINO, 2001, p. 76).

Essa tarefa assumida pelo matemático, se deu através do contato com livreiros, recordado pelo Professor Ubiratan D'Ambrósio:

Na época existiam muitos livreiros, um dos quais, o Sr. Santo Vanasia, que andou por toda a Europa comprando as bibliotecas dos países em situação difícil. Então, esse homem possuía uma Biblioteca com acervo notável (coleções completas de livros e revistas). A esse senhor, o Professor Bassi pediu auxílio para constituir a biblioteca de São Carlos. Além disso, Bassi tinha uma boa formação matemática, que lhe permitia distinguir o que

era relevante comprar. Então, Santo Vanasia, que chegava com os catálogos com tudo o que havia de importante, tornou-se um quase fornecedor oficial de obras para a referida Biblioteca (D'AMBRÓSIO *apud* MENINO, 2001, p. 88-89).

Obviamente, ao empreender essa missão, o personagem encontrou dificuldades, primeiramente porque os conflitos gerados pela Segunda Guerra destruíram muitas livrarias e coleções, além disso, os Estados Unidos também estavam disputando a compra de material europeu, o que obrigava o Brasil a enfrentar também essa concorrência (ANUÁRIO, 1954, p. 125). Bassi confirmou essa disputa de livros com a América do Norte no documento que tratou das Realizações do Departamento de Matemática da EESC até o ano de 1966, onde afirmou que seus primeiros anos à frente do Departamento foram dedicados a organizar uma biblioteca que:

Constituiu uma árdua tarefa, dificultada pela destruição, na Europa, devido à guerra, de importantes depósitos de livros e pela fortíssima competição aquisitiva dos Estados Unidos que, na mesma época, estava equipando numerosas bibliotecas novas de várias universidades (PROC. 6366-53, fl. 66).

Aos poucos, com a especial atenção dada ao equipamento da Biblioteca, esta foi se “constituindo legítimo orgulho do Corpo Docente e dos alunos” da Escola de Engenharia (ANUÁRIO, 1956, p. 72). Esse orgulho deveu-se principalmente ao crescimento do acervo que até 31 de dezembro de 1953, primeiro ano de funcionamento da Biblioteca, já possuía 212 volumes de obras de referência, 1218 volumes caracterizados como outras obras, 108 títulos de assinaturas de revistas, 18 títulos de coleções existentes, em um total de 1173 volumes. Ou seja, toda a coleção da biblioteca totalizava 2603 volumes e ainda havia encomenda de 32 coleções, num total de 916 volumes (ANUÁRIO, 1954, p. 54). A maioria dessas encomendas listadas no Anuário da EESC de 1953 eram obras relacionadas à Matemática.

Em 1955, o número de obras de Biblioteca também aumentou consideravelmente, atingindo a quantidade de 4380 livros e 3010 coleções, em um total de 7390 obras, além de assinaturas de revistas que totalizavam 220 títulos (ANUÁRIO, 1956, p. 45). Essa quantia foi aumentando ano a ano, tanto que, em 1956 a Biblioteca possuía 8554 obras, em 1957 atingiu um total de

11153 (ANUÁRIO, 1958, p. 56) e em 1958 totalizou 12188 obras no acervo (ANUÁRIO, 1959, p. 129).

Com a criação do Instituto de Ciências Matemáticas em 29 de dezembro de 1971, hoje Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC/USP), parte do acervo da Biblioteca da EESC foi transferida para a Biblioteca do referido Instituto que atualmente recebe o nome de “Biblioteca Achille Bassi” e foi inaugurada em 12 de setembro de 1974, como homenagem ao primeiro Professor Titular do Departamento de Matemática da Escola e também primeiro Diretor do ICMC (SIBI, [s.d.]). Mas essa homenagem deveu-se, principalmente, ao esforço desse matemático em lutar pela biblioteca, uma de suas maiores preocupações desde que assumiu seu cargo na Escola de Engenharia:

Ali organizei, em primeiro lugar, uma biblioteca matemática de investigação, que é reconhecida uma das melhores da América do Sul. Isto permitiu a este Departamento tornar-se um dos mais ativos centros de investigação. Com efeito, o Departamento de Matemática já publicou, apesar de sua curta vida, trabalhos de investigação, em boa parte aceitos em revistas de primeira ordem e de renome internacional, fato este excepcional na matemática e que o põe em posição de relevância. Dêstes trabalhos, foram feitos na minha cadeira, uma grande parte (BASSI, 1967a, p. 4).

A criação da biblioteca da EESC ocorreu no período após a Segunda Guerra Mundial, em que surge a “consciência da necessidade de superação urgente do atraso tecnológico brasileiro” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 66). Além disso, já como uma consequência desse período, “o aspecto mais importante, que marcou, desde o início, o espírito da Escola foi a ênfase dada à pesquisa” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 37) e, por fim, atrelado a esses dois fatores iniciais, não podemos deixar de mencionar a formação intelectual de Bassi, italiano, acostumado a ter o acesso a bibliotecas de grande porte e importância para suas pesquisas. Desta forma, a visão do matemático e os demais membros da EESC era a de que o progresso da Ciência no Brasil dependia, entre outros fatores, de acervo bibliográfico de qualidade para consulta dos estudantes, o que justifica o empenho e orgulho coletivo em relação à Biblioteca:

Foi assim percebida esta outra verdade, que também moços possuidores de qualidades notáveis nada poderão fazer para o progresso da ciência se não lhes forem oportunamente fornecidos os necessários meios bibliográficos e tecnológicos, bem como a adequada orientação científica (ANUÁRIO, 1954, p. 123).

Em discurso proferido no dia 20 de setembro de 1953, na ocasião da visita do Consul e Adido Cultural italianos, Bassi expôs as recentes conquistas da Biblioteca, deixando claro que seu objetivo era de que o acervo de obras deveria ter pelo menos um terço da quantidade de publicações existentes em Universidades da Europa.

Como VV. Excias., estão vendo, está sendo formado um Departamento de Matemática em que desde logo seja possível um trabalho sério e intensivo. Tomaram-se assinaturas de uma centena de revistas e estão sendo adquiridas as suas principais coleções.

Prevejo que êsse trabalho de instalação poderá ser concluído, em linhas gerais e no que diz respeito à Matemática, no fim do ano que vem. As encomendas já feitas orçam em mais de Cr\$ 700.000,00, e o nosso Diretor, espírito de brasileiro de ampla visão, dinâmico e realizador, prometeu, ao contratar-me, que teríamos o dobro no ano próximo. Assim, vencidas que sejam dificuldades de outra natureza, das quais falarei em seguida, o primeiro obstáculo básico para a formação de uma verdadeira Universidade, no tocante à Matemática, será eliminado.

Para esclarecer bem a situação, no que se refere a êste assunto, direi que, se tudo, como acredito, tiver bom êxito, a Biblioteca de São Carlos possuirá, sempre no campo da Matemática, metade ou terça parte das publicações normalmente existentes numa boa Universidade europeia. Apesar disso, o nosso material, escolhido com muito cuidado, será suficiente para que se possa trabalhar. O amor à verdade me obriga a dizer que, na Itália, por exemplo, a nenhuma escola superior que lide com Matemática seria permitido funcionar com menos do que isso (ANUÁRIO, 1954, p. 124).

A luta de Achille Bassi pela criação de um Instituto de Matemática também estava relacionada à Biblioteca, pois segundo Loibel:

A situação da biblioteca, antes da separação do Instituto da Escola de Engenharia, era a seguinte: havia verbas para o material permanente. Muito bem, havendo doze departamentos – dos quais um era o de Matemática, outro era o de Física e Química e, depois, tudo quanto era departamento de Engenharia – o interesse era conduzir isso para os laboratórios.

Em seguida, pegava-se aquele restinho que sobrava para a biblioteca e dividia-se em doze partes iguais, das quais a Matemática – acho que já tinha sido criado o Departamento de Ciência da Computação – recebia duas pequenas partezinhas, que iam para a direção que nós estávamos interessados. Com a separação, nós tínhamos a nossa verba de material permanente que, em grande parte, era conduzida para a biblioteca, e a biblioteca está aí para testemunhar o acerto da coisa (LOIBEL, 2000).

Assim como Bassi desejou, que fosse dada uma atenção especial à Biblioteca, adquirindo sempre livros, coleções de revistas e periódicos, além de colocar em funcionamento uma seção de publicações e de encadernação (ANUÁRIO, 1954, p. 112), hoje, a Biblioteca Achille Bassi possui catorze livros raros de Matemática, quarenta mil exemplares de livros, cem mil fascículos de periódicos, além de ser considerada uma das maiores do Brasil nas áreas relacionadas ao ICMC, Matemática, Estatística e Computação (USP, [s.d.]a).

CAPÍTULO 2 – OS QUATRO PAPÉIS SOCIAIS DE ACHILLE BASSI

Ao longo da vida acadêmica de Achille Bassi defendemos que o mesmo assumiu quatro papéis sociais, sejam eles: o de professor, de pesquisador, de divulgador e o de gestor/empreendedor acadêmico. O personagem teve contribuições significativas em cada um desses papéis. Sendo assim, neste capítulo, apresentaremos essas contribuições acompanhadas de seus contextos de forma a caracterizar o processo histórico brasileiro no qual o matemático estava envolvido. Será dada uma maior ênfase no papel assumido de empreendedor acadêmico, pois foi o de maior relevância para consolidação de um espaço de ensino e pesquisa em Matemática no Brasil a partir da atuação do matemático na Escola de Engenharia de São Carlos e posterior Instituto de Matemática da Universidade de São Paulo.

Com o objetivo de tornar o texto mais fluido e didático, separamos os papéis assumidos pelo personagem em três subitens, entretanto, em alguns momentos o Achille Bassi professor se confunde com o pesquisador, com o divulgador ou com o empreendedor, pois uma atividade complementa a outra.

2.1. Achille Bassi como professor

Após aceitar o convite do governo brasileiro em 1939 para lecionar na FNFi, Bassi passou a reger a cadeira de Geometria nessa instituição (SILVA, 2006, p. 6). No ano seguinte, na mesma Faculdade, foi introduzida por Bassi a noção de Topologia Combinatória, até então desconhecida no Brasil, sendo que, a esse respeito, foi dedicado um curso de Geometria Superior (BASSI, 1961b, p. 6).

No ano de 1941, o matemático foi responsável por ministrar a disciplina de Geometria Superior e Complementos de Geometria Projetiva na FNFi para alunos dos cursos de Matemática e Física, totalizando uma carga horária de 6 horas semanais (SILVA, 2002, p. 110). E, ainda nessa instituição de ensino, organizou um curso de extensão bienal em que um de seus alunos foi Leopoldo Nachbin (1922 – 1993), considerado um dos mais importantes matemáticos brasileiros e membro fundador do CBPF (Centro Brasileiro de

Pesquisas Físicas) e do IMPA (Instituto Nacional de Matemática Pura e Aplicada). Nachbin, inclusive, elaborou um trabalho sob orientação de Achille Bassi (BASSI, 1961b, p. 6).

Além de toda essa atividade no Rio de Janeiro, o personagem também lecionou esporadicamente na FFCL da USP e em 1947 aceitou o convite para atuar como docente na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, onde permaneceu até 1952. Entretanto, ao serem desrespeitadas as cláusulas do seu contrato com a referida Universidade, foi obrigado a aceitar, concomitantemente, outro cargo na Escola Nacional de Minas e Metalurgia (BASSI, 1961b, p.8), incorporada à Universidade do Rio de Janeiro (URJ) desde 1931 e, conseqüentemente, à UB em 1945.

Em 1953, o matemático transferiu-se para a Escola de Engenharia de São Carlos com o objetivo de organizar o Departamento de Matemática e assumiu a cadeira de Geometria. Em São Carlos, além de lecionar as disciplinas da cadeira de Geometria, também organizou um curso de Doutorado e orientou seu assistente, o Professor Gilberto Francisco Loibel (BASSI, 1961b, p. 10).

A tese de Loibel, único orientando de Bassi, apresentada à EESC intitulou-se *Sobre Quase-Grupos Topológicos e Espaços com Multiplicação* e foi defendida em 1959. Esse tema foi sugerido pelo próprio matemático. Entretanto, embora Bassi tenha sido seu orientador oficial, quem o orientou extraoficialmente foi o professor Carlos Benjamin de Lyra (1927 – 1974) que era auxiliar da cadeira de Análise regida por Omar Catunda (1906 – 1986) na FFCL/USP. Lyra exerceu essa função entre os anos de 1954 a 1958 até que em 1959 passou a ser Professor Assistente Doutor do Departamento de Matemática da mesma instituição (COBRA, 2012, p. 6 – 7). Nos agradecimentos da tese de Loibel, encontra-se o trecho: “Agradecemos: [...] Ao prof. Carlos B. de Lyra por inúmeras valiosas sugestões e indicações bibliográficas, principalmente no que se refere ao quarto capítulo” (LOIBEL, 1959, p. IV). Fernanda Menino, em uma nota de rodapé de sua dissertação, também tratou desse tema:

O Prof. Loibel esclarece que como o Prof. Bassi era seu catedrático, ele que devia o orientar. Assim, Loibel seguia fielmente as leituras indicadas pelo Prof. Bassi, mas como o Bassi morava em Niterói e permanecia em São Carlos poucos

dias, raramente ele se dispunha a discutir com Loibel o que ele havia estudado. Assim, o Prof. Loibel continuou frequentando os seminários ministrados pelo Prof. Carlos Benjamin de Lyra na FFCL de São Paulo. Loibel afirma “o prof. Lyra me ensinou quase tudo que aprendi naquele tempo de Topologia Algébrica”, desse modo continuou viajando a revelia de seu orientador (MENINO, 2001, p. 103).

Acreditamos que um dos motivos da crise gerada na orientação de Loibel, foi o fato de Bassi trabalhar em São Carlos, mas sua família ainda residir em Niterói, no Rio de Janeiro, o que acarretava em algumas viagens semanais. Além disso, outro motivo que pode ter levado a tal situação, seria a função exercida pelo matemático que acumulava os cargos de professor e o cargo de chefe do Departamento de Matemática, o que exigia horas de trabalho semanal.

Para que o personagem fosse orientador de doutorado do Professor Loibel, ele teve que ser convencido:

Houve, em um tempo, alguma dificuldade em convencer o professor Bassi a me orientar. Ele achava que era cedo ainda. Realmente, talvez para padrões atuais fosse mesmo cedo, porque eu estava começando a pós graduação. Naquela época não existia mestrado, então eu propunha ao Professor Bassi:

- Muito bem, deixe que eu arrumo um orientador em São Paulo.
- Não, eu vou orientá-lo.
- Então, vamos tocar a orientação para a frente (LOIBEL, 2000).

Ainda tratando da atuação do matemático como professor, segundo documento anexo ao processo de contagem de tempo de serviço do mesmo, os trabalhos desenvolvidos por ele e que foram considerados como didáticos são: *O significado da Escola de Engenharia de São Carlos de 1953*, *Elementos de Geometria Projetiva* de 1954, *Elementos de Geometria Projetiva (edição ampliada)* de 1966, *Noções críticas elementares de topologia geral* de 1955, *Considerações introdutórias sobre os sistemas lógico-dedutivos* de 1956, *Problemas educacionais brasileiros* de 1963, *Discurso por ocasião da cátedra de Geometria* de 1963, *Galileu Galilei. Conferências Comemorativas* de 1965 (PROC. 6366-53, lista 3).

A partir da classificação desses textos como didáticos, abaixo apresentaremos resumidamente do que trata alguns deles com um foco especial

nas obras *Elementos de Geometria Projetiva* e *Problemas Educacionais Brasileiros*.

O texto que trata do *Significado da Escola de Engenharia de São Carlos* foi um discurso realizado por Achille Bassi no final de 1953, quando a Escola recebeu a visita do Cônsul italiano Luigi Martelli e do Adido Cultural Edoardo Bizzarri. Nesta ocasião, o matemático tratou da criação da EESC, de seus objetivos, dos obstáculos enfrentados e dos que ainda estariam por vir, da situação educacional brasileira e os motivos de tal situação, da instalação de uma biblioteca, das motivações que o fizeram permanecer no Brasil, entre outros. Trechos desse texto já foram citados anteriormente neste trabalho.



Figura 05 – Capa do livro Elementos de Geometria Projetiva de 1967
Fonte: Professor Luiz Augusto da Costa Ladeira

A obra *Elementos de Geometria Projetiva*, de 1967, representa o curso homônimo que Bassi ministrou na Escola de Engenharia de São Carlos para os alunos da Engenharia Civil e, segundo o autor, é uma versão melhorada de cursos que ministrou anteriormente na Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, durante sua permanência nessa instituição. No prefácio desse livro, o autor atenta para o seguinte:

Uma obra deste tipo, em que poderiam colaborar também outros matemáticos, parecer-me-ia útil em nosso país, onde são ainda poucos os centros devidamente aparelhados para um estudo aprofundado da matemática, e serviria de primeira orientação e estímulo aos muitíssimos que se acham fora destes centros. (BASSI, 1967c, p. ii).

Sob o ponto de vista didático, Bassi não achou oportuno introduzir os axiomas básicos da Geometria Projetiva de forma completamente abstrata e julgou ser melhor mostrar que os conceitos novos surgiam de conceitos já conhecidos na Geometria Elementar. O aluno, então, poderia verificar os “progressos do pensamento matemático” e perceber que esse conhecimento é construído historicamente em atenção às necessidades sociais e teóricas. Além disso, a expressão “surgem naturalmente”, utilizada pelo matemático em referência a conceitos novos, apenas reforçou sua visão quanto ao “evoluir da ciência”. Assim, expôs sua concepção de que a ciência é somatória ou cumulativa, ou seja, de que ela adiciona novas verdades às verdades anteriores. Essa postura, muito comum entre os cientistas de sua época, defensores de que a ciência se aperfeiçoava e evoluía até chegar à verdade absoluta, diverge de certa forma das discussões feitas por Thomas Kuhn em seu livro *A Estrutura das Revoluções Científicas*, no qual introduz a ideia de que a “ciência não se desenvolve pela acumulação de descobertas e invenções individuais” (KUHN, 1998, p. 21). Kuhn vê a ciência de forma descontínua, feita por pesquisadores que passam por momentos de angústias e incertezas, e, desta forma, rompe com a linearidade da ciência em favor da ideia de Revolução Científica.

Kuhn esclarece que, quando a ciência normal (aquela amplamente aceita e que proporciona respostas aproximadamente boas e conformes à realidade do fenômeno observado) começa a dar, consecutivamente, respostas confusas, antagônicas ou muito imprecisas e os cientistas não conseguem mais evitar ou, mesmo, esconder as anomalias encontradas, então, iniciam-se investigações que acabam conduzindo “a profissão a um novo conjunto de compromissos, a uma nova base para a prática da ciência” (KUHN, 1998, p. 25). As Revoluções Científicas são, portanto, essas mudanças nos compromissos profissionais, ou ainda, “(...) são os complementos desintegradores da tradição à qual a atividade da ciência normal está ligada” (KUHN, 1998, p. 25).

É bem verdade que a tese de Kuhn se baseia nas ciências, em geral empíricas e aplicadas, e isso, de certa forma, exclui as matemáticas. Embora, também, seja verdade que essa tese pode ser observada no desenvolvimento da própria matemática. Dessa maneira, podemos entender o espírito de Achille Bassi como o de um verdadeiro cientista imbuído de uma visão filosófica absolutista dominada por um paradigma de desenvolvimento histórico – ainda que bastante limitado – positivo e cumulativo das ciências.

A introdução de temas ou conceitos por meio de um método histórico, à Achille Bassi, era também defendida por vários autores desde a virada do século XIX para o XX. Acreditavam eles que o estudo de disciplinas científicas deveria seguir um método historicamente orientado. Pierre Duhem (1861 - 1916), físico, químico e filósofo da ciência que estudou o desenvolvimento das físicas na Idade Média, defendeu esse método historicamente orientado, por acreditar que seria a melhor forma de conceder aos estudiosos a verdadeira compreensão dessa matéria (KRAGH, 2001, p. 41). É claro que há argumentos a favor e contra esta função didática da história da ciência. Alguns defendem que a utilização da história faz com que a apresentação da ciência estudada seja mais amena, tornando-a mais interessante e atraente. Outros defendem que a história da ciência pode contribuir para uma concepção menos dogmática. Porém, essa utilização da história da ciência pode fortalecer esses dogmas (KRAGH, 2001, pp. 41-42).

A introdução da Geometria Projetiva pelo método histórico de Bassi não é exclusividade sua, pois em livros do mesmo período, como *Projective Geometry*, de 1964 (COXETER, 2003), e *Introduction to Projective Geometry* de Wylie (1970), e até em período anterior, como *Projective Geometry* de Faulkner (1949), também se encontram subtítulos introdutórios sobre sua história. Tais livros são, inclusive, mais aprofundados nos desenvolvimentos do conteúdo técnico que o livro de Bassi. Fixando a atenção na adoção do tal método histórico, o que parece diferir mesmo é a forma de apresentação dos axiomas de pertinência.

Segundo o matemático, a Geometria Projetiva surgiu do esforço de organizar em uma teoria racional as regras práticas utilizadas pelos artistas renascentistas que tentavam representar na tela, da forma mais correta possível, os objetos da forma como nossos olhos os veem. Essas regras, que foram

aperfeiçoadas, constituem, inicialmente, as teorias sobre perspectiva, cuja base teórica é, agora, fornecida pela Geometria Projetiva. Ainda que queira ser o mais didático possível, Bassi segue a tendência de organizar a matemática sob um ponto de vista mais formal, ou seja, lidar com entes abstratos em teoria axiomática ao invés de conceber formas a partir do mundo real como fez Euclides em seus Elementos. Essa tendência objetiva uma mais ampla aplicação da teoria.

Para Bassi, a criação de conceitos novos, também está relacionada à formação de outras ciências e, portanto, contribuem não somente com a educação matemática do estudante, mas também com sua educação científica; desta forma, o ensino não deve ser voltado apenas para o mercado de trabalho, mas deve ser “mentalmente formativo”, ou seja, deve pretender formar um cidadão completo, crítico e reflexivo, preocupado com os problemas nacionais e também da humanidade. Na introdução do seu livro, deixou claro que há a necessidade de se conhecer os conceitos que serão utilizados na própria definição para que a mesma faça sentido e, como não é possível definir todos os conceitos, os que não podem sê-lo são chamados de entes ou conceitos fundamentais. Esses entes também devem gozar de propriedades fundamentais que são afirmadas pelos axiomas. Todos outros conceitos derivam dos fundamentais, assim como as demais propriedades são consequência dos axiomas. Aqui, o matemático também faz um esforço que é bem comum entre os matemáticos que pretendem ser didáticos em suas explicações e, conseqüentemente, atingir positivamente seu interlocutor. Nesse sentido, é bastante interessante a discussão feita por Coxeter para justificar a introdução de uma estrutura axiomática a partir de um jogo conhecido pelo nome Vish (alusão a *vicius circle*). Nesse jogo, a ideia básica é verificar quantos passos são dados até voltar-se no mesmo lugar. De forma mais clara, tome uma palavra e busque seu significado num dicionário; tome agora seu significado e faça uma nova busca no dicionário; faça isso sucessivamente e observe quantas vezes o fez até chegar de volta na palavra original (COXETER, 2003, p. 5-6). Fica, assim, justificada a adoção de entes fundamentais abstratos como peças de suporte para a construção do que vier a seguir.

Portanto, para Bassi, a partir do momento que Euclides introduziu os conceitos fundamentais por abstração, não há mais a necessidade de se utilizar

o significado físico conferido a eles; pode-se, simplesmente, utilizar suas propriedades formalizadas, que são resultado das relações entre postulados e conceitos. Ou seja, explicou que as teorias geométricas continuam sendo válidas por mais que se mudem os significados atribuídos aos conceitos fundamentais, porém, deve haver uma relação entre os novos entes considerados e os conceitos primitivos, relação esta que será chamada de isomorfismo sempre que dois sistemas matemáticos diferirem “somente pelo sentido concreto dado aos entes fundamentais e às relações entre estes” (BASSI, 1967c, p. 4).

Achille Bassi também evidencia, na sua obra, que uma das diferenças entre Geometria Projetiva e Elementar está na maior variedade de propriedades geométricas que essa última estuda. Agora, a menor variedade de propriedades na Geometria Projetiva ocorre em função de alterações nos entes fundamentais em relação às concepções levadas a cabo na Geometria Elementar. Tais modificações permitiram a criação de um sistema matemático mais sintético do que o euclidiano e que influenciou o desenvolvimento da matemática no século XIX. Assim, Bassi considerou que a Geometria Projetiva se diferenciou da Geometria Elementar não só pelo gênero das propriedades que estuda, mas também pela forma como as considera, e as alterações introduzidas levaram a um alcance mais profundo com aplicações à geometria em geral.

Toda essa discussão foi feita pelo matemático para justificar o que faria a seguir. Definiu, então, os conceitos fundamentais de ponto, reta, plano e espaço em Geometria Projetiva partindo de seus análogos da Geometria Elementar e, desta forma, colocou em prática o que classificou como “método histórico”, defendendo que assim os estudantes são conduzidos de forma mais “natural” aos conceitos novos introduzidos, apenas realizando modificações em conceitos já conhecidos, tornando-os agora conceitos da Geometria Projetiva ou, numa palavra, projetivos. Assim, Bassi apresentou os postulados de pertinência da Geometria Projetiva de forma que houvesse equivalência entre proposições dessa geometria e outras da Geometria Elementar. Depois de enumerar algumas proposições, explicou que, a “geometria projetiva tem pois o mérito de mostrar que as diversas proposições da Geometria elementar assim obtidas podem exprimir-se na nova linguagem de um único modo e constituem, do ponto de vista da lógica matemática, um teorema único” (BASSI, 1967c, p. 21). Ou seja, uma proposição da Geometria Projetiva resume ou, melhor, sintetiza várias

proposições da Geometria Euclidiana e esse fato se repete por toda a teoria. Concluiu, por fim, que “as figuras e os teoremas da Geometria projetiva são suscetíveis de várias particularizações métricas distintas do ponto de vista da Geometria elementar” e, embora os teoremas sejam diferentes, “têm a mesma estrutura lógica e podem ser demonstrados de uma única maneira, adotando uma linguagem mais apropriada” (BASSI, 1967c, p. 21).

Já o livro *Considerações introdutórias sobre os sistemas lógico-dedutivos* publicado em 1972 é uma apresentação das noções fundamentais sobre os sistemas lógico-dedutivos destinada a professores do Ensino Secundário e, por esse motivo, “foram reduzidas ao mínimo possível notações e locuções técnicas, que não fazem parte da bagagem cultural usual do Professor de Ensino Secundário, e mais próprias dos especialistas” (BASSI, 1972d, Prefácio). Essa obra foi revista pelo professor Edison Farah, personagem de destaque e que influenciou as pesquisas em lógica no Brasil no final dos anos 50 (MORAES, 2008, p. 57).

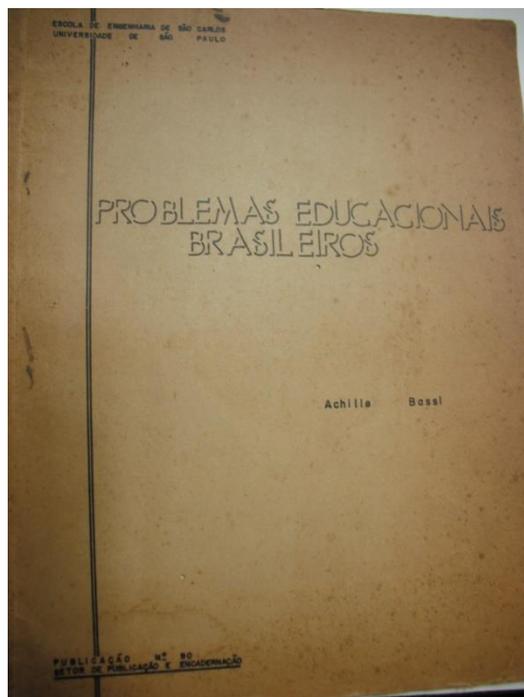


Figura 06 – Capa do livro Problemas Educacionais Brasileiros de 1963
Fonte: Adalberto Bassi

No livro *Problemas Educacionais Brasileiros* de 1963, Bassi publicou alguns artigos que discorriam sobre a situação do ensino primário da época e

sobre as possíveis providências a serem adotadas para a eliminação do analfabetismo. Esses artigos foram publicados no *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro nos dias 1, 4, 6 e 7 de fevereiro de 1962.

O referido livro foi lançado em meados de 1963 e, um pouco antes, em 1959, durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi publicado “Mais uma vez convocados”, um manifesto que referenciava ainda outro do mesmo grupo de educadores nomeado “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, de 1932 (BOMENY, [s.d]). Esse manifesto de educadores “Mais uma vez convocados”, coordenado por Fernando de Azevedo, se posicionava contra o discurso da Igreja Católica sobre a “liberdade de ensino”, referindo-se à ampliação da interferência do Estado na educação escolar após a Constituição de 1946 e a consequente convocação de uma LDB (Lei de Diretrizes e Bases), o que “obrigou os católicos a forjar alianças e atuar em várias frentes no campo do societário, liderando o conjunto do setor privado da educação” (SENRA, 2010, p. 65). Portanto, no manifesto, os educadores defendiam a ideia de que a educação era direito dos cidadãos e dever do Estado, reafirmando que a escola deveria ser pública, laica, obrigatória e gratuita.

Desde 1930 o Brasil enfrentava uma crise educacional com relação à alfabetização das crianças, devido a problemas de acesso e permanência nas escolas. O censo de 1940 mostrou que a taxa de analfabetismo da população adulta ultrapassava os 50%. Tanto que no *Jornal Correio Paulista* de 1936 foi publicado o seguinte trecho referente ao ensino primário brasileiro: “A Cidade Universitária é megalomania. O país está mal de finanças e o ensino primário está em péssimas condições. O grande mal é o analfabetismo (CORREIO PAULISTANO, 1936 *apud* SCHWARTZMAN *et al*, 2000, p. 225 – 226). Foi então, a partir do manifesto de 1959, que se reacendeu a discussão sobre o ensino básico. Porém, após dois anos de luta, os defensores da Escola Nova foram derrotados com a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1961 que dizia:

Art. 95. A União dispensará a sua cooperação financeira ao ensino sob a forma de:

a) subvenção, de acordo com as leis especiais em vigor;

- b) assistência técnica, mediante convênio visando ao aperfeiçoamento do magistério à pesquisa pedagógica e à promoção de congressos e seminários;
- c) financiamento a estabelecimentos mantidos pelos Estados, municípios ou particulares, para a compra, construção ou reforma de prédios escolares e respectivas instalações e equipamentos de acordo com as leis especiais em vigor. (BRASIL, 1961c).

Ou seja, a possibilidade de criação de um Sistema Nacional de Educação, onde as três esferas do governo (Município, Estado e União) seriam corresponsáveis pela educação não ocorreu. A LDB estabeleceu que a maior parte dos recursos financeiros destinados à educação seria de responsabilidade dos Estados e Municípios e somente 12% seria de responsabilidade da União. Sendo assim, a União continuou com a responsabilidade do Ensino Superior e com função suplementar para o Ensino Primário.

Além do movimento educacional já mencionado, em defesa da educação pública, nesse período também ocorreu o movimento pela educação popular, que preconizava a educação informal e a educação de jovens e adultos. O ponto alto desse último movimento citado ocorreu no ano de 1958, com o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, cujo principal dirigente foi Paulo Freire, maior expressão no cenário progressista da educação à época.

Desta forma, inserido nesse contexto, no primeiro artigo do livro de Bassi foi enfatizado que o problema da educação era central no Brasil, pois as sociedades somente teriam seus problemas resolvidos na medida em que souberem produzir os homens capazes de resolvê-los (BASSI, 1963, p. 1). O personagem destacou também os problemas do ensino primário dizendo que coincidem com os da alfabetização. Segundo o autor, a alfabetização geral é um fato inevitável, definitivo e irreversível da vida moderna e que deve ser estimulado, ao passo que esta segue lado a lado com a industrialização (BASSI, 1963, p. 4).

De acordo com as estatísticas da época, descritas no livro, o índice de alfabetização (isto é, a proporção dos alfabetizados em relação à totalidade da população acima de 10 anos) alcançava 65% nos municípios mais adiantados, enquanto era de 40% nos municípios mais atrasados (BASSI, 1963, p. 7). Porém, segundo o matemático, esses dados eram de certa forma ilusórios,

já que, a lei obrigava o eleitor a ser alfabetizado, e qualquer esforço era feito pelos aliciadores de votos a fim de que fossem considerados alfabetizados quem de fato não era (BASSI, 1963, p. 7).

Achille Bassi definiu, então, quem deveríamos julgar como alfabetizados: “tais pessoas ou somente os que sabem, por meio da leitura, adquirir conhecimentos e também transmiti-los por escrito, de maneira não excessivamente falha e precária” (BASSI, 1963, p. 7). E, a partir dessa definição de alfabetizado, concluiu que apenas um quarto da população brasileira podia ser considerada alfabetizada na época.

Também justificou o atraso brasileiro quanto à alfabetização da população em função de sua herança cultural, incluindo até mesmo o caso da miscigenação entre povos, e a força restritiva da Lei³⁰ (BASSI, 1963, p. 11).

Também foram apontadas como causas das deficiências na educação da época, além da heterogeneidade cultural e dispersão da população brasileira por um grande território, o insuficiente interesse demonstrado pelos poderes públicos para resolverem o problema do analfabetismo, o que conseqüentemente gerou uma falta de organização eficiente destinada a combater o problema (BASSI, 1963, p. 14).

O matemático também defendeu a ideia de salas homogêneas quanto ao nível intelectual dos alunos³¹ e, de certa forma, demonstrou sua preocupação com aqueles que tinham uma maior dificuldade de aprendizagem, reconhecendo

³⁰ Importante lembrar que nos tempos coloniais as leis proibiam, no Brasil, até o funcionamento de uma tipografia, enquanto que, em outros países da América já havia Universidades consolidadas. Dentre essas Universidades, podemos citar a Universidade Nacional Maior de São Marcos, fundada em 1551 no Perú, que foi oficialmente a primeira Universidade da América e a Universidade Nacional de Córdoba que foi fundada em 1613 e é a mais antiga da Argentina. No Brasil, a mais antiga instituição oficial de Ensino Superior em atividade ininterrupta é a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, que teve suas atividades iniciadas em 1792, mudou de nome, e, finalmente foi incorporada à UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

³¹ Essa divisão entre alunos com maior ou menor desempenho é baseada na ideologia da racionalidade tecnológica que é defendida por Marcuse (1981), fundamentando a divisão das classes escolares (CROCHÍK; CROCHIK, 2006, 314). Embora essa ideologia seja de 1981, já a encontramos sendo defendida por Bassi em 1963, ano da publicação do livro aqui estudado. Como conseqüência da atitude de se manter salas homogêneas, podemos citar o preconceito e a competição em detrimento da solidariedade entre os alunos da mesma sala de aula, ou ainda entre alunos de salas distintas. Além de poder desenvolver um sentimento de inferioridade para aqueles considerados “fracos” e de superioridade e de desprezo naqueles que frequentam as salas consideradas “fortes” (CROCHÍK; CROCHIK, 2006, 329 - 330).

que para tais é necessário um ensino adaptado, porém não trata no livro de que forma isto deveria ocorrer³². Vejamos:

Bem sabem os professores quanto a heterogeneidade intelectual de uma turma é obstáculo para o progresso da mesma: se o ensino ministrado é adequado aos melhores, de maneira que estes possam desenvolver-se tanto quanto suas capacidades permitam, coisa de fundamental importância para que o país forme as elites que o guiem e o acompanhem em seu progresso, os menos preparados vêm-se como que abandonados, sem um ensino adaptado a eles e do qual evidentemente precisam. (BASSI, 1963, p. 12).

Essas dificuldades, segundo o autor, são próprias de todos os tempos e de todas as nações, já que, as mesmas sempre se acentuam em lugares pouco povoados onde é difícil dividir os alunos da mesma idade em turmas intelectualmente homogêneas. (BASSI, 1963, p. 12). Segundo dados estatísticos do Ministério da Educação e Cultura que tratou de “Alguns Aspectos da População Primária para o ano de 1956” mencionados no livro, das crianças em idade escolar, metade nunca entravam em uma escola, e na região do Nordeste, apenas um terço delas eram matriculadas (BASSI, 1963, p. 19).

Quanto à disponibilidade de salas e prédios para as escolas, o autor afirmou que havia muita escassez, tanto é que chegavam a existir escolas com quatro turnos diários, o que reduzia o tempo de permanência das turmas na escola (BASSI, 1963, p. 20).

³² As ideias defendidas por Achille Bassi e expostas em *Problemas Educacionais Brasileiros* divergem das teorias educacionais vigentes na atualidade, mas também muito se assemelham com o nosso cotidiano escolar. No Brasil, desde a constituição da República até a LDB vem-se afirmando a importância de se garantir uma igualdade de oportunidade a todos em relação à educação. E desde então, tem sido tomadas medidas que visam a igualdade de acesso à escola. Um exemplo dessas medidas é o Programa de Educação Inclusiva: Direito à Diversidade em parceria com o Ministério da Educação, iniciado em 2003, e que promove a formação continuada de gestores e educadores em níveis estadual e municipal para que ofereçam educação especial na perspectiva da educação inclusiva. O objetivo deste programa é que se incluam no ensino regular os alunos que tenham algum tipo de deficiência, tais como: transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades / superdotação. Portanto, vemos que a discussão atual sobre a educação inclusiva defende a convivência, em sala de aula, de alunos diferentes entre si, tanto em relação à idade, como também em relação ao desempenho. Porém, podemos observar cotidianamente o descompasso entre as políticas educacionais e a ação nas escolas, ou seja, embora os gestores educacionais estejam atualizados com as novas teorias voltadas para a educação, muitas vezes tomam atitudes contrárias a elas. Há, ainda hoje, educadores que defendem a manutenção de salas homogêneas, assim como Achille Bassi.

Porém, de todo o exposto sobre as deficiências do ensino primário daquele momento, tão precário na sua difusão e qualidade, o que Bassi considerou mais deprimente foi o fenômeno da evasão escolar, pois crianças que já tinham iniciado seus estudos primários eram retiradas da escola prematuramente, tornando inúteis os esforços já realizados. Este fato, explicou o autor, ocorria com maior frequência nas regiões mais pobres, pois os pais tiravam os filhos da escola para que estes fossem aproveitados em pequenos serviços campestres ou caseiros (BASSI, 1963, p. 20).

Diante do exposto acima, o matemático afirmou que o combate ao analfabetismo teria que ser conduzido em três direções distintas, que deveriam ser consideradas separadamente:

- 1) A construção de inúmeros edifícios escolares;
- 2) O recrutamento de docentes novos;
- 3) A resolução de problemas básicos que afligem as crianças pobres discentes (BASSI, 1963, p. 23).

Entende-se no primeiro item, que, deveriam ser providenciadas salas de aula para que todas as crianças em idade escolar recebessem um ensino primário até mesmo nos povoados mais afastados dos grandes centros (BASSI, 1963, p. 23). Para limitar as despesas, o matemático ainda sugeriu que, em um primeiro momento, em cada sala de aula ainda funcionassem duas turmas, uma no período da manhã e outra no período da tarde, porém, deixou claro que o ideal seria apenas uma turma em período integral. Além disso, cada turma deveria ter, em média, 40 alunos e as salas deveriam ter 30 m² (BASSI, 1963, p. 24).

Sobre o segundo item, de acordo com os cálculos de Bassi, seria necessária a contratação de mais cem mil professores primários. O autor também defendia a ideia de que o docente não deveria receber menos de dois salários mínimos, pois julgava a valorização do mesmo de importância fundamental. E com um salário compensador para os professores, o governo não encontraria dificuldades de contratar novos profissionais (BASSI, 1963, p. 24 - 25).

Entretanto, vistas as condições em que se encontravam a população infantil brasileira, certamente as medidas citadas acima não seriam suficientes, já que não eliminariam o fenômeno da evasão escolar. Sendo assim, o

matemático era a favor de oferecer também alimentação adequada nas escolas com a finalidade de evitar a evasão. Essa alimentação deveria ser de organização local, porém, fiscalizada por algum outro órgão³³ (BASSI, 1963, p. 25 – 26).

O professor Bassi também lembrou que a exigência do uso do uniforme deveria ser abolida por um tempo, pois, neste caso, estaria contribuindo para o aumento da evasão escolar por exigir um determinado custo às famílias (BASSI, 1963, p. 27).

No texto também foi discutido o artigo 246 do nosso Código Penal que trata sobre os crimes contra a assistência familiar. O personagem considerava de fundamental importância que tal Código tratasse deste assunto, porém, também defendia a ideia de que para sua aplicação seria necessário a eliminação da “justa causa”, que em inúmeros casos era identificada com a falta de vagas nas escolas ou até mesmo com a falta de escolas (BASSI, 1963, p. 29 - 30).

O matemático também afirmou que os maiores esforços e cuidados deveriam sempre endereçar-se às crianças, e as campanhas de alfabetização de adultos deveriam ser organizadas somente depois de oferecer escola (e de qualidade) à todas as crianças³⁴ (BASSI, 1963, p. 30 - 31).

³³ A lei nº 11.947, de 16 de junho de 2009, ainda em vigor, diz no Art. 3º que: “A alimentação escolar é direito dos alunos da educação básica pública e dever do Estado e será promovida e incentivada com vistas no atendimento das diretrizes estabelecidas nesta Lei” (BRASIL, 2009). Ou seja, embora ocorresse anteriormente, a merenda tornou-se direito dos alunos a partir de 2009, sendo que Bassi já tinha reconhecido sua importância desde 1963. Para o autor, a distribuição de merenda nas escolas seria uma forma de reduzir a evasão escolar e comparando com nosso cotidiano escolar, vemos que, muitas crianças vão à escola exclusivamente para ter uma refeição. A importância da merenda escolar nos dias atuais está comprovada em estudos e pesquisas. Segundo Bankoff (2004), um trabalho da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), publicado em 2003, revela que, para 50% dos alunos da região Nordeste, a merenda escolar é considerada a principal refeição do dia. Na região Norte, esse índice sobe para 56%.

³⁴ Bassi finalizou seus artigos com propostas para a resolução dos problemas educacionais da época, tendo como foco um investimento mais intenso no Ensino Primário. Esses problemas, como já citamos, resumiam-se principalmente no analfabetismo e na evasão escolar. Sabemos que, no período pós Getúlio Vargas (1937-1945) que durou até o golpe de Estado de 1964, ocorreu uma redemocratização do país e as liberdades democráticas foram respeitadas. Nesse ínterim ocorreram dois grandes movimentos, um já mencionado anteriormente, em defesa da educação pública, concentrado na educação formal. Já o segundo movimento, buscou a educação informal e a educação de jovens e adultos, tendo seu ponto alto em 1958 com o II Congresso Nacional de Educação de Adultos, que culminou com a Campanha Nacional de Educação de Adultos em 1964. Nesse segundo movimento, destacou-se principalmente o nome de Paulo Freire, com sua concepção libertadora da educação, que dirigiu a Campanha. Observamos então que, a despreocupação do matemático com uma educação de jovens e adultos na época da publicação do livro está em grande medida ligada ao estado de grande

Por fim, Bassi respondeu à pergunta “pode ser realidade, com um ônus financeiro suportável para o país, um plano apto a dar, em curto prazo, um ensino primário razoavelmente bom e eficaz para toda a nossa população infantil?” (BASSI, 1963, p. 33), concluindo afirmativamente: o problema era perfeitamente solúvel e em curto prazo, sem sair dos limites das possibilidades brasileiras. Para que esta resposta fosse afirmativa, foram feitos diversos cálculos de quanto a União deveria disponibilizar financeiramente para que fossem colocadas em prática cada uma das três medidas citadas acima, que, segundo o autor, resolveriam o problema do analfabetismo no Brasil.

Após a publicação do livro citado acima, o matemático centralizou sua investigação na vida e obra de Galileu Galilei o que gerou a publicação de duas obras: *Galileu Galilei: Análise do homem e de sua obra no IV centenário do seu nascimento* publicado em 1965 e *Significação da obra de Galileu Galilei* de 1966.

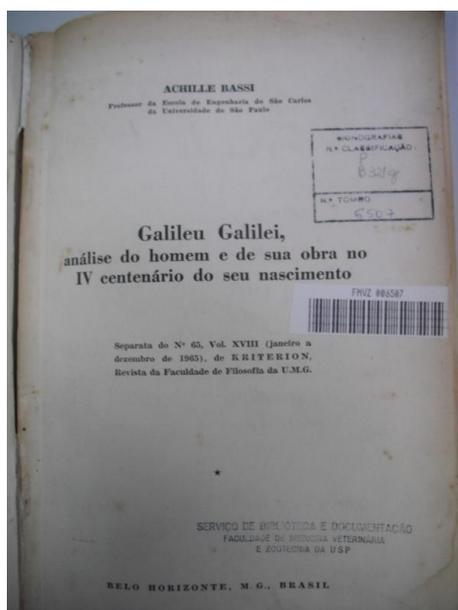


Figura 07 – Contracapa do livro Galileu Galilei, análise do homem e de sua obra no IV centenário do seu nascimento de 1965

Fonte: Biblioteca da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP

carência educacional para crianças em idade escolar – que já determina um esforço gigantesco, embora Bassi seja otimista na execução rápida da sua proposta – e também vincula-se à ideia de um esforço primordial de estancar atrasos e descompassos futuros para o país. Interpretamos, ainda, que o personagem joga todas as cartas ou recursos financeiros nesse esforço primordial e depois buscaria remediar o estado indevido de coisas para com jovens e adultos. Paulo Freire é mais agressivo e propõe, uma vez que o analfabetismo é tão devastador para um povo, que ele deve ser erradicado com esforços de todos independentemente de seu regime escolar ser o regular ou outro que o valha. Ainda com uma visão um pouco mais compassada, Achille Bassi não era contra educar jovens e adultos, mas achava necessário que se fortalecesse primeiramente as bases da educação através do ensino de qualidade para crianças em idade escolar e que posteriormente se estendesse esse mesmo ensino para jovens e adultos.

A primeira das obras foi um pedido da Diretoria da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais (UMG), hoje Universidade Federal de Minas Gerais, em comemoração ao IV centenário do nascimento de Galileu Galilei. O livro de 1965, lançado em Belo Horizonte, foi dividido em duas partes: a primeira parte, que segundo o autor constituiu a Aula Inaugural dos Cursos da Faculdade de Filosofia da UMG proferida em 9 de março daquele ano, tratou da vida e das obras de Galilei; e a segunda parte, que tratou da importância e influência da obra de Galileu, constituiu resumidamente uma conferência realizada em Belo Horizonte pelo autor no dia seguinte.



Figura 08 – Capa do livro *Significação da obra de Galileu Galilei* de 1966
Fonte: Biblioteca do Instituto de Matemática e Estatística da USP

Já o segundo livro, intitulado *Significação da Obra de Galileu Galilei*, foi lançado pelo Instituto Italiano de Cultura em 1966, no Rio de Janeiro. Pode-se observar que as duas obras na verdade são as mesmas, com uma única diferença: na primeira obra há uma nota no rodapé do prefácio explicando que o livro é um produto da aula inaugural e da conferência realizada pelo autor, citadas anteriormente.

Podemos observar que as datas das publicações das obras contidas na listagem da USP não coincidem com as datas das publicações das obras aqui

mencionadas, o que nos leva a concluir que ocorreram outras edições da mesma obra, porém, a numeração da edição não consta nos livros consultados.

O Departamento de Matemática da EESC também ofereceu, durante alguns anos, seminários proferidos pelos docentes e assistentes, dentre eles: em 1957, o seminário *Geometria Projetiva dos entes algébricos* e *Geometria Hiper-espacial* (ANUÁRIO, 1958, p. 54) ministrado por Bassi, que orientou seus instrutores Loibel e Renzo Piccinini no seminário intitulado *Geometria* (com duração de 21 semanas); e *Grupos Topológicos* (com duração de 19 semanas) também a cargo desses instrutores e sob a orientação, além de Bassi, do Professor Jorès Pacífico Cecconi (ANUÁRIO, 1959, p. 137). Em 1959, Loibel ministrou para os assistentes e estagiários o seminário *Introdução à Topologia Algébrica e Espaços Fibrados* orientado por Bassi (MENINO, 2001, p. 95). No ano seguinte, o seminário *Tópicos da Teoria Projetiva das Curvas Algébricas* foi proferido pelo próprio Bassi e, *Complementos de Álgebra e Geometria* foi realizado pelos estagiários Hoppmann e Vidotti, sob orientação de Achille Bassi (MENINO, 2001, p. 95), além de, *Geometria métrica pluridimensional* proferido pelo assistente Ary de Souza Pinheiro, também sob a orientação do personagem (MENINO, 2001, p. 96).

A respeito dos assistentes das cadeiras terem a oportunidade de ministrar seminários, o matemático em seu discurso de posse de cátedra esclareceu:

Aos assistentes foi dada licença para fazer seminários de sua própria escolha. Um destes, fez uma exposição de tentativas próprias sobre assuntos relacionados com uma sua futura Tese. Esta liberdade, em mais severos ambientes estrangeiros, teria sido negada a principiantes; mas preferiu-se que se pecasse, eventualmente, por excesso de liberdade do que por falta dela (BASSI *apud* MENINO, 2001, p. 94).

As atividades da pós-graduação na EESC tiveram início entre os anos de 1955 e 1961 e os professores do Departamento de Matemática ofereciam disciplinas para os cursos de doutoramento. A primeira disciplina oferecida por Bassi a esses estudantes foi: *Matemática sobre Geometria bi-racional dos entes algébricos simplesmente infinitos, elementos de Geometria do espaço a n dimensões* que ocorreu no ano de 1958 (ANUÁRIO, 1959, p. 135). No ano

seguinte, o professor também ofereceu uma disciplina intitulada *Geometria* (de 1 de outubro de 1958 a 29 de maio de 1959) (MENINO, 2001, p. 154) e, além destas, entre as 22 disciplinas oferecidas ao longo de 1970, o matemático ministrou *Álgebras de Boole com Operador de Fecho* (MENINO, 2001, p. 157). Já no próximo ano, não ministrou nenhuma disciplina por estar afastado da EESC (BASSI, 1972c) e, em 1972, ofereceu novamente *Álgebras de Boole* (MENINO, 2001, 162).

O matemático ainda, em 17 de janeiro de 1973, enviou ofício SMA-004/73 ao Professor Gilberto Francisco Loibel, o então coordenador da Pós-Graduação do Instituto de Matemática, solicitando ao próximo semestre letivo o curso para a pós-graduação intitulado *Álgebras de Boole com Operador de Fecho B*, pois, segundo o Professor Bassi, seriam necessários dois semestres para a conclusão de todo o conteúdo da disciplina. O referido curso teria duração de 3 horas e começaria em março de 1973 e terminaria em junho do mesmo ano (BASSI, 1973b).

Segundo carta enviada à Bassi por Mário Saab, no primeiro semestre de 1972, foram atribuídas ao personagem as seguintes disciplinas:

- 1) Álgebra de Boole com operador de fecho – Pós-Graduação.
- 2) Fundamentos de Geometria (3º ano do Bacharelado em Matemática) (SAAB, 1971).

No que se refere à atuação de Achille Bassi como professor, não podemos deixar de mencionar o episódio protagonizado por ele e que ficou conhecido como Teorema da Gaveta. Segundo contam, o matemático, ao demonstrar um teorema e verificar que a lousa já estava completamente usada com os passos da demonstração, continuou a escrever na mesa e, ainda assim, faltando espaço para a conclusão, abriu a gaveta e completou a demonstração do teorema.

O resumo dessa história consta no site do ICMC/USP:

O Prof Bassi estava com seu terno cinza já quase branco de giz, com a lousa toda preenchida com a demonstração de algo que deveria ser muito interessante, mas que ainda não havia terminado. Sem nem pensar em apagar a lousa, ele continua escrevendo a demonstração do teorema na mesa, neste momento já estava rodeado pelos estudantes. Escreve, escreve e escreve e a mesa também fica completamente tomada

dos argumentos, mas a demonstração insiste em não se completar. Faltavam ainda algumas poucas linhas. Surpreendentemente, sem a mínima pausa, o Prof. Bassi abre a gaveta central da mesa e escreve dentro desta as últimas linhas da demonstração! QUOD ERAT DEMONSTRANDUM - ele havia terminado a demonstração do que ficou conhecido como Teorema da Gaveta (ICMC, [s.d.]b).

Como homenagem ao Professor Achille Bassi e o episódio do Teorema da Gaveta, foi construído em 2002 pela artista plástica Regina Silveira, um painel com a imagem da gaveta que decora a parede do prédio do ICMC-1 na USP de São Carlos.

É claro que “a memória costuma dar algum colorido ao passado” (BUFFA; NOSELLA, 2000, p. 40), pois assim como o episódio do Teorema da Gaveta, existem outras histórias a respeito do Professor Bassi, algumas até cômicas, sobre como era seu comportamento e vestimenta. Entretanto, toda essa caracterização ficou marcada pelo respeito e admiração de todos pelo seu trabalho na Escola de Engenharia e posterior Instituto de Matemática da USP.



Figura 09 – Imagem do painel na parede do Bloco ICMC-1
Fonte: Site ICMC

2.2. Achille Bassi como pesquisador e divulgador científico³⁵

³⁵ Ao tratarmos de Achille Bassi como divulgador científico, não o classificamos como um vulgarizador (popularizador da Ciência) ou um propagandista da mesma, mas sim, como um cientista que contribuiu/atuou em um período de movimentação em favor da institucionalização da Ciência no Brasil; como um personagem da Ciência que circulou entre seus pares e divulgou

O personagem aqui estudado também teve contribuições como pesquisador e divulgador científico durante sua vida acadêmica. A partir de agora trataremos dessas contribuições de forma a relacionar o desenvolvimento da Matemática no Brasil com o seu contexto social, político e cultural e a influência de estudos internacionais.

Antes de chegar e se estabelecer no Brasil, ainda na Itália e Princeton, Bassi na posição de pesquisador produziu e publicou alguns artigos e obras listadas no documento de Contagem de Tempo de Serviço para sua Aposentadoria (PROC. 6366-53, lista 4) e também nos Anuários da EESC de 1953, 1956 e 1958, tais como:

1. *Sulla Riemanniana dell' S_n proiettivo* publicado pela revista *Rendiconti del Circolo Matematico di Palermo*. 56:228-237, 1932.
2. *Un problema topologico di esistenza* publicado pela *Reale Accademia d'Italia como Memorie della classe di Scienze Fisiche, Matematiche e Naturali*. Roma. 6:667-714, 1935.
3. *Su di una notevole operazione topologica tra complessi* publicado pelo *Giornale di Matematiche di Battaglini*. Napoli. s. 3, 26, 49-90. 1935.
4. *Su alcuni modelli topologici del Poincaré* publicado pela *Reale Accademia d'Italia como Memorie della classe di Scienze Fisiche, Matematiche e Naturali*. Roma. 6:1309-1333, 1935.
5. *Su di una formola topologica del Vietoris* publicado pela *Rendiconti del Reale Istituto Lombardo di Scienze e Lettere*. Milano. 68:880-890, 1935.
6. *Alcune osservazioni su di una affermazione del Dehn circa la decomponibilità in celle delle varietà topologiche ad in dimensioni* publicado pelo *Boletino dell'Unione Matematica Italiana*. Bologna. 14(4-5):219-225; 286-292, 1935.
7. *Complementi di Geometria (Lezioni del Prof. Gino Fano raccolte, in parte, del Dr. Achille Bassi. Torino. 1935). Litografie.*
8. *On some new invariants of a manifold. (In Proceedings of the National Academy of Sciences. Washington. 22(12):698-699, 1936).*

seus estudos através de conversas, palestras, conferências, ou até mesmo publicações, embora estas tenham ocorrido de forma reduzida.

9. *Su di alcune formule di geometria delle varietà algebriche* publicado pela *Renticonti del Circolo Matematico de Palermo*. 60:107-123, 1936.
10. *Su alcuni nuovi invarianti delle varietà topologiche* publicado pelos *Annali di Matematica Pura ed Applicata*. s. 4, 16:275-297, 1937³⁶.
11. *Recenti ricerche nel campo della topologia delle varietà* publicado pela *Reunione della Società Italiana per il Progresso delle Scienze*. XXVII. Atti. Roma. 1938.

Além destes, ao realizar pesquisas na internet, encontramos mais trabalhos publicados por Bassi e que não se encontram na listagem da USP. São eles: *Esercizi e problemi di algebra complementare, ad uso dei secondo biennio degli istituti tecnici. Vol I (per la 3e classe), parte I e II, Del teorema di Stewart relativo ai triangoli sferici e sue conseguenze, Risoluzione dei trianguli piani; norme ed esempi, Appunti di geometria metrica: tetraedro a faccie uguali; tetraedro ortocentrico, Equazioni e sistemi irrazionali riducibili ai primi due gradi, Sui raggi dei cerchi ex-inscritti ad un quadrangolo inscrivibile, 51ª quistione a concorso, Teoria della rotazione per la risoluzione dei problemi di costruzione geometrica, Di alcune notevoli relazioni metriche fra gli elementi di un quadrangolo e, Sezioni circolari del cilindro e del cono obliqui; assi del cono*. Esta lista de obras publicadas pode ser verificada no sistema *Jahrbuch Database - Electronic Research Archive for Mathematics* através de pesquisa online.

Toda essa lista mostra que a vinda desse matemático para o Brasil contribuiu com o intercâmbio de cientistas/pesquisadores no período. Esse contato entre profissionais através do intercâmbio corrobora não apenas com a divulgação de descobertas, mas também com a “transmissão” de conhecimentos que passam a ser incorporados, porém, adaptados em outros países.

Essa listagem de trabalhos publicados por Achille Bassi antes de 1939 também nos mostram que o matemático era um cientista ativo. Não somente realizava pesquisas, como também publicava seus resultados em jornais e

³⁶ Em carta enviada pelo Professor Ary S. Pinheiro endereçada à Bassi e datada de 19 de novembro de 1963, o mesmo diz estar assistindo a um Seminário sobre categorias de *Lusternik-Schnirelmann* e por este motivo se deparou com um artigo da R.E. Fox intitulado *On the Lusternik-Schnirelmann Category*, no qual cita um dos trabalhos de Bassi, mais especificamente o item 10 da lista citada acima (PINHEIRO, 1963).

revistas italianas de grande circulação e notabilidade. Entretanto, não encontramos muitos textos seus em revistas brasileiras de renome após sua chegada ao Brasil, apenas duas publicações na Academia Brasileira de Ciências (itens de números 13 e 29 abaixo), e o texto *A Matemática Moderna e a Necessidade de sua Difusão* de 1948 que foi publicado na separata da Revista Brasileira de Estatística e na Revista *Kriterion* (item de número 25). Mas também não podemos deixar de mencionar que neste período eram poucas as revistas de divulgação existentes no Brasil referentes a Matemática Pura e Aplicada. Segundo Clóvis Pereira da Silva (2003, p. 135), as revistas brasileiras com esse perfil fundadas entre 1930 e 1968 foram: *Jornal de Matemática Pura e Aplicada* da Universidade de São Paulo, *Summa Brasiliensis Mathematicae*, *Boletim da Sociedade de Matemática de São Paulo*, *Revista Brasileira de Estatística*, *Anuário da Sociedade Paranaense de Matemática*, *Notas de Matemática e Física* e *Boletim da Sociedade Paranaense de Matemática*. Cabe lembrar também que neste período estavam sendo fundadas e consolidadas as sociedades científicas de Matemática no Brasil (SILVA, 2003, p. 136), fato este que pode ter contribuído para a baixa produção de Achille Bassi em revistas nacionais, além de alguns problemas enfrentados pelo mesmo nas instituições onde atuou.

Já estabelecido no Brasil, o matemático publicou em ambos os países, mas a maioria de seus trabalhos ainda estavam em língua italiana. Segundo o documento da USP e o Anuário da EESC de 1953 (ANUÁRIO, 1954, p. 65 - 67), de 1956 (ANUÁRIO, 1957, p. 52 - 53) e de 1958 (ANUÁRIO, 1959, p. 60), foram publicadas as seguintes obras antes do matemático se tornar docente do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos:

12. *Sopra l'indipendenza di alcuni invarianti topologici* publicado pela revista *Rendiconti delle Accademia Nazionale dei Lincei*. Roma. s. 7, 5(5):235-238, 1948.
13. *Sopra l'esistenza di una varietà topologica con numeri del Betti assegnati* publicado pelos Anais da Academia Brasileira de Ciências. v. 21. Rio de Janeiro. 1949.

14. *Sul concetto di complesso e di equivalenza combinatoria* publicado pela *Annali di Matematica Pura ed Applicata*. Bologna. s. 4, 28:227-244, 1949.
15. *Dualità nelle varietà con contorno e varietà contorno completo di altre* publicado pela Revista Científica da Faculdade Nacional de Filosofia. Rio de Janeiro. 2(1-2):33-35, 1951.
16. *Sistemas matemáticos com axiomática fraca* publicado no Jornal da Escola de Minas, 1951.

Em São Carlos, segundo os documentos, seus trabalhos de pesquisa realizados e publicados foram:

17. *Dos movimentos a Poincaré de um corpo rígido em torno de um ponto fixo*. Tese, Rio de Janeiro, 1959.
18. *A dualidade nas álgebras de Boole topológicas e suas consequências*. Tese (Provimento de Cátedra). EESC-USP, 1961. 176p.
19. *Proprietà di monotonia nelle algebre del Boole*.
20. *Sui polinomi in un algebra del Boole com topologia* publicado. Revista *Rendiconti da Accademia Nazionale dei Lincei*, s. VIII, vol. XL, 29-34, 1967.
21. *Polinomi e dualità in un'algebra del Boole com topologia* publicado como nota prévia pela revista *Rendiconti di Matematica*.
22. *Polinomi e dualità in un'algebra del Boole com topologia* como memória aceita para publicação nos *Annali di Matematica Pura ed Applicata*.

Por fim, classificados como “outros trabalhos” de Bassi no documento da USP, ainda temos:

23. *L'Università e la Scuola di Matematica di Princeton* publicado pela Conferenza di Fisica e Matematica da Universidade de Torino em 1937-1938, 65-66.
24. *Da importância da topologia na Matemática Moderna* publicado pelo Instituto Italo-brasileiro de Alta Cultura do Rio de Janeiro em 1941.

25. *A Matemática Moderna e a Necessidade de sua Difusão* de 1948 publicado pela *Kriterion* em 1948 e Aula Inaugural: Universidade de Minas Gerais, 1945.
26. *Elementos de Geometria Projetiva* (Mimeografia). Belo Horizonte: 1951.
27. *Elementos de Geometria Projetiva das curvas algébricas* (Mimeografia): Belo Horizonte: 1951 e Rio de Janeiro: 1945.
28. *Determinismo mecânico e livre arbítrio* resultado da Aula inaugural dos cursos da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto de 1952.

Os itens 24, 25, 27 e 28 também constam no Anuário da EESC de 1953 (ANUÁRIO, 1954, p. 67). Este mesmo anuário ainda acrescenta mais dois trabalhos também presentes no Anuário de 1958, porém, o item 30 consta como trabalho didático:

29. *Sobre a definição de complexo topológico*. Academia Brasileira de Ciências. Rio de Janeiro, 1948.
30. *Lições de Geometria projetiva*. Curso mimeografado. Belo Horizonte, 1948.

Os itens 24, 25, 27, 28, 29 e 30 também constam na lista de trabalhos de Achille Bassi no Anuário de 1956 da Escola de Engenharia (ANUÁRIO, 1957, p. 52 – 53), além de acrescentar o texto *Lições de Topologia combinatória (Uma exposição moderna desta parte da Matemática)* que ainda estava em fase de preparação.

No anuário de 1958, como conferência proferida por Bassi, consta o texto *O Significado da Escola de Engenharia de São Carlos*, cuja cópia está no Anuário de 1953 e que já fizemos referência em capítulo anterior.

Na listagem dos documentos da USP não consta o livro *Elementos de Geometria Projetiva* de 1967 já tratado anteriormente e o texto *As Dualidades nas estruturas topológicas* de 1960. Ambas obras encontram-se na lista de publicações de Achille Bassi no anexo VIII da dissertação de mestrado *A Escola de Engenharia de São Carlos e a criação de um curso de Matemática* de 2001.



Figura 10 – Imagem da contracapa do livro *Da Importância da Topologia na Matemática Moderna* de 1941

Fonte: Biblioteca do Instituto de Matemática e Estatística da USP

O livro intitulado *Da importância da topologia na matemática moderna* publicado em 1941, tratou-se de uma conferência realizada por Bassi na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil como instruções prévias ao curso de Geometria Superior (BASSI, 1941, p. 7). No texto, o matemático citou os personagens que contribuíram “eficazmente para o progresso da topologia” como Betti, Poincaré, Cantor, Peano, Brower, Fréchet, entre outros (BASSI, 1941, p. 8), também lembrou sua viagem aos Estados Unidos, ocorrida em 1935, ao dizer que o objetivo da mesma foi “conhecer os últimos passos da topologia” (BASSI, 1941, p. 11). Por fim, destacou, a seu ver, a importância da mesma:

Assim, eu creio que, para todo o jovem que queira apoderar-se dos conhecimentos vivos da matemática moderna, seja de suma importância familiarizar-se, em primeiro lugar, com a topologia. Conhecida esta, então, muitas outras teorias parecerão quase familiares, mesmo antes de iniciar o seu estudo, porque se apresentarão numa transparente perspectiva que deixará compreender os seus segredos e, portanto, nas condições mais favoráveis para serem possuídas com facilidade. Penso que não exagero dizendo que a aquisição de muitas outras teorias modernas fará, então, o efeito de uma fácil descida e não o de uma penosa ascensão (BASSI, 1941, p. 11-12).

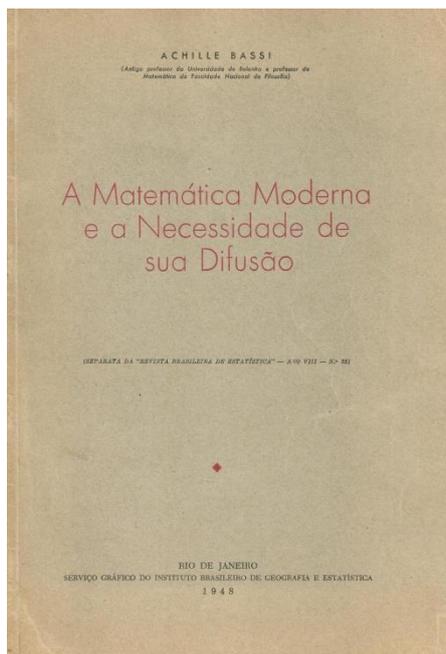


Figura 11 – Capa do livro *A Matemática Moderna e a Necessidade de sua Difusão*
 Fonte: Biblioteca do Instituto de Matemática e Estatística da USP

O texto *A Matemática Moderna e a Necessidade de sua Difusão* de 1948 foi o resultado de uma aula inaugural proferida pelo matemático aos estudantes da Universidade de Minas Gerais, ocorrida no dia três de março de 1945. No texto, o personagem afirmou que não faria somente uma resenha com o objetivo de divulgar “os novos resultados e aspectos do pensamento científico [...], que me proporciona um desejado ensejo para combater alguns preconceitos, referentes a minha ciência”, mas que também lançaria “uma palavra de encorajamento às pessoas que pleiteiam participe o Brasil, em proporção maior do que no passado, do trabalho internacional de pesquisa” (BASSI, 1948, p. 845). Esse trecho mostra, mais uma vez, a importância dada por Achille Bassi à pesquisa, pois “para ele, o ensino estava estreitamente ligado à pesquisa e era o aspecto mais importante a ser considerado” (SILVA, 2002, p. 117).

Além dos já mencionados, entre os anos de 1935 e 1936, enquanto o matemático esteve na Universidade de Princeton como professor visitante e, posteriormente, como membro do Instituto de Estudos Avançados (BASSI, 1961b, p. 5), também escreveu um artigo intitulado *On some new invariants of a manifold* (item 8 da lista) que foi publicado pelo próprio Instituto de Princeton em 1936.

Analisando o período de 1939 a 1947 – intervalo em que o personagem estudado classificou como “o passado no Rio de Janeiro” em seu *Memorial* - Bassi pouco produziu como pesquisador. Este fato pode ser verificado por meio da observação das datas de publicações de seus textos. Podemos, então, conjecturar alguns motivos para justificar essa baixa produção científica. Primeiramente, logo após sua chegada para atuar na FNFi, o mesmo recebeu a notícia de que sua cadeira de Geometria tinha sido suprimida pelo Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP) e, portanto, não poderia propor a nomeação de assistentes (BASSI, 1961b, p. 7). Logo em seguida, passou por problemas devido a Segunda Guerra Mundial já tratados anteriormente.

Desde 1947, Achille Bassi tinha preconizado uma nova Teoria – A Teoria dos Grupos Topológicos – que por seu conselho, foi desenvolvida pelo assistente Gilberto F. Loibel para obtenção do título de doutor apresentada à Escola de Engenharia de São Carlos em 1959. A respeito de sua orientação do doutorado, Loibel resumiu:

Gostaria de falar algumas coisas sobre alguns dos professores, um pouco também sobre o Professor Bassi, que foi o meu orientador de doutoramento. Ele teve alguns trabalhos muito bons na década de 30, quando ainda estava na Itália. Veio ao Brasil e teve problemas sérios como italiano durante a guerra, perdeu o emprego etc. Então, ele perdeu, talvez, um pouco o contato com o trabalho científico e teve realmente sérios problemas.

Quando eu vim para cá, ele morava em Niterói e vinha toda semana para São Carlos e, em função disso, ele estava sempre cansado, não tinha muita energia para o trabalho de orientação. Era um pouco difícil para mim ser orientado por ele. Mas tudo bem, no fim eu fiz meu doutoramento com a orientação dele e com orientação também – isso nunca oficialmente reconhecido – do Professor Carlos Lyra, que me ensinou boa parte da matemática de pós graduação. Ele era professor da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, em São Paulo – agora estamos, sem dúvida, esclarecidos nisso (LOIBEL, 2000).

Essa observação de Gilberto Francisco Loibel contribui com a conjectura de que Bassi teve uma diminuição referente a produção científica após sua chegada ao Brasil devido não somente aos problemas de ordem acadêmica, como a falta de bibliotecas, de revistas de divulgação, da ausência

de assistentes, mas também de ordem pessoal como a distância de sua residência e o trabalho, além de problemas de saúde do próprio personagem e de sua esposa.

Entre os anos de 1955 e 1961, começaram a funcionar as primeiras atividades da pós-graduação no Departamento de Matemática da EESC com a participação de Bassi e mais dois professores italianos, Ubaldo Richard e Jorés Cecconi. Tanto que, o primeiro título de Doutorado da Escola de Engenharia foi conquistado pelo Professor Loibel em 28 de dezembro de 1959 e, no dia seguinte, 29 de dezembro, o mesmo título foi alcançado pelo Engenheiro Rubens Gouvêa Lintz, com a tese intitulada *Uma Nova Ideia Sobre a Dimensão dos Espaços Topológicos* (MENINO, 2001, p. 103). Na época de sua defesa de tese, Lintz era professor assistente da Cadeira de Cálculo, cujo catedrático responsável era Jorés Cecconi que foi, portanto, seu orientador na tese de doutorado.

O início dos estudos de pós-graduação em Matemática na USP se deu através do decreto do interventor federal no Estado de São Paulo nº 12.511 de 21 de janeiro de 1942 (SILVA, 2003, p. 143). Já na EESC a mesma teve início a partir da década de 1950, onde também foi “instituído um forte programa de professores visitantes para ministrar cursos, orientar alunos, realizar seminários e conferências” (SILVA, 2003, p. 145). Entretanto, foi apenas em 1970 que na EESC “a área de Matemática foi credenciada como Centro Regional pelo Conselho Nacional de Pesquisas para o Mestrado e pela Universidade de São Paulo, para o Mestrado e Doutorado” (MENINO, 2001, p. 105).

Os doutoramentos realizados a partir do decreto acima foram os primeiros da área de Matemática no país, já que o Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA) “foi também uma das primeiras instituições do país a instituir um programa de doutorado em Matemática”, e o mesmo “teve início formal em 1962” (SILVA, 2003, p. 150).

Ao analisarmos este período da implantação do doutoramento na Universidade de São Paulo e suas leis de instituição do grau de Doutor de 1942 e do novo regimento de 1952, vemos que já começava a ocorrer uma preocupação em formar pesquisadores e docentes brasileiros para atuarem nas instituições de ensino e pesquisa, já que os primeiros esforços em contratar professores estrangeiros para semear tais feitos nessa instituição já haviam sido

realizados e alguns dos profissionais contratados já tinham retornado a seus países de origem. Além disso, a partir do processo de institucionalização da Matemática como área de pesquisa no Brasil, através da realização de ensino, pesquisa, divulgação e aplicação do conhecimento, começou a ocorrer a formação de grupos de pesquisa que começaram a fazer pesquisa científica com uma maior frequência e “a incentivar a formação escolarizada dos jovens estudantes” (SILVA, 2003, p. 147). Seguindo esta mesma linha, o governo federal, entre o final da década de 1960 e início da década de 1970,

[...] deu início a um forte programa de incentivo financeiro para alunos de pós-graduação, via PICD [Programa Institucional de Capacitação de Docentes], que desejassem concluir sua formação acadêmica. A partir daí, professores de várias instituições de ensino do país passaram a se matricular regularmente em programas de mestrado e/ou doutorado em Matemática (SILVA, 2003, p. 147).

O Programa Institucional de Capacitação de Docentes (PICD) citado acima foi fruto dos dois primeiros Planos Nacionais de Pós-Graduação, cujos objetivos destacados em ambos eram: a institucionalização da pós-graduação, a formação de recursos humanos de alto nível e a melhoria da qualidade dos cursos de pós-graduação (BRASIL, 1986, p. 193), o que reforça nossa afirmação de uma maior preocupação em formar profissionais capacitados para atuarem como novos docentes.

Por fim, devemos mencionar que esse período de incentivo à pós-graduação ocorreu durante o regime militar brasileiro entre os anos de 1964 e 1985 e, segundo as pesquisas históricas, “foi o regime militar que, em aparente contradição, elegeu como prioridade a formação do pesquisador e docente no contexto universitário” (HOSTINS, 2006, p. 134).

A partir de 1960, Achille Bassi dedicou-se aos estudos de Álgebra Moderna e, conseqüentemente, elaborou duas teorias: a “Teoria da Dualidade Geral da Matemática”, tratada em sua tese de cátedra e, a “Teoria dos Polinômios Topológicos” que foi elaborada durante um estágio realizado pelo mesmo no IMPA entre os anos de 1964 e 1965, ambas já mencionadas em capítulo anterior (AROUCA, 1973, p. 4 - 5). O desenvolvimento desses trabalhos mostra a atuação do personagem como pesquisador. Ambas pesquisas foram

desenvolvidas na década de 1960, período de maior produção do matemático já que se encontrava em uma fase de estabilidade acadêmica e profissional.

Ainda hoje, para se avaliar um centro de pesquisas, um dos fatores influentes é o número de pesquisas realizadas e o impacto das mesmas. Esse também era um dos fatores considerados na década de 1960, tanto que, no *Processo de Contagem de Tempo de Serviço* do Professor Bassi encontram-se pelo menos duas listas que tratam de trabalhos de investigação e de pesquisas realizadas pelos docentes do Departamento de Matemática. Desta forma, o fato do matemático e dos demais professores realizarem pesquisas também tinha como objetivo colocar a Escola de Engenharia em uma posição de destaque tanto nacional, como também internacionalmente.

Segundo o prontuário do matemático, a concessão expedida pelo Reitor da USP para que pudesse desenvolver suas pesquisas junto ao IMPA, foi publicada no dia 12 de julho de 1963, sendo concedido o prazo de afastamento de um ano e meio, sem prejuízos de vencimentos. Além desta, também está listada em seu prontuário outra concessão de afastamento para realizar trabalhos de investigação no Instituto de Matemática Pura e Aplicada, publicado em 5 de maio de 1971 e concedendo um afastamento de um ano (PRONTUÁRIO).

Ao retornar do IMPA, após o primeiro estágio realizado, Bassi fez uma breve exposição de suas pesquisas realizadas em um Relatório das Atividades Científicas e destacou a importância da teoria por ele desenvolvida (Teoria dos Polinômios Topológicos), dizendo:

Os Polinômios Topológicos são uma generalização dos Polinômios clássicos de Boole. Eles podem ser classificados conforme seu grau topológico (conceito novo, êste, introduzido por mim) e coincidem com os Polinômios de Boole quando estiverem com Grau Topológico igual a zero. (...)

No tocante à Engenharia, pode-se prever que no futuro, quando se sentir a necessidade de construir dispositivos que apliquem também conceitos probabilísticos, os engenheiros encontrarão, já prontos, nos Polinômios Topológicos, o instrumento adequado para seus fins. Com o rápido progresso atual isto pode acontecer muito antes do que se poderia pensar.

Gostei muito de trabalhar em assuntos como êste, em que questões antiquíssimas (que remontam, no caso, até ao próprio Aristóteles) se entrosam com problemas atuais. Isso me dá a sensação de trabalhar numa corrente de pensamento

nobre, em que, tendo o amparo de uma grande tradição sabe-se com certeza de não fazer obra desútil.

Ao construir esta Teoria consegui obter uma Forma Canônica dos Polinômios Topológicos (válida e útil também no caso clássico dos Polinômios de Boole) que fornece a condição necessária e suficiente para a equivalência funcional destes (BASSI, 1964c, p. 1 – 2).

No documento que trata das *Realizações do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos desde sua fundação até 31/12/1966*, encontramos a seguinte citação que trata da atividade de investigação do Departamento de Matemática do qual Achille Bassi era o diretor:

Atualmente, a atividade de investigação do Departamento vai centralizando-se em três direções distintas.

Uma na Álgebra Moderna, consistindo no estudo de sistemas matemáticos novos (Álgebras de Boole e Reticulados com Operadores) e das funções nêles existentes. Estudo de notável interêsse para a Matemática, a Lógica Moderna e, talvez, em vista da opinião de alguns, também para a Eletrônica. Direção desenvolvida nestes últimos anos pelo Prof. Bassi.

Uma outra direção é na Topologia Algébrica e Diferencial, confiada ao Prof. Loibel que, iniciado na investigação pelo Prof. Bassi, está agora por sua vez endereçando para a investigação alguns instrutores e bolsistas (PROC. 6366-53, fl. 67 - 68).

A partir de 1969, existiam três linhas de pesquisa pertencentes ao curso de Pós-graduação em Matemática da EESC. Elas eram:

- 1) Topologia Diferencial e Algébrica;
- 2) Problemas de Comportamento Assintótico e de Estabilidade na Equações Diferenciais Ordinárias e com tempo de Retardamento;
- 3) Álgebra de Boole.

Esta última, sob supervisão de orientação do Professor Achille Bassi.

Mas, antes disso, logo nos primeiros anos da EESC, foram iniciadas outras três linhas de pesquisa: Geometria pelo professor Bassi, Equações Diferenciais pelo professor Onuchic e Topologia e Singularidades pelo professor Loibel.

A partir das considerações sobre a pós-graduação na EESC/USP mencionadas acima, podemos verificar que a maior contribuição do matemático como pesquisador foi a de implementação da mesma como chefe do departamento de Matemática, ou seja, sua contribuição como pesquisador foi a

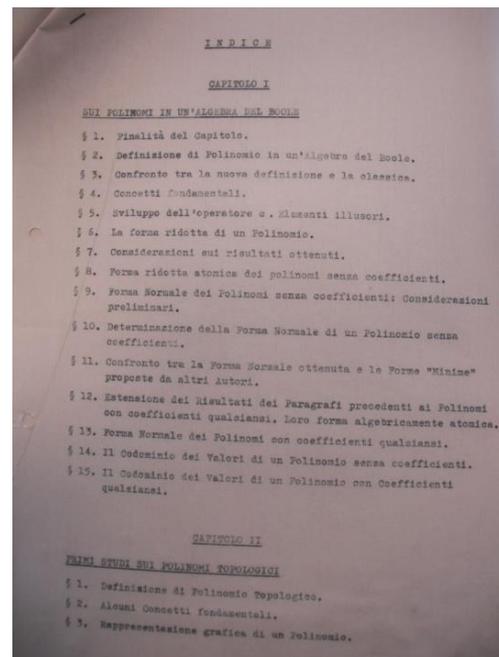
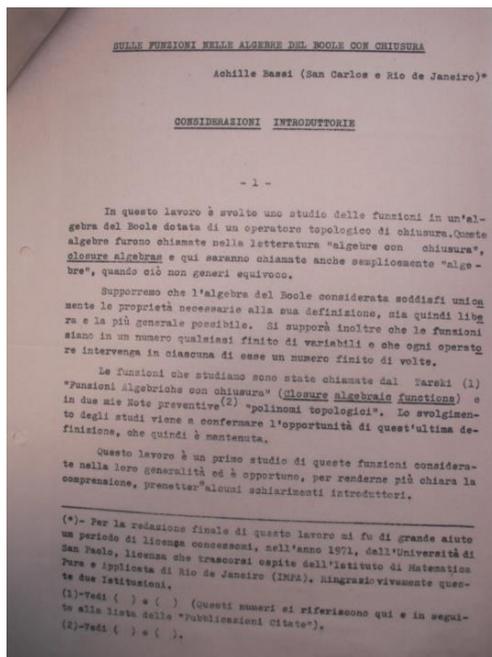
de viabilizar a pesquisa naquela instituição. E, como consequência dessa implementação e consolidação da pós-graduação, juntamente com a criação do curso de graduação em Matemática na Escola de Engenharia de São Carlos, foram fundadas as bases para o ensino e pesquisa em Matemática daquela instituição que na atualidade tem apresentado destaque nacional.

A linha de pesquisa orientada por Bassi na EESC não prosperou, entretanto, as duas últimas linhas de pesquisa citadas ainda existem na USP de São Carlos³⁷.

Conforme já mencionado anteriormente, no ano de 1971 Bassi se dedicou aos estudos científicos no IMPA, onde, segundo ele próprio, conseguiu compor seus resultados em uma Teoria coerente e que seria publicada por uma Revista de Circulação Internacional (BASSI, 1972b, p. 1). Todavia, em carta enviada ao Professor Antonio Guimarães Ferri, o Presidente da Comissão Permanente do Regime de Dedicação Integral à Docência e à Pesquisa, o personagem adiantou a introdução do seu texto e também o índice, pois acreditava que “a Introdução, da[ria], com efeito, uma visão do corpo da Teoria toda e de suas relações com outras Teorias Matemáticas, e o índice da[ria] uma ideia pormenorizada do seu conteúdo” (BASSI, 1972b, p. 2).

O texto anexado na carta estava em língua italiana e intitulava-se *Sulle funzioni nelle Algebre del Boole con chiusura*, composto por quatro capítulos que tratavam respectivamente de Polinômios em uma Álgebra de Boole, Primeiros estudos sobre Polinômios Topológicos, Propriedades atômicas de polinômios e Redução de um polinômio topológico a sua forma atômica e normal.

³⁷ Atualmente as linhas de pesquisa existentes no ICMC na área de Matemática são: Álgebra, Álgebra Comutativa, Análise Geométrica, Análise Harmônica, Aplicações de Geometria Simplética, Avaliação da Aprendizagem, Dinâmica Unidimensional, Educação Matemática, Equações Diferenciais, Equações Diferenciais Ordinárias, Funcionais e Parciais, Equações Diferenciais Funcionais, Equações Diferenciais Ordinárias, Equações Diferenciais Parciais, Equações Integrais, Escoamentos Multifásicos e Análise Numérica, Física Matemática, Formas Quadráticas, Geometria Diferencial, Integração, Singularidades, Sistemas Dinâmicos com Comportamento não Uniformemente Hiperbólico, Teoria da Aproximação, Teoria de Bifurcação, Teoria de Singularidades, Teoria Ergódica, Teoria Ergódica e Sistemas Dinâmicos, Teoria Geométrica do Controle, Teoria qualitativa das equações diferenciais ordinárias, Topologia, Topologia Algébrica, Topologia Diferencial e Topologia Geométrica (ICMC, [s.d.]).



Figuras 12 e 13 – Primeira página da introdução do texto *Sulle funzioni nelle Algebre del Boole con chiusura* e do índice

Fonte: Gláucia Maria Saia Cristianini

Durante sua trajetória como pesquisador, o matemático também foi membro de várias sociedades que foram listadas no Anuário da Escola de Engenharia de São Carlos do ano de 1953: Membro do Círculo Matemático de Palermo – Palermo, da *Società per il Progresso delle Scienze* – Roma, da *American Mathematical Society* – New York, da Sociedade Matemática de São Paulo, da *Unione Matematica Italiana* – Bologna, do *Institute for Advanced Study* – Princeton, Membro "Honoris Causa" da Academia Maranhense – São Luis do Maranhão, além de diversas Associações Científicas nacionais e estrangeiras. (ANUÁRIO, 1954, p. 68).

O personagem também recebeu vários prêmios científicos e bolsas de estudo para que pudesse realizar suas pesquisas: em 1929 recebeu o Prêmio "Eugênio Bertini", pela melhor tese de Matemática da Universidade de Pisa, em 1930 recebeu a bolsa "Lavana" para estudos científicos, em 1933 uma bolsa de estudo do Ministério da Educação da Itália, ainda em 1933 um Prêmio da Universidade de Turim, em 1936 uma bolsa do *Institute of International Education* de Nova York, em 1936 uma bolsa da Universidade de Princeton, em 1937 o *Stipend* do Instituto de Estudos Avançados de Princeton, em 1939 o Prêmio do

Consiglio Nazionale delle Ricerche – Itália e, também em 1939 o Prêmio da Universidade de Bologna pelas pesquisas desenvolvidas (ANUÁRIO, 1954, p. 68).

Esses prêmios demonstram a capacidade acadêmica do personagem que talvez tenham contribuído com a sua escolha para lecionar no Brasil. Mas, mais importante que isto, era a sua experiência adquirida antes da chegada em solo brasileiro em relação a pesquisa, além de contatos científicos, o que contribuiu significativamente para que conseguisse colocar em prática esses conhecimentos na organização do Departamento de Matemática da EESC e dos cursos de Bacharelado e pós-graduação em Matemática.

Já no papel social assumido por Achille Bassi como divulgador científico, a conferência de maior relevância em sua trajetória foi a proferida no Instituto de Alta Matemática de Roma em 1965. A concessão para o afastamento e viagem do matemático à Itália ocorreu no dia 11 de setembro de 1965 e foi-lhe dado o prazo de 75 dias para que realizasse não somente a conferência, mas também que viajasse para os Estados Unidos com o objetivo de estabelecer contatos com cientistas (PRONTUÁRIO).

Durante a viagem realizada pelo matemático, o mesmo participou, em Roma, do Simpósio Internacional de Geometria Algébrica que foi organizado pela Academia dos Lincei, pelo Instituto de Alta Matemática e pela *International Mathematical Union* onde expôs suas pesquisas. Também visitou os Institutos de Matemática de algumas Universidades italianas tais como: Pisa, Bologna, Turim, Milão e Gênova, nas quais também proferiu conferências (BASSI, 1965a).

Na referida palestra, Bassi tratou dos polinômios topológicos e do princípio da dualidade geral. Começou dizendo que a melhor maneira de apresentar o tema seria a partir das ideias iniciais que o conduziram a nova teoria, desta forma, explicou que foi durante um curso por ele ministrado no Rio de Janeiro, sobre os fundamentos da topologia geral, no qual observou que a teoria da dualidade não parecia bem colocada (BASSI, 1965b).

Dito isto, ainda no mesmo discurso, passou a tratar da dualidade de De Morgan em sua exposição e disse ter tentado resolver o seguinte problema: “A dualidade de De Morgan da teoria dos conjuntos pode ou não pode se estender ao espaço topológico?”. A partir desta, surgiu uma outra pergunta e o matemático percebeu que as respostas poderiam ser encontradas através do

estudo de novos entes matemáticos, os quais chamou de polinômios topológicos. Passou, então, a explicar o que são esses polinômios e afirmou que o estudo dos mesmos seguiu em três direções: o primeiro passo foi a determinação de uma forma normal desses polinômios, que era um problema básico a ser resolvido, depois o estudo de suas propriedades atômicas que exerceu uma grande força atrativa em Bassi e, por fim, o estudo de uma operação especial de composição de polinômios em uma variável, que o interessou por ser notável a aplicação na teoria da dualidade. O personagem ainda ressaltou que este estudo, em especial o terceiro passo citado acima, é complicado, mas ainda mais complexo são as situações encontradas para resolver o problema de redução à forma normal ou canônica dos polinômios topológicos de qualquer grau quando se estuda as propriedades dos mesmos (BASSI, 1965b).

No decorrer de sua exposição, Bassi também expôs o seguinte resultado por ele obtido: “Teorema – Cada polinômio topológico pode ser obtido como a soma (ou união) de um número finito de monômios topológicos” e ainda tratou da questão do infinito, dizendo que Arquimedes foi o primeiro a tratar desse assunto em seu livro *O Arenatio*. Por fim, citou dos problemas da dualidade que deram o primeiro estímulo para o estudo dos polinômios topológicos e concluiu dizendo que a dualidade de De Morgan pode ser estendida para as álgebras de Boole com topologia, respondendo assim a pergunta inicial da conferência (BASSI, 1965b).

Antes de retornar ao Brasil, o matemático foi aos Estados Unidos onde visitou o Instituto de Matemática da *Columbia University* e também Princeton. Nessas visitas estabeleceu contato com alguns pesquisadores, além de reencontrar seu orientador do período em que esteve como professor visitante e membro do *Institute for Advanced Study* de Princeton, o Professor Solomon Lefchetz (BASSI, 1965a).

Essa viagem relatada reforça nossa conjectura de que o mesmo, na posição de chefe do Departamento de Matemática, tinha interesse em manter o intercâmbio científico com outros pesquisadores, tanto em relação a divulgação de pesquisas recentes como também em relação à troca de conhecimentos. Essa conjectura é justificável pelo fato de Bassi fazer a viagem científica que citamos, contratar professores italianos para atuarem na EESC, se interessar em

enviar alunos para estudarem no exterior e, por fim, cobrar do IMPA o aviso antecedente sobre a visita de professores estrangeiros. É claro que, essa preocupação com o intercâmbio de pesquisadores na área de matemática também era subsidiada pela ausência de tais profissionais no mercado brasileiro que, segundo o professor Loibel, ao falar sobre o final da década de 1950 destacou: “[...] se pode ver que a Matemática era totalmente insipiente. No Brasil, havia pouquíssimas pessoas que realmente estavam interessadas em Matemática” (LOIBEL, 2000).

Ao retornar da viagem, em carta enviada ao Diretor da Escola de Engenharia de São Carlos, o Dr. Theodoro de Arruda Souto, o personagem evidenciou o quão prazeroso foi para ele saber que na Itália foram criadas cátedras de História da Ciência em várias Universidades. Em suas palavras:

Vejo isto com muito prazer, porque é meu convencimento ser a História das Ciências não mera erudição, mas arma indispensável para valutar de maneira mais profunda, afora das tendências de modas passageiras, também o valor dos problemas da ciência de hoje (BASSI, 1965a).

Analisando o prontuário do professor Bassi, vemos que o mesmo realizou poucas viagens com o objetivo de divulgação científica. Além da já mencionada viagem, também encontramos uma concessão de afastamento de 20 (vinte) dias com o objetivo de participar o I Colóquio Brasileiro de Matemática que ocorreu na cidade de Poços de Caldas em julho de 1957 e onde ministrou a conferência *Decomposição de Variedades*, já mencionada anteriormente.

Dois anos mais tarde, também foi concedido uma licença de catorze dias para que o matemático pudesse participar do II Colóquio Brasileiro de Matemática que ocorreu na mesma cidade que o anterior. Os Colóquios de Matemática começaram então a ocorrer de dois em dois anos sempre em Poços de Caldas – MG. O Professor Loibel caracterizou esses colóquios da seguinte forma:

Esse Colóquio até hoje está se realizando, de dois em dois anos. Mudou bastante em suas características, mas ele tem importância histórica muito grande na formação da Matemática no Brasil. Os primeiros colóquios, exceto um que foi no Ceará, foram todos realizados em Poços de Caldas. Quase sempre, a maior parte dos participantes se reuniu no Palace

Hotel, que é um antigo hotel de cidade de águas, de banhos. As aulas eram realizadas - e muitas vezes as conferências - no antigo cassino, que não funcionava mais.

Essas reuniões eram muito longas, duravam três semanas em geral, e davam oportunidade de estabelecer contato entre os brasileiros e os visitantes, entre os jovens que estavam começando as suas carreiras e os professores de outros centros. Enfim, era muito bom porque não havia uma dispersão muito grande. A cidade é pequena e o hotel em questão tem uma coisa muito importante: existe um corredor bem comprido, que atravessa o hotel de um lado para o outro, e esse corredor é muito largo. Ao lado, há uma porção de conjuntos de mesas e poltronas. Então, depois do jantar, reuniam-se nesse corredor todas as pessoas ligadas ao Colóquio e formavam-se então os grupos, onde havia a possibilidade de se entrar em contato com pesquisadores importantes. Os jovens tinham a oportunidade de conversar com nomes internacionais da Matemática, com os grandes matemáticos brasileiros, enfim, havia aí uma possibilidade ímpar de viver a Matemática. Lá, se tomava um aperitivo, se tomava um chá, era um ambiente que perdurava até meia-noite, meia-noite e meia, duas horas, conforme o grupo e, realmente, eu acho que era muito produtivo este contato fora das conferências. Claro, as conferências eram extremamente importantes, mas também o era esse bate-papo científico, ou às vezes nem tão científico... Também, às vezes, se arranjava um estágio fora do Brasil, a pessoa até encontrava um orientador para fazer doutoramento fora do Brasil, coisas como essas aconteciam nesses bate-papos.

Além disso, os Colóquios tiveram uma importância muito grande pela sua produção de literatura matemática básica. Ou seja, todos os cursos que são ministrados até hoje nos Colóquios são documentados por apostilas ou textos que dão todas as informações. Dessa maneira, formou-se no Brasil uma biblioteca imensa de cursos de nível de pós-graduação inicial ou mais avançada. Agora também tem alguns cursos de fim da graduação, mas existe uma variedade... A cada Colóquio, cinco, seis, sete, oito ou mais livros são publicados e constituem uma biblioteca importantíssima para o público brasileiro. Não só para os brasileiros, mas também para toda a América Latina. Acho que são poucos os matemáticos brasileiros que não tenham estudado em pelo menos uma apostila de algum dos Colóquios, o que torna esse Colóquio realmente importante (LOIBEL, 2000).

Além dos congressos já mencionados, ao pesquisarmos sobre a Fundação da Sociedade Brasileira de Matemática (SBM), ocorrida em 1969 durante o VII Colóquio Brasileiro de Matemática, encontramos a lista dos participantes que se tornaram fundadores da SBM. Entre eles estavam os nomes de Achille Bassi, do coordenador do referido evento Gilberto Francisco Loibel, Hildebrando Munhoz Rodrigues, Mário Rameh Saab, Nelson Onuchic, Odelar

Leite Linhares, Plácido Zoega Táboas, Renzo Angelo Antonio Piccinini, Ubiratan D'Ambrosio, entre outros (SBM, [s.d.]).

Embora em seu prontuário não conste todas as suas palestras, no prefácio de algumas de suas obras publicadas encontramos a especificação de que se tratavam de conferências realizadas em aulas inaugurais de alguns cursos de Universidades. É o caso do livro *Significação da Obra de Galileu Galilei* de 1966, resultado da Aula Inaugural dos Cursos da Faculdade de Filosofia da Universidade de Minas Gerais, a obra *Da importância da topologia na matemática moderna* publicado em 1941 que se tratou de uma conferência realizada pelo matemático na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil e, por fim, *A Matemática Moderna e a Necessidade de sua Difusão* de 1948, resultado de uma aula inaugural proferida pelo mesmo aos estudantes da Universidade de Minas Gerais.

Todas essas informações nos levam a concluir que o matemático teve uma diminuição significativa em relação a divulgação científica após sua vinda ao Brasil por vários motivos: entre eles o fato deste país ainda não ter institucionalizado a Matemática como uma ciência naquele período, o que foi ocorrendo durante a permanência do personagem em terras brasileiras; outro motivo foi a baixa oferta de revistas/periódicos brasileiros destinados a divulgação de pesquisas; e, por fim, devemos lembrar que no caso de Bassi o fato de acumular cargos durante um longo período (docente e chefe de Departamento e, posteriormente, Diretor de Instituto de Matemática da USP em São Carlos) culminava em uma diminuição do tempo destinado à pesquisa.

2.3. Achille Bassi como gestor/empreendedor³⁸ acadêmico da Matemática no interior de São Paulo

³⁸ Ao tratarmos de Achille Bassi como um gestor da Matemática no interior paulista entre meados das décadas de 1950 e 1970, nos referimos primeiramente ao seu cargo de chefia. Pois, como chefe ou Diretor de um Departamento ou Instituto de Matemática, classificamos o mesmo como um gestor/administrador acadêmico. Entretanto, através do uso de suas atribuições no papel de chefia, o mesmo contribuiu para a formação e consolidação das bases do curso de graduação (ensino) e pós-graduação (pesquisa) em Matemática na instituição onde atuou (USP de São Carlos) e, desta forma, podemos também classifica-lo como um empreendedor acadêmico ou como uma liderança acadêmica, em especial, em relação à sua área de formação que era a Matemática.

O papel social desempenhado por Achille Bassi de maior relevância para consolidação de um espaço de ensino e pesquisa em Matemática, especialmente no interior paulista, foi o de gestor do Departamento de Matemática da EESC e posterior Instituto de Matemática da USP de São Carlos. Esse papel teve início no dia 7 de março de 1953, quando tomou posse, pelo prazo de 3 anos, do cargo de Professor Catedrático correspondente à Cadeira nº12 de Geometria (PRONTUÁRIO). Em São Carlos, o cargo de gestor/professor assumido por Bassi foi prorrogado por algumas vezes, até que se efetivou por meio de concurso e, pelo decreto de 19 de setembro de 1961, assumiu o cargo de professor catedrático de Geometria em caráter vitalício (PRONTUÁRIO).

Embora não encontramos em seu prontuário nenhuma data referente à sua designação de estar a frente do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos, como chefe do mesmo, este fato pode ser verificado por meio dos vários documentos anexados ao *Processo de Contagem de Tempo de Serviço* do Professor Bassi, também nos depoimentos dos professores referentes à comemoração dos trinta anos do ICMC (Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação) da USP.

Logo que assumiu o cargo, podemos dizer que o matemático representou não apenas o papel de gestor, mas a de um empreendedor acadêmico e, como tal, se preocupou em contratar professores estrangeiros para atuarem no Departamento de Matemática da Escola de Engenharia e realizarem investigação científica. Contratou, então, o Professor Jorès Pacífico Cecconi e Ubaldo Richard, ambos analistas que tiveram seus trabalhos de pesquisa publicados em revistas italianas.

O professor Cecconi, já mencionado nesse trabalho, foi laureado pela Universidade de Pisa com distinção entre 1939/1940. No ano de 1940 foi assistente da disciplina de Análise Matemática na Academia Naval de Livorno e da mesma disciplina na Universidade de Pisa no ano seguinte. Também foi responsável por um curso nesta última instituição entre 1947 e 1951 e dos cursos de “Física Matemática” e de “Análise Superior” entre 1952 e 1954. Alcançou o título de livre-docente em Análise Matemática em 1951 também pela Universidade de Pisa e foi contratado por dois anos a partir de setembro de 1954 pela EESC como Professor Adjunto da Cadeira de Cálculo. Já em 1955 assumiu a Cadeira de Mecânica Geral na mesma instituição e seu contrato foi renovado

por mais dois anos. Em 1956 assumiu novamente a Cadeira de Cálculo na Escola de Engenharia. Desde 1948 até 1956, o Professor Cecconi publicou 24 trabalhos, todos em língua italiana e até 1958 alcançou um total de 28 trabalhos publicados (ANUÁRIO, 1957, p. 24 – 27; ANUÁRIO, 1959, p. 61).

O outro professor italiano contratado por Achille Bassi foi Ubaldo Richard. Este era formado em Ciências Matemáticas desde 1937 e foi nomeado Assistente de Análise Matemática do Instituto Politécnico de Turim em 1938, além de também ser nomeado Professor Adjunto de Análise pelo mesmo Instituto. Em 1953 alcançou o título de livre-docente em Análise Algébrica e Infinitesimal pela Universidade de Turim e foi encarregado de vários cursos nessa Universidade. Também foi colaborador do Instituto Nacional para as aplicações do Cálculo de Roma desde 1953 e assinou contrato com a EESC em 1954 para a Cadeira de Cálculo e em 1956 como Professor Catedrático da Cadeira de Mecânica Geral. Até 1958 tinha vinte e cinco trabalhos publicados e duas conferências ministradas (ANUÁRIO, 1959, p. 110 – 112).

Esses professores tiveram uma grande importância para a consolidação da área de Matemática da Escola de Engenharia nos primeiros anos de funcionamento. Segundo o Professor Plácido Zoega Táboas, alguns professores como o Cecconi podem ser considerados líderes:

Mas, como disse, tem algumas pessoas que considero marcos para mim: o Bassi, o Nelson Onuchic e o Candinho. Houve também professores anteriores, mas com quem eu não convivi: os italianos...o Cecconi, foi do Cecconi que eu mais ouvi falar. Dizem que ele era uma liderança importante, mas não posso dizer muito, na verdade eu o conheci de vista. Eu o vi algumas vezes.

Ele voltou para a Itália e... agora acho que não, mas até há pouco tempo, ele tinha uma posição importante lá também. Politicamente ele era importante, era importante na matemática italiana, ele era uma pessoa que tinha um peso... (TÁBOAS, 2000).

Em relação a essa atuação de Achille Bassi e a dos professores italianos não somente na EESC, mas também em relação aos seus respectivos itinerários acadêmicos, os classificamos, neste estudo, como intelectuais, pois absorvemos a proposta do historiador Jean-François Sirinelli em seu texto *Os Intelectuais* (2003) que tratou desse conceito e do processo histórico que o

mesmo passou ao longo dos anos na França. Segundo esse autor: “A história dos intelectuais tornou-se assim, em poucos anos, um campo histórico autônomo que, longe de se fechar sobre si mesmo, é um campo aberto, situado no cruzamento das histórias política, social e cultural” (SIRINELLI, 2003, p. 232).

Ainda no texto citado, o autor também tratou de duas acepções em relação ao conceito de intelectual, a primeira delas “ampla e sociocultural, englobando os criadores e os “mediadores” culturais, a outra mais estreita, baseada na noção de engajamento” (SIRINELLI, 2003, p. 242). Desta forma, inserimos o personagem estudado na segunda definição, “mais estreita e baseada na noção de engajamento na vida da cidade como ator – mas segundo modalidades específicas, como por exemplo a assinatura de manifestos -, testemunha ou consciência” (SIRINELLI, 2003, p. 243). Entretanto, segundo o próprio historiador, “o debate entre as duas definições é em grande medida um falso problema” (SIRINELLI, 2003, p. 243), já que ambas definições estão entrelaçadas por serem elementos de natureza sociocultural e, portanto, “o historiador do político deve partir da definição ampla, sob a condição de, em determinados momentos, fechar a lente, no sentido fotográfico do termo” (SIRINELLI, 2003, p. 243).

Embora Bassi não apresentasse explicitamente nenhuma preferência política³⁹, diferentemente de outros docentes estrangeiros que foram contratados para atuarem na Universidade de São Paulo (capital) como é o caso de Luigi Fantappiè (HAMBURGER *et al*, 1996 *apud* TÁBOAS, 2011, p. 10), o mesmo insere-se na história política como um intelectual na visão de Sirinelli por sua “notoriedade eventual ou sua “especialização”, reconhecida pela sociedade em que ele vive – especialização esta que legitima e mesmo privilegia sua intervenção no debate da cidade -, que o intelectual põe a serviço da causa que defende” (SIRINELLI, 2003, p. 243).

Essa “especialização” dos docentes italianos contratados por Bassi e suas respectivas influências no Departamento de Matemática foram especificadas pelos docentes Gilberto Francisco Loibel e Mário Rameh Saab nos trechos abaixo:

³⁹ Nas notas de rodapé da entrevista realizada com a filha de Achille Bassi nos anexos, Ada Stella Bassi Damião, é mencionada a preferência política da família do matemático, preferência esta divergente da do personagem segundo alguns estudos realizados.

O Professor Cecconi era analista, era uma pessoa sempre presente no Departamento, sempre disposto a ajudar todo mundo, era um ótimo matemático. Mas o sistema, na época, era o de cátedras, então ele não poderia orientar um assistente do Professor Bassi. Isso era proibido. Então, não me tornei analista porque não havia possibilidade de trabalhar com o Professor Cecconi. Os orientadores dele trabalhavam muito bem com ele e ele era uma pessoa muito interessada em tudo quanto era matemática. Era, realmente, um elemento muito positivo dentro do Departamento de Matemática nosso.

Já o Professor Richard era meio alienado, não se interessava nem um pouco pelos assistentes, não estava muito interessado em ajudar ninguém e também não sei se ele fazia grandes coisas. Não era um elemento produtivo, digamos, dentro do Departamento, particularmente para a geração mais nova. Nós não tivemos muita vantagem em tê-lo como um dos titulares, um dos catedráticos da época (LOIBEL, 2000).

Uma coisa que eu gostaria de salientar é que nós tivemos grandes professores, que foram as colunas básicas da formação dos doutores e mestres: o Professor Gilberto Loibel, na área de Geometria, o Professor Nelson Onuchic, na área de Análise (Equações Diferenciais), e os professores italianos que aqui estiveram também deram uma contribuição muito grande nos cursos de aperfeiçoamento dados para os professores vindos do Departamento de Matemática, cursos dos quais eu também me beneficiei como participante (SAAB, 2000).

Mais tarde, com a saída dos professores italianos, o Departamento de Matemática da EESC enfrentou graves problemas que foram retratados em carta enviada pelo matemático ao Professor Paulo de Goes, Presidente da Comissão da Academia Brasileira de Ciências para Organização do Simpósio sobre Migração de Cientistas, em 1966:

Como V.S. bem vê, meu Departamento sofreu perdas gravíssimas de 1959 para cá. Deve ser lamentada principalmente, nos anos de 1960 e 1961, a volta antecipada à sua pátria de dois professores investigadores estrangeiros de alto gabarito que eu havia conseguido contratar, alguns anos antes (agora regem cátedras de matemática nas Universidades de Gênova e Pádua); e, pouco depois, a partida de três jovens investigadores brasileiros que, neste Departamento, haviam alcançado boa capacidade científica. Êstes lecionam agora em universidades norte-americanas e parece que não tem intenção de voltar (BASSI, 1966h).

Nesta mesma carta, o personagem ressaltou que os motivos do êxodo desses profissionais deveram-se às leis e política financeira pouco esclarecedora que foram adotadas em relação aos cientistas estrangeiros atuantes no Brasil e, ainda ofereceu de enviar por escrito algumas medidas que achava cabíveis para amenizar e superar a crise gerada pela transferência desses profissionais (BASSI, 1966h).

Esses problemas também foram expostos no texto que tratou das *Realizações do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos desde sua fundação até 31/12/1966*:

Graves obstáculos se apresentaram logo para a manutenção em alto nível das atividades do Departamento, o principal dos quais foi o êxodo dos professores estrangeiros, provocado pela inflação, que reduziu a proporções muito baixas o valor aquisitivo dos ordenados e as dificuldades, pelo mesmo motivo, de substituir tais professores, de imediato, com pessoal brasileiro de gabarito (PROC. 6366-53, fl. 66 - 67).

O Professor Cecconi permaneceu na EESC até 1959 quando, por meio de concurso, conseguiu um cargo de Professor Catedrático de Análise Matemática na Universidade de Messina – Itália (CALÁBRIA, 2010, p. 82). Cabe lembrar que o Professor Jorès Cecconi foi o orientador de Ubiratan D’Ambrosio em seu doutorado, cuja tese intitulou-se *Superfícies generalizadas e conjuntos de perímetro finito* que lhe conferiu o título de Doutor em Ciências pela Escola de Engenharia de São Carlos em 1963 (VALENTE, 2007, p. 55).

Já o Professor Richard se afastou do Departamento de Matemática por obter a direção de um Instituto de Cálculo na Itália (BASSI, 1961b, p. 11). Segundo Menino (2001, p. 97), esse convite foi para dirigir o *Centro di Calcolo do Contato Nazionale per l’Energia Nucleare*, em Bologna.

Além dos docentes italianos, entre os jovens investigadores que o Departamento de Matemática perdeu na década de 1960 estava Ubiratan D’Ambrósio que tinha sido contratado pela EESC em 1958 como assistente da Cadeira de Cecconi e em carta datada de 24.08 e em 29.11.1960, o mesmo informou a Bassi sobre o convite e sua decisão de aceitar a proposta de reger a Cadeira de Análise Superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro (D’AMBROSIO, 1960a, 1960b).

Esse problema começou a ser superado somente com a contratação dos Professores Loibel e Nelson Onuchic. O convite para que o Professor Loibel assumisse a cadeira deixada pelos professores italianos se deu da seguinte forma:

Voltei para o Brasil, dos Estados Unidos, no começo de 62, ocasião em que fui convidado pelo diretor da Escola de Engenharia a ocupar uma das cátedras que vagaram, devido a saída dos Professores Cecconi e Richard. Na época, havia o sistema de cátedras e a pessoa contratada sem concurso era chamada de Regente de Cátedra. Eu aceitei essa incumbência, com a condição de que eu pudesse iniciar um programa mais organizado de pós graduação, ainda não dentro da legislação de 1970, mas da legislação antiga (LOIBEL, 2000).

Em memorando endereçado ao Professor Leopoldo Nachbin do IMPA durante a década de 1950, o matemático relatou que no próximo semestre provavelmente chegaria ao Brasil, a convite do Departamento de Matemática da EESC, o Professor Lamberto Cesari, então docente da Universidade de Bologna e da *Purdue University (Lafayette Indiana)* (BASSI, 1956). Esse fato é relevante por retratar a importância dada pelo personagem à visita de pesquisadores de grandes Universidades à São Carlos, além de manter contato com professores do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, mostrando o lado de gestor da Matemática assumido por ele desde que foi convidado a trabalhar na Escola de Engenharia. Neste mesmo memorando, Bassi ainda expressou:

O Departamento de Matemática daqui desejaria também, ser informado sobre a próxima vinda de Professores estrangeiros no Brasil a serem chamados pelo IMPA ou alhures. Agradecemos as informações recebidas sobre as atividades programadas e peço ao Senhor a fineza de não faltar a nos dar tais informações (BASSI, 1956).

Ainda na posição de gestor/empreendedor acadêmico, Bassi manteve contatos com outros matemáticos, inclusive do IMPA. Em carta enviada ao Professor Paulo Ribbenboim, então pesquisador-chefe do Instituto de Matemática Pura e Aplicada, o personagem demonstrou interesse em manter e até aumentar as relações com esta instituição. Vejamos alguns trechos:

Agora que o estágio do Prof. Piccinini está quase para terminar, porquanto desejo agradecer a distinção feita pelo IMPA a êste Departamento, parece-me oportuno, afim de que estes contactos entre S.Carlos e o IMPA, certamente proveitosos, possam resultar sempre os mais eficientes, recomendar, também em nome dos Professores Cecconi e Richard, o seguinte:

1. As notícias que possam interessar o pessoal de São Carlos sôbre a vinda de professores estrangeiros sejam dadas com a maior antecedência possível e com os maiores pormenores sôbre o programa, de maneira de ser tempo e maneira se oportuno, de organizar seminários prévios.
2. Os convites sejam feitos impessoalmente. Cabe a nós catedráticos ver qual instrutor eventualmente mandar, dado o preparo e a orientação cultural de cada um, e dada a falta que êle no momento nos faria aqui na Escola, coisa que nós sómente podemos julgar.
3. (...)
4. Seríamos multíssimos gratos se, planejando os cursos do pessoal estrangeiro que os senhores contrataram, tivessem a bondade de deixar livres alguns dias, de maneira que o professor possa passar alguns dias em São Carlos para conferências e maiores contactos.
5. (...)

(...) É evidente que neste caso teremos o maior empenho e o maior prazer em retribuir as facilidades e cortesias que o IMPA por ventura nos proporcionasse (BASSI, 1958b).

O matemático também trocou correspondências com o Professor da Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto Walter Von Kruger (1915 – 2004) no final de 1966, onde afirmou ter lido o texto do Professor Luiz Carlos de Assis Moreira intitulado *Fundamentos de Geometria do Quadrângulo* enviado pelo Prof. Kruger e sugeriu a ida de Luiz Carlos até São Carlos com o objetivo de aperfeiçoar-se. Vejamos:

Cabe-me pois fazer esta pergunta: êste jovem não poderia vir aqui em São Carlos, por exemplo, por um ano, para aperfeiçoar-se?

Em 1967 funcionará oficialmente (de fato já está em funcionamento quase desde o início da Escola) um centro de pós-graduação em Matemática para pessoas já formadas que aspirem tornar-se “Master” ou depois doutores em Matemática (BASSI, 1966j).

Essa carta mostrou o interesse de Bassi em trazer para a EESC jovens “capaz[es] e estudioso[s]”, que tenham “boas qualidades” e, dessa forma, avançar em relação à pesquisa científica em São Carlos (BASSI, 1966j).

Ao refletirmos sobre essa carta, escrita no mesmo ano do retorno dos professores italianos a Europa, podemos concluir que o matemático estava preocupado com a condição em que o Departamento se encontrava, então passou a selecionar e incentivar jovens “promissores” para a realização de atividades na EESC.

Antes da carta citada acima, o matemático também enviou uma carta ao seu ex-assistente Loibel. Nessa correspondência, datada de 15 de junho de 1966, fez os seguintes questionamentos:

Desejaria muito notícias suas. Como se deu aí? Que tratamento fazem aos professores estrangeiros que, como o Sr., são bem apreciados? Permitem que cientistas se radiquem? Há muitos outros professores estrangeiros? Achou um bom ambiente científico? São estas minhas perguntas (BASSI, 1966a).

Esses questionamentos de Bassi ao Professor Loibel e também a carta enviada ao Professor Ribbemboim demonstram, mais uma vez, a importância dada pelo matemático ao contato com professores estrangeiros e, conseqüentemente, a realização/produção de pesquisas. Desta forma, acreditamos que esse interesse do personagem em relação ao intercâmbio científico (não somente através do contato físico com pessoas, mas também por meio da manutenção de uma biblioteca de alto nível) se justificava pelo intuito do mesmo em transformar a Escola de Engenharia, em especial o Departamento de Matemática, em um centro de pesquisas comparável aos demais centros de excelência mundial.

Em relação aos novos contratados da EESC após a saída dos professores estrangeiros, Nelson Onuchic assumiu a cadeira de Matemática Aplicada em fins de 1966. A esse respeito o matemático tinha escrito na mesma carta que enviou a Loibel: “Parece que na Escola as cadeiras novas saem finalmente. Hoje falei com Nelson para êle vir aqui. Achei-o desejoso, porque em Rio Claro não se dá bem. Espero pois que estará conosco no próximo ano ou talvez antes” (BASSI, 1966a). Já Loibel, assumiu uma cadeira no Departamento de Matemática da EESC em 1962, logo que retornou dos Estados Unidos. Entretanto, entre os anos de 1965 e 1966, esteve na Universidade Central da Venezuela como professor visitante e, por esse motivo, estava se comunicando

com Bassi através de cartas. A partir da contratação desses professores, a difícil situação do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia foi superada (PROC. 6366-53, fl. 67).

Achille Bassi era um gestor nato, estabelecia contatos e utilizava da cordialidade sempre, tanto que era ousado em aconselhar o Diretor da EESC, o Professor Rubens Lima Pereira, em como proceder em relação ao Professor Laerte Ramos de Carvalho (1922 – 1972), o então Presidente da Câmara de Ensino Superior do Conselho Estadual de Educação (CEE). Em memorando enviado ao Dr. Rubens Pereira no dia 14 de outubro de 1969, o matemático escreveu:

Tenho uma notícia a dar a V. Exa. que me parece importante. O Prof. Laerte mostrou o desejo de visitar S. Carlos. Não podemos perder esta ocasião de estabelecer contatos proveitosos e cordiais com membros do CEE que desejam conhecer o que aqui temos feito e iremos fazer, agindo também de acordo com nossas tradições hospitaleiras.

Permito-me sugerir a V. Exa. de enviar uma carta de convite a êle, extensivo aos demais membros do CEE, para que visitem este Centro de Estudos. Eu mesmo a levaria em mãos do Prof. Laerte na próxima segunda-feira. Já falei a êle de tudo quanto de bom se está fazendo na Engenharia, na Matemática e na Física, e o achei nas melhores disposições; coisa na verdade muito importante, em vista da futura homologação dos estatutos da USP no que se refere a S. Carlos (BASSI, 1969c).

Com a criação do curso de Bacharelado em Matemática na EESC em 1969 pela Portaria GR-987 de 4 de dezembro do referido ano e, início das atividades em 1970 autorizado pelo Decreto Federal de nº 69207 de 15 de setembro de 1971, o personagem também passou a ser docente do curso juntamente com os demais professores do Departamento. Quanto à pós-graduação, até que a mesma fosse credenciada pelo Conselho Nacional de Pesquisas e pela própria USP, a EESC já tinha realizado 10 doutorados e 23 mestrados na área de Matemática (MENINO, 2001, p. 105), com o Professor Bassi a frente do Departamento.

Na posição de Diretor do Departamento de Matemática, Achille Bassi também se comunicava com os alunos. No trecho abaixo é dado um parecer aos estudantes do segundo ano em relação às suas reclamações/reivindicações:

Caso se cogite de uma redução do número de aulas, não posso manifestar-me sôbre a melhor maneira de realizá-la, mas tenho que observar que as aulas de matemática ministradas no primeiro biênio já foram reduzidas, contrariamente aos meus conselhos, a um limite que é inferior àquêla adotado em tôdas as escolas de engenharia estrangeiras de alto gabarito (BASSI, 1970d).

Assim, vemos que o matemático em toda sua trajetória comparava o ensino superior brasileiro ao de outras escolas estrangeiras, na tentativa de melhorar a educação brasileira e colocá-la na mesma posição dos grandes centros de ensino e pesquisa internacionais. O personagem reafirmou essa ideia ao defender que a Escola de Engenharia de São Carlos deveria procurar ser uma escola de elite e não de massa. Com a justificativa de que:

(...) são, com efeito, necessárias à Nação, também Escolas de Elite que são mais difíceis de serem organizadas, e são atualmente ainda raras, ao passo que já são numerosíssimas na Engenharia as Escolas de Massa, capazes de fornecer todos os Engenheiros para desempenhar as tarefas normais de que a Nação também precisa (BASSI, 1970a, p. 1).

Essa defesa de uma Universidade de elite por parte de Achille Bassi vem corroborar com “os pressupostos e os argumentos nos quais os Conselheiros [do Conselho Federal da Educação (CFE)] fundamentavam a posição da constituição de uma universidade de elite” (ROTHEN, 2010, p. 110) durante a Reforma Universitária de 1968. Esse período pré-reforma foi retratado por Buffa e Nosella (2000, p. 92) da seguinte forma:

Na verdade, o problema do acesso e da democratização da universidade constituía, como sabemos, a grande motivação das manifestações estudantis nacionais e internacionais. [...]. O Brasil vivia essa mesma problemática com um ingrediente a mais: o autoritarismo dos governos militares. Enquanto várias nações europeias tentaram equacionar tais problemas através da assim chamada universidade aberta, [...], o Brasil tentou solucioná-los através de algumas reformas: a Reforma Universitária (1968) que, entre outras coisas, modificou os exames vestibulares, fazendo desaparecer a figura do excedente, e a Reforma do Segundo Grau (1971) que, ao profissionalizar os alunos, tentou, em vão, contê-los nesse nível.

Segundo Schwartzman (2001, c. 9, p. 5) essa reforma “buscava atender à aspiração de grupos altamente educados no sentido de adotar o modelo de universidade americana de pesquisa”. Esse modelo de instituição norte-americana, que foi implantado no Brasil, apresentava as seguintes características: eliminação das cátedras para dar lugar aos departamentos, estabelecimento do sistema de créditos e de instituições de pesquisa, programas de pós-graduação e implementação de ciclos básicos (SCHWARTZMAN, 2001, c. 9, p. 5). Essa departamentalização prevista na Reforma de 1968, ocorreu durante o ano de 1970 nas unidades da USP, em que cátedras foram agregadas aos Departamentos. Como consequência dessa Reforma, criou-se uma política nacional de pós-graduação e, no caso da USP, os cursos de Mestrado e Doutorado foram regulamentados de acordo com a Portaria GR-885 de 25 de agosto de 1969.

Também não podemos deixar de mencionar que a EESC era parte integrante da USP, que fora criada em 1934 por meio do Decreto Estadual nº 6283. Entre os objetivos da criação dessa Universidade citados no artigo primeiro do referido decreto estavam: a promoção da pesquisa e o progresso da ciência, além de formar especialistas, técnicos e profissionais em todas as áreas, tanto científica como artística. “A universidade teria autonomia administrativa e acadêmica, destinando-se a criar uma nova elite que assumisse a liderança do país, superando o atraso e lavando São Paulo de volta ao lugar que merecia como o estado líder da federação (SCHWARTZMAN, 2001, c. 5, p. 23). Ou seja, o matemático ao defender essa ideia de uma Universidade de elite passou também a reproduzir o discurso de criação da própria Universidade de São Paulo.

O professor Bassi, não só defendeu essa ideia, como também afirmou que o aumento do número de vagas no vestibular dificultou a consolidação da EESC como sendo de elite, pois como o corpo docente não tinha sido aumentado proporcionalmente ao número de vagas, a carga horária das disciplinas de matemática do curso fundamental teve que ser reduzida. E, ainda propôs uma solução, em longo prazo, para o problema:

A longo prazo, querendo que realmente a Escola não
deixe de ser de elite, recomenda-se indispensável não aumentar

ulteriormente as vagas (sendo que é impossível diminuí-las) e de reforçar o corpo docente de Matemática, logo que fôr possível, com elementos de todos os níveis de maneira a poder novamente ministrar cursos formativos do raciocínio e da inteligência, a turmas não excessivamente numerosas, cursos comparáveis aos ministrados nas boas escolas de engenharia do mundo inteiro (BASSI, 1970a, p. 2).

Esse crescimento do número de vagas oferecidas no vestibular da EESC de imediato gerou problemas quanto ao número de docentes e instrutores disponíveis, tanto que, em carta enviada no dia 7 de fevereiro de 1968, o personagem pede ao Professor Frederico Schiel o empréstimo de um instrutor para “ministrar, por semana, uma aula repetida (ao todo duas aulas) de exercício de Geometria Diferencial no 2º ano, o que já traria algum benefício” (BASSI, 1968b).

No dia 2 de fevereiro do ano seguinte, 1971, o personagem pediu afastamento de suas funções como chefe e docente do Departamento de Matemática da EESC para que pudesse realizar pesquisa científica junto ao IMPA. Foi-lhe, então, concedido o prazo de um ano de licença sem prejuízo de vencimentos. Nessa época, os docentes do Departamento estavam interessados em criar um Instituto próprio de Matemática no campus de São Carlos. Isso ocorreu no final de 1971, no dia 28 de dezembro, quando o Decreto Estadual nº 52.850 criou Instituto de Ciências Matemáticas (ICMSC).

Quanto à criação do ICMSC, Bassi teve participação decisiva e alcançou seu ápice no papel de gestor e empreendedor acadêmico. Assumiu esse papel em uma importante participação no Conselho Universitário como representante da EESC. A esse respeito, o professor Arouca resumiu:

Sem descuidar de suas atividades científicas, na qualidade de representante da Egrégia Congregação da Escola de Engenharia de São Carlos, desenvolveu brilhante atividade no Conselho Universitário na época da Reforma, tendo, entre outras realizações, contribuído decisivamente para a criação de mais duas unidades da USP em São Carlos: o Instituto de Ciências Matemáticas e o de Física e Química (AROUCA, 1973, p. 5-6).

Segundo Gilberto Francisco Loibel, naquela época, havia grupos de professores que simpatizavam com algumas posições diferentes quanto à criação de um Instituto. Alguns deles, inclusive o Professor Loibel, defendiam a

ideia de que se reunissem as Ciências Básicas em um único Instituto separado da EESC. Entretanto, essa não era a posição que Bassi defendia, pois pensava na criação de um Instituto unicamente para a Matemática:

Eu defendi aquele ponto de vista, eu achava que era bom reunir as ciências básicas, mas felizmente outras pessoas eram mais sábias do que eu, como por exemplo o Professor Bassi, que dizia:

- Se nós formarmos um instituto junto com a Física e a Química, nós não vamos melhorar muito a nossa situação, comparada com aquela que nós estamos em relação aos engenheiros. Isto é, sempre as ciências experimentais vão levar as verbas maiores e não vão concordar com a divisão de verbas que possam ser úteis para a Matemática. Felizmente não foi a minha opinião que predominou, mas a das pessoas que eram mais sensatas. O próprio Professor Bassi, como chefe do Departamento na época, se empenhou para que fosse criado um Instituto de Ciências Matemáticas e realmente foi muito bom, porque, depois disso, nós tínhamos verbas independentes e essas verbas podiam ser canalizadas principalmente para a biblioteca, que nós desejávamos fortificar cada vez mais (LOIBEL, 2000).

Para alcançar seu objetivo, o matemático se articulou entre as lideranças e manteve contato com as pessoas que pudessem ajudá-lo de alguma forma. O Professor Antonio Fernandes Izé caracterizou Bassi como “bom articulador, (...) habilidoso, típico italiano; muito bom político também, sabia articular, conseguir” (IZÉ, 2000). E, com todas essas características disponíveis, o personagem tratou de aliar-se:

Havia uma pressão da própria Física para que fossem criados os Institutos. Então, ele (Prof. Bassi) também percebeu a oportunidade e foi aliando-se e articulando com as lideranças do Departamento de Física, chefiadas pelo Prof. Sergio Mascarenhas. O Prof. Bassi era uma pessoa muito persistente. Quando ele pretendia alguma coisa, ele perseguia muito aquilo com persistência, com o jeito educado dele. Ele procurava conversar com as pessoas certas, em um processo de envolvimento muito persistente.

Eu não me lembro de ter havido resistência. Pode até ter havido divergências nas conversas das lideranças, que acredito foram superadas. Essas mudanças estavam acontecendo em toda a Universidade. Era uma decisão de como separar e de reorganizar as instituições (RODRIGUES, 2000).

Essa conquista de Achille Bassi e dos demais professores em relação à criação de um Instituto de Ciências Matemáticas concretizou-se devido à sua habilidade política. Para o Professor Izé, essa característica “era uma boa qualidade porque, para o Instituto, era bom que houvesse uma habilidade política e o Bassi tinha esta condição, de saber conversar com as pessoas do escalão mais alto, de obter certas vantagens” (IZÉ, 2000). O matemático chegou a conversar pessoalmente com cada um dos membros do Conselho Universitário, desta forma, foi “uma pessoa que colaborou bastante na fundação do Instituto, não só porque tinha condição, mas tinha bastante empenho e dedicação” (IZÉ, 2000).

Ao contribuir com a criação do Instituto, o personagem expôs sua aptidão política. Segundo o historiador Sirinelli, “É lógico, sobretudo no caso dos acadêmicos, remontam a seus jovens anos escolares e universitários, numa idade em que as influências se exercem sobre um terreno móvel e em que uma abordagem retrospectiva permite reencontrar as origens do despertar intelectual e político” (SIRINELLI, 2003, p. 250).

Ainda sobre esse episódio da criação de um Instituto de Ciências Matemáticas, o Professor Izé resumiu:

O titular do Departamento era o Professor Achille Bassi e, felizmente, naquela época, o Professor Bassi, como membro da Congregação, foi eleito representante da Engenharia no Conselho Universitário. Não sei exatamente a data, mas quando da fundação do Instituto ele era representante da Escola de Engenharia no Conselho Universitário e tinha trânsito junto ao Reitor e aos membros do Conselho. Conversávamos bastante, eu e ele, e eu estava muito interessado na fundação e achava que era uma forma de crescer, porque como Departamento da Escola de Engenharia estaríamos sempre condicionados em relação à verba e outras limitações que têm os departamentos numa Escola de Engenharia com tantos departamentos. As coisas eram muito difíceis, obtínhamos uma verba minguada para as nossas necessidades. Como Instituto, passaríamos a ter uma verba especial, inclusive para a construção de prédios, biblioteca e uma série de coisas. Teríamos todas as vantagens possíveis e nem sei porque alguns eram contrários. Conversávamos bastante eu e o Professor Bassi (IZÉ, 2000).

Após toda essa trajetória com o intuito de se criar um Instituto de Matemática separado das outras Ciências Básicas (Física e Química), em

reunião da Congregação do dia 9 de outubro de 1969, Achille Bassi comunicou aos demais membros sobre a aprovação dos referidos institutos:

(...) dá conhecimento aos presentes de que São Carlos conseguiu, finalmente, a vitória da obtenção de três institutos: o de Engenharia; o de Matemática e o de Física e Química. Esclarece que a luta foi bastante árdua e que a vitória da aprovação desses institutos, no Conselho Universitário, foi conseguida a duras penas (...) dou contas a Congregação, como seu representante junto ao Conselho Universitário, do que pude realizar, arduamente, nas últimas três semanas em São Paulo (Ata da Congregação da EESC/USP do dia 09.10.69, Livro I, p. 182v, 183 *apud* MENINO, 2001, p. 110).

Entretanto, o Conselho Estadual de Educação barrou a criação de tais Institutos e o professor Bassi escreveu uma carta endereçada ao Governador do Estado de São Paulo, Roberto Costa de Abreu Sodré (1917 – 1999), que foi enviada por intermédio do Reitor da USP, criticando o veto quanto à criação dos Institutos e também justificando a solicitação dos mesmos para integrar a EESC (MENINO, 2001, p. 111).

Após ser reescrito e reencaminhado como matéria nova ao Conselho Estadual de Educação, finalmente, em dezembro de 1971 foram criados os Institutos de Física e Química (IFQSC) e de Matemática (ICMSC) da EESC. Este último, sendo constituído pelo Departamento de Matemática e de Ciências de Computação e Estatística, de acordo com a Portaria do Reitor GR-1023 de 15 de janeiro de 1970, na qual se departamentalizou as Unidades da USP, extinguindo as cátedras (EESC, [s.d.]a).

No próximo ano, 1972, foi então criado o *campus* da USP de São Carlos, através da Portaria GR-1696 do dia 3 de fevereiro, formado pela Escola de Engenharia e pelos Institutos de Matemática e de Física e Química. O primeiro coordenador designado do *campus* foi Morency Arouca e um ato do Reitor do dia 2 de fevereiro de 1972, com publicação no Diário Oficial (D.O.) no dia 04.02, designou Bassi para exercer a função de Diretor “pró-tempore” do novo Instituto de Matemática de São Carlos. Essas informações referentes ao personagem estudado encontram-se em uma Certidão de Tempo de Serviço (PES.001/72) e em seu prontuário, entretanto, anexado ao seu processo de contagem de tempo de serviço encontramos o ato de Reitor que designou o matemático para a referida função com data de 3 de janeiro de 1972.

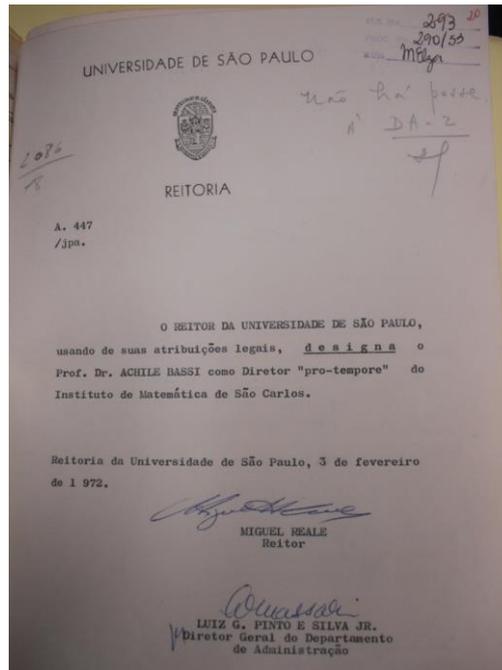


Figura 14 – Ato do Reitor Miguel Reale que designa Achille Bassi como Diretor “pro-tempore” do Instituto de Matemática de São Carlos
Fonte: PROCESSO USP 6366/53

Já no ano seguinte, no dia 05 de janeiro de 1973, Achille Bassi assumiu o cargo de Diretor do ICMSC de fato, com publicação em D.O. no dia 11.01 (PRONTUÁRIO).

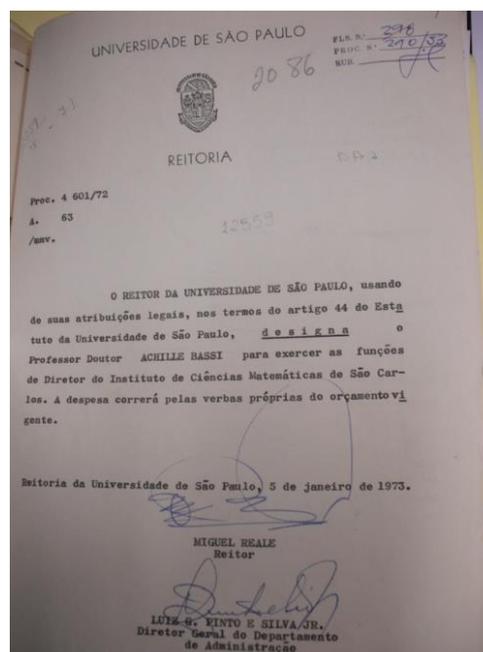


Figura 15 – Ato do Reitor Miguel Reale que designa Achille Bassi como Diretor do Instituto de Ciências Matemáticas de São Carlos
Fonte: PROCESSO USP 6366/53.

Bassi, como gestor da Matemática, também convidava ou matinha contato com jovens promissores e se correspondia com os mesmos objetivando encorajá-los a trabalhar ou permanecer no Departamento de Matemática da EESC. Foi o caso, por exemplo, do Professor Antonio Fernandes Izé que foi convidado para trabalhar na Escola de Engenharia por Achille Bassi. Segundo Izé, o Prof. Bassi ouviu falar dele, que era um bom aluno e que estava fazendo mestrado e, como tinha uma vaga de Matemática na Engenharia, convidou-o para assumir esse cargo (IZÉ, 2000).

Foi o caso também do Professor Odelar Leite Linhares que, ao receber um convite de transferência para a Universidade de Campinas, foi comunicado por Bassi, em carta datada de 27 de fevereiro de 1970, das intenções da Escola de Engenharia em “dar-lhe (...) uma posição de igual nível ao daquela que lhe é oferecida em Campinas (embora não seja isto fácil no momento presente)”. Ainda na mesma carta, o matemático deixou claro que estava “disposto a lutar para o fim desejado” de contratar o Professor Odelar em tempo integral, mas que não seria vetada ao Prof. Odelar a colaboração com a Universidade de Campinas que todos viam com prazer (BASSI, 1970f).

Nesse sentido, o personagem também se correspondeu com Renzo Piccinini em 20 de outubro de 1972, contando-lhe que o grau de “Professor Adjunto” seria provavelmente suprimido e englobado com o de “Livre Docente” na Universidade de São Paulo, encurtando assim a carreira universitária. O Professor Bassi também comentou que a carreira do professor universitário estava melhorando constantemente e encorajou Piccinini (BASSI, 1972a).

Mesmo após o retorno de Cecconi e Richard à Itália, o matemático não desistiu de contratar professores estrangeiros para atuarem na EESC. Em carta enviada ao então Reitor do ITA, o Professor Francisco Antonio Lacaz Netto (1911 – 1991), o professor Bassi lembrou que há pouco tempo tinha feito uma visita ao referido Instituto “com a finalidade de obter informações sobre a situação prevista para os professores contratados estrangeiros que desejam permanecer definitivamente nessa Instituição” (BASSI, 1969b). Nessa mesma carta, ainda afirmou que essas informações eram de interesse para a USP e pediu ao Prof. Netto que lhe informasse com mais precisão sobre a possibilidade de permanência desses estrangeiros contratados de permanecer no Brasil, sem se naturalizar antecipadamente e sem a necessidade de serem concursados

(BASSI, 1969b). Ao encerrar a carta, relatou que em São Paulo estava-se “estudando a possibilidade de contratar cientistas estrangeiros de alto nível, que possam eventualmente permanecer, e de eliminar os obstáculos burocráticos relativos” (BASSI, 1969b).

No ano de 1966 o matemático também enviou duas cartas, uma para o *Institute of International Education* de Nova York e outra para a Fundação Rockefeller na mesma cidade. Nessas cartas era solicitado uma brochura referente a “Bolsas de Estudo e Bolsas abertas para estudantes estrangeiros estudarem nos Estados Unidos” e, uma outra, referente ao “Programa de Bolsa de Estudo” (BASSI, 1966f, 1966g). Essas cartas nos indicam que Bassi estava interessado em enviar alunos para cursar pós-graduação nos EUA, mostrando que se preocupava com a formação de seus alunos e de como prosseguiriam os estudos, reforçando, desta forma, o intercâmbio entre matemáticos.

Esse cuidado do professor também pode ser verificado no episódio de uma viagem em que Odelar Leite Linhares fez à Itália em 1966, pois encontramos três cartas de apresentação/recomendação desse professor aos pesquisadores italianos, sendo eles o Professor Guizzetti do *Istituto Nazionale per Le Applicazioni del Calcolo* de Roma, o Professor Gianfranco Capriz da Universidade de Pisa e o Professor Giovanni Ricci do Departamento de Matemática da Universidade de Milão (BASSI, 1966b, 1966c, 1966d).

Entretanto, esse cuidado de Achille Bassi não se refletia apenas em relação aos estudantes e membros do Departamento de Matemática da Escola de Engenharia de São Carlos. O personagem ainda aconselhava outros gestores em como proceder para transformar suas Faculdades em grandes centros. Foi o caso do Professor Celso Volpe, diretor da Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto, que recebeu alguns conselhos de Bassi referentes à Biblioteca:

Querendo, o que é possível, que São José do Rio Preto se torne um grande centro em Matemática, é necessário não economizar no tocante à biblioteca. Será bom assinar outras revistas ainda e comprar alguns milhares de livros. Quanto mais se gasta em biblioteca tanto melhor (BASSI, 1970e).

Nesse sentido de criticar ou sugerir medidas a outros gestores, um mês antes da viagem do Professor Odelar à Itália, Bassi ousou ainda mais. Em agosto de 1966 enviou uma carta ao Professor Alessandro Faedo (1913 – 2001),

o então Reitor da Universidade de Pisa. Nessa carta fez sugestões para alguns dos problemas enfrentados por essa Universidade. Primeiramente, em relação aos professores visitantes, pois tinha observado que a maioria das Universidades italianas fazia pouco uso desse recurso que as demais universidades estrangeiras primavam. O matemático defendeu sua ideia dizendo que o “manter-se atualizado” requereria contínuos contatos, mas para a implantação desse recurso por ele sugerido, a legislação italiana deveria ser mudada. Ainda lembrou que os Estados Unidos não teriam atingido o nível científico apresentado se tivessem seguido as mesmas regras adotadas na Itália e, acrescentou que a topologia e a álgebra moderna teriam um desenvolvimento ainda maior se os italianos tivessem chamado mestres estrangeiros para expor suas recentes pesquisas (BASSI, 1966n).

Mas para as ideias acima serem colocadas em prática, foi lembrado que a obrigação do professor se naturalizar deveria ser removida, sendo substituída pela respeitabilidade das leis da República italiana. Outra sugestão desse personagem foi em relação à minimização de títulos técnicos específicos para os matemáticos por acreditar que atrasava o reconhecimento oficial da importância de novas teorias, e ainda observou que quase não existiam cadeiras relacionadas à alguma teoria recente. Explicou que no modelo adotado nos Estados Unidos era conferido aos docentes apenas o título de “professor titular”, sem especificar nenhuma disciplina, desta forma, impedia que os amantes de teorias novas fossem colocados em uma posição de inferioridade em relação aos demais (BASSI, 1966n).

Todavia, também ressaltou as qualidades das universidades italianas, referindo-se aos dois primeiros anos de graduação que são muito melhores do que o dos americanos e que na América não havia curso igual. Por fim, citou o salário de professores auxiliares e pediu desculpas ao Professor Alessandro pela liberdade tomada ao fazer tais críticas e sugestões, mas fê-lo pela admiração e amor que tinha pela Universidade de Pisa (BASSI, 1966n).

Diante do exposto acima, na década de 1960, sob a direção de Achille Bassi, o Departamento de Matemática da EESC já demonstrava seus primeiros resultados, pois segundo o próprio matemático “produziu entre 1955-1960 mais de vinte trabalhos científicos, dos quais a metade aproximadamente de autoria de jovens capazes que aqui se educaram” (BASSI, 1961b). Nos anos seguintes,

o Departamento começou a produzir ainda mais até o seu desmembramento em Instituto de Matemática, já tratados neste trabalho, tornando-se uma referência até os dias atuais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho apresentamos um estudo histórico-investigativo sobre as contribuições de Achille Bassi para a criação de um espaço de ensino e pesquisa de Matemática no Brasil. Este estudo justifica-se pela relevância do personagem durante o período de atuação na Escola de Engenharia de São Carlos, além de ser uma personalidade não estudada anteriormente. E, inserido no campo de pesquisa de História das Ciências e Matemática, este projeto tem sua contribuição justificada pelo fato de que conhecer o desenvolvimento da ciência é conhecer as trajetórias das próprias sociedades humanas.

Além destas justificativas, o matemático atuou no Brasil desde sua chegada em 1939 até seu falecimento no ano de 1973, passando por instituições de ensino de diferentes estados brasileiros. Desta forma, insere-se também no período citado por Mariana Cavalari: “os pesquisadores brasileiros, no decorrer dos anos de 1940, 50 e 60, se organizaram para a criação de Sociedades, periódicos científicos e, também, de centros de pesquisas que promoveram a produção e a divulgação científica, especificamente matemática, em Território nacional” (CAVALARI, 2012, p. 5), o que justifica mais uma vez este estudo, pois o personagem aqui tratado se insere nesse período de formação e institucionalização de uma comunidade científica matemática brasileira.

Através da atuação do mesmo, tivemos como objetivo principal compreender/analisar o contexto de desenvolvimento e institucionalização do Departamento de Matemática da Universidade de São Paulo no *campus* de São Carlos que se transformou em Instituto de Ciências Matemáticas em um momento posterior. Mas, este questionamento principal, gerou uma série de objetivos secundários que foram sendo desenvolvidos/respondidos ao longo da pesquisa. Sejam eles: analisar o percurso da Matemática em São Paulo, relacionar o desenvolvimento da Matemática e seu contexto sócio-político-cultural, proporcionar uma reflexão sobre a Matemática em São Paulo e a influência de estudos internacionais.

A exposição do estudo foi feita por meio de uma narrativa da trajetória do matemático baseado em um recorte, uma seleção dos fatos que corroboraram com nossos questionamentos iniciais, o que gerou, primeiramente, a construção

de uma trajetória contextualizada do mesmo e, em um segundo momento, foram ressaltados aspectos dos quatro papéis sociais por ele assumidos ao longo de sua vida acadêmica. Para isso, utilizamos principalmente fontes primárias e secundárias e procuramos reconhecer o tempo e o espaço no qual estava inserido. Essa história contextualizadora foi praticada pois “partimos da consideração de que a atividade científica, como toda atividade cultural, deve ser compreendida, pelo historiador, de forma contextualizada, ou seja, segundo os referenciais próprios ao momento histórico em que ocorre” (DANTES, 1996, p. 50).

O período estudado foi de 1953 até 1973, desde a contratação do matemático pela Escola de Engenharia de São Carlos até o seu falecimento. Entretanto, de forma a contextualizar o personagem e na tentativa de compreensão de sua formação, de suas atitudes/escolhas e de sua produção acadêmica e científica, também tratamos de sua trajetória desde a formação na Itália e sua contratação pela Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil até o ano de 1973.

Desta forma, através deste estudo e da retomada de nossas questões iniciais, pretendemos contribuir com a escrita da História da Matemática brasileira por intermédio da atuação de Achille Bassi como um pequeno elemento contribuinte com o desenvolvimento deste campo de ensino/pesquisa no Brasil. Pois, a circulação do personagem em espaços internacionais - também de seus contratados e estudantes da Escola de Engenharia de São Carlos - acarretaram na circulação de ideias/discussões da Matemática no período. A permanência do matemático no Brasil e sua atuação na organização do Departamento de Matemática e Instituto de Ciências Matemática da USP, além da introdução de alunos à iniciação em pesquisa, também provocaram, juntamente com a participação de outras unidades de ensino da época e de outras personalidades, mudanças significativas no contexto brasileiro do ensino/pesquisa desta disciplina, o que nos leva a caracteriza-lo como um incentivador da Matemática no período.

A atuação do personagem como professor e na produção de material didático como o livro *Elementos de Geometria Projetiva* (neste caso de forma mais amena, já que este foi o único texto de sua autoria utilizado por outros docentes para lecionar), além das decisões tomadas em relação a gestão do

Departamento de Matemática (contratação de professores, organização de grades de disciplina, contato com outros centros de pesquisa, entre outros), na organização/fundação/manutenção de uma Biblioteca e empenho na criação de um Instituto de Ciências Matemáticas contribuiu com a formação de outras personalidades/membros para a comunidade matemática brasileira que foi se institucionalizando ao longo do período tratado nesta pesquisa.

Embora tenha realizado pesquisas durante vários anos no Brasil, o matemático teve um baixo número de publicações como pesquisador em solo brasileiro. Ao longo do texto já foram levantadas hipóteses/justificativas a esse respeito, mas também temos que destacar que além do acúmulo de cargos e do seu trabalho como empreendedor acadêmico, também eram poucas as pessoas que se dedicavam à matemática no período estudado justamente pelo processo de institucionalização que a mesma estava passando, o que justifica a baixa produção não somente de Bassi mas também de outros matemáticos da época.

Desta forma, a reconstrução da história aqui apresentada não está acabada, pode ser considerada apenas uma primeira versão da mesma, pois assim que novos elementos forem encontrados ou novos problemas forem levantados, a mesma pode ser reescrita ou completada inúmeras vezes, como fruto de novas impressões e interpretações, tanto dos próprios autores como também de outros pesquisadores. Está, também, interligada a outros temas e outras histórias de instituições e personagens, pois a História é feita de homens, homens no tempo, que se relacionam direta ou indiretamente gerando novas histórias e problemas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes documentais:

BASSI, A. [Carta] 15 mar. 1973a, São Carlos [para] WATAGHIN, G. Torino. 1f. Informação sobre o Decreto do Governo de São Paulo nº 1235 de 8/3/1973.

BASSI, Achille. [Carta] [1956], DM-053/56, São Carlos [para] NACHBIN, L. Rio de Janeiro. 2f. Informação sobre a visita do Professor Cesari à EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 02 ago. 1968a, São Carlos [para] MILLA, A. São Paulo. 1f. Declínio do cargo de suplente da Comissão Julgadora ao Concurso à Cátedra de Topografia.

BASSI, Achille. [Carta] 04 dez. 1958a, DM-142/58, São Carlos [para] RIBBEMBOIM, P. Rio de Janeiro. 2f. Problemas causados devido ao convite para Piccinini estudar no IMPA.

BASSI, Achille. [Carta] 07 fev. 1968b, DM-05/68, São Carlos [para] SCHIEL, F. São Carlos. 1f. Pedido de empréstimo de instrutores.

BASSI, Achille. [Carta] 09 jun. 1970a, DM-44/70, São Carlos [para] PEREIRA, R. L. São Carlos. 2f. Sobre a orientação filosófica educacional adotada pela EESC e defesa da mesma como Escola de elite.

BASSI, Achille. [Carta] 10 mai. 1969a, DM-19/69, São Carlos [para] PEREIRA, R. L. São Carlos. 1f. Eleição para escolha de um novo chefe provisório do Departamento de Matemática da EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 12 jun. 1969b, DM-25/69, São Carlos [para] NETTO, A. L. São José dos Campos. 2f. Pedido de informações sobre a contratação de professores estrangeiros.

BASSI, Achille. [Carta] 14 fev. 1970b, DM-11/70, São Carlos [para] PEREIRA, R. L. São Carlos. 1f. Eleição para a escolha do Chefe do Departamento de Matemática e de seu suplente.

BASSI, Achille. [Carta] 14 nov. 1958b, DM-140/58, São Carlos [para] RIBBEMBOIM, P. Rio de Janeiro. 2f. Recomendações em relação aos contatos entre o IMPA e a EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 14 out. 1969c, DM-40/69, São Carlos [para] PEREIRA, R. L. São Carlos. 1f. Sugestão de como proceder em relação ao Professor Laerte, Presidente da Câmara de Ensino Superior do CEE.

BASSI, Achille. [Carta] 15 jun. 1966a, São Carlos [para] LOIBEL, G. F. 1f. Notícias sobre a viagem de Achille Bassi à Itália e aos Estados Unidos e sobre a EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 15 set. 1966b, São Carlos [para] CAPRIZ, G. Pisa. 1f. Apresentação do Professor Odelar Leite Linhares.

BASSI, Achille. [Carta] 15 set. 1966c, São Carlos [para] GUIZZETTI. Roma. 1f. Apresentação do Professor Odelar Leite Linhares.

BASSI, Achille. [Carta] 15 set. 1966d, São Carlos [para] RICCI, G. Milão. 1f. Apresentação do Professor Odelar Leite Linhares.

BASSI, Achille. [Carta] 16 abr. 1969d, DM-14/69, São Carlos [para] PEREIRA, R. L. São Carlos. 1f. Eleição para escolha de um novo chefe provisório do Departamento de Matemática da EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 17 dez. 1966e, São Carlos [para] TEIXEIRA, M. T. 1f. Convite para que o Professor Tourasse assistisse ao seminário de Achille Bassi.

BASSI, Achille. [Carta] 17 fev. 1970c, São Carlos [para] UCHIDA, H. São Paulo. 1f. Devolução de livros ao Instituto Agrônômico e Geofísico da USP.

BASSI, Achille. [Carta] 17 jan. 1973b, SMA-004/73, São Carlos [para] LOIBEL, G. F. São Carlos. 1f. Solicitação do curso de Álgebras de Boole com Operador de Fecho B para os alunos da pós-graduação.

BASSI, Achille. [Carta] 17 mar. 1971a, DM-41/71, São Carlos [para] AROUCA, M. São Carlos. 1f. Novo suplente do Chefe do Departamento de Matemática: Professor Doutor Mário Saab.

BASSI, Achille. [Carta] 18 mar. 1966f, DM-17/66, São Carlos [para] Institute of International Education. Nova York. 1f. Pedido da brochura "Fellowships and Scholarships open to Foreign Students for study in the United States".

BASSI, Achille. [Carta] 18 mar. 1966g, DM-18/66, São Carlos [para] Fundação Rockefeller. Nova York. 1f. Pedido da brochura "Programa de Bôlsa de Estudo".

BASSI, Achille. [Carta] 18 mar. 1971b, São Carlos [para] TEIXEIRA, M. T. Rio Claro. 1f. Pedido para que o Professor Tourasse auxiliasse o aluno Hermínio Cassago.

BASSI, Achille. [Carta] 18 set. 1964a, São Carlos [para] SILVA, L. A. G. São Paulo. 3f. Solicita afastamento por um prazo de cinco meses a fim de ficar a disposição do CNPq para desenvolver pesquisas junto ao IMPA.

BASSI, Achille. [Carta] 20 out. 1972a, SMA-150/72, São Carlos [para] PICCININI, R. 1f. Sobre a supressão do grau intermediário de Professor Adjunto que seria englobado ao de Livre-Docente.

BASSI, Achille. [Carta] 22 ago. 1967a, São Carlos [para] GOMES, F. M. Belo Horizonte. 1f. Envio de estudo sobre Galileu Galilei.

BASSI, Achille. [Carta] 22 mar. 1966h, São Carlos [para] GOES, P. Guanabara. 1f. Relato da perda da EESC de professores estrangeiros e investigadores brasileiros devido às leis e política financeira pouco esclarecida adotada.

BASSI, Achille. [Carta] 23 dez. 1965a, DM-114/65, São Carlos [para] SOUTO, T. A. São Carlos. 4f. Relatório sobre viagem científica pela Europa e EUA.

BASSI, Achille. [Carta] 23 nov. 1967b, São Carlos [para] SOUTO, T. A. São Paulo. 3f. Introdução de um curso de História das Ideias Filosóficas e Científicas na EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 24 abr. 1970d, DM-35/70, São Carlos [para] Alunos do 2º ano. São Carlos. 1f. Resposta à manifestação dos alunos datada de 23.04.1970 sobre sobrecarga de horário e "janelas".

BASSI, Achille. [Carta] 25 jun. 1966i, São Carlos [para] LOIBEL, G. F. Venezuela. 1f. Notícias sobre a viagem de Achille Bassi à Itália e sobre o Departamento de Matemática da EESC.

BASSI, Achille. [Carta] 25 nov. 1970e, São Carlos [para] VOLPE, C. São José do Rio Preto. 2f. Sugestões referentes à compra de livros para a Biblioteca da Faculdade de Filosofia de São José do Rio Preto.

BASSI, Achille. [Carta] 26 out. 1966j, São Carlos [para] KRUGER, V. V. Ouro Preto. 2f. Oferecimento de uma vaga para o aluno Prof. Luiz Carlos de Assis Moreira estudar pós-graduação em São Carlos.

BASSI, Achille. [Carta] 26 out. 1966l, São Carlos [para] LIBRERIA BELTRAMI. Firenze. 2f. Encomenda de livros.

BASSI, Achille. [Carta] 27 fev. 1970f, São Carlos [para] LINHARES, O. L. São Carlos. 1f. Pedido para que o Professor Odelar Leite Linhares recusasse o convite da Universidade de Campinas e permanecesse em São Carlos.

BASSI, Achille. [Carta] 27 jan. 1971c, São Carlos [para] AROUCA, M. São Carlos. 3f. Pedido de afastamento de Achille Bassi pelo prazo um ano para dedicar-se a trabalhos de investigação científica no IMPA.

BASSI, Achille. [Carta] 30 set. 1972b, São Carlos [para] FERRI, A. G. São Paulo. 2f. Relatório relativo ao afastamento de Achille Bassi durante o ano de 1971.

BASSI, Achille. [Carta] 31 mar. 1966m, São Carlos [para] HALMOS, P. R. Miami. 2f. Pedido de auxílio para o desenvolvimento de sua nova teoria.

BASSI, Achille. [Carta] 8 mar. 1972c, SMA-046/72, São Carlos [para] EESC, Seção de Pessoal. São Carlos. 1f. Comunicado sobre o retorno de Achille Bassi às funções de Professor da Escola de Engenharia.

BASSI, Achille. [Carta] ago. 1966n, São Carlos [para] FAEDO, A. Pisa. 4f. Sugestões de mudança referentes à área de Matemática na Universidade de Pisa.

BASSI, Achille. [Carta] jan. 1966o, São Carlos [para] SILVA, L. A. G. São Paulo. 4f. Relatório sobre viagem científica pela Europa e EUA.

BASSI, Achille. [Carta] jan. 1966p, São Carlos [para] GONÇALVES, S. Rio de Janeiro. 3f. Relatório sobre viagem científica pela Europa e EUA.

BASSI, Achille. *CONFERENZA. Polinomi e dualità in un'Algebra del Boole con Topologia*, [1965]b.

BASSI, Achille. *Exposição das Pesquisas Realizadas pelo Prof. Achille Bassi durante o afastamento concedido nos termos do artigo 2º, da Lei nº 6.826/62*. Jul 1964b.

BASSI, Achille. *Justificativas referentes à contagem de tempo de serviço em Universidades Estrangeiras*. São Carlos: 9 nov 1967d.

BASSI, Achille. *MEMORIAL: Referente à formação intelectual, à vida e à atividade profissional ou científica do candidato, Prof. ACHILLE BASSI*, 1961b.

BASSI, Achille. *Relatório das Atividades Científicas do Professor Doutor Achille Bassi, catedrático efetivo da Escola de Engenharia de São Carlos, para a comissão permanente do regime de tempo integral*. São Carlos: 14 nov 1964c.

BRASIL. Admissão, como extranumerário-contratado, de Achille Bassi para a Faculdade Nacional de Filosofia da UB como Professor da disciplina de “Topologia” da Cadeira de Matemática e Análise Superior. **Diário Oficial da União**. 5 jan 1952; Seção 1: 164.

BRASIL. Conversão do julgamento em diligência quanto à prorrogação dos contratos celebrados com o Sr. Achille Bassi e outros. **Diário Oficial da União**. 25 abr 1942; Seção 1: 6867.

BRASIL. Decreto nº 6283, de 25 de janeiro de 1934. Cria a Universidade de São Paulo e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, 26 jan. 1934. Disponível em: < <http://governo-sp.jusbrasil.com.br/legislacao/225246/decreto-6283-34>>. Acesso em: 22 jan 2014.

BRASIL. Decreto-Lei nº 4.166, de 11 de março de 1942a. Dispõe sobre as indenizações devidas por atos de agressão contra bens do Estado Brasileiro e contra a vida e bens de brasileiros ou de estrangeiros residentes no Brasil. **Diário Oficial União**, Brasília, 12 mar. 1942. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/declei/1940-1949/decreto-lei-4166-11-marco-1942-414196-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em: 22 jan 2014.

BRASIL. **Diário Oficial da União**, Rio de Janeiro, DF, 9 junho 1942b. Seção I, p. 9376.

BRASIL. Escola de Engenharia de São Carlos. Comunicado. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. 22 mar. 1966; Ano LXXVI, nº 53, p. 6.

BRASIL. Escola de Engenharia de São Carlos. Concurso para o provimento efetivo da Cadeira Reunida n. 12 – Geometria. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. 1 jul 1961a; Ano LXXI, nº 143.

BRASIL. Escola de Engenharia de São Carlos. Concurso para o provimento efetivo da Cadeira Reunida n. 12 – Geometria. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. 16 jul 1961b; Ano LXXI, nº 138.

BRASIL. Escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil. Concurso para o provimento do cargo de Professor Catedrático, Padrão “O”, da IV Cadeira: “Mecânica Racional”. **Diário Oficial da União**. 12 nov 1954a; Seção 1: 18222.

BRASIL. Escola Nacional de Minas e Metalurgia. Concurso para o provimento do cargo de Professor Catedrático, Padrão M, da I Cadeira: “Cálculo Infinitesimal”. **Diário Oficial da União**. 18 nov 1948; Seção 1: 16495.

BRASIL. Escola Nacional de Minas e Metalurgia. Concurso para o provimento do cargo de Professor Catedrático, Padrão O, da II Cadeira: “Geometria Analítica”. **Diário Oficial da União**. 4 jun 1949; Seção 1: 8309.

BRASIL. Escola Nacional de Minas e Metalurgia. Concurso para o provimento do cargo de Professor Catedrático, Padrão O, da II Cadeira: “Geometria Analítica”. **Diário Oficial da União**. 6 set 1949; Seção 1: 12961.

BRASIL. Lei nº 11.947 de 16 de junho de 2009. Dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola aos alunos da educação básica. **Diário Oficial da União**, Brasília, 17 jun. 2009. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l11947.htm>. Acesso em: fev. 2013.

BRASIL. Lei nº 1968, de 16 de dezembro de 1952. Estabelece a estrutura, a organização didática e o quadro do pessoal da Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Paulo, criada por Lei estadual n. 161, de 24 de setembro de 1948, e dá outras providências. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**. Disponível em: < <http://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei/1952/lei-1968-16.12.1952.html>>. Acesso em: 23 jan 2014.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961c. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, 21 dez. 1961. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L4024.htm>. Acesso em: fev. 2013.

BRASIL. MEC. SEE. Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Especial, 1999. Disponível em: < http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=250&Itemid=826>. Acesso em: fev. 2013.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura, Secretaria de Educação Superior/Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, (1986). III Plano Nacional de Pós-Graduação: 1986-1989. Brasília: MEC/SESU/CAPES.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Resumo do termo de contrato firmado entre o Governo da República dos Estados Unidos do Brasil e o Senhor Achille Bassi. **Diário Oficial da União**. 7 jan 1953; Seção 1: 325.

BRASIL. Órgãos Diretamente Subordinados à Presidência da República. PR 16.322-54. **Diário Oficial da União**. 4 mai 1954b; Seção 1: 8071.

BRASIL. Prorrogação dos contratos celebrados com Achille Bassi e outros professores regentes e assistentes da Faculdade Nacional de Filosofia. **Diário Oficial da União**. 24 fev 1941; Seção 1: 3464.

BRASIL. Resumo do termo de contrato. **Diário Oficial da União**. 6 dez 1956; Seção 1: 23239.

BRASIL. Resumo do termo de renovação de contrato que entre si fazem a Universidade do Brasil e o senhor Achille Bassi. **Diário Oficial da União**. 15 jun 1957; Seção 1: 15483.

BRASIL. Termo de contrato celebrado no Ministério da Educação e Saúde, entre o Governo da República dos Estados Unidos do Brasil e o professor Achille Bassi para desempenho das funções de professor regente da cadeira de geometria superior, da Faculdade Nacional de Filosofia. **Diário Oficial da União**. 10 jun 1940; Seção 1: 11050.

BRASIL. Universidade do Brasil. Resumo do termo de renovação de contrato. **Diário Oficial da União**. 29 dez 1958; Seção 1: 27446.

D'AMBROSIO, Ubiratan. [Carta] 24 ago. 1960a, DM – 56/60, São Carlos [para] BASSI, A. São Carlos. 1f. Comunicado sobre o convite para reger uma Cadeira de Análise Superior na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

D'AMBROSIO, Ubiratan. [Carta] 29 nov. 1960b, DM – 85/60, São Carlos [para] BASSI, A. São Carlos. 1f. Comunicado sobre a decisão de aceitar o convite para atuar na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Claro.

EESC. *Comunicado*. São Carlos, 11 set 1965a.

EESC. *Comunicado*. São Carlos, 9 jun 1965b.

ICMC. *Boletim da Biblioteca*. São Carlos: 1971.

PINHEIRO, Ary de Souza. [Carta] 19 nov. 1963, São Carlos [para] BASSI, A. Niterói.

PROCESSO USP 6366/53. São Carlos.

PRONTUÁRIO. [1953-1973]. Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação, Departamento de Matemática, Achille Bassi.

SAAB, Mário Rameh. [Carta] 8 nov. 1971, São Carlos [para] BASSI, A. 1f. Disciplinas atribuídas a Achille Bassi no 1º semestre de 1972.

TERMO DE CONTRATO, entre a Reitoria da Universidade do Brasil e o Senhor Achille Bassi, 24 de agosto de 1950.

Bibliografia:

ABRANTES, Paulo César Coelho. Problemas Metodológicos em Historiografia da Ciência. In: SILVA FILHO, Waldomiro José da. *Epistemologia e Ensino de Ciências*. Salvador: Arcadia/UCSAL, 2002, p. 51-91.

ALVIM, Márcia Helena; ZANOTELLO, Marcelo. História das ciências e educação científica em uma perspectiva discursiva: contribuições para a formação cidadã e reflexiva. *Revista Brasileira de História da Ciência*. Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p. 349 – 359, jul/dez 2014.

ANUÁRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS – 1953. São Carlos, Universidade de São Paulo, 1954.

ANUÁRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS – 1955. São Carlos, Universidade de São Paulo, 1956.

ANUÁRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS – 1956. São Carlos, Universidade de São Paulo, 1957.

ANUÁRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS – 1957. São Carlos, Universidade de São Paulo, 1958.

ANUÁRIO DA ESCOLA DE ENGENHARIA DE SÃO CARLOS – 1958. São Carlos, Universidade de São Paulo, 1959.

AROUCA, Morenci. Discurso pronunciado nos funerais do Professor Achille Bassi. São Carlos: 1973.

BACELLAR, Carlos. Fontes Documentais. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, C. B. (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

BANKOFF, Paula Ciol. *Estudo da postura corporal e aspectos nutricionais em escolares do ensino fundamental da Rede Pública*. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

BARONI, Rosa Lúcia Sverzut; TEIXEIRA, Marcos Vieira; NOBRE, Sérgio Roberto. História da Matemática em contextos da Educação Matemática:

contribuições do GPHM. *Bolema*. Rio Claro (SP), v. 25, n. 41, p. 153-171, dez. 2011.

BARROS, José D'Assunção. *A expansão da História*. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

BASSI, Achille, *Significação da obra de Galileu Galilei*. Rio de Janeiro: Instituto Italiano di Cultura, 1966.

BASSI, Achille. *A dualidade nas álgebras de Boole topológicas e suas consequências*. São Carlos: USP/Escola de Engenharia de São Carlos, 1961a. [Tese de concurso à Cadeira nº12 – Geometria].

BASSI, Achille. *A Matemática Moderna e a Necessidade de sua Difusão. Separata da Revista Brasileira de Estatística*, Rio de Janeiro, n. 32, 1948.

BASSI, Achille. *Considerações Introdutórias sobre os Sistemas Lógico-dedutivos*, 1972d.

BASSI, Achille. *Da importância da topologia na Matemática Moderna*. Rio de Janeiro: Instituto Italo-brasileiro de Alta Cultura, 1941.

BASSI, Achille. *Elementos de Geometria Projetiva*. São Carlos: Serviço de Publicações e Encadernação da Escola de Engenharia de São Carlos, 1967c.

BASSI, Achille. *Galileu Galilei, análise do homem e de sua obra – IV centenário do seu nascimento*. Belo Horizonte: s.n., 1965.

BASSI, Achille. *Problemas Educacionais Brasileiros*. São Carlos: Serviço de Publicações e Encadernação da Escola de Engenharia de São Carlos, 1963.

BELTRAN, Maria Helena Roxo; SAITO, Fumikazu; TRINDADE, Lais dos Santos Pinto. *História da Ciência para formação de professores*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2014.

BLOCH, Marc. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOMENY, Helena. *Manifesto "Mais uma vez convocados"*. In: O Brasil de JK. Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Educacao/ManifestoMaisUmaVez>>. Acesso em: fev. 2013.

BONFIM, Sabrina Helena. *Theodoro Augusto Ramos: um estudo comentado de sua tese de doutoramento*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2013.

BUFFA, Ester; NOSELLA, Paolo. *Escola de Engenharia de São Carlos; os primeiros tempos: 1948-1971*. São Carlos, SP: EdUFSCar, 2000.

BURKE, Peter. *História e teoria social*. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2012.

BURKE, Peter. *Variedades de História Cultural*. São Paulo: Civilização Brasileira, 2000.

CALÁBRIA, Angélica Raiz. *Primeiro Colóquio Brasileiro de Matemática: identificação de um registro e pequenas biografias de seus participantes*. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2010.

CAPES. *História e missão*. Disponível em: <http://www.capes.gov.br/sobre-a-capes/historia-e-missao>>. Acesso em: 23 jan 2014.

CAPUTO, Ana Cláudia; MELO, Hildete Pereira. A industrialização brasileira nos anos de 1950: uma análise da instrução 113 da SUMOC. São Paulo: *Estudos Econômicos*, vol. 39, n. 3, jul/set 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/readcube/epdf.php?doi=10.1590/S0101-41612009000300003&pid=S0101-41612009000300003&pdf_path=ee/v39n3/v39n3a03.pdf> Acesso em: fev. 2015.

CAVALARI, Mariana Feiteiro. *As contribuições de Chaim Samuel Hönig para o desenvolvimento da matemática brasileira*. 2012. 202 f. Tese (doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2012.

CNPq. Centro de Memória. Disponível em: <<http://centrodememoria.cnpq.br/Missao.html>>. Acesso em: 23 jan 2014.

COBRA, Thiago Tagliatela Lima. *Carlos Benjamin de Lyra e a Topologia Algébrica no Brasil*. Tese (doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2014.

COBRA, Thiago Tagliatela. Breve Biografia de Carlos Benjamin de Lyra. In: 13º Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia, 2012. *Anais...* Disponível em: <http://www.sbhc.org.br/resources/anais/10/1343869269_ARQUIVO_THIAGOTC OBRA-BREVEBIOGRAFIADECARLOS BENJAMIN DELYRA.pdf>. Acesso em: 24 fev 2014.

COXETER, Harold Scott MacDonald. *Projective Geometry*. New York: Springer, 2ªed, 2003.

CPDOC. *Diretrizes do Estado Novo (1937 - 1945)* > Universidade do Brasil. Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/AEraVargas1/anos37-45/EducacaoCulturaPropaganda/UniversidadeBrasil>>. Acesso em: dez. 2013.

CROCHÍK, José Leon; CROCHIK, Nicole. Preconceito e Desempenho: as classes escolares homogêneas. *Eccos*. Revista Científica, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 313-331, 2006. Disponível em: <http://www.uninove.br/PDFs/Publicacoes/eccos/eccos_v7n2/eccosv7n2_2d03.pdf>. Acesso em: fev. 2013.

D'AMBROSIO, Ubiratan. A dinâmica cultural no encontro do Velho e do Novo Mundo. *Ea jornal*. Vol. 1, nº 1, ago. 2009. Disponível em: <<http://www.ea-journal.com/art/A-dinamica-cultural-no-encontro-Velho-Novo-Mundo.pdf>>. Acesso em: jan. 2015.

D'AMBROSIO, Ubiratan. Prefácio. In: *A Matemática no Brasil: História do seu desenvolvimento*. Editora Blucher. 3 ed. 2003.

D'AMBROSIO, Ubiratan. *Uma história concisa da matemática no Brasil*. São Paulo: Editora Vozes, 2008.

DAMIÃO, Ada Sacchi Bassi. Achille Bassi como professor, pesquisador, divulgador e gestor da Matemática no Brasil: Depoiment. [15/02/2014]. Brasília: Entrevista concedida a Aline Leme da Silva.

DANTES, Maria Amélia M. Os Positivistas Brasileiros e as Ciências no Final do Século XIX. In: HAMBURGER, A. I. et al. (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. 363 p.

DANTES, Maria Amélia M.; HAMBURGER, Amélia Império. A Ciência, os Intercâmbios e a História da Ciência: Reflexões sobre a Atividade Científica no Brasil. In: HAMBURGER, Amélia Império et al. (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. 363 p.

DASSIE, Bruno Alves. *Euclides Roxo e a constituição da Educação Matemática no Brasil*. Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

EESC. *Cronologia*. Disponível em: <
http://www.eesc.usp.br/portaleesc/index.php?option=com_content&view=article&id=252&Itemid=396>. Acesso em: fev. 2014a.

EESC. *Linha do Tempo*. Disponível em: <
http://www.eesc.usp.br/60anos/?page_id=282>. Acesso em: 23 jan 2014b.

FARIA, Carlos Aldemir; MENDES, Iran Abreu. Quarta capa. In: *História da Matemática em Atividades Didáticas*. 2. Ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

FAULKNER, Thomas Ewan. *Projective Geometry*. New York: Interscience Publishers, 1949.

FAUSTO, Boris. *A Revolução de 1930. Historiografia e História*. Companhia das Letras, 1997.

FÁVERO, Maria de Lourdes de Albuquerque; PEIXOTO, Maria do Carmo de Lacerda; SILVA, Ana Elisa Gerbasi. Professores Estrangeiros na Faculdade

Nacional de Filosofia, RJ (1939-1951). *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 78, p. 59-71, agosto 1991.

FERREIRÓS, José. ¿Um doble vínculo? Reflexiones sobre historia, ciencia y cultura. *Revista ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, CLXXXVI, mayo-junio 2010.

FIGUEIRÔA, Silvia F. de M. (Org.). *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, São Paulo: Imprensa Oficial. 2000.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Editora Paz e Terra. 2 ed. 1975.

GINZBURG, Carlo. *O Queijo e Os Vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GODDARD, Peter. O crescimento dos Institutos de Estudos Avançados. *Estudos Avançados*, [S.l.], v. 25, n. 73, p. 05-18, jan. 2011. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v25n73/a01v25n73.pdf>> Acesso em: jan. 2015.

GODOY, Arlinda Schmidt. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de Administração de Empresas*. São Paulo, v. 35, n. 3, mai/jun. 1995.

GUNTAU, Martin; FIGUEIRÔA, Silvia F. M. Apresentação. In: FIGUEIRÔA, S. (Org.). *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000.

HOSTINS, Regina Célia Linhares. Os Planos Nacionais de Pós-graduação (PNPG) e suas repercussões na Pós-graduação brasileira. *PERSPECTIVA*, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 133-160, jan/jun. 2006.

ICMC. *Listagem das Linhas de Pesquisa*. Disponível em: <www.icmc.usp.br/Portal/Pesquisa/linhasPesquisa.php>. Acesso em: 5 mar 2014a.

ICMC. *Teorema da Gaveta*. Disponível em: <http://www.icmc.usp.br/Portal//conteudoDinamicoSemVinculo.php?id_conteudo_s=745>. Acesso em: 27 fev 2014b.

IMPA. *Pesquisa*. Disponível em: <
http://www.impa.br/opencms/pt/pesquisa/pesquisa_coloquio_brasileiro_de_matematica/01_coloquio.html>. Acesso em: 24 jan 2014.

IZÉ, Antonio Fernandes. Comemoração dos 30 anos do ICMC: Depoiment. [02/02/2000]. Residência do entrevistado. Entrevista concedida a Leila Bussab.

KRAGH, Helge. *Introdução à Historiografia da Ciência*. Porto: Porto Editora, 2001.

KUHN, Thomas. *A estrutura das revoluções científicas*. São Paulo: Editora Perspectiva S.A, 5ª edição, 1998.

LEMOS, Glen César. *Willie Alfredo Maurer: vida, obras e contribuições para o ensino da Matemática no Brasil*. Tese (doutorado em Educação Matemática) - Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2013.

LOIBEL, Gilberto Francisco. Comemoração dos 30 anos do ICMC: Depoiment. [13/04/2000]. Estúdio Sóton São Carlos. Entrevista concedida a Ana Ligabue.

LOIBEL, Gilberto Francisco. *Sobre quase-grupos topológicos e espaços com multiplicação*. São Carlos: USP/Escola de Engenharia de São Carlos, 1959. [Tese de doutorado].

MACHADO, Marli. *A Biblioteca Universitária e sua relação com o projeto pedagógico de um curso de graduação*; 2009; Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia Científica*. 7.ed. São Paulo: Atlas, 2010.

MATHEWS, Michael R. História, filosofia e ensino de ciências: a tendência atual de reaproximação. *Caderno Catarinense de Ensino de Física*, v. 12, n. 3, p. 164 – 214, dez. 1995.

MENINO, Fernanda dos Santos. *A Escola de Engenharia de São Carlos e a criação de um Curso de Matemática*. 2001. 162f. Dissertação (Mestrado em

Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2001.

MIGUEL, Antonio; MIORIM, Maria Angela. *História na Educação Matemática: propostas e desafios*. Editora Autêntica. Belo Horizonte, 2004.

MIGUEL, Antonio; BRITO; Arlete de Jesus; CARVALHO, Dione Lucchesi; MENDES, Iran Abreu. *História da matemática em atividades didáticas*. 2. Ed. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2009.

MORAES, Carlos Roberto. Uma História da Lógica no Brasil: a Era dos Pioneiros. In. *Revista Brasileira de História da Matemática*. v. 8, n. 15, 2008, p. 57 – 73.

PESTRE, Dominique. Por uma história social e cultural das ciências: novas definições, novos objetos, novas abordagens. *Cadernos IG/UNICAMP*, v. 6, n. 1, 1996.

PETITJEAN, Patrick. Ciências, Impérios, Relações Científicas Franco-brasileiras. In: HAMBURGER, Amélia Império *et al.* (Org.). *A Ciência nas relações Brasil-França (1850-1950)*. São Paulo: EDUSP, FAPESP, 1996. 363 p.

PIMENTEL, Juan. ¿Qué es la historia cultural de la ciencia? *Revista ARBOR Ciencia, Pensamiento y Cultura*, CLXXXVI, mayo-junio 2010.

PIRES, Rute da Cunha. *A Presença de Nicolas Bourbaki na Universidade de São Paulo*. Tese (Doutorado em História da Ciência) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2006.

RODRIGUES, Hildebrando Munhoz. Comemoração dos 30 anos do ICMC: Depoiment. [24/03/2000]. Sala de reuniões ICMC/SC. Entrevista concedida a Ana Ligabue.

ROTHEN, José Carlos. A Universidade de elite ou para todos? *Revista HISTEDBR On-Line*, v. 10, n. 37, 2010. Disponível em: < <https://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/histedbr/article/view/3635>>. Acesso em: mar 2015.

SAAB, Mário Rameh. Comemoração dos 30 anos do ICMC: Depoiment. [23/02/2000]. Residência do entrevistado. Entrevista concedida a Leila Bussab.

SALDAÑA, Juan José. Ciência e identidade cultural: a história da ciência na América Latina. In: FIGUEIRÔA, S. (Org.). *Um olhar sobre o passado: história das ciências na América Latina*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2000. p. 11-31.

SÁ-SILVA, Jackson Ronie; ALMEIDA, Cristóvão Domingos; GUINDANI, Joel Felipe. Pesquisa documental: pistas teóricas e metodológicas. *Revista Brasileira de História & Ciências Sociais*. Ano I, n. I, jul. 2009.

SBHMat. Grupos de Pesquisa. Disponível em: <http://www.sbhmat.org/crbst_12.html>. Acesso em: jan. 2015.

SBM. Quem somos – Fundação. Disponível em: <www.sbm.org.br/quemsomos_fundacao.asp>. Acesso em: 25 mar. 2014.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Apresentação à edição brasileira. Por uma historiografia da reflexão. In: BLOCH, M. *Apologia da História ou o ofício de Historiador*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

SCHWARTZMAN, Simon. *Um espaço para a Ciência: Formação da Comunidade Científica no Brasil*. Brasília: MCT, 2001. 276 p.

SCHWARTZMAN, Simon; BOMENY, Helena Maria Bousquet; COSTA, Vanda Maria Ribeiro. *Tempos de Capanema*. São Paulo: Paz e Terra/ Fundação Getúlio Vargas, 2000.

SENRA, Alvaro de Oliveira. A “liberdade de ensino” e os fundamentos da ação política do segmento privado no Brasil entre 1945 e 1964. *Revista Brasileira de História da Educação*, Campinas, v. 10, n. 3, set/dez 2010. Disponível em: <<http://www.rbhe.sbhe.org.br/index.php/rbhe/article/view/26>>. Acesso em fev. 2013.

SIBI. Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo. Biblioteca do Instituto de Ciências Matemáticas e de Computação (ICMC). Disponível em: <<http://site.sibi.usp.br/30anos/?p=425>>. Acesso em: 26 fev 2014.

SILVA, Circe Mary Silva. Formação de Professores e Pesquisadores de Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia. *Cadernos de Pesquisa*. n. 117, p. 103-126, nov. 2002.

SILVA, Clóvis Pereira. *A Matemática no Brasil: História de seu desenvolvimento*. 3. ed. rev. São Paulo: Edgar Blücher, 2003.

SILVA, Clóvis Pereira. Sobre o início e consolidação da pesquisa Matemática no Brasil – Parte I. *Revista Brasileira de História da Matemática*, v. 6, n. 11, 2006, p. 67 - 96.

SILVA, Clóvis Pereira. Visão Panorâmica sobre o Desenvolvimento da Matemática no Brasil. In: LINTZ, R. G. *História da Matemática*. v. 2. Campinas: Unicamp, Centro de Lógica, Epistemologia e História da Ciência, 2007 (Coleção CLE, v. 46).

SILVA, Pôncio Mineiro da. *SUMMA BRASILIENSIS MATHEMATICAE: efeito do início da institucionalização da pesquisa em matemática no Rio de Janeiro*. 2011. 77p. Dissertação (Mestrado em Ensino de Matemática) — Instituto de Matemática, UFRJ, Rio de Janeiro, 2011.

SIRINELLI, Jean François. Os intelectuais. In: RÉMOND, R. (Org.). *Por uma história política*. 2 ed. Rio de Janeiro: FGV, 2003.

SOUTO, Romélia Mara Alves. *Mario Tourasse Teixeira: o homem, o educador, o matemático*. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2006.

TÁBOAS, Plácido Zoega. Comemoração dos 30 anos do ICMC: Depoiment. [24/03/2000]. Sala do entrevistado ICMC/SC. Entrevista concedida a Ana Ligabue.

TÁBOAS, Plínio Zornoff. Esperança. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <aline_leme@yahoo.com.br>. Data de recebimento, 21 de maio de 2014.

TÁBOAS, Plínio Zornoff. Genealogia Matemática Brasileira a partir de Luigi Fantappiè. IX Seminário Nacional de História da Matemática. *Anais...* 2011.

Disponível em: <
http://www.each.usp.br/ixsnhm/Anaisixsnhm/Comunicacoes/1_T%C3%A1boas_P_Z_Genealogia_Matem%C3%A1tica_Brasileira_a_partir_de_Luigi_Fantappi_%C3%A8.pdf>. Acesso em: abr. 2015.

TÁBOAS, Plínio Zornoff. *Luigi Fantappiè: influência na matemática brasileira*. Um estudo de história como contribuição para a educação matemática. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2005.

TRIVIZOLI, Lucieli M.. *Sociedade de Matemática de São Paulo: Um estudo histórico-institucional*. 2008. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro, 2007.

USP. Acervo de obras raras na Biblioteca do ICMC. Disponível em: <
http://www.saocarlos.usp.br/index.php?option=com_content&task=view&id=6128&Itemid=99999999>. Acesso em: 26 fev 2014a.

USP. Histórico. Disponível em: <http://www.prrpg.usp.br/?page_id=108>. Acesso em: 4 fev 2014b.

VALENTE, Wagner R.(org.). *Ubiratan D'Ambrósio*. São Paulo, SP: Annablume, 2007.

VERGARA, Moema de Rezende. Ciência e modernidade no Brasil: a constituição de duas vertentes historiográficas da ciência no século XX. *Revista da SBHC*, 2004.

VIDEIRA, Antonio Augusto dos Passos. *Historiografia e história da ciência. ESCRITOS*. 2007.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. *Historiografia, história social da ciência e história material da física*. Salvador, 2003.

VIDEIRA, Antonio Augusto Passos. Transdisciplinaridade, interdisciplinaridade e disciplinaridade na história da ciência. *Revista Scientiae Studia*, v. 2, nº 2, p. 279 - 293, 2004.

WYLIE JR., Clarence R. *Introduction to Projective Geometry*. New York: McGraw-Hill Book Company, 1970.

ANEXO 1: Imagens relacionadas à Achille Bassi:

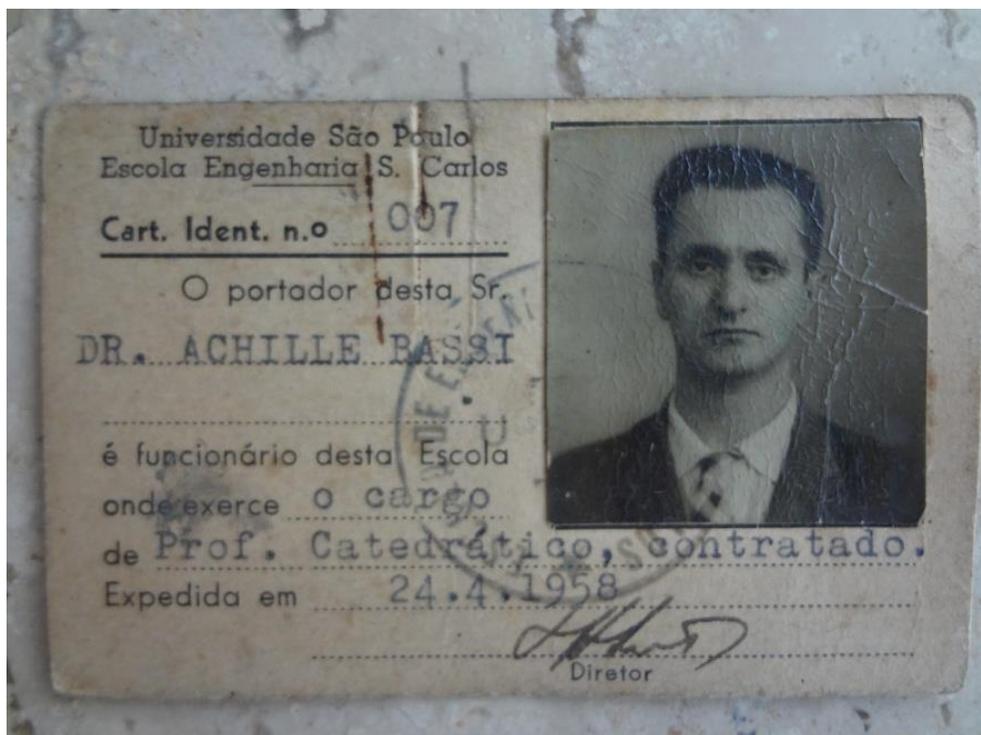
Stella Sacchi Bassi e Alfredo Bassi, pais de Achille Bassi.
Fonte: Ada Stella Bassi Damião



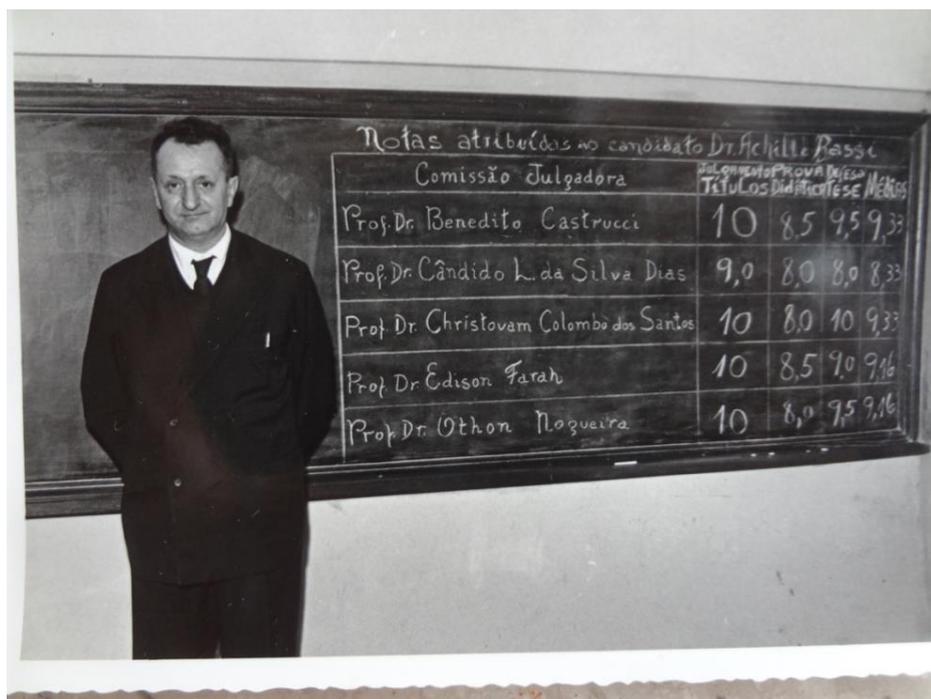
Achille Bassi em 1921
Fonte: Ada Stella Bassi Damião



Achille Bassi ao centro e Christóvam Colombo dos Santos à esquerda
 Fonte: Ada Stella Bassi Damião



Registro Acadêmico de Achille Bassi
 Fonte: Ada Stella Bassi Damião



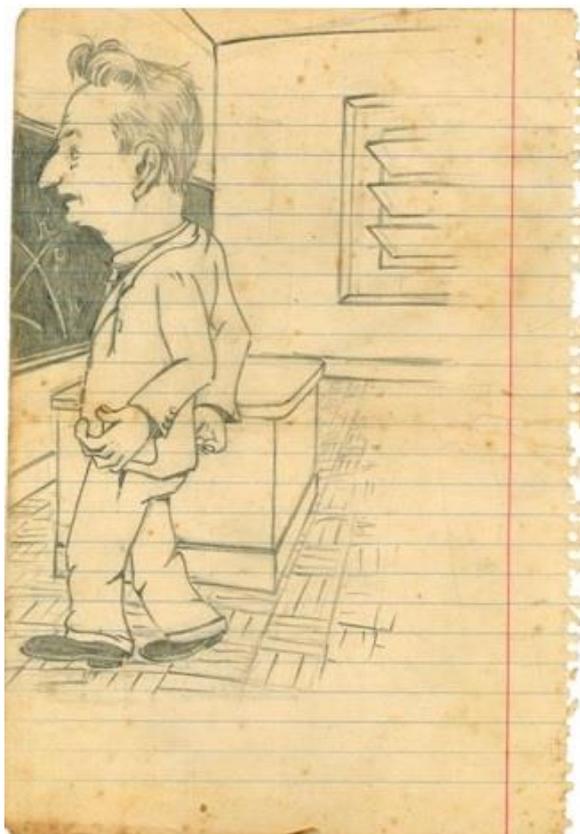
Notas atribuídas no concurso Dr. Achille Bassi

Comissão Julgadora	10	8,5	9,5	9,33
Prof. Dr. Benedito Castrucci	10	8,5	9,5	9,33
Prof. Dr. Cândido L. da Silva Dias	9,0	8,0	8,0	8,33
Prof. Dr. Christovam Colombo dos Santos	10	8,0	10	9,33
Prof. Dr. Edison Farah	10	8,5	9,0	9,16
Prof. Dr. Othon Noqueira	10	8,0	9,5	9,16

Notas atribuídas à Bassi no dia de sua defesa de Tese para provimento efetivo da Cadeira de nº12 (Geometria) da EESC.
 Fonte: Ada Stella Bassi Damião



Achille Bassi após aprovação no concurso de Cátedra
 Fonte: Ada Stella Bassi Damião



Caricatura de Achille Bassi feita por Celso Zoega Táboas
Fonte: Arquivo pessoal de Plínio Zornoff Táboas

ANEXO 2: Textualização da entrevista com Ada Stella Bassi Damião

Meu pai nasceu em Mondovi, na Itália, e se casou com a prima dele, minha mãe. Ela se chamava Elena, filha de Ada Sacchi Simonetta⁴⁰. Minha avó materna tinha mais 13 irmãos⁴¹, eram, acho, 8 mulheres e 6 homens, se eu bem me lembro. Uma das irmãs dela era a Stella⁴², mãe do meu pai. Então, a minha avó materna era irmã da mãe do meu pai. A minha avó materna e minha avó paterna eram irmãs, as duas avós, então, meus pais eram primos. Minha mãe até mencionava outras famílias que tinham essas mesmas características. Por isso meu nome é Ada Stella, minha mãe colocou Ada porque ela tinha um vínculo muito forte com a mãe dela, e eu tinha que ter o nome da minha avó! E também colocou o nome da outra avó que era sogra dela, Stella, certo? E que também era tia dela. Já o Simonetta era o sobrenome do meu avô materno. O nome dele era Quintavalle Simonetta⁴³, casado com a Ada. A Ada e a Stella eram Sacchi, filhas de Achille

⁴⁰ Ada Sacchi Simonetta nasceu em Mântua em 1874, era filha de Achille Sacchi e Elena Casati Sacchi e graduou-se em Letras em 1898 na cidade de Gênova. Em 1899 casou-se com Quintavalle Simonetta, chamado de Vallino, docente de matérias humanísticas no Liceo-Ginásio Virgilio de Mântua. Os dois tiveram três filhos: Alberto que faleceu pequeno, Bono Simonetta e Elena Simonetta Bassi. Em 1902 tornou-se diretora da Biblioteca Municipal de Mântua e lá permaneceu até 1925, quando, devido a divergências com o regime político então instalado, foi forçada a se aposentar (BERTOLOTTI, 2012, p. 95). Segundo Emma Scaramuzza, a vida de Ada S. Simonetta foi dedicada ao empenho profissional e político, realizado com paixão e sucesso. Lecionou por alguns anos em escolas normais como diretora da Biblioteca Pública e do Museu em sua cidade natal e sua saída em 1925 foi devido a sua recusa em aderir ao fascismo. Era socialista e sufragista, muito ativa no campo das associações políticas femininas, fundou em Mântua seções de Associação *Per la Donna*, da *Federazione Italiana Laureate e Diplomate Istituti Superiori* (FILDIS) e do *Comitato Nazionale Donne Italiane* (CNDI). Também foi presidente da *Federazione Italiana per il Suffragio e i Diritti Civili e Politici delle Donne* (FISED) e depois da *International Alliance*, posição da qual foi removida em 1935, durante o período de maior consenso fascista (SCARAMUZZA, 2011, p. 107). Nos anos que precederam a sua partida para o Brasil, em 1939, acompanhando sua filha Elena (estudante da Academia de Belas Artes) e genro/sobrinho Achille Bassi, continuou seu constante empenho em favor de associações femininas. Morreu no Brasil em 1943 (BERTOLOTTI, 2012, p. 95).

⁴¹ Alguns dos nomes dos irmãos de Ada eram: Carlo, Attilio, Maria, Maurizio, Rosalino, Michelangelo, Alberto Mario, Stella e Beatrice. Esses nomes foram pesquisados no site da Lombardia Beni Culturale da Itália, onde mantem-se arquivos da família Sacchi.

⁴² Stella Sacchi, filha de Achille Sacchi, graduada em Física em 1892. Vide fotografia de Stella Sacchi nos anexos.

⁴³ O marido de Ada, Quintavalle Simonetta, era neto, por parte de mãe, de Giuseppe Quintavalle, médico e patriota mantovano, amigo de Achille Sacchi e, como ele, conspirador de Belfiore, na Revolução de 1848, pela unificação da Itália. (BERTOLOTTI, 2012, p. 8).

Sacchi⁴⁴ e é por isso que meu pai também se chamava Achille, assim, na família, os nomes se repetiam. Achille Sacchi foi um herói da Revolução pela unificação da Itália, certo? Era casado com a Elena Casati⁴⁵. A filha da Ada se chamou Elena porque a mãe dela era Elena. Foi de mãe para filha. Depois, a filha de Elena se chamou Ada porque a mãe dela era Ada, certo? Agora eu quebrei essa regra porque minha filha é Valéria, acabou! (Risos). Encerrei a dinastia! (Risos).

⁴⁴ Achille Sacchi (1827-1890), filho de Anna Mori e Lázaro, pertencia a uma família da burguesia agrária. Estudou Medicina em Pádua quando eclodiu a Revolução de 1848. Participou da insurreição, lutando em diferentes formações de voluntários. No ano seguinte, participou da defesa de Roma e foi ferido na batalha de Porta San Pancrazio. Em 1850 figurou entre os promotores do Comitê mantovano da conspiração mazziniana; descoberta a trama, foi para a Liguria após ter acabado de se formar. Envolvido na preparação do atentado de 1853, foi preso pelas autoridades de Piemonte e por um curto período de tempo foi extraditado para a Suíça. Estabeleceu-se em Gênova, onde exerceu a profissão médica, dando provas de sensibilidade humana e social. Em seu tempo de preparação da tentativa de Pisacane, Sacchi encontrou em Gênova Elena Casati, com quem se casou. Em 1859, estava com Bertini entre os democratas convencidos da necessidade de apoiar a iniciativa de Cavour: em abril deixou o ensino de Mineralogia na Universidade de Pisa para alistar-se como assistente médico nos Caçadores dos Alpes. No verão de 1860, estava ativo no centro da Itália para incentivar a insurreição; em setembro, em Nápoles, se juntou a Garibaldi e, portanto, participou da Batalha do Volturno, alternando o combate com a ajuda aos feridos: foi nesta ocasião que o general elogiou-o como “o médico que combate”. Nos anos seguintes, cooperou tanto com Mazzini como com Garibaldi; na campanha de 1866, ficou com este último no comando de um corpo médico auxiliar. Depois de 1866, Sacchi restabeleceu sua residência em Mântua, onde passou a ser diretor do manicômio dessa cidade. Quase à morte, foi muito ativo na promoção do desenvolvimento da província, do movimento democrático e republicano. Foi também eleito várias vezes para os conselhos municipais e provinciais, mas recusou qualquer proposta para entrar no Parlamento. Em 1871, foi um dos principais promotores da “Província de Mântua”, o jornal que por três anos propagou os ideais do federalismo. Em 1878, elaborou o relatório final da investigação sobre a pelagra (enfermidade então recorrente), concluindo que leva à monofagia e à miséria dos camponeses. Morreu em 1890 (CENTRO PALAZZOTE, 2014). Sacchi foi, então, um cientista que ao mesmo tempo em que permeou a ideologia positivista dominante, também viveu imbuído de ideais humanitários profusos, no exercício de sua profissão (BERTOLOTTI, 2012, p. 211). Segundo Bertolotti (2012, p. 9), o interesse científico e o compromisso social caracterizaram seu trabalho após 1866, quando retornou à cidade de Mântua. Para Sacchi, o progresso não era um resultado inevitável, mas dependia da vontade de muitos que deveriam se esforçar continuamente com sabedoria, objetivando o bem de todos (BERTOLOTTI, 2012, p. 12). Vide uma parte da árvore genealógica da família Sacchi e uma fotografia de Achille Sacchi nos anexos.

⁴⁵ Elena Casati Sacchi (1834 – 1882), filha de Luisa Riva, foi educada de acordo com os ideais patrióticos e ainda muito jovem tinha entrado em contato com Mazzini e seus colaboradores mais próximos. Antes e depois de seu casamento com Sacchi, em 1858, empenhou-se constantemente em apoiar os esforços de Mazzini e Garibaldi (que ela financiou generosamente) para promover a educação do povo e para defender a capacitação das mulheres. A vida do casal foi guiada pelo ideal mazziniano de igual dignidade aos cônjuges e do compartilhamento dos cuidados domésticos no casamento e nos ideais políticos (CENTRO PALAZZOTE, 2014). São inúmeras as cartas dirigidas a ela por republicanos preeminentes, muitos dos quais havia conhecido quando jovem, na sua casa em Zurique, onde no início dos anos cinquenta sua mãe Luisa acolheu os patriotas fugitivos. Também foram muitas as correspondências com dirigentes de grupos femininos que operaram na década de sessenta em diversos contextos pela conquista da unificação e da independência, bem como da liberdade e igualdade das mulheres (BERTOLOTTI, 2012, p. 7). Vide fotografias de Elena Casati nos anexos.

Então, meu nome de solteira era esse, Ada Stella Simonetta Sacchi Bassi, o Bassi era do meu pai, Ada Stella eram os nomes das duas avós, enquanto Simonetta e Sacchi eram das duas famílias, a do meu avô Quintavalle e das minhas avós, certo? Ao casar eu tirei esses sobrenomes porque era muita coisa, e como Fidelis Paulo Damião é o nome do meu esposo, então eu tirei o Simonetta e o Sacchi e ficou Ada Stella Bassi Damião. É isso! Minha família é de Mântua⁴⁶, da cidade de Mântua, na Itália, toda a família, a raiz da família é de lá. Tanto que em Mântua há um casarão⁴⁷ imenso que ainda preserva coisas da época deles. A família era muito conhecida nessa cidade. Inclusive, há uma rua em Mântua com o nome do meu bisavô⁴⁸. Ele foi lugar-tenente⁴⁹ do Garibaldi, foi um dos mártires de Porta Pia⁵⁰, há até um busto dele em Roma⁵¹. Ele lutou pela unificação da Itália, naquela época. O nome de Achille Sacchi é um nome conhecido na história italiana, as minhas duas avós eram filhas dele e deram origem a esse ramo da família. Eles tiveram catorze filhos, as minhas avós eram duas das catorze, certo? Era muita gente. Para o Brasil vieram meus avós Ada e Quintavalle, a minha outra avó ainda estava viva, ela viveu bastante tempo, o meu avô Alfredo não, ele já havia falecido quando meus pais vieram. Os meus avós maternos faleceram aqui no Brasil, minha avó se foi quando eu tinha quatro anos e o meu avô quando eu tinha seis anos. Eu era pequenininha, mas eu tive noção de que eles realmente tinham partido. Eu ainda me lembro da minha avó, eu me lembro na casa da Praia de Icaraí, a gente tomando banho de mar, eu, minha mãe e minha avó, isso eu ainda me lembro com toda clareza... Acho que eles decidiram vir para o Brasil junto com meus pais porque minha mãe tinha um único irmão⁵², Bono, que morava numa outra cidade. Ele já era casado, com

⁴⁶ Mântua é uma cidade italiana localizada na província de Lombardia (composta pelas cidades de Mântua, Bérgamo, Bréscia, Como, Cremona, Lecco, Lodi, Monza e Brianza, Milão, Pavia, Sondrio e Varese) e cuja capital é Milão.

⁴⁷ Vide imagem da casa da família Sacchi nos anexos.

⁴⁸ Via Achille Sacchi, em Mântua – Itália.

⁴⁹ Segundo o dicionário Houaiss da língua portuguesa, lugar-tenente é a pessoa que secunda um chefe e o substitui em caso de ausência.

⁵⁰ Não foi encontrado registro algum sobre essa afirmação.

⁵¹ Vide imagem do busto de Achille Sacchi nos anexos.

⁵² Bono Simonetta, otorrinolaringologista.

filhos, estabelecido lá na Itália. E, meus avós não moravam com ele, eles se visitavam, mas sempre moraram perto da minha mãe, sempre moraram ou juntos ou próximos da minha mãe. Minha mãe era muito ligada à minha avó, ela tinha um vínculo muito forte com a mãe dela, então ela sempre ficou perto da mãe, o que não foi o caso do irmão dela. Então, quando minha família veio para o Brasil, minha mãe fez questão de trazer os pais e eles concordaram, pois ela estava acostumada a ficar com eles e o meu avô já havia se aposentado. Eu acho que meu avô sentiu bastante essa mudança, porque ele era professor de grego, de latim, ele era literato, escrevia muito, estudava filosofia, um monte de coisas. Ele era uma pessoa muito culta e tinha ligações lá. Ele se aposentou, mas ele tinha os amigos, os colegas... Então, quando veio para cá, ficou muito isolado. Ele perdeu, porque aqui não tinha com quem conversar. Em primeiro lugar, ele não sabia a língua portuguesa, além disso, não havia ninguém com quem ele pudesse falar sobre grego, latim ou filosofia... Não tinha ninguém. Então, ele ficou confinado, na casa dele, ele se encolheu muito no canto dele. Meu avô ficou muito fechado em casa, porque ele foi retirado do seu mundo e não havia nada para se oferecer a ele, aqui, que pudesse de alguma forma compensar o que ele havia perdido. Já a minha avó não, porque minha avó saía com minha mãe, ela sempre esteve muito próxima da minha mãe e, estando numa terra diferente, com mais razão ainda, ela se sentia útil. O meu avô ficou isolado, mas ela faleceu dois anos antes dele, ela era diabética, teve alguns problemas de saúde, e faleceu antes dele. Mais tarde, ele adoeceu e foi hospitalizado. Eu me lembro quando eu visitava o meu avô no hospital, me lembro muito bem. Ele era carinhoso comigo, era muito calado, mantovano, daqueles mantovanos bem típicos, eu sei porque eu estive em Mântua, então conheci como era o ambiente lá. Ele era bem mantovano mesmo, falava aquele dialeto mantovano típico. Em Mântua, como eles tiveram a dominação austríaca durante muito tempo, o dialeto lá tem muitas palavras do alemão, então, é um italiano bem diferente. Ele falava um italiano impecável, falava o dialeto e falava outras línguas, ele era assim, bem versátil. Enfim... Eu acho que meu avô ficou muito limitado quando veio para cá, mas como para minha avó era importante e para minha mãe também, e como ele já tinha deixado suas atividades, já estava aposentado, ele veio. Mas, enfim, eu sei que quando meu pai veio, meu pai estava bastante bem lá. E acredito que a motivação que ele teve, realmente, para vir, foi justamente a ameaça da guerra

e o clima que se criou na Europa, naquela época, e que ficou cada vez mais pesado, tanto é que eles teriam vindo no último transatlântico que zarpou da Itália, o Augustus⁵³, lembro-me que eles sempre falavam do Augustus. Parece que foi o último navio que zarpou da Itália, antes dela entrar na guerra, e sei que vieram outros professores também, na mesma ocasião. Então, como houve o convite da Universidade do Rio de Janeiro, que à época se chamava Universidade do Brasil, para que o governo italiano indicasse alguns professores, eles vieram. Parece que meu pai não foi dos primeiros convidados, parece que um outro professor teria sido indicado e não pôde vir e, em seguida, o chamaram. Eu tenho lembrança dessa informação, mas é só uma lembrança. As coisas comigo são assim (risos), é muito difícil para mim, porque estamos falando de coisas que aconteceram antes de eu nascer. Então, realmente, não tem como eu poder afirmar nada. Parece que foi uma decisão mais ou menos rápida, pelo que eu me lembro de algum comentário que minha mãe fez, teria surgido essa possibilidade, e então meu pai foi procurado. Disseram para ele que havia essa possibilidade e que ele teria que dar uma resposta até determinado tempo, não sei como foi, e ele estava muito na dúvida. Mas, acredito que minha mãe tenha influenciado, porque minha mãe estava muito preocupada com a feição que as coisas estavam tomando na Europa. Minha mãe, principalmente, parece que estava muito apreensiva. Porque ela já estava inclusive grávida⁵⁴, então, eles acharam que era o momento realmente deles tentarem vida nova em um outro local, já que ela estava muito preocupada, e meu pai também, com a situação que estava se configurando lá na Itália. Mesmo assim, eu acredito que, inicialmente, a intenção do meu pai, talvez, fosse de mais tarde voltar. Entretanto, quando chegaram aqui eles gostaram muito do Brasil, todos os dois. Gostaram do Brasil, se sentiram bem. A gente morava em Niterói, ali na praia de Icaraí, que era um local privilegiado. Na época, não havia quase nada ali, só casas construídas na beira da praia. Eu passava o dia na praia, era só atravessar a rua, eu estudava na praia (risos). Para você ter uma ideia de

⁵³ Augustus foi um transatlântico italiano lançado em 1926 e com entrada em serviço em 1927. Em 1933, teve sua rota transferida para a América do Sul. Durante a Segunda Guerra Mundial foi requisitado para ser transformado em porta-aviões chamado de Sparviero.

⁵⁴ Ada Stella Bassi Damiano nasceu no dia 8 de fevereiro de 1939 em Niterói – RJ.

como era a vida naquela época, comparada a como é hoje, nós e os vizinhos da direita, quando era época de verão, às vezes sentávamos na praia, à noite, era uma coisa normal (risos), não tinha problema algum e as portas de casa ficavam todas destrancadas. Era um clima de uma tranquilidade muito grande, sabe? Muito mesmo. Enfim, quando a Itália entrou na guerra⁵⁵, logo depois, eu era muito pequenininha, mas eu tenho a sensação de que ele ficou dividido entre voltar ou não. Porque o pessoal lá estava se alistando, e alguma coisa dentro dele pedia que ele fizesse a sua parte, certo? Eu era muito pequenina, mas eu me lembro da minha mãe e do meu pai questionando isso. Porque, você deve saber que a Itália se dividiu entre o governo fascista que apoiava a Alemanha e os que apoiavam os aliados. Então a Itália teve uma situação muito *sui generis*, nenhum outro país na Europa viveu essa situação, em que houve realmente uma cisão interna, certo? Havia aqueles que combatiam ao lado dos aliados⁵⁶, contra o governo, e os que combatiam ao lado dos alemães. Foi uma situação muito complicada. Que eu saiba, meu pai nunca se filiou a partido algum, pelo menos eu não tenho conhecimento disso, mas acredito que ele queria se alistar ao lado dos aliados⁵⁷ e queria ir para lá, então houve uma fase de tensão em que ele

⁵⁵ A Segunda Guerra Mundial teve início no dia 1º de setembro de 1939, com a invasão da Polônia por tropas alemãs.

⁵⁶ Países aliados foram os que se opuseram às Potências do Eixo (Alemanha, Itália e Japão) durante a Segunda Guerra Mundial.

⁵⁷ No livro *La repubblica, la scienza, l'uguaglianza: Una famiglia del Risorgimento tra mazziniano e emancipazionismo*, lançado em 2012, afirmou-se que Ada Sacchi Simonetta (sogra de Achille Bassi e que o acompanhou em sua mudança para o Brasil) destoava do coro da família Sacchi devido a sua "frieza" em relação ao fascismo, atitude esta, desaprovada pela família. Mas, não somente os demais filhos, como também os netos de Achille Sacchi abraçaram com convicção ao fascismo, inclusive os filhos de Ada e Vallino: Bono e Elena (esposa de Achille Bassi). Costanza Bertolotti, a autora do livro, ainda acrescentou que a não inscrição no partido fascista dos cônjuges Simonetta representou uma anomalia na uniformidade de adesões da família Sacchi, mas, apesar disto, Ada e Vallino não mudaram de atitude e continuaram a ser não fascistas (BERTOLOTTI, 2012, p. 109). Entretanto, em nenhuma fonte consultada foi encontrado registros sobre a posição política de Achille Bassi. Além disso, em conversas com docentes da USP de São Carlos em momento algum foi mencionado a preferência política de Bassi ou que o mesmo fizesse menção ao fascismo. Segundo sua filha, Ada Damião, seu pai não era fascista, pois o irmão mais velho dele, Maurizio Bassi, alistou-se no exército aliado e ele sempre se referia ao irmão como a um herói. Já em relação à Elena, esposa de Bassi, Ada não tem nenhuma lembrança de qualquer conversa de sua mãe na qual ela defendesse o fascismo. Lembra-se, sim, de uma declaração em que sua mãe comentou sobre o imenso carisma de Mussolini, de quem ela havia assistido a um discurso. Nessa declaração, Elena também comentou que era quase impossível ouvir uma fala de Mussolini sem se empolgar e se deixar seduzir pela sua lábia, e que o efeito produzido por ele nas massas era assustador. Para Ada, o modo como sua mãe se expressou deixou claro que ela o considerava uma grande ameaça para a Itália. Quanto ao seu tio Bono, irmão de Elena e, portanto, primo de Achille Bassi, o mesmo havia se casado com uma judia, Maria Sacerdoti, e por esse motivo toda a família teve que fugir

ficou muito dividido. Eu percebia alguma coisa, e embora eu fosse muito pequena, eu tive uma noção dessa situação. Eu acho que principalmente a minha mãe, que era aquela mãe cuidadora da prole, estava preocupadíssima com aquela situação e de alguma forma segurou meu pai, o que ajudou no sentido de que ele realmente permanecesse aqui. Eu tive essa sensação, eu era pouco mais do que recém-nascida, foi mais uma sensação, porque eu me lembro do meu pai andando lá fora... A nossa casa era assim: do lado de fora um jardimzinho na frente, tinha dois corredores laterais externos e um quintal ao fundo. Então, ele ficava andando pra cá e pra lá, ao lado da casa, eu escutava os passos dele lá fora, e quando eu escutava os passos do papai, tum tum tum, eu já sabia que ele estava em um momento em que não era bom ninguém chegar perto dele (risos). E eu percebia a expressão dele, eu tinha noção das conversas dele com minha mãe, entende? Ele achava que devia estar lá na Itália, naquele momento. Ele falava bastante sobre os aliados, mas essa é mais uma sensação do que um depoimento. Porque eu não tenho nenhum fato concreto para colocar: ele falou isso, isso e isso. Não. Eu percebia que ele se sentia oprimido, assim, como se pensasse “eu deveria estar lá, deveria estar fazendo a minha parte”, entende? E minha mãe tentando dizer “não, você está fazendo a sua parte também, naquilo que você está fazendo aqui”, mais ou menos isso, certo? É a sensação que eu tenho em relação a essa época, no início da minha infância. Na época em que o Brasil aderiu à Segunda Guerra, rescindiram o contrato do meu pai com a Universidade, e ele ficou na base de aulas particulares de matemática. Ele sustentou-se assim durante bastante tempo, eu era pequena, mas eu me lembro. Eram alunos, jovens que precisavam de reforço de matemática, pessoas assim. Ele chegou a dar aula durante algum tempo para estudantes do segundo grau até a universidade, lá na nossa casa da praia de Icaraí. Os rapazinhos vinham, geralmente eram meninos, e meu pai ficava lá estudando com eles. Para ele, eu sei que foi um período difícil, um período muito difícil, em que realmente as coisas ficaram muito apertadas para os meus pais, mas eles estavam acreditando que aquilo [iria](#) ter uma solução, eles sempre acreditavam que tudo tinha solução. Ele era uma pessoa assim: “ah, mas a gente

dos nazistas e fascistas para não serem capturados. Eles atravessaram os Alpes, em pleno inverno, com dois filhos pequenos para fugirem da perseguição aos judeus. Foi uma saga que marcou toda a família. Quanto aos outros membros da família, Ada Damião não tem informações.

vai resolver!” Era a maneira dele olhar para as situações. Eu me lembro, inclusive, um dia, eu era pequena, um aluno ia chegar e, realmente, eles estavam em um momento de bastante dificuldade. Então, lembro que minha mãe falou com ele: “olha, quando o aluno chegar, por favor, você pede logo o pagamento da aula, pede para ele assim que chegar, porque eu estou dependendo desse dinheiro para fazer as compras para o almoço”. Ela falou isso para ele. E ele respondeu “mas, como é que eu vou fazer isso? Ele só vai me pagar depois da aula, não posso pedir para ele me dar o dinheiro antes de sentar para começar a aula”, e ela: “mas, você precisa fazer isso”. Eu me lembro desse detalhe, da minha mãe preocupada e meu pai se sentindo inibido de pedir ao aluno o dinheiro da aula adiantado. Provavelmente o aluno estava com o dinheiro no bolso, evidentemente que ele iria pagar a aula, mas meu pai preocupado de como é que ele iria pedir para o aluno tirar o dinheiro do bolso e entregar para ele, antes do término da aula. Para ele, isso era um absurdo. E minha mãe dizendo: “mas você tem que pedir, porque eu não posso esperar ele ir embora para só depois ir lá embaixo e fazer as compras”. Era ali perto que ela ia fazer compras, havia uma vendinha ali perto. Foi um período realmente difícil e eu me lembro desse detalhe. Houve dias em que realmente as coisas ficaram complicadas, mas ele sempre achou que tudo se resolveria. Eu não acho que isso o levou, em momento algum, a pensar “ah, então vamos embora”, entende? Não. Ele não tinha esse temperamento. Ele tinha um carinho muito grande pelo que fazia, ele estava organizando o departamento de matemática, no Rio, quando suspenderam o contrato dele. Mas ele acreditava que tudo se resolveria e que retornaria à Universidade, como realmente retornou. Ele se dedicava àquilo, era como se fosse um filho querido para ele, então, ele queria acompanhar a evolução das coisas, não era de virar as costas porque a situação ficou adversa, não pensava em deixar algo para trás e fazer outra coisa. Não. Ele se envolvia muito em seus projetos, pelo menos eu sentia isso nele, pois meu pai nunca foi de conversar muito comigo sobre as coisas que ele fazia, ele era uma pessoa pouco expansiva. Ele respondia às perguntas, mas não era uma pessoa que se estendesse em muitas considerações. Para saber de alguma coisa, tínhamos que ser diretos e perguntar objetivamente a ele sobre aquela determinada questão, e então ele respondia à pergunta. É aquela objetividade do matemático, não sei... Ele tinha o escritório em casa e nós ficávamos

quietinhos porque ele se concentrava ali e, obviamente, a gente sabia que não era para perturbá-lo. Ele tinha um carinho enorme pelos filhos. Entretanto, ele vivia em um plano diferente, entende? Então, a gente percebia que havia esse carinho, havia isso, mas ao mesmo tempo ele sabia pouco da vida do dia-a-dia de cada um, porque ele vivia no mundo dele, certo? Assim era a maneira dele ser. E ele era uma pessoa - como eu diria? - ingênua, mas no bom sentido, ou seja, sem malícia, digamos. Ele sempre esperava o melhor de todo mundo. Eu nunca o ouvi dizer “fulano é isso, fulano é aquilo, ou fulano não presta”, entende? Era uma coisa impressionante! Ele estava sempre esperando o melhor de todo mundo. É claro que ele se prejudicava constantemente, mas ele continuava a ser assim, ele não mudava, sabe? Meu pai era um idealista. Às vezes, ele contava certas coisas para minha mãe, e ela dizia: “mas, você não está vendo que esse cidadão está mal intencionado?” e ele: “não, acho que não, por que você acha isso?” e depois dava tudo errado (risos). Ele era essa pessoa que sempre via o lado melhor de todos, sempre achando que qualquer coisa que alguém lhe dissesse era porque era aquilo, mas nem sempre era, certo? Então, acredito que a boa fé dele o tenha prejudicado muitas vezes, porque às vezes ele comentava o ocorrido, e minha mãe: “mas não era para você falar isso na frente do fulano” e ele: “mas o que tem nisso?” Ele era muito transparente. E ele acolhia o que vinha do outro como se fosse sempre pelo lado melhor possível, certo? Enfim, eu sei que quando penso no meu pai, eu sempre penso como aquela pessoa que olhava o mundo com aquelas lentes que clareavam o que estava escuro, entende? (risos). Então, isso é uma coisa que eu admiro muito nele até hoje, admiro esse lado, porque hoje em dia tudo está tão complicado, até para se confiar em alguém está complicado, e ele passou a vida confiando em todo mundo, sabe? Foi um lado dele que me marcou muito, até hoje eu penso “não, não vou ver dessa forma, porque caramba, vamos acreditar!”. Isso porque ele me passou essa visão do mundo. De alguma forma, ele me passou isso desde pequena. Por outro lado, ele era um pouco distante da gente, no dia-a-dia das coisas, mas quando havia algum problema em que se precisasse dele, na hora ele se prontificava, ele ia lá tentar resolver, sempre foi assim. Mas não era uma pessoa ligada com as coisas do dia-a-dia. Não era. Então, por exemplo, se hoje havia alguma coisa para resolver, a minha mãe o lembrava antes dele sair e quando ele chegava perguntava “e aí, aquele negócio?” e ele “ah, esqueci”. Aí

ela dizia: “ai, meu Deus, mas tinha que ter sido hoje”, e ele “ah, eu sinto muito, mas realmente eu não me lembrei”. O que não fazia parte daquele mundo acadêmico dele, geralmente passava em branco e ele não captava. Era uma característica dele. Mas, era uma pessoa assim, com bondade mesmo, de coração aberto, eu sentia sempre isso nele. Lembro-me de que minha mãe muitas vezes cobrava as coisas dele, exatamente porque ele era extremamente distraído. Como ele não se lembrava das coisas, ela vivia lembrando: “você tem que telefonar para fulano, tem que ver como é que está aquilo, etc.”, e ele: “está bem, vou ver isso”. Aí ele fazia, mas a cabeça dele não estava voltada para o executar do dia-a-dia, sabe? Estava voltada para os projetos dele, na matemática. Em relação ao trabalho do meu pai com os alunos dele, eu tenho a impressão de que ele não se preocupava muito com erros de execução, mas prezava muito o correto raciocínio, a abordagem que o aluno fazia do problema, da questão. A preocupação maior dele era essa, se o aluno tinha a correta abordagem, não era tanto se o resultado estava certo ou errado, ele se preocupava em verificar o que a pessoa conseguia elaborar e colocar no papel, se o raciocínio estava correto. Parece que quando, às vezes, o aluno tinha dificuldade de compreender algo, ele ficava ansioso, querendo que o aluno captasse aquilo. Muitas vezes o aluno não acompanhava, porque quando meu pai pegava o fio da meada ele ia em frente, e às vezes a turma não o acompanhava e ele não percebia. Posso estar até enganada, mas eu tinha essa sensação, de que às vezes ele se empolgava com uma coisa, seguia em frente e fazia as deduções, porque ele era muito bom para fazer deduções, sabe? Ele “bolava” os teoremas e os demonstrava ali na hora e achava que aquela facilidade que ele tinha para demonstrar, qualquer um teria, mas não era bem assim. Então...Você viu aquela historinha do teorema da gaveta? (risos). Muitos alunos falaram sobre isso. Era essa coisa dele se empolgar com as teorias matemáticas, principalmente a topologia, e aí ele “viajava”, sabe? Mas é mais uma sensação minha, porque ele não falava muito comigo sobre o que ele fazia, meus pais pouco conversavam essas coisas com os filhos, a gente não participava muito. Naquela época, filho devia obedecer aos pais, fazer o que tinha que ser feito, e pronto. Mas eu sei que a matemática foi a vida dele. Ele cuidava com a maior boa vontade das coisas que tinham que ser cuidadas do dia-a-dia. Mas eu percebia o esforço que ele fazia, e muitas vezes ele se

esquecia das coisas, não porque ele não quisesse fazê-las, mas porque realmente não cabiam na cabeça dele, sabe? A gente percebia isso. Eu me lembro, quando eu era pequena, eu devia ter o que? Uns 7 ou 8 anos, por aí, a gente saía no mesmo horário, acho que ele ia para a UFF⁵⁸ ou para a UFRJ e eu para o meu colégio, no mesmo horário. E havia um ônibus que passava, que servia para nós dois, passava toda hora e, eu tinha muita vontade de sair junto com meu pai, porque era raro eu sair com ele, era difícil acontecer. Então, eu colocava meu uniforme, ficava com minha pasta, a merendeira, tudo em ordem, aí eu chegava na porta do escritório, ele estava lá e eu dizia “pai”, ele levantava os olhos da mesa, sorria, e eu dizia “a hora em que você sair me avisa, que estou pronta”. Depois minha mãe me chamava para eu fazer alguma coisa e eu dizia para ele “estou pronta, estou lá dentro, a hora em que você sair me chama, tá?”. Ele me respondia “está bem”, aí ele mergulhava de novo no que estava fazendo e eu ficava lá dentro fazendo outras coisas, e quando eu voltava para o escritório, meu pai já tinha saído e tomado o ônibus. Aí eu chorava, chorava mesmo, sabe? Eu chorava porque eu não conseguia entrar naquele ônibus com meu pai, nem por um “decreto”, entende? (risos). E ele não fazia isso, absolutamente, por não ligar para mim ou por não se importar com isso, mas ele não conseguia se lembrar, sabe? Porque ele voltava a mergulhar nos seus estudos, então se desligava de tudo, e quando chegava a hora, ele pegava a sua pasta e saía. É isso. Não é que ele não quisesse ir comigo, ele adorava ficar comigo, mas ele voltava a se envolver no mundo dele, e quando era o momento, e ele saía, cadê que ele se lembrava? Não fazia por querer, de modo algum, mas eu ficava morrendo de chorar (risos). Eu não conseguia sair junto com ele, por mais que tentasse! Isso porque eu não podia ficar ali sentada, esperando por ele, pois minha mãe sabia que eu ainda estava ali, e me chamava. Minha mãe: “Ada, vem cá, veja isso e aquilo”, então eu ficava ali com ela, dali a pouco eu voltava para o escritório e cadê ele? Pronto! Já não estava mais (risos). Ele gostava muito de

⁵⁸ UFF: Universidade Federal Fluminense, localizada em Niterói, foi criada pela Lei nº 3.848 de 18 de dezembro de 1960, com o nome de Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UFERJ). A ela foram incorporadas cinco faculdades federais já existentes na mesma cidade, além de estabelecimentos de ensino estaduais e particulares. Como na década de 1960 Achille Bassi já estava estabelecido na Escola de Engenharia de São Carlos, a colaboradora Ada Bassi devia estar se referindo a alguma das instituições de ensino incorporadas à UFF posteriormente, já que no texto “Formação de Professores e Pesquisadores de Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia” a informação de que Bassi lecionava nessa Universidade foi confirmada.

topologia, se dedicava a isso e desenvolveu essa área da matemática. Quer dizer, fora do currículo da Universidade, certo? Eu acho que a preferência dele, na área da matemática, era a topologia, era isso que ele mais gostava de ficar pesquisando e elaborando. A gente percebia que quando ele entrava no tema da topologia ele “viajava” (risos). Mas, enfim, meu pai gostava muito do Brasil e minha mãe também, ela se adaptou muito bem aqui, sabe? Quando a guerra terminou e meu pai teve a oportunidade de voltar, eu tenho a impressão de que ela, de alguma forma, fez uma certa pressão para que ele ficasse. Posso estar enganada, quer dizer, a gente nunca conversou sobre essas coisas objetivamente, mas pelo clima que eu sentia na família, mesmo ainda sendo pequena, eu tive a sensação de que realmente minha mãe estava fazendo força para ele ficar. Mesmo com todas as dificuldades que eles passaram, com toda essa questão da guerra que foi um período muito difícil para eles, muito difícil mesmo, porque houve aquela época em que até suspenderam o contrato dele, enfim, uma série de coisas ocorreram e ele ficou tendo que dar aulas particulares para sobreviver, como já comentei. Apesar de todas as dificuldades, quando ele foi convidado para voltar, ainda assim, eles optaram por continuar e ficar, embora ele tivesse condições e possibilidade de voltar, e por várias vezes insistiram que voltasse. Quer dizer, não sei, especificamente, não tenho dados objetivos, mas me lembro dele ter ganhado a cátedra em concurso que prestou na Itália, lembro-me das cartas que ele recebeu, convocando-o com insistência, dos comentários, em casa, de que havia essa possibilidade de voltar. Mas, de alguma forma, eles optaram por ficar. Inclusive, ele se naturalizou depois, certo? Meu pai passou a trabalhar na Universidade de Minas Gerais, ele ia e voltava toda semana. Como ele fez, depois, em relação a São Carlos. Em São Carlos ele se hospedou na Estância Suíça, durante todos aqueles anos. Mas a gente nunca se mudou para lá. Minha mãe saiu de Niterói para Campinas, isso foi depois que meu irmão Adalberto se mudou para lá, então minha mãe resolveu se mudar para Campinas também, já que ficava tudo mais perto, entre em São Carlos e São Paulo. Então, mais tarde, eu e meu marido viemos para Brasília, mas bem depois. Minha mãe sempre quis ficar em Niterói, mas depois que meu irmão foi para Campinas, ela concordou em se mudar para lá, e passou a morar perto da casa do meu irmão. E passou o resto da vida morando nessa cidade, nunca saiu dali, sempre ficaram lá em Campinas. Já eu, de Niterói, fiz um concurso para o Ministério da Fazenda,

no Rio, e porque eu trabalhava no Ministério, quando a capital veio para Brasília, eu vim também. Eu nunca morei em Campinas, de Niterói, eu morei no Rio de Janeiro primeiro e depois vim para Brasília. Eu ia a Campinas só para visitar a família. Mas, durante todo aquele período em que meu pai lecionou em Minas Gerais, ele ficou em Niterói, sempre, ele ia e voltava toda semana. Ia e voltava de ônibus, raramente ia de avião. Era uma vida bastante sacrificada, mas ele não a abandonava, e não me lembro de uma semana em que ele tenha deixado de ir porque tivesse outras coisas para fazer. Ele era muito metódico nas coisas dele, quando ele assumia, ia até o fim e o fazia com muita dedicação. Ele não abandonava as coisas, quando assumia alguma coisa, cuidava daquilo, sempre foi assim. Mas essas viagens rotineiras o deixavam bem cansado, eu via que ele chegava prostrado, muitas vezes. Com frequência ele chegava cansado, sim. Naquela época nós nunca tivemos um carro e como ele era muito distraído, uma pessoa extremamente distraída, minha mãe tinha muito medo de que ele comprasse um carro (risos). Porque se ele saísse sozinho para fazer uma viagem dessa, minha mãe ficaria com o coração na mão, por causa da distração dele, pois quando ele estava com a cabeça longe, se tivesse um sinal vermelho na frente ou não, acho que não faria a menor diferença, por isso ela ficaria muito preocupada. Quando pôde começar a juntar um dinheiro, sempre que ele pensava em comprar um carrinho, ela dizia “não, não convém comprar carro não”. Exatamente porque ele vivia viajando, então ela sempre evitou e sempre colocava algum obstáculo, porque ela tinha uma preocupação muito grande que ele pegasse o carro e saísse sozinho numa viagem dessas, pois naquela época as estradas eram bastante mal conservadas, estreitas e cheias de curvas, não era como hoje, então, realmente, o risco era grande. Além disso, minha mãe tinha problemas cardiológicos sérios, tanto que, às vezes, ela tinha crises de angina mais complicadas, o que exigia um cuidado maior. Quando ela ia para lugares mais altos eu sabia que ela não passava bem e sei também que ela se dava bem ao nível do mar. Como minha mãe gostava muito de Niterói, ela queria ficar lá, e enquanto ela pôde ficar à beira da praia, ela ficou. Então ele ia e voltava toda semana. Além do Rio, ele também deu aulas na UFF, ali em Niterói, na Fluminense, e ele conjugava as aulas de lá, com as de cá. Na época da UFF, eu não me lembro se ele ainda estava em Minas ou se já estava em São Carlos. Dessas coisas meu irmão Adalberto sabe melhor do que eu, com certeza. Tenho

certeza de que ele sabe bem melhor, porque ele acompanhava meu pai mais de perto. O herdeiro mais próximo nessa área acadêmica foi meu irmão do meio. Eu já ficava mais distante. Eu nasci em 39 e Adalberto nasceu em 45, e Alberto, o caçula, é de 49. Alberto estava bem distante das questões do meu pai, ele tinha um temperamento bem diferente do meu, e inclusive do meu outro irmão, ele nunca participou muito nas questões do meu pai. Mas, enfim, meu pai também esteve um período em São Luís do Maranhão, tem até umas fotos dele com um grupo da Universidade do Maranhão, lá em São Luís, mas eu não sei quem são. Ele deu aulas lá, ficou um período razoável estruturando o departamento de matemática, não sei dar detalhe algum, mas foi um período significativo para ele, em que ele se dedicou, e ele gostou muito, eu me lembro de que ele falava de São Luís com muito carinho, sabe? Era uma cidade que naquela época tinha bem pouca coisa. Então, ali ele começou do começo mesmo. Mas ele se sentiu gratificado nesse trabalho, foi a sensação que eu tive. Talvez, exatamente porque ele começou a colocar alguma coisa onde não havia nada e algo começou a brotar ali, entende? Então, eu sei que ele gostou dessa experiência, ele falava bastante de São Luís. E, antes de vir para o Brasil, ele esteve em Boston, nos Estados Unidos, você sabe. E, você acredita? Eu vou contar sobre uma foto que eu tinha, e exatamente essa foto desapareceu. Eu a coloquei um dia na minha bolsa pra mostrar a um colega meu de trabalho que tinha ouvido falar do meu pai e queria saber... Porque meu pai foi contemporâneo de Einstein, lá em Boston, e eu tinha uma foto deles juntos, você acredita? E exatamente essa foto sumiu. Na foto em preto e branco havia uma grama daqui e dali, um calçadão no meio e meu pai e o Einstein caminhando, os dois vinham assim lado a lado, com as mãos para trás. Eu peguei essa foto e pensei “eu vou mostrar para fulano, que eu sei que ele vai adorar ver isso”, mas não sei o que aconteceu, acho que foi essa coisa de trocar de bolsa, depois passá-la adiante, e alguma coisa muito especial você põe no cantinho onde ninguém mexe, e na hora em que vai embora ninguém mexe também, ninguém vê que tem alguma coisa especial ali. Eu sei que nunca mais encontrei essa foto. Quando falei para meu irmão ele não acreditou, ele disse “não, não pode ser”, e eu “te garanto, eu te juro que eu tinha uma foto do papai com Einstein, eu tinha e guardei essa foto esses anos todos com o maior carinho”. E o Einstein com aquele jeitão dele, aquele bigodão, estava ali, os dois, sabe? Mas, exatamente essa foto

desapareceu. É impressionante, não? Porque era algo histórico, certo? Não sei se depois eles continuaram mantendo contato, não tenho conhecimento disso, mas, sei que eles estavam lá no mesmo departamento, na mesma época. Isso eu sei, porque eu tive esse registro histórico nas minhas mãos e infelizmente não sei o que aconteceu. Depois, em São Carlos, quando a Escola de Engenharia⁵⁹ se formou, eles começaram a procurar as pessoas certas, eu sei que meu pai foi convocado e decidiu ir para lá. E ele se apegou muito a São Carlos. De todos os lugares onde ele trabalhou, acho que foi onde ele se dedicou mais e também acho que teve até mais satisfação. Assim, em termos de resultados objetivos para ele, sei que o mais significativo foi São Carlos. Pelo menos, é a sensação que eu tenho, certo? E aí meus pais se mudaram para Campinas, então o trabalho já era mais próximo, as viagens eram mais rápidas, ficou um pouco mais fácil para ele também. Ele chegou a comentar sobre a organização da biblioteca, que ele tinha conseguido várias obras importantes. Eu me lembro que, não sei em que ocasião, ele disse que conseguiu algo especial para a biblioteca, ele vibrava quando conseguia alguma coisa assim, algo que ele sabia que era uma coisa que tinha valor maior, certo? Hoje a biblioteca tem o nome dele e há também uma rua⁶⁰ em São Carlos com o nome dele. Nessa época de São Carlos, meu pai falava do Loibel, ele gostava muito do Loibel, que foi assistente dele. Ele o tinha em alta conta, eu me lembro disso. Também gostava do Ubiratan D'Ambrosio, lembro-me bem disso. Ele citava tanta gente (risos). Do Cecconi ele falava bastante, eu também me lembro. Cecconi.... O Piccinini também. Mas, do Cecconi ele falava mais. Eu me lembro até que na época em que o Cecconi foi embora, parece que ele fez uma certa pressão para meu pai voltar também, mas ele ficou. É porque aqui estava tudo no começo, parece que estava tudo ainda nos rudimentos. Então, você conseguir que as pessoas viessem, realmente ficassem e se dedicassem, era um desafio muito grande. Meu pai também chegou a prestar concurso para uma cátedra na Itália, embora estando aqui, mas nessa época a situação dele já era mais tranquila no Brasil, e então ele decidiu ficar, embora tivesse sido chamado para assumir. Até acredito

⁵⁹ Escola de Engenharia de São Carlos (EESC), pertencente à Universidade de São Paulo (USP).

⁶⁰ Rua Achille Bassi no bairro Jardim Lutfalla, em São Carlos. Também há a Rua Achille Bassi na Cidade Universitária em Campinas.

que para ele foi difícil tomar essa decisão, porque eu me lembro que de lá vinham muitas cartas, convocações, solicitações insistentes, pedindo que ele se apresentasse, pedindo uma definição e eu tenho a impressão de que foi uma fase complicada, mas ele estava envolvido em vários projetos aqui e ele era dessas pessoas que não gostava de deixar nada pela metade, sabe? Então eu acho que isso deve ter pesado bastante também, porque cada projeto era como um filho para ele, ele tinha que criar, levar aquilo adiante. Eu não sei exatamente até que ponto foi isso, mas lembro que lá na Itália eles foram muito insistentes e finalmente ele acabou abrindo mão, realmente. Ele abriu mão e, depois disso, ele assumiu o Brasil, adotou a nacionalidade e tudo o mais, e aqui realmente ele ficou, tomando uma decisão definitiva. Minha mãe esteve com meu pai na Itália, em 1966, por aí, mais ou menos nessa época, 65, 66, eles estiveram lá, juntos. Mas, nessa viagem, eles foram apenas ver a família, rever coisas, não foram lá com intuito de fazer vida nova, de pesquisar outras possibilidades de carreira, não. Eles foram lá realmente para rever as pessoas. Só nessa ocasião eles estiveram novamente lá. Eu me lembro até que minha mãe voltou bastante decepcionada, porque não era mais a Itália dela, eu me lembro disso. As coisas mudam muito, ao longo do tempo. Então, as coisas já não eram mais as mesmas, realmente, havia passado muito tempo. Foram quase trinta anos depois, e em trinta anos muita coisa acontece, ainda mais com uma guerra no meio. Mas enfim, assim é a vida. Meu pai trabalhou muito na organização do Instituto de Matemática, em São Carlos e eu o via ao telefone falando sobre esse Instituto, ligando para as pessoas e conversando com os colegas dele, marcando horários para conversar, para se reunir, ele foi muito atuante nisso. Tenho certeza disso. Houve uma época também em que ele esteve doente. Antes dele falecer ele passou algum tempo doente, mas depois voltou a trabalhar. É que meu pai era asmático e ele teve enfisema pulmonar. Quando ele tinha as crises de asma ele passava muito mal, tanto é que ele faleceu em razão do enfisema, quer dizer, na verdade foi um ataque fulminante, ele teve ataque cardíaco e faleceu na hora, mas foi o enfisema que forçou demais o coração dele. Antes, por causa disso ele ficou algum tempo hospitalizado. Então, ele teve que se afastar das suas atividades durante algum tempo e ele tinha muita vontade de retornar, mas muitas vezes o médico dizia “não, por enquanto o senhor não está em condições, calma”. Daí ele se segurou, e depois voltou. Acho que foram duas

vezes em que ele chegou a ser hospitalizado por esse motivo, voltou a trabalhar uma vez, se hospitalizou novamente, voltou de novo. Ele fez também duas cirurgias de hérnia. Ele tinha hérnia, e isso o incomodava bastante. Mas, o grande problema dele era a bronquite asmática, sabe? A bronquite asmática dele que evoluiu para o enfisema foi uma coisa que o prejudicou muito. Eu, quando era garota, também tive asma, até uns vinte e poucos anos, e o filho mais velho de Adalberto, o Bruno, também teve, quando era garoto, agora não, mas também teve. Acho que na família outros tiveram esse problema da bronquite asmática. Nessa época do seu falecimento, ele já estava pensando em aposentadoria porque a saúde dele estava muito precária, ele estava se esforçando ao máximo, mas ele estava muito fraco, fazendo realmente um esforço enorme para dar conta das coisas, porque a bronquite asmática, o enfisema, debilita muito, fica-se sem energia pra nada, a gente se sente um caco, sabe? Eu sei porque tive muitas crises de asma, eu sei como eu ficava, a gente passa a noite toda naquela crise, de manhã, quando se pensa que se tem que levantar e trabalhar, a reação é querer desaparecer do mundo, porque a gente está se arrastando, literalmente falando, então dá para entender quanto ele sofreu com isso, sofreu muito. Mas, bem além desses aspectos hereditários, certamente meu pai acabou influenciando em nossas escolhas, na opção pelas ciências exatas. Acredito que sim, porque a gente respirava matemática, certo? Então, de alguma forma ele nos influenciou, sim, embora sem pretender fazê-lo. Inclusive, nós três inicialmente fomos para a área das exatas. Mais tarde, cheguei à conclusão de que eu não tinha muito a ver com a matemática, até porque eu fugia do magistério. Daí, mudei de área. Meu irmão caçula também saiu para outras coisas, não se interessou mais pela engenharia. O único que ficou na sua área original foi realmente Adalberto, na química. Não é que meu pai tivesse querido me influenciar, mas a Matemática estava tão presente lá em casa que, à época, para mim parecia fora de questão que eu pensasse em outra coisa, entende? (risos). Além disso, ter meu pai acompanhando meu percurso era importante para mim. O conceito que ele fazia a meu respeito era muito importante para mim. Por exemplo, guardo até hoje uma prova de Mecânica Celeste na qual tirei 10, e que meu pai elogiou com entusiasmo. Tanto isso foi importante para mim que jamais me desfiz dessa prova. Mas há coisas que é melhor você perguntar para meu irmão Adalberto, ele sabe de muitas coisas com bem mais detalhes do

que eu. Ele está com 68 anos. A cabeça dele sempre foi melhor do que a minha. Daqui a pouco ele vai chegar na compulsória e eu não sei como será, porque ele é muito dedicado à Unicamp. Ele praticamente vive em função do trabalho dele, na Unicamp. Por exemplo, minha cunhada veio há pouco tempo aqui para Brasília, com meu sobrinho, e ele não pôde vir porque estava ocupadíssimo com o trabalho dele, certo? Atualmente, além dele, são poucas as pessoas que estão hoje aqui para poder dizer alguma coisa sobre meu pai, bem poucas mesmo. Bem, acho que é isso, Aline, se te ocorrer alguma coisa em que eu possa ajudar, conte comigo, mas é como eu lhe falei, eu sabia que não iria poder ajudar em muita coisa, realmente. Bem, deixa eu te servir pelo menos um cafezinho.

Referências Bibliográficas (entrevista):

BERTOLOTI, C. La repubblica, la scienza, l'uguaglianza: Una famiglia del Risorgimento tra mazzinianesimo ed emancipazionismo. Milão: Franco Angeli, 2012.

CENTRO PALAZZOTE. Nota biográfica de Achille Sacchi. Disponível em: <http://www.centropalazzote.it/mostra/pdf/33_12-Nota_biograficaSacchi.pdf>.

Acesso em: 12 abr. 2014.

LOMBARDIA BENI CULTURALE. Istituto mantovano per la storia dell'età contemporanea: fondo Sacchi. Disponível em: <<http://www.lombardiabeniculturali.it/archivi/complessi-archivistici/MIBA0175A3/>>. Acesso em: 11 abr. 2014.

SCARAMUZZA, E. Politica e amicizia. Relazioni, conflitti e differenze di genere (1860-1915). Milão: Franco Angeli, 2011.

SILVA, C. M. S. Formação de Professores e Pesquisadores de Matemática na Faculdade Nacional de Filosofia. Cadernos de Pesquisa. n. 117, p. 103-126, novembro 2002.

UFF. Histórico. Disponível em: <http://www.coseac.uff.br/cidades/nithist.htm>. Acesso em: 16 abr. 2014.

FIGURAS (entrevista)

Da esquerda para a direita ao fundo: Laura (cunhada), Achille Bassi e Maurizio Bassi (irmão). À frente: Stella Sacchi (mãe) e Elena (irmã).



Fonte: Ada Stella Bassi Damião

Fotografia de Achille Sacchi



Fonte: http://www.archimagazine.com/mnazonedipinta12_max.jpg

Fotografias de Elena Casati



Elena Casati Sacchi (Istituto mantovano di storia contemporanea, Archivio della famiglia Sacchi)



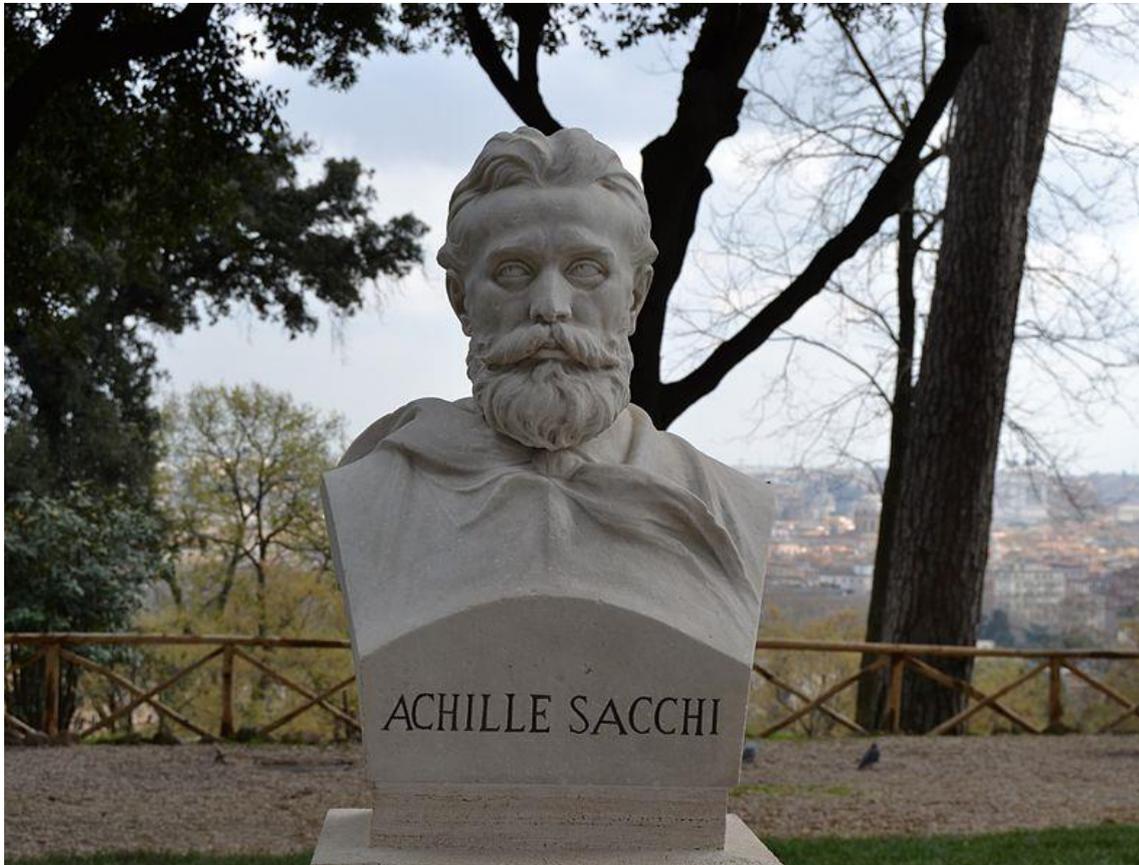
Alina ed Elena Casati (Istituto mantovano di storia contemporanea, Archivio della famiglia Sacchi)

Casa da família Sacchi em Mântua



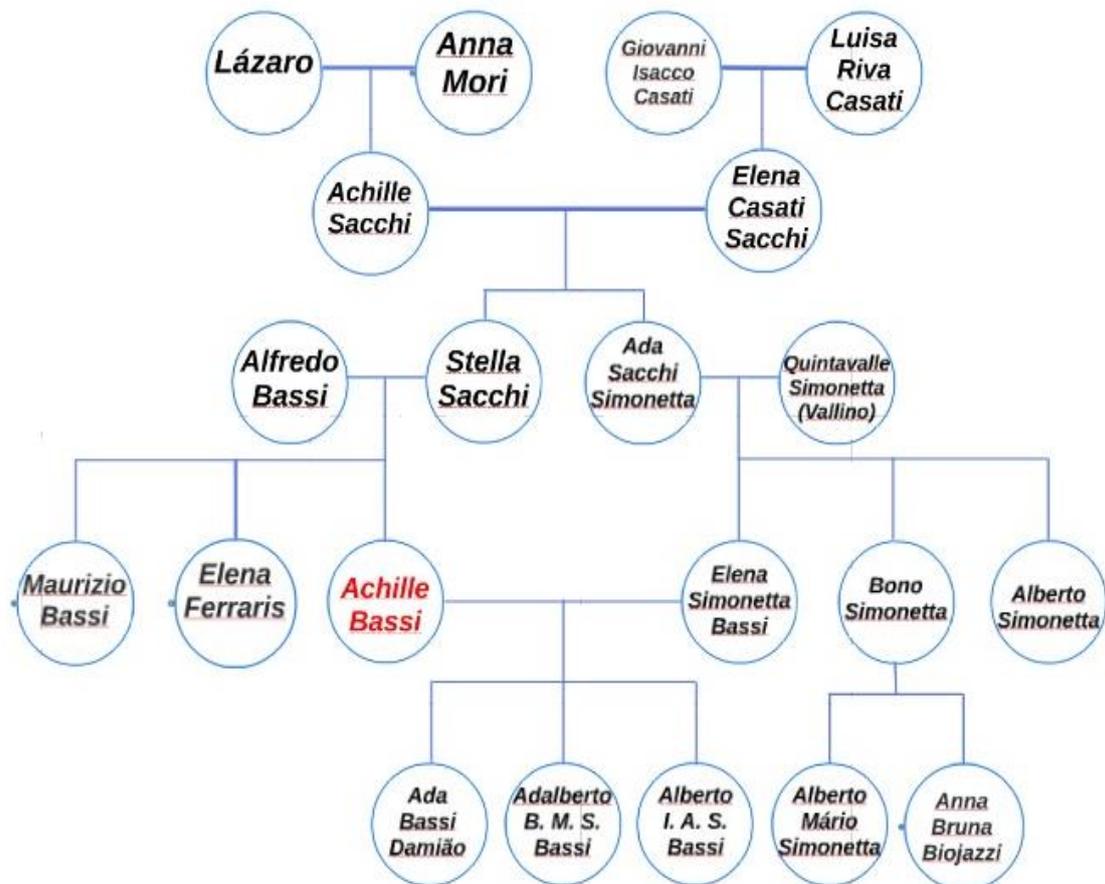
Fonte: <http://www.lombardiabeniculturali.it/architetture/schede/MN360-00914/>

Busto de Achille Sacchi, em Roma, Itália



Fonte: Google

Árvore genealógica da família Sacchi





Universidade Federal do ABC

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

Pós-Graduação em Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Aline Leme da Silva, pós-graduanda do Curso de Ensino, História e Filosofia das Ciências e Matemática da Universidade Federal do ABC (UFABC), desenvolvo o projeto de pesquisa em nível de mestrado sob o título A CONTRIBUIÇÃO DE ACHILLE BASSI COMO PROFESSOR, PESQUISADOR, ADMINISTRADOR E GESTOR DA MATEMÁTICA NO BRASIL e orientada pelo Prof. Dr. Plínio Zornoff Táboas, docente e pesquisador do Centro de Matemática, Computação e Cognição (CMCC) da UFABC, convido a Sr. Ada Stella Bassi Damiao, RG nº 329300, nascida em Niterói - RJ, do sexo feminino, (estado civil) casada, residente à SQN 209 Bloco A Apto. 204, na cidade de Brasília - DF para conceder uma entrevista cujo objetivo é o aprofundamento das reflexões acadêmicas sobre o referido projeto.

Eu, Ada Stella Bassi Damiao, declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista concedida à Aline Leme da Silva no dia 15 de fevereiro de 2014 para essa entrevistadora/pesquisadora e Plínio Zornoff Táboas usá-la integralmente ou em partes, sem restrições de prazos e citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros, que podem ouvi-la e usar o texto final que está sob a guarda dos referidos pesquisadores. Abdo direitos meus e de meus descendentes.

Data: 15 / 02 / 2014

Ada Stella Bassi Damiao
Assinatura da entrevistada

Aline Leme da Silva

Aline Leme da Silva

Plínio Zornoff Táboas

Plínio Zornoff Táboas

Eu, Plínio Zornoff Táboas, responsável pela pesquisa A CONTRIBUIÇÃO DE ACHILLE BASSI COMO PROFESSOR, PESQUISADOR, ADMINISTRADOR E GESTOR DA MATEMÁTICA NO BRASIL, declaro que obtive espontaneamente o consentimento desta entrevistada para realizar este estudo e que posso dar quaisquer esclarecimentos sobre a mesma.

Contato: plinio.taboas@ufabc.edu.br

UFABC - Campus Santo André: Av. dos Estados n° 5001, sala 544-2, telefone: (11) 4996-8340, Bangu, Santo André, São Paulo.

Data: 12 / 02 / 2014



Plínio Zornoff Táboas